

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC – SP

ABEL MENEZES FILHO

A TRAMA DA VIDA

DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

SÃO PAULO

2010

ABEL MENEZES FILHO

A TRAMA DA VIDA

DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Tese apresentada à Banca Examinadora da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção do título de
Doutor em Ciências Sociais, sob a orientação do
Prof. Dr. Edgard de Assis Carvalho

SÃO PAULO

2010

Banca examinadora

Agradecimentos

A construção e a transmissão do conhecimento podem ser prazerosas, criativas, híbridas e dionisíacas. É possível rejuntar parte e todo, texto e contexto, local e global, desde que os educadores se empenhem nisso.

Esse é o pensamento do Prof. Edgard de Assis Carvalho. Essa narrativa só foi possível graças ao nosso convívio e interlocução, que envolve amor, poesia, troca de saberes, respeito e confiança. A liberdade criativa é uma das chaves da sua orientação. Essa autonomia foi essencial, para as nossas ousadias. Meu querido maestro, ao longo desses anos construímos o que existe de mais precioso na convivência humana: a amizade. Agradeço por tudo e lhe desejo saúde, vida longa, criativa e continuamente amorosa.

Minha querida mestra Profá. Maria Aparecida Lopes Nogueira, se o meu mestrado só foi possível graças ao seu amor, carinho e orientação, nossos laços se ampliaram, mais ainda, depois que você fez a ponte que me ligou ao Prof. Edgard. Você é uma pessoa de pontes, coerente com a cidade de Recife. Por você ser quem é, e por tudo isso, lhe reverencio e agradeço, desejando também todas as bênçãos de Vida.

Agradeço aos que fazem as minhas instituições de origem: UFPe e Aggeu Magalhães/FioCruz e a Capes, pelo empenho em me proporcionar o privilégio de fazer esse doutorado em plenas condições.

Minha gratidão contínua à família humana mais próxima:Marlene, Mário, Adélia, Evaní, Juana, Ilka, Júlia e Pedro.

Minha reverência e agradecimentos se expandem aos demais artistas do viver amoroso:

Alfredo Bello, Amélia Toledo, André Monteiro, Anelis Assumpção, Arnaldo Antunes, Carlos Pontes, Cecília Dídier, Ceumar, Chico Sá, Ciça, Clarissa Carvalho, Duudu Tsuda, Edmilson, Edu, Erika, Fernanda Couto, Francisco de Assis, Fred, Glívio, Gustavo Ruiz, Halley, Iara Rennó, Idê Gurgel, Jane Pinheiro, José Antônio Maçureira, José Miguel Wisnik, José Ruben de Alcântara Bonfim, João Darwin, Junio Barreto, Karina Buhr, Kátia Hale, Kirstein Pim, Larissa, Laura, Leo Cavalcanti, Lídia Chaib, Lúcia Falcão, Lúcia Rangel, Luiz Chagas, Luiz Tatit, Luíza Toledo, Mano Victor, Marga, Maria Lia, Marcelo Jeneci, Maeve de Barros, Máira Santos, Marco Melo, Maurício Cavalcanti, Mô Toledo, Mônica Tarantino, Nala, Nina Cavalcanti, Nitalma Elaine, Odara, Osvaldo Borges, Paulo Barros, Péricles Cavalcanti, Petrônio

Cunha, Reinaldo, Rita, Ronaldo Brito, Ronice Sá, Rosane, Serena Assumpção, Sílvia Carbone, Simone Soul, Socorro Freire, Tânia Vizachri, Teca Didier, Telma Buarque, Tiê, Tiago Pethit, Tulipa Ruiz, Vilma, Walmir Véio Mangaba Chagas.

RESUMO

A partir da compreensão de que os saberes estão fragmentados e dispostos em compartimentos estanques, esta tese propõe que a arte, por suas características transdisciplinares pode contribuir para fazer pontes, religações, entrelaçamentos. O pensamento complexo é a inspiração e a literatura foi o método escolhido para mostrar esse possível diálogo.

A narrativa é tecida por quatro personagens, duas mulheres e dois homens, que se propõem a escrever um livro coletivo. Os personagens moram em cidades diferentes e começam o diálogo por e-mails. O modelo escolhido foi o cajuceu de Hermes, um bastão em que se entrelaçam duas serpentes, em sete vértices. Desdobradas no plano existem três narrativas, paralelas, autônomas e, simultaneamente entrelaçadas. As serpentes laterais é a maneira que encontrei para dialogar com os autores com mais fluidez e romper com a compreensão habitual de notas, que sustentam ou complementam o texto principal, muitas vezes de forma mecânica.

A dupla espiral do cajuceu tem ressonâncias com o código genético, que a partir de quatro letras, combinadas ao pares, em extensões diferentes, criam todas as formas de vida. Embora cada um dos quatro personagens tenha seus campos temáticos predominantes, foi possível a troca de saberes e o modelo mostrou-se adequado.

Palavras-chave: Narrativa. Religação dos saberes. Pensamento complexo.

ABSTRACT

On the basis of the knowledges are fragmented and placed in watertight compartments, this thesis proposes that art, by its transdisciplinary characteristics, may contribute to bridging, to make reconnections, entanglement. The complex thinking is the inspiration and literature was the method chosen to shows this possible dialogue.

The narrative is woven by four characters, two women and two men, who proposes to write a collective book. The characters lives in different cities and began the dialogue by e-mails. The model chosen was the caduceus of Hermes, a bat where two snakes intertwine , in seven vertexes. Unfolded in the plane there are three narratives, parallel, autonomous and simultaneously intertwined. The side snakes is the form I found to dialogue with the authors with more fluidity and break with the usual understanding of notes, which support or complement the main text, often by rote.

Caduceu's double helix has resonances with the genetic code, that from four letters, combined in pairs, in different extents, create all forms of life. Although any of the four characters have their predominant thematic fields, the knowledges exchange became possible and the model suited as well.

KEY-WORDS: Narrative. Knowledges reconnection. Complex thinking.

SUMÁRIO

Prelúdio	01
I – O Prazer da encarnação	04
II – As paixões viajantes	24
III – O sabor dos dias	58
IV – A vida quer da gente coragem	115
V – Somos som sol solos	164
VI – A arte de conviver	181
VII – Bem – aventurança	190
VIII – O Coração da Terra	201
IX – A Noosfera de Gaia	207
Referências Bibliográficas	209
Discografia	218

Prelúdio

Método é o caminho que se percorre. *A Trama da Vida* é uma narrativa. O instrumento de navegação é a dupla espiral, do genoma e da galáxia, um jogo de espelhos, um fractal: a repetição em diversas escalas do mesmo padrão. O modelo é o caduceu, duas serpentes entrelaçadas em sete vértices, em torno de um eixo central. Essa imagem está presente em diversas culturas. É o bastão dos deuses Hermes e Esculápio, na Grécia, e de Mercúrio, em Roma. O fluxo espiral dessas serpentes é a *kundalini*, na tradição espiritual indiana. Cada vértice é chamado de *chakra*, que em sânscrito significa *núcleo rodopiante*. Chakras são vértices de geração, recepção, emissão, distribuição e amplificação da energia vital em nossos corpos. O caduceu, desdobrado no plano, conduz três fluxos narrativos, paralelos, autônomos e simultaneamente entrelaçados. A serpente do lado direito do corpo é solar e a do esquerdo lunar, elas são opostas e complementares. No fluxo da narrativa, a primeira é predominantemente prosaica e a outra mais poética. A palavra latina *complexus*, significa *um tecer juntos*. O *homo complexus* sempre se envolve com dilemas da repetição, da criatividade, da afetividade, do sentimento de comunidade. Esse novo sentido tornará possível praticar uma reforma interior que nos capacite para habitar poeticamente a Terra.

No eixo central a tessitura é feita por quatro personagens. São eles que entrelaçam a troca de saberes, a polifonia das vozes. A concepção de serpentes narrativas laterais foi a maneira que encontrei para dialogar com os autores com mais fluidez e romper com a compreensão habitual de notas, que sustentam ou complementam o texto principal, muitas vezes de forma mecânica. A religação da cultura científica e da cultura das humanidades e a copresença das artes convertem-se em exigências fundamentais dessa ciência em construção. Imaginei que essa estrutura narrativa poderia contribuir para compreender os modos de integrar os saberes.

O *Pensamento Complexo* está empenhado em religar os saberes fragmentados, através do diálogo amoroso, das conversas e mudanças de comportamento. O corpo é nossa identidade universal. A *corporeidade* é uma das dez ideias-matrizes da complexidade e indicativa da consciência de si. *É preciso retomar a posse do corpo, distribuir melhor a energia que circula por todas as partes, tomar consciência da relação entre o todo que é o corpo e o todo que é o universo. É preciso mantê-lo ativo o tempo todo. O corpo requer treinamento intensivo, pois seu aparelhamento sempre traz surpresas e inovações. Corpo e mente, corpo e imaginação, corpo e sexualidade são, portanto, as bases da formação da consciência individual, social e cósmica.* É o que nos diz o Prof. Edgard de Assis Carvalho, no artigo *A religação dos saberes*, sobre a obra de Edgar Morin.

É a partir da relação corpo-texto que os personagens, através de suas técnicas corporais, tecem a narrativa, percorrendo cada chakra ou capítulo. A narrativa se compõe em nove capítulos: os sete chakras do nosso corpo e mais dois, que se supõe estarmos ativando. O

oitavo é o núcleo da Terra e o nono é a noosfera de Gaia, a Deusa Terra, para os gregos, e o planeta-organismo, para a ciência. O espaço do corpo pode se ampliar quando, por exemplo, estamos dirigindo um automóvel ou um avião. A ativação de mais dois chakras nos dá um corpo duplo: o pessoal e o planetário. *O sujeito vivo é sempre impuro, pois inclui e exclui a ele mesmo e aos outros, computa a existência subjetiva, ao mesmo tempo em que comanda suas relações com os outros. Altruista e egoísta, sua identidade complexa, assim como seu devir-sujeito, requer autorreflexão permanente para que a ética do conhecimento venha a ser construída e consolidada. Simultaneamente diverso, diferenciado e especializado, o sujeito cria redes policêntricas que se reorganizam por toda parte.* Durante os primeiros quatro capítulos da narrativa os personagens conversam entre si, a princípio por e-mails e no quarto capítulo pessoalmente. Do quinto capítulo em diante aparecem as meditações dos personagens, para que possam aflorar melhor as suas subjetividades.

A Teoria de Gaia, de James Lovelock, Lynn Margulis e seus colaboradores, descreve a Terra como um organismo vivo, um corpo composto de muitos organismos menores. Os autores não sugerem como metáfora, mas como uma descrição real do mundo. Nós nos acostumamos de tal maneira a pensar nos mitos, nas deusas e deuses como *simbólicos*, que podemos precisar de algum tempo para compreender a radicalidade de descrever o Planeta como uma criatura viva. A teoria afirma que a Terra, no sentido biológico, tem um corpo mantido por complexos processos fisiológicos. O conceito permite-nos readquirir o pleno poder do mito como uma história que é genuinamente verdadeira, física e metaforicamente. A Teoria de Gaia reintegra o mito à ciência e a ciência ao mito.

É Joseph Campbell, no seu livro *O poder do mito*, quem nos diz: *você não pode prever que mito está para surgir, assim como não pode prever o que irá sonhar esta noite. Mitos e sonhos vêm do mesmo lugar. Vêm de tomadas de consciência de uma espécie tal que precisam encontrar expressão numa forma simbólica. E o único mito de que valerá a pena cogitar, no futuro imediato, é o que fala do planeta, não da cidade, não deste ou daquele povo, mas do planeta e de todas as pessoas que estão nele. Esta é a minha ideia fundamental do mito que está por vir.*

A Trama da Vida é fruto também de uma pesquisa histórica sobre os momentos e o que nos levou a cindir corpo e alma e quando e porque houve um rompimento das *sociedades de parceria*, substituídas pelas *sociedades de dominação*. É preciso retornar aos fundamentos *sapientiais*, recriar valores universais, redefinir conceitos, religar saberes, rearticular ciência, arte, tradição, espiritualidade e mito. É preciso, também, retomar o pensamento da ética e a ética do pensamento, as relações entre ética, ciência e política e, finalmente, os fundamentos da autoética, da socioética e da antropoética. Todo ato ético é um ato de religação com o outro, com os seus, com a comunidade, a humanidade e o cosmo. Regeneração é a palavra-chave dos desafios éticos. Para isso, é preciso reformar a sociedade, a civilização, a vida, a alma e o corpo. Essa é a missão ética diante da crise planetária. É ela que tem a insana tarefa de regenerar o humanismo e restaurar a esperança.

No campo antropológico a pesquisa se desdobra em dois grupos: os novos músicos e compositores paulistanos e os adeptos do *sincronário da paz*, que propõem a mudança do calendário solar, gregoriano, pelo calendário lunar, que segundo seus adeptos está mais sincronizado com os nossos bior ritmos. Essa mudança está inspirada no calendário da cultura maya, do México e da Guatemala.

A Música Brasileira é fundamental na criação da minha linguagem e com esses músicos pude compartilhar as diversas criatividades e ampliar meu repertório.

Com o grupo *sincronário da paz*, me interessava saber quais os mitos que estavam latentes em seus imaginários. Embora sejam grupos bem diversos foi possível encontrar algo que os unia: o padrão das *sociedades de parceria*. Todo movimentação é feita em redes de solidariedade, em que uns participam dos projetos dos outros.

Prelúdio é o ato preliminar, o primeiro passo para alguma coisa. É o preparo ou ensaio antes do espetáculo. Na música, os prelúdios evoluíram a partir de improvisações feitas pelos instrumentistas para testar a afinação, o toque e o timbre de seus instrumentos. *A Trama da Vida* foi escrita pela convergência de muitas vozes. Foi um prazer e uma alegria esse tempo de convivência amorosa. Auspícios são sinais, desenhos de pássaros em que se busca significado. Espero que a leitura seja auspiciosa!

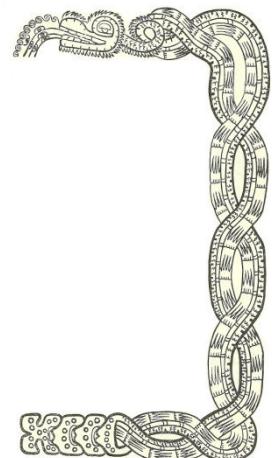
O prazer dá encarnação

De: Hermes <hermes@caduceu.com.br>
 Para: Dionísio <dionísio@máscaras.com.br>
 Assunto: Narrativas



Sabe-se, a partir da alquimia indiana - Tantra, que a realidade absoluta, encerra em si todas as dualidades e polaridades reintegradas em um estado de absoluta unidade. A Criação representa a dispersão da Unidade Primordial e a separação em dois

Estou no sul da Índia. A Unesco manda-me pra onde é preciso. O elmo é minha cabeça nas nuvens em busca do invisível. Os aviões são minhas asas nos pés. Sou coerente com meu nome. Sobre o ar, a suavidade, a leveza, diz o I Ching: aquele que não tem mais um lugar específico está bem situado, para reencontrar em si as raízes de uma relação universal. Você sabe que só gosto de mostrar textos quando a obra já vai longe. Contudo, nesse romance, sinto que tem de ser coletivo desde o começo, já que o propósito é ampliar a conversa do mundo. Para começar seríamos Janaína, você e eu, o que acha? Imagino que cada um de nós pode escolher um ícone. O meu é o caduceu. Ele está presente em várias culturas, mas achados arqueológicos mais antigos datam de 3000 mil a.C, e estão em uma taça encontrada em Lagash, na Suméria, e em esculturas de pedra, na Índia. A estrutura trina da narrativa é o caduceu, que conduz três fluxos paralelos, autônomos, mas, simultaneamente, entrelaçados. Nesse modelo escolhido, há um eixo vertical em que se enroscam duas serpentes, uma solar, yang, predominantemente prosaica, e outra, lunar, yin, mais poética. Uma contém algo da outra, elas são opostas e complementares, como o signo que representa o Tao. Essas serpentes polares, espiraladas em sete vértices, são os fluxos de energia vital em nosso corpo: a serpente kundalini, na tradição indiana. Cada vértice é chamado de



Serpente soucio silvo início sete mil espirais girando nas entranhas da terra, sustentando-nos em seu lugar para que não precipitemos-nos no abismal mar. Com o tempo, aumento o redemunho desenroscando minha carne ondulante, e ergo-me lentamente numa gigantesca

princípios polares, encarnados em *Shiva* e *Shakti* ou *Linga* e *Yoni*, dos quais derivam os termos chineses *Yang* e *Yin*. Toda existência condicionada implica um estado de dualidade e, por consequência, o sofrimento, a ilusão. O objetivo final do praticante tântrico é reunir os dois princípios polares – *Shiva* e *Shakti* – em seu próprio corpo.

Quando *Shakti*, que dorme, sob a forma de Serpente: *Kundalini*, na região reto-genital, é despertada por certas técnicas iogues, move-se no interior de um canal médial: *Sushumna*, atravessa os outros 5 *chakras* ou vórtices energéticos, e sobe até o chakra 7, no ápice do crânio: *Sahasrara: Lótus de Mil Pétalas*, onde mora *Shiva*, e a Ele se une. A união do casal divino, no interior do próprio corpo, transforma o praticante em uma espécie de androgíno. Mas é preciso deixar claro que a androginização é somente um dos aspectos de um processo total, o da reunião de opositos.

Os textos tântricos falam de um Sol e de uma Lua, os dois sopros, *Prana* e *Apana* e, sobretudo, é preciso unificar *Prajna*, a Sabedoria, e *Upaya*, o meio de atingi-la: *Sunga*, o *Vazio*, e *Karuna*, a Compaixão. Tudo isso equivale a dizer que se trata

chakra, que em sânscrito significa núcleos rodopiantes. *Chakras* são vórtices de geração, recepção, emissão, distribuição e amplificação da energia vital do corpo. São também compreendidos como níveis de consciência. São sete. O primeiro é o chakra raiz, a fundação, está localizado na região reto-anal e significa o aterrramento, a chegada do novo ser, o prazer da encarnação, o impulso da sobrevivência, a segurança, a confiança, a identidade pessoal. O elemento é terra, a cor vermelha e a nota musical dô. É aqui que está pousada a *kundalini*, que se desenrola e atravessa cada *chakra*; o segundo *chakra* é o sexual, está localizado na região genital e relaciona-se com a sexualidade, a criatividade, a auto-aceitação incondicional, a procriação, a família, o desejo e a fantasia. O elemento é a água, a cor laranja e a nota ré; o terceiro *chakra* é o do plexo solar, está localizado na região umbilical e significa a consciência dos sentimentos, a vontade, o poder, o intuir, sentir e discernir o caminho da vida. O elemento é o fogo, a cor amarela e a nota mi; o quarto *chakra* é o cardíaco, está localizado no coração e significa a coragem, que literalmente é o agir do coração: o amor, a compaixão, a comunhão com toda vida. O elemento é o ar, a cor verde, a nota musical fá; o quinto *chakra* é o do som, localiza-se na garganta e significa a expressão vocal, o canto, a fala, a comunicação do conhecimento, as trocas da sabedoria. Desse chakra em diante o elemento é tido como imaterial, o éter, algo entre o ar e o som. A cor é o azul-celeste e a nota musical sol; o sexto *chakra* é o do terceiro olho, está localizado na frente, entre as sobrancelhas e significa a união dos opositos em si mesmo, a plenitude do ser individual, a singularidade, o desapego, a consciência do papel no mundo. É nossa capacidade de ver além das três dimensões. A cor é azul-anil, a nota musical lá; o sétimo *chakra* é o de mil pétalas ou o do vazio, está localizado no topo da cabeça e significa o fim da ilusão de ser um indivíduo separado do todo. É o sentimento de ser

espiral que envolve o cosmo. Nos céus, solto as estrelas, o Sol, a Lua e todos os corpos celestes; na Terra criação dou à luz, serpeando pelas encostas em fusão para formar os rios, os quais, como artérias e veias, se tornam os canais por onde flui a essência de toda Vida. No calor causticante, forjo os metais e, novamente ergo-me ao céu e arremesso para Terra fulgurantes raios que dão origem às pedras sagradas. Estendo-me ao longo do caminho do Sol e compartilho sua natureza. No interior da minha pele de múltiplas camadas, retenho a fonte da eterna vida e no zênite solto as Águas que enchem rios, mares, que alimentam a todos os seres. Quando a água beija a terra, surge o Arco-Íris e eu o tomo como esposo. Nossa Amor entrelaça-se numa voluta cósmica que forma um arco de um lado a outro dos céus. Nossa fusão dá nascimento ao espírito que anima o sangue. As mulheres aprendem a filtrar essa substância divina através dos seus peitos e produzem o leite, assim como os homens a passam através de seus grãos e criam o sêmen. Nós instruímos às mulheres a recordar essas bênçãos uma vez por mês, e ensinamos aos homens a represarem o fluxo para que o ventre possa encher-se e produzir mais vida. Agora, como dom final, ensinamos a vocês a repartir sempre o sagrado sangue e recordar o espírito: saber criar prazer ser Serpente.

de uma coincidência de opositos, de uma simultaneidade de contrários, efetuada em todos os níveis da Vida e da Consciência. De certo ponto de vista, pode-se dizer que numerosas crenças que implicam coincidência de opositos traem a nostalgia de um paraíso perdido, a nostalgia de um estado paradoxal no qual os contrários coexistem sem confrontar-se, e onde as multiplicidades compõem os aspectos de uma misteriosa unidade.

Mireea Eliade
Logia e Imortalidade.



O sentido de um livro é primeiramente dado não tanto pelas ideias, quanto por uma variação sistemática e insólita dos modos de linguagem e da narrativa ou das formas literárias existentes. Se a expressão é bem sucedida, um sotaque, uma modulação particular do discurso falado é assimilada aos poucos pelo leitor e lhe torna acessível um pensamento ao qual ele, de início, era por vezes

uno: corpo é cosmo. É a bem-aventurança, a iluminação. A cor é branca, a nota musical si.

A ampulheta ou tambor de *Shiva Nataraja*, o dançarino cósmico aqui na Índia representa, além do tempo, o processo de encarnação: um vórtice em espiral descendente: a *kundalini*, que entra verticalmente pelo sétimo chakra, no topo da cabeça, e atravessa os outros, como a areia na ampulheta, e chega ao outro vórtice, no primeiro chakra, na região reto-anal, que nesse momento está bem aberto, pois ainda não há controle esfíncteriano voluntário, o que facilita o aterrramento do novo ser. Os *chakras* dois, três, cinco e seis são horizontais, atravessam o corpo carnal, da frente para o dorso, também em forma de ampulheta, mas nos recém-nascidos os vórtices energéticos e aberturas estão suavizados e vão se intensificando a cada sete anos. Passando pelo coração, o quarto chakra, há também um fluxo centrífugo, em todas as direções, de ondas em forma de oito, crescentes, que ligam chakras: o três ao cinco, o dois ao seis e o um ao sete. Na medida em que outros chakras, campos de energia ou níveis de consciência, fora dos nossos corpos, são conscientemente ativados, esses campos energéticos em oito são amplificados em oitavas musicais *ad infinitum*. Creio que, nesse momento, estamos ativando mais dois: o oitavo chakra que é o do coração terrestre e está localizado no centro da Terra, é o núcleo de ferro e níquel em temperatura e pressão altíssimas. É o local onde são gerados os campos magnéticos flutuantes do planeta, o grande dínamo terrestre. O nono chakra é o da noosfera de Gaia ou consciência da Terra, está localizado em um campo energético também em forma de oito, cujo vértice passa pelo núcleo terrestre e o cume está na fronteira da atmosfera e significa o saber do ser planetário. Se o nosso quarto chakra cardíaco se confunde com o oitavo chakra do núcleo terrestre e o nono passa, como todos os outros, pelo mesmo lugar dos corações

Wade Davis.
A Serpente e o Arco-Íris.



Ritmo não é medida, é visão do mundo. Calendários, moral, política, técnica, artes, filosofias, tudo enfim que chamamos cultura tem suas raízes no ritmo. Ele é a fonte de todas as nossas criações. Ritmos binários ou ternários, antagônicos ou cílicos, alimentam as instituições, as crenças, as artes e as filosofias. A própria história é ritmo. E cada civilização pode se reduzir ao desenvolvimento de um ritmo primordial. Os chineses antigos viam, talvez seja mais exato dizer ouviam o Universo como a combinação cíclica de dois ritmos: uma vez Yin, outra vez Yang: isso é o Tao. Yin e Yang não são ideias, tampouco são meros sons ou notas. São emblemas, imagens, que contêm uma representação concreta do Universo, dotados de um dinamismo criador de realidades, se alternam e, se alternando, engendram a Totalidade.

Octavio Paz
O Arco e a Lira.



indiferente ou mesmo rebelde. A comunicação em literatura não é simples apelo do escritor a significação que fazem parte de um *a priori* do espírito humano: estas, ao contrário, são suscitadas por um aprendizado ou por uma espécie de ação oblíqua. No escritor o pensamento não

se dirige de fora da linguagem: o escritor é ele mesmo um novo idioma que se constrói, que inventa meios de expressão e se diversifica segundo seu próprio sentido. O que chamamos de Poesia talvez seja a parte da Literatura onde essa autonomia se afirma como ostentação.

Toda grande Prosa é também uma recriação do instrumento significante, doravante manejado segundo uma sintaxe nova.

O prosaico limita-se a abordar por signos convencionais as significações já instaladas na cultura. A grande Prosa é a arte de captar um sentido jamais objetivado até então e de torná-lo acessível a todos os que falam a mesma língua. Um escritor morre em vida quando não é mais capaz de fundar assim uma universalidade nova e de se comunicar em meio ao risco.

Maurice Merleau-Ponty.
A Prosa do Mundo.

unidos, virtualmente todos somos, simultaneamente, nosso corpo individual e o corpo de Gaia: a Deusa Terra. No momento sabemos que o número de estrelas da nossa galáxia e o de nossos neurônios são aproximadamente os mesmos: 300 bilhões. Essa Consciência Terrestre nos conecta a outros *chakras* mais remotos: o do Sistema Solar, o da Via Láctea, o desse Universo e quem sabe de outros?

Proponho nosso diálogo em nove movimentos, por serem também os meses da gestação humana. Embora seja possível estabelecer momentos sucessivos no desenvolvimento de um organismo vivo, as suas partes componentes crescem simultaneamente e são interdependentes.

Para que Janaína e você possam avaliar meu impasse nesse começo narro um mito aqui da Índia. Está no *Mahabharata*, talvez o maior poema do mundo, com cerca de 100 mil estrofes e um volume equivalente a 15 Bíblias, escrito em *sânscrito*, uma língua da família do *latim*. Sei que vocês gostam disto: o inventor da escrita na Índia é Ganesha, e seus semelhantes são *Thot*, no Egito, e *Hermes*, na Grécia. O título do poema *Mahabharata* pode ser traduzido como *A Grande História da Humanidade*.

Um homem surge, vem da floresta: velho, sujo e maltrapilho, cabelos e barba entremeados de terra e de gravetos, caminha silenciosamente, como se seu espírito vivesse em vários mundos ao mesmo tempo. Insensível à chuva e ao vento, calca espinhos com os pés sem ferir-se, procura alguém. Encontra um menino, que segue os pássaros na campina, debruça-se à beira de um lago, a sede sacia. Ergue-se e percebe o homem que o olha. Face a face, os dois ficam um momento sem falar. O menino não tem medo algum. Nem tenta fugir. Então, através do desgrenhado cinzento dos pêlos, o homem esboça um sorriso e pergunta: sabes

O mapa do Milênio, de João, é pior do que meramente enganador. Sua atitude de intolerância cruel, sua brutal aspiração de poder e da capacidade de julgar envenenam o poder criativo do mito. Lembremo-nos dos versículos fundamentais: *Eu vi descer do céu um anjo, tinha em mãos a chave do abismo e uma grande corrente. Ele segurou o dragão, a antiga serpente, que é o diabo, satanás, e o prendeu por mil anos. Apocalipse, 20:1-2.*

Vamos supor que a serpente simboliza nosso poder criativo.

Nesse caso, nosso legado mítico nos põe em oposição à melhor parte de nós mesmos. O escritor Arthur Koestler e o neurocientista Paul MacLean têm muito a dizer sobre a neurose humana, na qual vêem um traço paranoico muito ativo. Esse traço paranoico baseia-se em um tipo de fratura esquizoide em nosso sistema neural,mediocremente evoluído. O cérebro reptiliano desligou-se por si mesmo e nenhuma comunicação mantém com o neo-cortex, o nosso novo cérebro pensante. Em suma, ideias e emoções estão fora de sincronia, consciente e inconsciente são estranhos entre si. O ego neo-cortical assume uma pose, adota um ar superior e se recusa a bater um

papo com o *id reptiliano*, com o monstro que João chamou de *ophos archaios*, a velha serpente, que, para todos os paranoicos do futuro, ele chamou de sua satânica majestade. O demônio é também chamado de dragão. O

Descobrimos hoje o elemento narrativo dentro do universo, em todos os níveis: na cosmologia e na biologia molecular, como na cultura humana. O universo parece ter algum parentesco com as *Mil e Uma Noites*, no qual *Sherazade* narra histórias encravadas umas nas outras: há a cosmologia, a história da natureza encravada na cosmologia, a vida na matéria, as sociedades humanas como parte da história da vida. Sempre pensei que o único modelo satisfatório para o universo, essa mistura de vir-a-ser de regularidades e de eventos, era a obra de arte, sobretudo a música, que constrói seu próprio tempo e cria a via estreita que lhe permite escapar tanto do arbítrio quanto da previsibilidade. É esta mesma via estreita que permite hoje à física de escapar de um duplo pesadelo: aquele de um mundo autômato, em que não há nenhum lugar para a novidade, e aquele de um mundo absurdo, acausal, dominado por um acaso cego. O símbolo de um universo assemelhado a um autômato era o de um relógio. O universo como vemos hoje, com suas instabilidades, flutuações, criatividade, seu símbolo seria o de uma obra de arte. Passar do relógio à obra de arte, que coisa magnífica! A ciência é um diálogo entre

escrever? Não, disse o menino. Por quê? Compus um grande poema. Está todo composto, porém nada foi escrito. Preciso de alguém para escrever o que sei. Como te chamas? *Vyasa*. De que fala seu poema? Fala de ti. De mim? Sim. Conta a história do teu povo, como teus antepassados nasceram e cresceram; como se desenrolou uma guerra muito vasta. É o grande poema do mundo! Se o escutares com atenção, ao final serás outro, pois é uma história límpida e total, que apaga os erros, aviva a inteligência e dá longa vida. Logo que o velho acaba de pronunciar essas palavras tão ambiciosas, ouve-se uma música. O homem e o menino voltam-se e vêem o Deus com face de elefante, que se aproxima. Caminha pesadamente, porém com graça. Seu rosto sorri por detrás da tromba. Traz um grosso livro sob o braço. Quem é? Pergunta o menino. *Ganesha*, diz *Vyasa*. O próprio *Ganesha*? Em pessoa, diz o deus, com voz sincera e doce. O menino e o poeta estão surpresos, encantados! O deus dos poetas, dos escritores, dos músicos, das encruzilhadas, por vezes até dos ladrões, *Ganesha*, o filho de *Parvati* e *Shiva*, o princípio da manifestação, o que evoca todas as possibilidades e expressões da vida, o que abre os portais dos mistérios eróticos, o que corta todas as ligações acessórias, o que obstáculo remove e dá sucesso, o que tem a visão sutil, o forte e prudente, o Deus que sabe ouvir, o que brinca e dança com a gravidade da Terra, aquele a quem se invoca em todos os começos e que abençoa e protege no caminho, o andrógino, com sua trombacaralho e sua lasciva bocaboceta. O deus usa um capacete dourado, todo brilhante de pedras preciosas, senta-se tranquilamente no chão e diz a *Vyasa*: Ouvi dizer que se procura um escriba para o maior poema do mundo. Aqui estou! Viste mesmo para escrever o meu poema? Foi o que eu disse. Por ordem de quem? *Ganesha* tem uma ligeira hesitação. Abre seu grosso livro na primeira página, bota o tinteiro perto e depois diz: *Brahma* enviou-me a ti! *Vyasa* prostra-se em terra, ao ouvir o nome do criador.

dragão é um animal da fábula, uma serpente alada. Como tal, sugere o casamento Terra-Céu.

O dragão simboliza o Tao, a harmonia do *Yange* do *Yin*, a dança de *Shiva* e *Shakti*, a convergência de opositos. O dragão, visto dessa forma, mais oriental, transforma-se em um símbolo de síntese, de diálogo entre o cérebro novo e o antigo. Como tal, acho que o dragão é uma linda imagem do futuro da evolução humana. O erro de João, então, foi pior do que pensamos.

Ele não só criou o mito perfeito para dualizadores e endemoniados compulsivos, mas dificultou, ao estimular a provocação do dragão, qualquer esperança de melhoramento. É claro que se o dragão simboliza nosso futuro evolutivo, precisamos tomá-lo carinhosamente nos braços, e não bani-lo da consciência. Em suma, o livro do Apocalipse, ao nos separar da sabedoria do dragão, torna-se um obstáculo à nossa evolução espiritual. Em vez de dominar o dragão, a serpente, que haja uma dança. A serpente hinduista significa *Kundalini*, energia erótica, *Shakti* ou Deusa da Vida! O confuso João tentou esmagar a irreprimível magia fálica, mas tolo que era, ousou escarnecer da Deusa. Onde esteve a Deusa durante todos esses milênios? Não terá chegado o tempo de os humanos retratarem-se, de neutralizarem toda essa maldição contra a Plenitude da Vida?!

Michael Grossi
O Mito do Milênio

os humanos e a natureza. Um diálogo, não um solilóquio, como mostram as transformações conceituais às quais fomos levados nas últimas décadas. Na verdade, a ciência faz parte da procura transcendental que é comum a tantas outras atividades culturais: arte, música, literatura.

Ilja Prigogine
Ciência Razão e Paixão.

É a verdade da existência encarnada que inspira o artista, ou melhor, a carne do mundo, este tecido a que pertencemos por nosso corpo e que não se limita a suas fronteiras objetivas. A Arte expressa nosso segredo e carnal pertencer ao mundo, este pertencer tácito, implícito, cujos símbolos serão dados pela obra, ao qual ela não cessaria de fazer alusão e ao qual ela deve nos reconduzir.

M. Haar
A Obra e a Arte

Ganesha arranca seu marfim da direita, que usa para escrever, e molha-o no tinteiro. Depois, levanta a mão e diz: Estou pronto, podes começar. Mas, eu te previno! Minha mão não pode parar enquanto escrevo. Deves ditar sem uma única hesitação, sem nenhuma pausa. Vyasa levanta-se e vem sentar perto do deus, e lhe diz: quanto a ti, antes de escrever, deves primeiro compreender o sentido do que digo. Conte comigo! O menino senta-se entre os dois, muito atento. Encontram-se a pequena distância da floresta, perto de um rio calmo. O primeiro sol da manhã aquece a terra. Em torno deles, as conversas dos pássaros, a passagem do vento pela relva, a múltipla atividade dos insetos. Após eterno silêncio, Ganesha pergunta: Esperamos alguém? Não. Então? Os inícios quase sempre são secretos. Não sei o que dizer para começar.

Achei-o didático e engraçado. Na mesma noite desse começo, meu sonho: um homem vaga agoniado pela praia. Está curvado pelo peso do mundo, mergulha no mar e sente um alívio. De lá saem dois pequenos dragões brancos, voam baixo. Um deles fica fora do foco e o outro, depois de algumas piruetas, pousa junto de um peru e jocosamente disputa pose com ele. Depois se mistura com galinhas brancas e fica indistinguível delas que ciscam vigorosamente a terra.



De: Dionísio <dionisio@máscaras.com.br>
Para: Hermes <hermes@caduceu.com.br>
Assunto: Narrativas

A Grande Narrativa revela a universalidade do tempo ou, mais concretamente, o tempo do universo. Alguns lugares da Terra ocultam e exibem as marcas dessa duração global. A

Hermes amigo, o sonho zomba do seu maravilhoso delírio de grandeza, ao incorporar Ganesha, Vyasa, a Índia e a Grande História da Humanidade! Contudo, gosto dessa tessitura narrativa que integra os diversos saberes através de um corpo terrestre, cosmocêntrico. Às vezes penso que você é renascentista, ou quem sabe um alquimista da idade

O Corpo é o instrumento de todas as realizações humanas e deve ser tratado como tal. A Criação em sua totalidade, beleza, florescência, crueldade, harmonia, é a expressão do pensamento divino, é a materialização do corpo de deus. Somente aqueles que compreendem o mundo natural, que se identificam com ele, que ocupam um lugar entre as árvores, as flores, os outros animais, podem realmente aproximar-se do mundo dos espíritos e dos deuses, pressentir a divina alegria. Foi sob a influência das concepções religiosas rudimentares dos conquistadores nômades, que as religiões da cidade adquiriram um caráter antropocêntrico, que não era aparente na origem. Os povos nômades não têm verdadeiro contato com o mundo da natureza. Não vivem em comunidade com lugares, árvores, animais, a não ser com aqueles que eles dominaram e domesticaram. Caminham com seus deuses e lendas, e são mais predispostos que os outros à simplificação monoteísta, a considerar a natureza como pastagens anômicas que eles exploram e destroem, e os deuses como guias a serviço dos humanos. As religiões antídionisíacas, na origem, são todas elas religiões nômades.

Alain Daniélou
Shiva e Dioniso

Antes de o Ser ou o Não-Ser existirem ou a atmosfera, ou o firmamento, ou o que está ainda além. O que fazia parte de quê? Onde? Sob a proteção de quem? O que era a água, as profundezas, o insondável?

desdiferenciação de nossos corpos assegura-nos o acesso ao universal. Algum aspecto desse universal revela-se, por vezes, num quadro, num trabalho ou numa cultura. Aos nossos olhos, o tronco comum da Grande Narrativa iniciou seu crescimento a partir do momento em que o *Big-Bang*, se é que ele existiu, começou a construir os primeiros átomos que compõem as coisas inertes e os seres vivos; desde que os planetas se resfriaram e que nossa Terra transformou-se num reservatório de matérias ainda mais pesadas que compõem nossos tecidos e ossos; desde que, há quatro bilhões de anos, uma surpreendente molécula de ácido começou a se replicar para, em seguida, transformar-se em mutante; desde que os primeiros seres vivos começaram a colonizar a face da Terra numa evolução constante, deixando atrás de si muito mais espécies fósseis do que se possa imaginar; desde o momento em que uma jovem denominada *Lucy* surgiu nas savanas do leste africano e que, sem o saber, prometeu para a próxima humanidade a realização de viagens explosivas na totalidade dos continentes emergentes e divergentes; desde que algumas tribos da América do Sul e do Oriente Médio

média. A grande narrativa, uma infinita ramificação imaginada pelo filósofo Michel Serres, faz do tempo um entrelaçamento evolutivo de tudo e afirma a universalidade dos nossos corpos. Essa narrativa parte do suposto início do nosso universo, sim porque a cosmologia agora fala de *multiversos*, que se tecem juntos. Por isso, Serres é a minha primeira escolha, no fluxo narrativo da serpente solar do caduceu. Não sei se você sabe, mas o nome da nossa ancestral *Lucy*, a que ele se refere, foi dado em homenagem à música dos Beatles *Lucy in the sky with diamonds*, que estava tocando no rádio, na hora da descoberta. E já que estamos falando de inícios, cosmogonias e você está na Índia, o fluxo lunar da narrativa, que abre a minha parte, é um mito daí, e nele é possível destacar interseções com a ciência, por exemplo: o início de tudo gerado pelo calor, a partir de um vácuo. Esse criador primordial, cheio de solidão e tédio cria para saber de si. E cada criação com memória parcial cria por si e encanta o criador primordial, que não tinha pensado naquilo antes. Somos sonhos de um sonho. Porém, do que mais gosto é de que o desejo não é maldito, e sim, a primeira semente da mente e também de que as conexões se fazem pelos nossos corações.

É a sua concepção da literatura como jogo, influência de Julio Cortázar, que você sugere darmos continuidade para driblar, brincar, rir dos pretensos impasses das tessituras narrativas. *Um escritor morre em vida quando não é mais capaz de fundar assim uma universalidade nova e de se comunicar em meio ao risco*. É essa a sua conversa com Merleau-Ponty, que está na serpente solar da narrativa. Quem responde é Nietzsche: *o segredo da maior fertilidade e do maior gozo da existência é: vivam perigosamente! Construam as suas cidades debaixo do Vesúvio!* Agora você quer algo ainda mais ambicioso: transformar a vida em escrita e experimentar a escrita virar vida; começar com as nossas e ampliá-las para uma conversa do mundo,

*Nem morte ou imortalidade existiam, nenhum sinal da noite ou do dia, apenas o *Um* respirava, sem ar, sustentado por sua própria energia. Nada mais existia então. No princípio a escuridão existia submersa em escuridão, tudo isso era apenas água latente, em estado embrionário. Quem quer que Ele seja, o *Um*, ao passar a existir, escondido no Vazio, foi gerado pelo poder do calor. No princípio esse *Um* evoluiu transformando-se em Desejo, a primeira semente da Mente. Aqueles que são sábios, ao buscar seus Corações encontram o Ser no Não-Ser Existia o abaixo? Existia o acima? Quem realmente sabe? Quem pode declará-lo? E assim nasceu e se transformou em uma emanação. Dessa emanação, os Deuses, mais tarde, apareceram. Quem sabe de onde tudo surgiu?*

Apenas Aquele que preside no mais elevado dos céus sabe. Apenas Ele sabe, ou talvez, nem Ele saiba.

Marcelo Gleiser
A Dança do Universo



inventaram o cultivo do milho e do trigo, sem esquecer da dignidade do patriarca que plantava o vinhedo ou do herói indígena que fermentava a cerveja, domesticando pela primeira vez seres vivos tão minúsculos quanto levadura; desde que foram articulados os primeiros sinais da escrita e que certas tribos passaram a fazer versos nas línguas gregas e itálicas. Foi nesse exato momento que o tronco comum da maior narrativa de todos os tempos começou a crescer numa densidade duradoura, inesperada, real e comum a um humanismo enfim digno desse nome, do qual, afinal, podem participar todas as línguas e culturas que se originaram dele. Ele é único e universal porque foi escrito na língua encyclopédica de todas as ciências que pode ser traduzida em cada língua vernacular, sem particularismos nem imperialismos.

Michel Serres
O Incandescente

Há autores que dizem abertamente que Osíris é o Sol, que este deus é chamado Sírios, pelos gregos, e que o artigo O que os egípcios acrescentaram a este nome, é a única causa que pode servir de base para o equívoco.

com personagens indeterminados, que vão chegando ao acaso. Mesmo com a abertura do seu livro anterior, você não quer entregar a obra pronta, mas criar desde o início algo em conjunto. É suficientemente louca para ser tentada!

Conversei com Janaína e ela está encantada com nossa obra coletiva. Sugere que a gente comece os diálogos com você e depois interconectamos.

Oficialmente o carnaval terminou, mas, como sempre, os foliões não estão nem aí. Lá vai a surpresa: conheci uma pessoa em plena folia e convidei-a para ser o quarto elemento da nossa narrativa: Janaína a água, você o ar, eu o fogo e ela a terra. Na loucura e frescor dessa paixão começo a parte que me cabe:

É na encruzilhada dos 4 cantos, em Olinda, debaixo do dragão, no *Bloco Misto Carnavalesco Reencanto do Mundo – Início de uma História de Glórias*, que encontro Isadora, fantasiada de Ísis, seu homônimo no Egito. Na cabeça uma serpente naja de ouro, um colar de lâpis lazúli e brincos de prata em meia-lua. O faro chega primeiro: seu cheiro é uma mistura de árvores aromáticas, mel, vinho e feromônios. Será *Kyphi*, o perfume sagrado dos egípcios? Um aroma erótico emana de todos os lados. O azul dos olhos é o mar do Caribe e a boca escandalosa ri e goza. A luta transmuta-se em brinquedo: capoeira é frevo, passo, fogo nas entradas vapor que circula é serpentina pelo corpo: cóccix, sexo, barriga, coração, garganta, nuca, cabeça, quadris. É bulício, alvoroco, besteira, alegria nas pernas e pés.

O bloco *Elefante de Olinda* é *Ganesha* no carnaval. E lá vem a Grécia viva entre nós a falofória: a euforia fálica do *Bloco Mulher na Vara* e cada uma delas sobe, faz piruetas, momices, amostrações, mungangas. Isadora rebola, rodelá, espirila, navega, na enorme vara priápica que os homens carregam

Ísis é a principal força geradora, associada às ervas curativas e aos poderes da medicina, ao crescimento do trigo, cujo cultivo marcou o início do próprio Egito, delineando a entrada na atual época histórica, sendo a mediadora e, por assim dizer, o ponto de encontro entre deuses e o mundo temporal. Dela é o poder automovente da geração, que tem a agricultura como manifestação exterior e as asas verdes e a lua crescente como símbolos.

A raiz do seu nome tem estreitos vínculos com a raiz egípcia *pr*, que significa *casa*, ou *lar*, sugerindo ser ela senhora nas casas dos deuses.

Uma das mais sugestivas características de Ísis é sua relação com as serpentes enrodilhadas, ou áspides, com as quais sempre foi associada, visto ser a serpente, de maneira quase universal, um símbolo da força vital, a essência enrodilhada da própria vida, que eleva a espinha ao topo da cabeça. Essa atribuição da força da vida à forma espiral é particularmente verdadeira no âmbito da tradição tântrica, em que a *Kundalini*, a serpente da vida, que dormita na base da espinha, no reino da geração, é despertada à medida que sobe pelo

Sushumna, o canal sagrado, eixo do corpo, através da abertura de *Brahma*, concedendo ao adepto a libertação.

Embora não possamos dizer com certeza que Ísis é *Shakti*, nem que Osíris é *Shiva*, o polo

Afirmam também que Ísis não difere da Lua, que as suas estátuas onde a representam com cornos, são imagens da Lua em quarto crescente, e que as que estão cobertas de preto representam os desaparecimentos ou ocultações que sofre, quando deseja e persegue o Sol. Por isso invocam à Lua, pedindo-lhe bom êxito nos seus amores, e Eudóxio diz-nos que Ísis é quem decide nos conflitos amorosos. Ísis é, pois, a natureza considerada como mulher e apta para receber toda geração. É neste sentido que Platão a chama *Criadeira e Aquela que tudo contém*. A maior parte chama-a a Deusa de *infinitos nomes*. Os egípcios celebram uma festa chamada *A Entrada de Osíris na Lua*, que é o começo da primavera. Por isso, ao considerarem a força de Osíris na Lua, os egípcios dizem que este deus se une com Ísis, que é a força produtora. Também chamam a *Ísis Mãe do Mundo*, atribuindo-lhe uma natureza masculina e feminina, uma vez que, fecundada e ornamentada pelo Sol, também emite e semear nos ares os princípios geradores. Tudo quanto se comemora nas festas noturnas de Dionísio, é análogo ao que se narra sobre Osíris, sobre o seu desmembramento, o

pela cidade.

Um nome define um destino? Dionísio. Ter o nome do deus da dança e do teatro, da tragicomédia, do carnaval, define o meu destino? Não é Ísis quem modela, do barro, lama do Nilo, uma serpente venenosa que morde Rá, o deus supremo, suplantando-o, e só concorda em curá-lo sob a condição de que ele lhe revele seu nome secreto?

É tempo de brincar/Cantando está canção/Sorrir sem ironia/Sem mágoa e ilusão/Não mais se lamentar/Dançar com emoção/É tempo de alegria/E paz no coração/É tempo de abraçar/Falar irmã-irmão/Calar a dor ferina/Que doe na solidão/É tempo de colher/Uma doce melodia/É tempo de brindar/A luz de cada dia/É tempo de rasgar/A velha fantasia/Achar um novo amor/Perdido na folia/É tempo de cantar/Num coro, sem rival/É tempo de amar/Chegou o carnaval.

O Carnaval agora é um eco entre Olinda e Recife. Estamos no Hotel Riso da Noite, na rua da Aurora, às margens dos rios Beberibe e Capibaribe.

Quer a mudança do seu destino Dionísio? Aqui estou meu amor! Se me olha assim, sabe quem sou: perigo, luz, risco. Vem, sou sua inexorável sôfrega vontade, anseio, afã, gana, promessa, fome voraz e insaciável alimento. Reza ávida, deseja-me até que a sua boca encha-se d'água.

Isadora na relva do seu corpo vejo o orvalho, sinto a brisa, os cheiros, as coxas são peixes, entre os desvãos, as algas e a luz em feixes. O vento levanta todas as saias do planeta, vem Ísis, Isadora, Diotima, Afrodite, Vênus, Ariadne.

Unhas, dentes, carne, pele, mucosas mil bocas, volúpia, sem pausa nem vírgula enguias terra fogo

central em torno do qual a serpente enrodilhada dormita, não há dúvida de que os dois pares se encontram interrelacionados. Nenhum deles pode existir sem o outro: tal como Osíris e Ísis, eles estão unidos, dissolvidos, no ventre como um só; são a realidade divina, da qual quando combinamos nome e forma, *nāma e rūpa*, mente e matéria, surge o cosmo.

Arthur Versluis,
Os Mistérios Egípcios.



O Universo contém três coisas que não podem ser destruídas: a existência, a consciência e o amor. Para saber o que realmente é o amor, é preciso que você descubra que você é o amor. A força que faz a vida se expandir é o desejo. Quando o desejo segue o fluxo do amor, beneficia a vida como um todo. Quando o desejo está bloqueado, o crescimento não pode acontecer naturalmente. O que significa crescer? Significa deixar a vida renovar-se a qualquer momento. O desejo é a maneira de o coração entrar em contato com o desconhecido. Perder-se

seu regresso à vida, o seu novo nascimento.

Ora bem, que os gregos considerem Dionísio como senhor e causa não só do vinho, mas também do toda substância úmida, é coisa que basta para provar o testemunho de Píndaro, quando diz; “Oxalá possa Dionísio, esse doador de tantos gozos e esse santo resplendor da estação dos frutos, aumentar a produção das árvores!” Também por essa razão é proibido aos adoradores de Osíris destruir qualquer árvore frutífera e cegar qualquer manancial. As procissões sagradas celebradas em honra deste deus são precedidas de um copo cheio d’água.

Também designam Osíris e a religião meridional do mundo com um junco, e explicam este emblema dizendo que ele representa a irrigação e a gestação universais, e que por natureza parece assemelhar-se ao órgão da geração. Quando celebram a festa *Pamylia*, que é uma festa fálica, passeiam diante dos olhos do público uma estátua cujo falo é três vezes maior do que o normal. Com efeito, Osíris é princípio, e todo princípio multiplica pela fecundidade tudo quanto dele provém.

Plutarco.
Ísis e Osíris.

água, ar, calma respira, quem narra quando nossas partículas dissolvidas?

Recife amanhece. Vamos saltitantes, mãos dadas, em amplo balanço. Pelos seus olhos revejo a paisagem e a música vem:

Coisa linda/ É mais que uma idéia louca/Ver-te ao alcance da boca/Eu nem posso acreditar/ Coisa linda/Minha humanidade cresce/Quando o mundo te oferece/E enfim te dás, tens lugar/Promessa de felicidade/Festa da vontade/Nítido farol, sinal/Novo sob o sol/Vida mais real/Coisa linda/Lua lua lua lua/Sol palavra dança nua/Plumata pétala/Coisa linda/Desejar-te desde sempre/Ter-te agora e o dia é sempre/Uma alegria pra sempre.

Que seja essa a nossa canção principal. Sou uma pessoa de trilha sonora. Namoro é raro passeio.

Dionísio fica combinado: você será meu eterno namorado!

Cuidado com pactos, senão os dois, pelo menos um fica preso, mas na melhor hipótese, dependendo do grau de intensidade do sentimento, vindo de um, do outro ou dos dois, sempre poderemos nos encontrar, pelas cidades, ao acaso.

Conheci um pouco de suas cidades: o carnaval, as praias, as comidas, cantos, recantos, danças, poesia e nossa paixão. Você é meu mundo, meu relógio de não marcar horas, esquecê-las. Integração na cama ou já no cosmo? Derrapar nesse amor, ai que dor, que pétala sensível e secreta. Meu amor menino, amor possível, plausível, crível, incrível! Amor em caráter de urgência, amor desesperado, antigo, egípcio, de outros tempos. Um brinde ao nosso encontro! Venha namorar também em minha cidade. Na primavera?

no sexo é um prazer.

Encontrar-se no sexo é uma bênção. Quando você consegue promover o amor – em si mesmo e nos outros –, você tornou-se um amante.

Todo desejo, mesmo aqueles que você condena, está tentando curar a sua falta de amor. Quando você pergunta: Quem sou eu?, A resposta correta é: eu sou amor. Todas as outras respostas são ilusões que com o tempo passarão. No amor, todas as coisas são renovadas. O prazer é o sorriso

que o amor concede à mortalidade. Condenar o sexo foi o grande erro da humanidade. O prazer é tão divino quanto qualquer catedral ou templo. O espírito

e a carne nunca estiveram separados. Eles se mantêm afastados apenas para flertar.

Todos os erros do mundo surgem da crença no não-amor. Você deseja uma escritura na qual possa acreditar? Leia os olhos do seu amante. Não anseie por um céu distante. Este mundo acrescido de amor é o céu.

Deepak Chopra.
Kama Sutra.

Hermes querido mensageiro

O fim do século XX testemunhou algo realmente fantástico: a emergência de uma religião aparentemente morta durante tantos anos que o mundo quase havia esquecido de que ela um dia existira. Essa religião é a adoração de uma grande Deusa, que pode ter muitos nomes e imagens, mas sempre representa a divindade como uma presença feminina: doadora da vida, protetora, às vezes, apavorante, destrutiva, como *Kali*, na Índia, ou *Coatlícue*, no México, mas sempre ligada à natureza e à verdade dos nossos corpos. E não apenas os corpos femininos. Os homens também têm descoberto uma realidade espiritual na imagem de uma Deusa viva e abrangente que eria o mundo e toda a vida, a partir do seu corpo, não apenas

Como vai a parte que lhe cabe na ventura e na aventura da vida? O que anda fazendo na Índia?

Mesmo que seja um duplo do deus sonso e ladrão, que fez das tripas a primeira lira que animou todos os sons, do deus ligeiro, volante, você prefere o contraponto: a obra andante, uma escrita lenta, meditada, saboreada, mais próxima da antiga carta do correio ou mesmo do e-mail, pelo menos é o que entendi da nossa conversa no *msn*. Vou começar entrelaçando duas autobiografias: a minha e a da terra, ambas não-autorizadas.

Nasci à beira mar. Talvez por isso seja Janaína, um dos nomes de *Yemanjá*. A mais antiga memória são os cheiros: sargaço, sal, lama, mangue, peixe, maresia. As primeiras brincadeiras são com siris, marias-farinha, castelinhos d'areia, estrelas-do-mar, pedrinhas brancas polidas pelas ondas. A noção inicial de infinito vem do mar. Só depois fui saber que o sol nascia em outros lugares além do mar.

Cresci entre cajueiros, mangabeiras, coqueiros, pescadores, jangadas, esperas, pescas em alto-mar, arrastões. Juntando conchas em colarinhos, colando búzios nos ouvidos para ouvir o som do mar. Cantando e dançando cirandas:

Estava na beira da praia/Ouvindo as pancadas das ondas do mar/ Essa ciranda quem me deu foi Lia/Que mora na ilha de Itamaracá.

Vim do Recife/Um rapaz me perguntou/Se na

James Lovelock, o principal proponente da hipótese de que a Terra é um organismo vivo auto-regulador, começou a formular suas idéias quando pensava a respeito da maneira de detectar vida em Marte. Compreendeu que se os gases que constituem a atmosfera da Terra estivessem em equilíbrio químico, como ocorre nas atmosferas de Marte e Vênus,

nossa atmosfera deveria apresentar cerca de 99% de dióxido de carbono. Em vez disso, ela contém apenas 0,03% de dióxido de carbono, bem como 78% de nitrogênio e 21% de oxigênio. Essa composição poderia ter surgido somente graças às atividades dos organismos vivos e somente poderia ser mantida graças à sua contínua atividade.

Lovelock dispara sua peculiar questão: E se não fosse assim?

Ora, se a atmosfera aumentasse em apenas 1% a sua taxa de oxigênio, a probabilidade de

uma vez há muito tempo atrás, mas continuamente, nos processos desdobrados da existência. Na Grécia, a Deusa assumia vida através da narração de histórias, rituais, procissões, construção de templos e sacrifícios. Atualmente, ela retorna a nós através da arqueologia, revelações intuitivas, narração de histórias, rituais, arte, e de um modo de conhecimento que muitas pessoas acreditam ser o oposto da religião- a ciência.

A teoria de Gaia, de James Lovelock, Lynn Margulis e seus colaboradores, descreve a Terra como um organismo vivo, um corpo independente construído em parte de muitos organismos menores. Não sugerem como metáfora, mas como uma descrição real do mundo. Nós nos acostumamos de tal maneira a pensar nos mitos, nas deusas e deuses como simbólicos, que podemos precisar de algum tempo para compreender a radicalidade de descrever o Planeta como uma criatura

ciranda que eu vou/Tem morena bonita/Eu disse tem, muita morena, mulata/Dessas que a morte mata/E depois chora com pena.

Barracho de Nazaré/Cirandeiro de primeira/É uma lembrança viva/Feito chama de fogueira.

São inseparáveis de mim o mar e a música. Antes de tudo a voz da minha mãe. Antes de nós, o rádio: a voz do mundo! Melodias, novelas, notícias, reclames musicados, futebol, sotaques, culturas, línguas, lágrimas. As vozes apaixonantes! Ainda pelo rádio chegou a Bossa Nova: o canto podia ser um sussurro perto do ouvido amado, ficava difícil cantar do mesmo jeito, depois de Nara Leão e João Gilberto. A televisão trouxe os festivais, a Jovem Guarda, o Fino da Bossa, a Tropicália, o Pop Mundial: Beatles, Rolling Stones, Janis Joplin, Jimi Hendrix. Foi primeiro o rádio quem me encantou: viver é cantar. Janaína não é uma sereia? Decidi: tons, notas, luz, vocábulos, partituras, improvisos, timbre, soltura. Quero elevar minha voz à altura da Música Brasileira!

O mar agora está revolto. Recordo com todas as minhas células, moléculas, átomos, o que aconteceu antes: vulcões expelindo lavas e vapor d'água, cometas são gametas, espermatozoides gigantes de gelo e matéria orgânica, derretendo em recorrentes choques e fecundando o óvulo-corpo terrestre incandescente e, junto com os vulcões, criando toda nossa água. O mar vermelho de ferro, radiatividade e calor, rochas derretidas, um turbilhão de metais, gases superaquecidos, amônia, sulfeto de hidrogênio, fósforo, metano, espirilam num início de atmosfera, cortada por impactos meteóricos e relâmpagos. A Terra gira rápida: um dia talvez durasse dez horas, muitos desequilíbrios e aí vem um dos maiores cataclismos: um planeta do tamanho de Marte arranca-nos um pedaço: Eva, a

desencadeamento de incêndios aumentaria em nada menos que 60%. E se a taxa de oxigênio na atmosfera fosse apenas 4% a mais que a taxa atual, um simples raio de uma tempestade bastaria para incendiar todas as florestas do Planeta! Mudando do ar para a água, se a concentração salina dos oceanos, cuja taxa atual é de 3,4%, alcançasse 4%, a vida no ambiente oceânico seria muito diferente da que conhecemos. Se ultrapasse 6%, simplesmente não haveria qualquer vestígio de vida animal, assim como acontece no Mar Morto.

Finalmente, a atual temperatura da crosta terrestre, obtida no decorrer da evolução de Gaia, garantiu a faixa constante que hoje conhecemos.

Se essa temperatura caísse fora da faixa que vai de 15° C a 35 °C, a vida não teria condições de se sustentar. Calcula Lovelock que, a produção de calor do sol aumentou entre 30% a 50% desde a origem da vida.

Entretanto, por todas as evidências, a temperatura da Terra permanece constante. Gaia como eu vejo, não é uma mãe que, excessivamente

realmente viva.

O conceito permite-nos readquirir o pleno poder do mito como uma história que é genuinamente verdadeira, física e metaforicamente. A teoria de Gaia reintegra o mito à ciência e a ciência ao mito.

Rachel Pollack.
O Corpo da Deusa.

A teoria de Gaia não afirma, como muitos pretendem, que a Terra é um só organismo; todavia, a Terra, no sentido biológico, tem um corpo mantido por complexos processos fisiológicos. A vida é um fenômeno planetário e a superfície da Terra está viva há pelos menos 3 bilhões de anos. Em minha opinião, a atitude do homem de se responsabilizar pela Terra é cômica – a retórica dos impotentes. É o Planeta quem toma conta de nós, e não o contrário. A obrigação moral que presunçosamente nos atribuímos de governar uma Terra instável ou curar

Lua, uma costela da Terra.

A vida, desde as bactérias até toda biosfera, continua a criarmos novas quantidades, qualidades e diversidade de nós mesmos. O padrão de organização de um sistema vivo é sempre um padrão em rede, individual e coletivamente. Cada componente da rede produz ou transforma outros componentes, em um jogo recursivo: rios, rios, seres, marés. A manutenção de um sistema vivo é feita por meio da assimilação de energia útil e dissipação da energia não-utilizada, de modo geral, em forma de calor. Há um fluxo de energia e matéria. Um sistema vivo é, ao mesmo tempo, aberto e fechado. Estruturalmente aberto, mas, organizacionalmente, fechado. A matéria e a energia fluem através, mas o sistema mantém a forma estável, e o faz de maneira autônoma, por meio da auto-organização, *autopoiese* ou auto-criação. Esse fluxo de energia e matéria ou *metabolismo*, é a incessante química de auto-mantenção, criação, e é uma característica essencial da vida. Mas o sistema pode se afastar do equilíbrio, até alcançar um limiar de estabilidade, um ponto de bifurcação. Trata-se de um ponto de instabilidade, no qual, novas formas de ordem podem emergir espontaneamente, resultando em desenvolvimento e evolução. Sistemas bioquímicos complexos, operando afastados do equilíbrio, morrem ou criam novas estruturas e seres de ordem e desordem diferentes.

A própria vida é a maior força geológica da Terra: move e transforma oceanos, continentes, montanhas, atmosfera. Pólos, campos magnéticos, o núcleo da Terra é um gigantesco dínamo. O *núcleo*: coração da terra, é de níquel e ferro ferventes: nas entradas e na superfície a terra continua uma estrela; depois, em estado pastoso, está o *manto*, em cima do qual se deitam as *placas*

amorosa, seja tolerante em face da má conduta, nem frágil e delicada donzela em perigo frente à brutal humanidade. Ela é dura e severa, sempre mantendo o mundo aquecido e confortável para aqueles que obedecem as regras, mas implacável na destruição daqueles que as transgridem.

Rupert Sheldrake
O Renascimento da Natureza



Os compostos orgânicos de carbono se encontram por toda parte. Eles constituem 20% da poeira interestelar, e a poeira interestelar constitui 0,1% da poeira galáctica. Nesta nuvem orgânica, que impregna o universo, a vida não pode deixar de surgir. Tal conclusão me parece inescapável. Aqueles que afirmam que a vida é um acontecimento extremamente improvável não examinaram com a devida atenção as realidades químicas que subjazem à origem da vida.

nosso Planeta doente é uma prova de nossa capacidade de nos iludir. Na verdade, temos de nos proteger de nós mesmos.

Lynn Margulis
O Planeta Simbótico

A vida é fundamental para o processo de organização da matéria. Rejeito a idéia de que tenhamos enveredado por um desvio chamado existência orgânica, que nosso verdadeiro lar é a eternidade. Essa

modalidade de existência é importante no célio. É um filtro. Há a possibilidade de extinção, a possibilidade de cair para sempre na *physis*, e, nesse sentido, a metáfora da queda é válida. Há uma obrigação espiritual, uma tarefa a ser cumprida. Mas não é algo tão simples quanto seguir um conjunto de regras ditado por outra pessoa. O empreendimento

noético é uma das obrigações primárias da existência. Dele depende nossa salvação. Nem todos precisam ler livros de alquimia ou estudar moléculas supercondutoras para fazer a transição. A maioria das pessoas consegue fazê-la ingenuamente,

tectônicas, onde repousam os continentes, jangadas de pedra. Toda história da Terra, até os nossos dias, é regida pelas placas tectônicas e suas danças. As placas principais: *Pacífica, Eurasiática, Arábica, Africana, Indo-Australiana, Antártica, Nazca, Sul-Americanas, Cocos, Caribe e Norte-Americana*. As placas tectônicas são muito maiores e podem carregar mais de um continente, e seus movimentos abrem e fecham oceanos, elevam montanhas, submergem continentes. Supõem-se que no inicio os continentes estavam unidos em um só: *Pangéia*. Na partida, deriva dos continentes, cada um carregou sua população de animais e plantas, e ao serem isolados de sua origem comum, evoluíram, e esta evolução foi uma grande contribuição em variações e diversidade de espécies.

Ou a vida é uma manifestação da matéria, reprodutível e comum, dadas certas condições, ou é um milagre. O universo é uma sementeira de vida. O universo não é o cosmo inerte dos físicos, com uma pitada a mais de vida por precaução. O universo é vida, com a necessária estrutura à sua volta.

Consiste principalmente em trilhões de biosferas geradas e sustentadas pelo restante do universo.

Christian De Duve
Poeira Vital

Em algum momento saímos da água: caudas, barbatanas, patas, asas, escamas, cascas, couraças, pelos, penas, peles. Rastejamos, andamos, pulamos, voamos, respiramos. Líquens, anfíbios, répteis, insetos, pássaros, mamíferos. Mas a evolução é tortuosa: os golfinhos e as baleias são descendentes de animais totalmente terrestres, que voltaram para a água há cerca de 55 milhões de anos. Não vêm a terra firme sequer para reproduzir, são mamíferos e respiram ar. Seus parentes próximos são os hipopótamos, em seguida os porcos e depois os ruminantes. As focas e os leões-marinhos voltaram parcialmente. Há outro grupo de animais que voltou para a água e mais tarde tornou a reverter o processo, voltando para a terra pela segunda vez: são as tartarugas-marinhos, menos apegadas à água do que as baleias, pois ainda desovam na praia. Respiram ar e saem-se melhor do que as baleias nesse ponto, porque extraem oxigênio adicional da água.

Amanhece. Nenhuma brisa. Límpido espelho, o

A evolução começa com uma célula viva, a primeira que provoca todo processo. A célula não nucleada torna-se nucleada, depois multicelular, ramificando-se pelos três reinos: fungos, plantas e animais. Cada uma dessas transformações é um gigantesco salto quântico de criatividade. No reino animal, a transformação criativa produz primeiro os invertebrados, depois os vertebrados, começando pelos peixes. Dos peixes vêm os anfíbios, depois os répteis. Estes dão um salto quântico até os ramos das aves e dos mamíferos. Chama-se essa consciência quântica, identificada com essa vida única em evolução na Terra, de consciência de Gaia. A seleção natural torna-se a escolha que Gaia faz com o

raciocinando com clareza sobre o presente, mas nós, intelectuais, estamos presos a um mundo onde há informações em demasia. Perdemos a inocência. Não podemos esperar atravessar a ponte estreita mediante um bom ato de contrição; isso não é suficiente. Precisamos compreender.

Terence MacKenna.
O Retorno à Cultura Árcaica

mar agora é lago: deito-me nu a contemplar a estrela d'álva. Dádiva generosa da vida: florestas, cachoeiras, rios, mares; bichos, trigos, algas, sargazos, pelos. De mim mesma mãe, amante, deusa. Envolvo, enovel, aconchego, escancaro-me toda intensa: cada onda, crista, espuma, peixe, grão de areia, coral, arrecife, furo, poro, grotão, vazio, pulsa, cada vez mais acho que posso abraçar o Cosmo.



ambiente não vivo, de forma simbiótica, para sua jornada evolucionária conjunta na transformação do inconsciente em consciente. O ambiente não escolhe a biota, nem Gaia – a biota escolhe o ambiente, mas, por trás das cenas, a consciência quântica//Deus escolhe o curso de ambas. Desse modo, gostar-se-ia de acreditar que o darwinismo e a teoria de Gaia, juntas, expressam completamente a verdade total sobre a evolução

Amit Goswami
Evolução criativa das espécies



De: Dionísio <dionisio@máscaras.com.br>
Para: Hermes <hermes@caduceu.com.br>
Assunto: Paixão

Todos os homens têm consciência da tragédia na vida. Mas a tragédia como uma forma de drama não é universal. A arte oriental conhece a violência, a dor, e o golpe de desastre natural ou planejado; o teatro japonês é cheio de ferocidade e morte cerimonial. Mas a representação do sofrimento e heroísmo pessoal que chamamos drama trágico é distinta da tradição oriental. Ela se tornou uma intensa parte da

Gosto mesmo é de amor impossível, desse que não respeita razão, lógica, coerência, distância, sequência; que ri na cara do futuro e zomba da esperança, que aceita a fugacidade das coisas e mesmo sem ter mais nada ainda dança. Vontade do coração: coragem, paixão, além de tudo, com Isadora aprendi a nunca mais desistir de nada vital em mim. Ela passeia em minha vida, brisa fresca juventude viçosa, cheia de dança, esperança, festança. Na boca o riso inunda minha alma a luz dos seus olhos azuis. Sua têpida pele suave é macia. Lépido menino, a dádiva agradeço à Deusa e me regozijo! Mortais jamais deveriam fazer juramentos. A gente finge que desiste: não, impossível, ninguém aguenta nem consegue, durante todo tempo da vida manter o prazer em máxima voltagem. A sensação é sempre a mesma

O amor não vence a morte. É uma aposta contra o tempo e seus acidentes. Pelo amor vislumbramos, nesta vida, a outra. Não a vida eterna e sim, a vivacidade pura. Ao falar da experiência religiosa, Freud se referia ao sentimento oceânico, esse sentir-se envolto e movido pela totalidade da existência. Ao nascer, fomos arrancados da totalidade; no amor todos sentimos voltar à totalidade original. Por isso as imagens poéticas transformam a pessoa amada em natureza- montanha, água, nuvem, estrela, selva, mar, onda – e, por sua vez, a natureza fala com se fosse

nossa percepção das possibilidades da conduta humana; a *Oréstia*, *Hamlet* e *Fedra* estão tão arraigadas em nossos hábitos mentais, que esquecemos o quanto é estranha e complexa a representação da angústia particular em um palco público. Essa idéia e a visão do homem que ela implica são gregas. A tragédia é alheia da percepção judaica do mundo. *O Livro de Jó* é sempre citado como uma instância da visão trágica. Mas essa fábula pertence ao outro extremo do judaísmo, e mesmo aqui uma mão ortodoxa tem insistido nos clamores da justiça contra os da tragédia: "Assim o Senhor abençoou o último fim de Jó mais do que o início: pois ele possuia quatorze mil ovelhas, e seis mil camelos, e mil parelhas de bois, e mil mulas". O Senhor devolveu em bens a destruição enviada ao seu servidor; Ele compensou Jó por suas agonias. Mas onde há compensação, há justiça, não tragédia. Essa demanda por justiça é o orgulho e o túmulo da tradição judaica. Jeová é justo, mesmo em sua fúria. Mas na somatória do tempo, não pode haver dúvidas de que os caminhos de Deus para com o homem

paixão: absorto, como passei tanto tempo morto? Fechar meu coração que nada nem ninguém consigam. Tumulto de mil desejos é difícil ser deus vivo. Teremos coragem de viver a eternidade que nos cabe? O que faço se meu coração vagabundo quer vagar o mundo? Pela primeira vez não sinto culpa, não é uma bênção? Experimentamos a energia do arquétipo, mas pra Janaína é só estereótipo: um velho de quase sessenta, apaixonado por uma mulher de menos de trinta.

mulher. Reconciliação com a totalidade do mundo. Também com os três tempos. O amor não é a eternidade; tampouco é o tempo dos calendários e dos relógios, o tempo sucessivo. O tempo do amor não é grande nem pequeno: é a percepção instantânea de todos os tempos num só, de todas as vidas num instante. Não nos livra da morte, mas nos faz vê-la cara a cara. Esse instante é o reverso e o complemento do sentimento oceânico. Não é o regresso às águas da origem, mas sim a conquista de um estado que nos reconcilia com o exílio do paraíso. Somos o teatro do abraço dos opositos e da sua dissolução, resolvidos numa só nota que não é de afirmação nem de negação, e sim de aceitação. O que vê o casal, no espaço de um piscar de olhos? A identidade da aparição e desaparição, a verdade do corpo e do não-corpo, a visão da presença que se dissolve num esplendor: vivacidade pura, o ritmo do tempo.

Octavio Paz
A Dupla Chama

Psiquê, a terceira filha de um rei, é adorada pelos homens como uma deusa, em razão de sua excepcional beleza. Mas ninguém ousa pedi-la em casamento, ao passo que suas irmãs, que nada têm de extraordinário, são casadas. *Eros* se apaixona ao ver *Psiquê*. Os pais de *Psiquê* consultam o oráculo, a fim de conseguir um marido para ela, e o oráculo diz: leva, ó rei, tua filha para o rochedo mais alto do monte, e a expõe sumtuosamente formosa para as núpcias mortais. Não esperes para genro um homem de estirpe mortal, mas um monstro cruel e feroz, cercado de cobras.

são justos. Não somente justos, eles são também racionais. O espírito judaico é veemente em sua convicção de que a ordem do universo e dos bens do homem é acessível à razão. O drama trágico surge da compreensão de que a necessidade é cega e o encontro do homem com ela lhe roubará seus olhos, seja em Tebas ou em Gaza. A assertão é grega, e o sentido do trágico da vida construído a partir daí é a maior contribuição do gênio grego ao nosso legado. É impossível estabelecer precisamente onde ou como a noção de tragédia formal se apossou da imaginação pela primeira vez. Mas a *Ilíada* é a arte trágica primeira. Ali estão estabelecidos os motivos e as imagens em torno das quais o sentido do trágico se cristalizou por quase três mil anos de poesia ocidental: o encurtamento da vida heróica, a exposição do homem à criminalidade e ao capricho do inumano, a queda da Cidade. Note a diferença crucial: a queda de Jericó ou Jerusalém é meramente justa, enquanto que a queda de Tróia é a primeira metáfora da tragédia. Quando uma

têm sua origem no arquétipo que, em si mesmo, escapa à representação; forma preexistente e inconsciente, que parece fazer parte da estrutura psíquica herdada e pode, portanto, manifestar-se espontaneamente sempre e por toda parte. É muito comum o mal-entendido de considerar o arquétipo como algo que possui um conteúdo determinado; em outros termos, faz-se dele uma espécie de representação do inconsciente. É necessário sublinhar o fato de que os arquétipos não têm um conteúdo determinado; eles só são determinados em sua *forma* e assim mesmo em grau limitado. Uma imagem primordial só tem um conteúdo determinado, a partir do momento em que se torna consciente e é, portanto, preenchida pelo material da experiência consciente.

Para você entender melhor o destino onde me meto, vamos recordar o mito:

Dionísio, filho de *Zeus* com a mortal *Sêmele*, filha de *Cadmo* e *Harmonia*. *Dionísio*, dos deuses o mais jovem e o único que tem mãe mortal, pertence à segunda geração dos Olímpicos, como *Hermes*, *Apolo* e *Artemis*. *Zeus*, quando a paixão estava no auge, disse a *Sêmele* que pedisse o que quisesse! No princípio, *Sêmele* já tinha tudo o que desejava. Mas depois, já grávida, talvez inspirada, envenenada, pelos ciúmes de *Hera*, esposa de *Zeus* e deusa do casamento, quis que ele se mostrasse em todo seu poder e esplendor! Só um deus não volta atrás. Uma vez prometido, cumprido: *Sêmele*, incapaz de suportar a visão, transfiguração, em relâmpagos, trovões, raios e fogo, foi fulminada! *Zeus* apressou-se em arrancar-lhe a criança, que estava no sexto mês de gestação, e enxertou-a imediatamente dentro de sua coxa uterina. Quando deu à luz, por ser duas vezes nascido, o menino recebeu o nome: *Dionísio*. A criança foi confiada a *Hermes*, seu irmão e parteiro, e esse o deu para criar ao rei

Ele voa pelos ares e não poupa, viperino, ninguém. Destroi tudo, pois sabe como fazê-lo, com ferro e fogo. Faz tremer o próprio *Zeus* e aterroriza os imortais, pois também eles estremecem de horror diante das trevas dessa fonte, *Estige*, de águas envenenadas. Os infelizes pais obedecem ao oráculo. *Psiquê* não é morta, mas levada por *Eros*, para viver uma vida paradisíaca com um marido invisível. No palácio de *Eros* *Psiquê* se vê sozinha, embora cercada de servidores invisíveis e de tudo que é maravilha. O esposo, cuja identidade não conhece e a quem não tem direito de ver, só se aproxima à noite, com seu corpo ardente que a faz desfalecer de prazer. Apesar da felicidade em que vive, *Psiquê* sente saudades da família e com quem falar do seu amor. *Eros* previne-a contra os perigos de uma visita, mas *Psiquê* sucumbe à inveja de suas irmãs, que dizem que seu misterioso esposo é uma serpente que quer matá-la e, por isso, deve ser eliminado. Quando a noite chega, ela searma de uma tocha e de um punhal e surpreende o esposo adormecido: reconhecendo *Eros* por seus arco e flechas e por suas asas, tenta voltar o punhal contra si mesma, mas deixa cair um pouco de cera derretida sobre o ombro do deus que, sentindo-se queimado, desperta. *Eros* então alça vôo, e *Psiquê*, tentando ainda pendurar-se a ele, é arrebatada, mas acaba caindo no deserto. Cheia de culpa e desesperada, repudiada por *Eros*, *Psiquê* quer atirar-se num rio, mas a intervenção do deus *Pão* impede de fazê-lo; este incute-lhe coragem para agir e obter o perdão do esposo, ao invés de dar-se uma morte desonrosa. O

cidade é destruída por ter desafiado Deus, sua destruição é um instante passageiro no designio racional da intenção de Deus. Seus muros se erguerão novamente, na terra ou no reino dos céus, quando as almas dos homens forem restauradas para a graça. O incêndio de Tróia é definitivo porque é desencadeado pelo esporte feroz dos ódios humanos e pela escolha do destino temerário, misterioso.

George Steiner.
A Morte da Tragédia.

Desde a origem das sociedades, é pelas danças e pelos cantos que o humano se afirma como membro de uma comunidade que o transcende. O momento ascendente do humano não se registrou apenas uma vez na origem das grandes civilizações, com a paixão de *Ísis e Osíris* ou de *Ariadne e Dionísio*, com a dança de *Shiva*. Ela nasce da experiência incessante do trabalho humano: em cada organização coletiva a comunidade se realiza, e se realiza de maneira rítmica. ¶

Átamas e a sua mulher, *Ino*, recomendando que vestissem o pequeno Dionísio com roupas femininas, para despistar da perseguição de Hera, que o queria matar. Hera não se deixou enganar e enlouqueceu Ino e Átamas, os pais adotivos. Então, Zeus levou Dionísio para longe da Grécia, para um país chamado *Nisa*, que uns situam na Ásia e outros na África, e o jovem deus foi criado pelas sete ninfas: *Ambrósia, Eudora, Esile, Corónis, Díone, Polixo e Feo*, as quais foram também suas primeiras ménades, as dançarinas do seu cortejo e, depois, foram transformadas em estrelas: as *Híades*, um grupo que fica próximo às *Pléiades* e cuja aparição coincide com a primavera. Foram as ninfas que revelaram a Dionísio os segredos da natureza. Para evitar que Hera o reconhecesse, Dionísio foi metamorfoseado em cabruto. Já adulto, o deus descobriu a videira e seu tutor, o velho sátiro *Síleno*, ensinou-lhe a produzir o vinho, mas Hera enlouqueceu-o. Em sua loucura, Dionísio vagou pelo Egito e pela Síria. Desse modo, regressando da Ásia, atingiu a Frígia, onde foi acolhido pela deusa *Cibele*, que o purificou e iniciou nos ritos do seu culto. Curado da loucura, Dionísio dirigiu-se à Trácia, onde foi mal recebido pelo rei *Licurgo*, que tentou aprisioná-lo, sem conseguir, pois o deus fugiu para junto de *Tétis, a nereide*, que lhe deu abrigo em seu leito: o mar. Mas Licurgo conseguiu capturar as ménades. Então, milagrosamente, as ménades foram libertadas e Licurgo acometido de loucura: julgando destruir a videira, uma das plantas sagradas de seu inimigo, cortou as próprias pernas e dilacerou seu filho. Caindo em si, apercebeu-se também de que a esterilidade atingia o seu país. Interrogado o oráculo, esse revelou que a cólera de Dionísio só se apaziguaria se Licurgo fosse morto, o que os seus súditos providenciaram, atando-o a quatro cavalos que o esquartejaram. Da Trácia, Dionísio dirigiu-se à Índia, e é aí que se situa a origem do cortejo triunfal, de que se faz acompanhar: carro puxado por panteras e ornamentado por videiras e heras, ao som de

primeiro ato de *Psiquê*, com vistas à redenção, será vingar-se das irmãs, que ela envia à morte, enganando-as da mesma forma. Depois dessa primeira purificação, ela se põe a vagar pela Terra para reencontrar *Eros* que, durante todo tempo das provas purificadoras e iniciáticas, permanecerá prisioneiro de sua mãe, Afrodite, enfraquecido pelo seu ferimento. Para demonstrar compunção, *Psiquê* pede a proteção a *Deméter* e *Hera*, que ao lado de *Ísis*, duplo das duas, são as deusas mais importantes, depois de Afrodite, sua grande adversária. Mas, prevenidas por Afrodite, as deusas a repelem, apesar de emprestarem-lhe simpatia. Depois de muito perambular, *Psiquê*, desanimada, decide entregar-se a Afrodite, justamente quando esta havia acabado de obter a ajuda de *Hermes*, a quem incumbiu de propalar por toda a Terra que *Psiquê* era uma escrava fugitiva.

Uma vez mais vem à tentação do suicídio, e é com o sentimento de fracasso de sua busca que ela chega ao templo de Afrodite. Antes de impor-lhe uma série de provas impossíveis, Afrodite entrega *Psiquê* a seus escravos: *Hábito, Preocupação e Tristeza*, que a farão passar por humilhações, além de chicoteá-la. Em seguida, *Psiquê* deverá enfrentar quatro provas, cada uma mais perigosa e difícil que a outra. A primeira consiste em separar, numa única noite, um monte de grãos, mas *Psiquê* é ajudada pelas formigas, que representam o elemento terra e que se liga à deusa *Deméter*. A segunda prova será tosar ovelhas ferozes, mas *Psiquê* é ajudada por um caniço, que representa o elemento água, e é usado pelo deus *Pã* para

ressurreição de *Dionísio*, como a dança de *Shiva*, anunciam o fim da individualização, fonte de todo sofrimento, e a unidade fundamental de tudo o que existe. O maior ensinamento dessa tragédia é a esperança radiosa de que, para além do isolamento dos indivíduos, dispersos como os membros do deus *Osíris* no Egito, cada parcela do todo será reunida por nós, como os membros do deus, pela compaixão de *Ísis*.

Dançar a Vida.
Roger Garaudy.

flautas, tambores, címbalos, dançam: mênades encantam serpentes enroscam-se em seus corpos, saltam bodes, touros, jumentos, tigres, leões, leopardos, corças, sátiros, Síleno, Príapo e Pã.

Recordo o mito com o intuito de esclarecer o designio, desenho do meu destino. Quando menino, havia uma maldição que todos temíamos: *vá pra o raios que o parta!* Depois de adulto, esse temor perdeu importância, parecia só algo que se dizia para assustar, controlar, crianças. Em um dia de chuva, relâmpagos e trovões, o pai de Isadora pescava no rio e foi fulminado por um raios! O pai, *ele é Sêmele!* Ficou ainda mais ferino o ausente sentido de tudo, diante da absurda morte. Isadora é dançarina e sua irmã atriz. Só Dionísio pode salvá-las dessa tragédia.

Não conversei ainda sobre essa coincidência, será que ela e a irmã têm consciência dessa trama mítica? Como nunca antes, o encontro com Isadora e a tragédia, joga em nossos braços a Grécia. Por ares, terras e mares, *arquétipo da vida indestrutível, o deus que mais ama as mulheres;* seja o que for *Dionísio*, algo trama, convoca e quer: somos do cortejo, dançamos juntos e incorporamos entusiasmos: *Evoé, Evoé, Evoé!*

Dionísio



fazer suas flautas. A terceira prova é secar a fonte das águas envenenadas, mas *Psiquê* escuta as próprias águas gritarem contra qualquer aproximação. Ela é auxiliada por uma águia, pássaro de *Zeus*, que seca a água. O elemento aqui é o ar. A última prova é a descida ao reino de *Hades*, nas profundezas da Terra, para trazer para *Afrodite*, a Caixa de pinturas de rosto da deusa *Perséfone*. Novamente ela tenta o suicídio, tentando jogar-se do alto de uma torre. A própria torre, atributo de *Hera* e do elemento fogo, diz o que ela deve fazer. Ainda que vitoriosa nas provas, *Psiquê* sucumbe, mas uma vez, à sua fraqueza: a despeito das recomendações da torre, abre a caixa de *Perséfone*. Um sono de morte toma conta dela, mas é despertada e liberta por *Eros*. Graças a intercessão de *Eros*, *Zeus* concede a imortalidade a *Psiquê*. A criança, fruto desse amor, é *Volúpia*.

Pierre Brunel.
Dicionário de Mitos Literários.

As paixões viajantes

De: Hermes <hermes@caduceu.com.br>
 Para: Dionísio <dionísio@máscaras.com.br>
 Assunto: Sobre paixão e triângulos amorosos

Hera, filha de Cronos e Rêia, nasceu na ilha de Samos. Após haver banido seu pai Cronos, Zeus, irmão gêmeo de Hera, procurou-a em Cnossos, Creta, onde a cortejou, primeiro sem nenhum sucesso. Somente quando ele se metamorfoseou de caco molhado é que Hera teve pena do irmão e o aqueceu carinhosamente no peito. Zeus, então, retomou imediatamente sua forma verdadeira e a violou, forçando-a a casar-se com ele por causa da vergonha. Só Zeus, o pai do Céu, podia controlar o raio. Era com a ameaça do seu lampejo fatal que controlava sua família briguenta e rebelde no

Parece que o deus do qual carrega o nome incorporou de vez! Sei que está arrebatado pela *hýbris*, a força excessiva, a desmedida, a violência da paixão, a exaltação de si mesmo, o raio certeiro dos deuses! Esse era um grande temor e perigo para os gregos. Claro que o pai de Isadora pode ser *Sêmele*. A pessoa atraçada pela tragédia é forçada a cortar todo supérfluo e alcançar o mais difícil: o ser em sua expressão mais simples. Mesmo que esteja inexpugnável vou recontar, de outro jeito, o triângulo amoroso *Sêmele-Zeus-Hera* ou, se quiser: *Isadora-Dionísio-Janaína*.

Na tradição dos tempos cretenses pré-olímpicos, Hera era descrita como a grande Deusa-Mãe e Deusa do Amor. Zeus é seu irmão caçula, aparece como deus mortal e filho-amante que Hera escolheu para marido e com quem se casou. Encontramos assim em Hera a representante de uma ordem matriarcal. Embora tenha sido Hera quem na verdade forçou o casamento, os relatos posteriores narram que a iniciativa do relacionamento partiu de Zeus e, assim, assinalam a transição do matriarcado cretense pré-olímpico para o patriarcado dos tempos gregos olímpicos. A tradição pré-olímpica narra que Rêia escondeu Zeus, seu filho recém-nascido, do pai Cronos, porque este, com medo de ser alijado do poder, por um dos seus filhos, o que o oráculo revelara, devorava seus descendentes masculinos. Mas Rêia quis ficar com esse filho. Hera, a irmã mais velha de

É oportuno lembrar que Dionísio é essencialmente um deus das mulheres. Seu culto era predominantemente uma prerrogativa das mulheres. Embora masculino e fálico, não há misoginia nessa estrutura de consciência porque ela não está separada de sua feminilidade. Dionísio, em um de seus epítetos é homem e mulher, numa só pessoa. Desde o início ele era androgino, e não só na sua forma efeminada, conhecida pelas representações posteriores.

Não é uma meta a ser alcançada, mas uma possibilidade apriorística, sempre presente para todos. Pertencer a um só deus, a qualquer cosmo único, qualquer maneira única de ser no mundo, é em si uma espécie de *hýbris*. A consciência monoteísta impõe essa *hýbris*. Embora ofereça um imenso apoio para uma psique

monte Olimpo. Ele também ordenava os corpos celestes, compunha leis, fazia cumprir juramentos e pronunciava oráculos.

Quando sua mãe Réia, prevendo os problemas que sua lascívia viria causar, proibiu-o de se casar, ele, furioso, ameaçou violá-la. Apesar dela imediatamente ter-se transformado numa serpente apavorante,

Zeus não se deixou intimidar, transformando-se, por sua vez, numa serpente macho que, enrolando-se nela num nó indissolúvel, cumpriu a ameaça. Foi então que começou sua longa série de aventuras amorosas. Ele gerou as Estações e as três Parcas com Têmis; as Cárites, que são as Graças entre os romanos, com Eurínome; as Musas com Mnemósine; a Memória, com quem partilhou o leito por nove noites; e também, diz-se, Perséfone, a rainha do

Zeus, pediu à mãe que lhe desse o pequeno *Zeus*, criou-o em segredo, escolheu-o para marido e casou-se secretamente. Depois que *Zeus* subjugou seu pai *Cronos*, ele tornou-se para *Hera* um carrasco cruel, análogo ao que o pai antes era para sua mãe *Réia*. Do mesmo modo como *Réia* enganou o marido quando escondeu dele seu filho, agora *Hera* engana *Zeus*, quando o induz, com astúcia, a aniquilar ele mesmo a amante *Sêmele*.

Os triângulos amorosos são comuns desde que o mundo é mundo. Todos nós já tivemos experiências intensas com, pelo menos, um triângulo amoroso no passado: o triângulo pai-mãe-criança. Entender os diversos movimentos desses personagens pode ser útil para você fazer a mudança que busca.

Uma variante do mito diz que não foi *Zeus* quem gerou *Dionísio*, mas sim que ele tinha uma origem matriarcal e descendia de uma *Sêmele* que não era uma princesa mortal, mas sim, uma grande deusa lunar. No amor de *Sêmele*, *Zeus* se confrontaria com um deus de uma espécie totalmente diferente da sua; ele precisaria, ao envolver-se com *Dionísio*, virar de cabeça para baixo seu mundo patriarcal.

Dionísio é um amigável deus da harmonia que não machuca ninguém, ou um deus dos desfechos rápidos que restabelecem a ordem de imediato. Mas *Dionísio* também é um deus do sofrimento e da morte. *Sêmele* conheceu essa morte, mesmo antes de ser fulminada pelo raio de *Zeus*, ela fez a transição da filha para a mulher e, ao mesmo tempo, ela liberou seu pai e a si mesma como filha. Ela fez com que a amante secreta morresse, através do seu desejo de ver *Zeus* em sua forma verdadeira. Com isso ela abandona a clandestinidade, a escuridão secreta e liberta a primavera!

Quando os participantes, impulsionados pelo triângulo amoroso, se posicionam com veracidade,

egocêntrica, a psicologia monoteísta é também imensamente danosa para o nosso objetivo de deslocar do ego essa perspectiva como o único centro da consciência. O abandono do monoteísmo psicológico é um ato radical. Ele não só faz ruir o governo do velho eu, como é também um reflexo na psique do fato de que, num certo sentido, Deus está morto- mas não os Deuses. Quando a psicologia considera os arquétipos com seriedade, ela é necessariamente levada a liberar a consciência de suas amarras a um único dominante e a refletir, na teoria, o fato empírico de que a consciência se move como *Hermes*, o guia das almas, através de uma multiplicidade de perspectivas e maneiras de ser. Se a psique é, como Jung a descreve, uma estrutura de múltiplas centelhas, ela não refletirá, por isso mesmo, os vários Deuses? Uma psicologia que queira ser adequada à própria visão arquetípica da estrutura psíquica deve refletir esta multiplicidade de centros e afirmar um politeísmo psicológico. Esta declaração de politeísmo psicológico é o preâmbulo necessário a uma

mundo subterrâneo, com a qual seu irmão Hades, casou-se à força, na presença da ninfa Estige. Portanto, não lhe faltava poder acima e abaixo da Terra e sua mulher, Hera, estava em pé de igualdade com ele apenas num ponto: ela podia conceder o dom da profecia a qualquer homem ou animal que desejasse. Zeus e Hera brigavam constantemente.

Irritada com suas infidelidades, ela o humilhava frequentemente com suas maquinações. Embora acostumado a revelar-lhe seus segredos e, por vezes, aceitar seus conselhos, Zeus jamais confiou totalmente na esposa. Hera sabia que, caso uma ofensa ultrapassasse certo limite, ele poderia açoitá-la, ou mesmo arremessar-lhe um raio. Ela se limitava, portanto, a intrigas inescrupulosas, como no

tem início um amplo processo de transformação e renovação. É um processo difícil de ser executado. E para sua execução dispomos de pouca ajuda, de poucos modelos, de nenhuma tradição.

Algo aproxima *Eros* de *Dionísio*: ambos são deuses fronteiriços, vivem entre opositos. *Eros*, filho de *Poros* e *Penúria*, está entre a saciedade e a fome. E *Dionísio* entre imortais e mortais, entre a tragédia e a comédia. São deuses da intermediação. Talvez *Dionísio*, deus da morte, da transformação e da renovação constante possa ser um guia para nós.

Amigo, talvez ache essa reflexão uma enorme tolice, parece que posso lhe ouvir: *isso é coisa de alguém desiludido, velho e conformado*. Repenso meu percurso solitário e aceito a crítica, mas não podia deixar de lhe alertar, mesmo sabendo que está tragicado pela *hýbris*: a paixão no auge! E porque também sou amigo de Janaína e imagino o seu sofrimento.

A pista que tanto procurávamos de como e em qual momento ocorreu à cisão corpo e alma e a consequente negação da vida, que nos chegou através do cristianismo, encontrei afinal. A ironia é que tenha sido uma contribuição do xamanismo, que é uma das suas buscas mais essenciais, como técnica e esperança de reconexão com o mundo vegetal e animal, com as potências vitais. Essa pista está no livro de Dodds, *Os Gregos e o Irracional*.

*Em escritores áticos do século V a.C., assim como em seus predecessores jônios, o "eu" designado pela palavra *psyche* é normalmente mais emocional do que racional. Fala-se dela como sede da coragem, da paixão, da piedade, da ansiedade, do apetite animal. Mas antes de Platão, raramente, ou quase nunca, ela é citada como sede da razão. Seja ou não verdade o fato do termo *psyche* causar um sentimento tênue de estranheza para o cidadão ateniense do século V a.C., uma coisa é certa: a*

invocação de *Dionísio*. Evocar só a ele e estar só na consciência por ele permeada significaria cometer o erro de

Nietzsche, que tomou um Deus e colocou todos os outros a seus pés e, com isto, a despeito de sua intenção, perpetuou a tradição que pretendia abandonar. Quando

nos aproximamos do dionisíaco, diz Dodds, o nosso primeiro passo deve ser desaprender tudo aquilo que já pensamos sobre estas coisas,

esquecer os quadros de Ticiano e os de Rubens, esquecer Keats. Recordar que *orgia* não são orgias, mas atos de devoção, e que *baccheuin* não quer dizer bacanal, mas um tipo particular de experiência religiosa. Sobretudo, não podemos nos esquecer que

Dionísio é filho de *Zeus*, a renovação do deus soberano por meio do seu filho mais físico e ainda assim mais psicológico, no centro de cujo culto, desde períodos mais remotos, está a *criança*, o mistério da nutrição e do renascimento psicológico através das profundezas do mundo subterrâneo.

Compulsão e inibição são interligadas, como dissemos anteriormente em nossa

caso do nascimento de Héracles, e, às vezes tomava emprestada a cinta de Afrodite, a fim de excitá-la paixão do marido e, assim, aplacar sua fúria. Num determinado momento, o orgulho e a petulância de Zeus se tornaram tão intoleráveis que Hera, Poseidon, Apolo e todos os outros deuses, à exceção de Héstia, cercaram-no rapidamente enquanto dormia em seu leito e o amarraram em correias de couro cru com uma centena de nós, que o impediam de se mover. Zeus os ameaçou com morte instantânea, mas como eles haviam colocado o raio fora do seu alcance, insultaram-no com escárnio.

Enquanto celebravam a vitória e discutiam ciuosamente sobre quem seria o sucessor, Tétis, a Nereide, prevendo uma guerra civil no Olimpo, apressou-se em buscar o hecatônquiro Briareu, que

palavra não possuía nenhum sabor de puritanismo, e nem sequer gozava de qualquer status metafísico. A alma não era nenhuma prisoneira relutante do corpo, mas sim a vida ou o espírito do corpo, sentindo-se perfeitamente à vontade ali. Foi nesse momento que o novo padrão religioso fez sua fatídica contribuição – ao creditar ao homem um “eu” oculto, de origem divina e, por conseguinte, colocar em desacordo corpo e alma. Este padrão introduziu em meio à cultura européia uma nova interpretação da existência humana. Trata-se da interpretação que chamamos de puritana. De onde veio tal noção? Desde que Rohde a chamou “uma gota de sangue estranho nas veias gregas”, estudiosos têm realizado pesquisas em busca desta gota. A maior parte deles têm olhado na direção leste, para a Ásia menor ou mais longe ainda. Eu pessoalmente estaria inclinado a procurar em outros recantos. As passagens de Píndaro e de Xenofonte, pelas quais iniciamos nossa argumentação, sugerem que uma fonte da antítese puritana pode ser a observação de que a atividade “psíquica” e corporal variam de forma inversa: a psyche é mais ativa quando o corpo está adormecido ou, como acrescenta Aristóteles, quando ele se encontra prestes a morrer. Eis o que quero dizer ao chamá-la de “eu” oculto. Uma crença deste tipo constitui um elemento essencial da cultura xamânica que ainda existe na Sibéria, por exemplo, e que deixou traços de existência passada sobre uma vasta área, estendendo-se do imenso arco da Escandinávia e atravessando a Eurásia, até a Indonésia. A extensão de sua difusão é prova de antiguidade. Um xamã pode ser descrito como uma pessoa psiquicamente instável que recebeu um chamado para a vida religiosa. Como resultado disso ele se submete a um período de rigoroso treinamento, que normalmente envolve solidão e jejum, podendo também envolver uma mudança psicológica de sexo. A partir deste “recuo” religioso, ele ressurge com o poder, real ou assumido, de passar de acordo com a sua vontade a um estado de

discussão de *Eros*. A vida animal, como recorda Dodds, não é uma força desenfreada, mas auto-regulamentação. Possui fronteiras tanto no território quanto no comportamento. Dionísio nos coloca frente a fenômenos-límite, de modo que não podemos jamais dizer se é louco ou são, selvagem ou sombrio, sexual ou psíquico, macho ou fêmea, consciente ou inconsciente. Ele reina sobre terras fronteiriças de nossa geografia psíquica. É aí que tem lugar a dança dionisíaca: anulamento de demarcação, ambivalência.

James Hillman.
O mito da análise.

O diálogo interno é o que prende as pessoas no mundo cotidiano. O mundo é assim e assado, desta ou daquela maneira, só porque dizemos a nós mesmos que ele é assim. A passagem para o mundo dos xamãs se abre depois que o guerreiro aprendeu a silenciar seu diálogo interno. Mudar nossa ideia sobre o que é o mundo é o ponto crucial do xamanismo. E parar o diálogo interno é o único meio de conseguir isso. Zangar-se com

prontamente desfez os nós, utilizando suas cem mãos ao mesmo tempo, e liberou seu amo. Por ter sido Héra quem liderara a

conspiração, Zeus a pendurou no céu com um bracelete dourado em cada pulso e uma bigorna amarrada a cada tornozelo.

As outras divindades ficaram profundamente contrariadas, mas não ousaram resgatá-la, apesar de seus comoventes clamores. Finalmente, Zeus comprometeu-se a libertá-la mediante o juramento de que nunca mais se rebelariam contra ele. E foi o que, com relutância, cada uma das partes fez. Zeus puniu Posseidon e Apolo, mandando-os como

escravos ao rei Laomedonte, para trabalhar na construção da cidade de

Tróia, mas perdoou os outros, por considerar que tinham agido sob coação. As relações maritais entre

dissociação mental. Sob tais situações ele não é mais visto, como a Pátria ou um médium moderno, como alguém possuído por um espírito. É a sua própria alma que é encarada como tendo deixado o corpo e viajado para locais distantes, mais frequentemente para o mundo do espírito. De fato, um xamã pode ser visto em diferentes lugares simultaneamente. Ele tem o poder da ubiquidade. A partir destas experiências, narradas por ele através de canções extemporâneas, ele vai extraíndo a habilidade para a adivinhação, para a poesia religiosa e para a medicina mágica que acaba por torná-lo socialmente importante. Ele se torna o repositório da sabedoria sobrenatural. Um grego asiático, Hermótimos de Clazomenes, cuja alma viajava muito e para muito longe, observando acontecimentos em lugares distantes, enquanto seu corpo permanecia inanimado, pode servir de exemplo. Tais contos a propósito da aparição e desaparição dos xamãs eram bastante familiares em Atenas, a ponto de Sófocles referir-se a eles na Electra sem precisar sequer citar nomes. Disso tudo parece razoável concluir que a abertura do Mar Negro para o comércio e a colonização gregas, durante o século VII a.C., responsável pelo primeiro contato do povo grego com o xamanismo, acabou por enriquecer com novos traços a imagem tradicional grega do "homem deus". Creio que estes novos elementos eram dignos de aceitação para a mentalidade grega por responderem às necessidades da época, assim como a religião dionisíaca havia feito anteriormente. A experiência do tipo xamanístico é individual e não coletiva e precisou do individualismo crescente de uma era para a qual os êxtases coletivos de Dionísio já não bastavam completamente. É razoável supor que estes novos traços exerçeram alguma influência na também nova e revolucionária concepção sobre a relação entre corpo e alma que surgiria ao final do período arcaico. O que é certo é que estas crenças promoveram, nos que a elas acreditaram, um horror do corpo e uma repulsa contra a vida dos sentidos

as pessoas significa que se considera os atos delas importantes. É necessário deixar de sentir assim. Os atos dos humanos não podem ser bastante importantes para impedir nossa única alternativa viável: nosso imutável encontro com o infinito. Os atos têm poder. Especialmente quando a pessoa que age sabe que aqueles atos são sua última batalha. Há uma estranha felicidade em agir com pleno conhecimento de que o que quer que ela esteja fazendo pode muito bem ser o seu último ato sobre a Terra. Para o ser humano comum, o mundo é estranho porque, se não está entediado com ele, está com raiva dele. Para um xamã, o mundo é estranho porque é estupendo, assombroso, misterioso, insondável. Um xamã deve assumir a responsabilidade por estar aqui, neste mundo maravilhoso, nesse tempo maravilhoso.

Em um mundo em que a morte é o caçador, não há tempo para remorsos ou dúvidas. Só há tempo para decisões. Não importa quais decisões. Nada pode ser mais ou menos sério do que qualquer outra coisa. Em um mundo em que a morte é o

Zeus refletem as da era dórica bárbara, em que as mulheres eram privadas de todo seu poder mágico, exceto a profecia, além de serem vistas como propriedade dos homens. O fato de Zeus haver violado a deusa Terra Réia significa que os helenos, adoradores de Zeus, passaram a controlar as cerimônias agrícolas e funerárias e Réia ter proibido Zeus de se casar significa que, até então, a monogamia era desconhecida, pois as mulheres tinham quantos amantes quisessem.

Robert Graves
O Grande Livro dos Mitos Gregos.

O casamento é inevitavelmente uma instituição erótica, e as incompatibilidades sexuais podem levar ao seu fracasso. Paradoxalmente, portanto, as relações

que eram bastante novas para a Grécia. Suponho que qualquer cultura da culpa é capaz de fornecer um solo favorável para o crescimento do puritanismo, pois ela cria uma necessidade inconsciente de autopunição que o puritanismo vem gratificar. Mas na Grécia, foi aparentemente o impacto das crenças xamanísticas que pôs tudo em funcionamento. Tais crenças foram interpretadas pelas mentes gregas em sentido moral; e quando isto ocorreu o mundo da experiência corporal surgiu inevitavelmente como um lugar de penitência, a carne sendo vista como uma "túnica estranha a alma". "O prazer", diz o velho catecismo pitagórico, "é sob todas as circunstâncias ruins, pois viemos aqui para sermos punidos e devemos ser punidos". Sob esta forma, que Platão atribui à escola órfica, o corpo era apresentado como a prisão dentro da qual os deuses guardavam trancada a alma até que ela fosse purgada de sua culpa. Sob outra forma, também mencionada por Platão, o puritanismo encontrou uma expressão ainda mais violenta: o corpo era concebido como uma tumba na qual a psyche jazia morta, aguardando a ressurreição para a verdadeira vida, que seria a vida sem corpo.

caçador, não há decisões pequenas ou grandes. Só há decisões que um xamã toma em face de sua morte inevitável. A morte é nossa eterna companheira. Está sempre à nossa esquerda, à distância de um braço atrás de nós. A morte é a única conselheira sábia que um guerreiro tem. Toda vez que ele sente que tudo está errado e que ele está prestes a ser aniquilado, pode virar-se para a sua morte e perguntar se é assim mesmo. A morte lhe dirá que ele está errado; que nada realmente importa, além do toque dela. Sua morte lhe dirá: ainda não o toquei.

Carlos Castañeda
À roda do tempo

De: Janaína <janaína@estrela.com.br>
Para: Hermes <hermes@caduceu.com.br>
Assunto: casamento e carreira artística

Nem bem começamos a criação da nossa narrativa e já quebramos a primeira e essencial regra: a de compartilharmos nossos textos a cada momento. Para não aumentar o sofrimento, Dionísio me pediu que por algum tempo evitássemos saber o que um ou o outro está conversando com você, mas mostrou sua resposta sobre triângulos amorosos. Agradeço o seu carinho e cuidado

Como acaba um amor? -
Como, então ele acaba? Em suma, ninguém- exceto os outros- nunca sabe nada a esse respeito; uma espécie de inocência mascara o fim dessa coisa concebida, afirmada, vivida segundo a eternidade. O

extraconjuga is tornam-se aceitáveis na medida em que contribuem para a manutenção do casamento.

A infidelidade se transforma em um dever imposto pela conquista da felicidade erótica quando o casamento já não aponta para o horizonte de mais nenhum ideal de amor. Dever de tudo fazer para estimular a performance sexual e satisfazer o parceiro, salvando o casamento. Tornar a sexualidade exequível no interior do contrato, higienizando-a, portanto, é o objetivo da sexologia contemporânea. Ela deseja superar as incompatibilidades entre o sistema matrimonial e as pulsões, deserotizando o sexo, retirando-lhe a carga angustiante de um desejo impossível de fusão, de comunhão carnal com o outro, da sua condição de veículo, mal adaptado, da ânsia de infinito e eternidade. Mas a instituição é preservada à custa da promoção do imenso vazio emocional que inunda a vida

comigo, nessas horas se revelam os amigos e, para esse assunto, não conto com muitos. Quase tudo diz o mito, contudo não fala se o casamento sempre termina por matar o amor. No casamento é possível conciliar, temperar, todos os ingredientes do amor: sentimento, desejo, sexo, prazer, criatividade, brincadeira, arte, poesia, com paixão constante e duração?

Uma amplificação de desejos que tendem ao infinito. É impossível domesticar a paixão. *Eros* é fonte, ferida, dor e cura, mas ainda: saúde, procura, ida. Como não podia deixar de ser, nas coisas mais essenciais da minha vida, meu amor por Dionísio nasceu à beira-mar, à noite, em um leito de dunas, à milanesa, na praia de São José da Coroa Grande. Minha mãe dizia: filha, não peça marido bom para Santo Antônio, a fila de atendimento é enorme, por isso, dependendo do pedido, ele nem escolhe, o primeiro que aparece despacha. Já São José demora, mas quando manda é na medida!

Depois de tanto tempo, transar com ele é atravessar toda a minha história, a juventude inteira. Por isso esse absoluto. Exclusivo, por que ele tem de ser todo sentido? Satisfação significa fazer o bastante. Conseguimos? O segredo de nossa longevidade talvez seja sinceridade. Depois, também, ambos somos péssimos mentirosos. Somos de uma geração ou, mais modestamente, um tipo de casal, que tolera infidelidades, pelo menos até agora. Ele gosta de dizer, bem dramático: *a maior infidelidade na vida é não respeitar e seguir a própria alma*. Safado! Amantes eventuais, de parte a parte, mais dele do que meus, costumavam arejar, revigorar e despertar para o valor do outro. E a gente inventava que o ciúme tem controle. Homens da minha vida parecem arquétipo, colagem, um só homem. Sempre incompletudes. Mesmo com rompimentos, nunca termino definitivamente com as pessoas,

que quer que aconteça com o objeto amado, quer desapareça ou passe à região Amizade, de qualquer maneira não o vejo nem mesmo desvanecer-se: o amor que acabou retira-se para um outro mundo, à maneira de uma nave espacial que pára de piscar: o ser amado ressoava como um estrondo, ei-lo repentinamente surdo (o outro nunca desaparece quando e como esperamos). Esse fenômeno resulta de um imperativo do discurso amoroso: não posso eu mesmo (sujeito enamorado) construir até o fim minha história de amor: sou seu poeta (recipiente) apenas quanto ao começo; o fim dessa história, assim como minha própria morte, pertence aos outros; a eles cabe escrever esse romance; narrativa exterior, mítica. Um koanzen diz: o mestre segura a cabeça do discípulo debaixo d'água, durante muito, muito tempo; pouco a pouco as bolhas começam a se rarefazer; no último momento, o mestre tira o discípulo, reanima-o: quando você desejar a verdade como desejou o ar, então saberá o que ela é. A ausência torna-se uma prática ativa, um atarefamento (que me impede de fazer qualquer outra coisa):

cotidiana. Quer queiram os modernos sexólogos ou não, os humanos que amam são visionários de outros mundos, reinventores da felicidade perdida na monotonia dos dias de trabalho. São guardiões da idealidade, preservadores da utopia, porque o amor é transcendência de tudo aquilo que se supõe realizá-lo. O desejo quer sempre outra coisa, o gozo sempre “ainda mais”, o amor quer dar o que não tem, recebendo em troca a mesma falta. Por todo lado utopia, pulsão libidinosa sem lugar, sem objeto, sem descanso. Por isso os verdadeiros amantes só colocam problemas que não podem resolver. Por isso também puderam os poetas projetar na morte a realização mais plena do amor e do gozo erótico.

José Luiz Furtado
Amor

Lapidar minha procura toda, trama lapidar, o que o coração, com toda inspiração, achou de nomear, gritando: alma,

carrego-as comigo, tecendo os pedaços que mais amo.

Somos filhos de casais felizes, talvez por isso, acreditamos em eternidade. Já não tenho mais certeza de nada. Dionísio partiu, mas seu corpo, sem alma, tal o meu, ainda vague comigo, por toda casa, à deriva. Flutuo entre esperança e medo e evito admitir que um canal de comunicação vital, sem vestígios, desapareça. Impossível aceitar que nada dura. Caro Hermes, sem ter com quem brincar, o que faço? Somos seres pluricelulares. Todas as nossas células têm bactérias como ancestrais e ainda hoje a vida seria impossível sem elas. Por isso, a bióloga Lynn Margulis provoca outra ferida narcísica: nós somos apenas uma das ideias que tiveram as bactérias para andar melhor sobre a Terra. Entro em um delírio de bactéria: a vida é uma multiplicidade de mim mesma e faz sentido independentemente de todas as outras. Separação é parto, somos jogados no mundo por conta própria, a primeira respiração dói nas entranhas. Suspiro em um canto, os braços inúteis arreio, sem saber continuar. Em nada creio. Nem no tempo ou em seu cúmplice, o esquecimento, parece que isso nunca vai passar.

Hermes, eis-me aqui: teço e desmancho a trama. Falsa Penélope, sem paciência ou esperança, pra aguardar o longo retorno de Ulisses. Será que meu herói, eterno menino, estica o cordão umbilical ao máximo e, mais uma vez, volta? Será que nessa altura do campeonato os meus pretendentes ainda estarão vivos e interessados? Ando por toda a cidade do Recife, refazendo os percursos que fizemos juntos. Não sei se você sabe, mas os judeus que construíram New York saíram expulsos daqui, por isso há um delírio recifense de que se eles tivessem ficado Recife seria Nova Iorque! Seja como for, algo vingou: passando pelo porto avisto nossas torres gêmeas.

cria-se uma ficção com múltiplos papéis (dúvidas, recriminações, desejos, melancolias). A ausência do outro segura minha cabeça debaixo d'água; pouco a pouco, sufoco, meu ar se rarefaz: é por essa asfixia que reconstituo minha “verdade” e preparam o intratável do amor.

Roland Barthes.
Fragmentos de um discurso amoroso.

Hera detém as chaves de todas as alcovas. Mas, nesta perspectiva familiar, todas as esposas lá de cima ou cá de baixo conhecerão os fatais equívocos da instituição matrimonial grega. A exemplo de Zeus, que amarra as mãos de sua mulher, os vínculos do casamento transformam-se em entraves servis. Em compensação, no Jardim de Flora Veremos Hera descobrir como a esposa pode passar sem o marido e exercer com toda a independência uma soberania feminina reivindicada como tal.

Jacques Mazel
As Metamorfoses de Eros.

Entre os gregos geralmente se atribui a invenção da música a Hermes, Apolo, Cadmo e Orfeu; entre os egípcios, a Toth ou a Osíris; entre os hindus a Brahma. Os historiadores da ciência musical louvam Pitágoras, que

recriar cada momento belo
já vivido, e ir mais,
atravessar fronteiras do
amanhecer e ao entardecer
olhar com calma, então.
Alma vai além de tudo, o
que o nosso mundo ousa
perceber, casa cheia de
coragem, vida, tira a mancha
que há no meu ser, te quero
ver, te quero ser, alma.
Viajar nessa procura toda,
de me lapidar, neste
momento agora de meu
recriar, de me gratificar, te
busco alma, eu sei, casa
aberta onde mora um
mestre, o mago da luz, onde
se encontra o templo que se
inventa a cor, animará o
amor, onde se esquece a
paz. Alma vai além de tudo,
o que o nosso mundo ousa
perceber, casa cheia de
coragem, vida todo afeto
que há no meu ser, te quero
ver, te quero ser, alma.

Milton Nascimento e José Renato
Anima

Como sempre vida e morte andam juntas. De modo semelhante a outras cantoras, anteriormente, estou fazendo sucesso no Japão! Por isso, quero retomar minha carreira e lhe faço um convite para compor, fazer os arranjos e produzir meu novo disco.

Comecei a selecionar o repertório. Quero quase tudo inédito, alegre, leve. Talvez até um cd duplo. Contudo, não pretendo esconder esse momento. Neste sentido pensei, inicialmente, em três músicas: o impressionante minimalismo, um mantra mesmo, de Itamar Assumpção, sobre separação, na música *Fim de Festa*:

Meu amor por você chegou ao fim/é tudo que tenho a dizer/também não precisa sair assim/espere o dia amanhecer.

A música de Danilo Caymmi e Ana Terra, *Meu Menino*:

Se um dia você for embora/Não pense em mim/Que eu não te quero meu/Eu te quero seu/Se um dia você for embora/Vá lentamente como a noite/Que amanhece sem que a gente saiba exatamente/Como aconteceu/Se um dia você for embora/Ria se teu coração pedir/Chore se teu coração mandar/Mas não esconda nada que nada se esconde/Se por acaso um dia você for embora/Leve o menino que você é.

Noutra direção não pode faltar *Nature boy*. Cantarei também a versão:

Era um rapaz/Estranho e encantador rapaz/Ouvi que andara a viajar, viajar/Toda a terra e o mar/Menino só e tímido/Mas sábio demais/Eis que uma vez/Num dia mágico o encontrei/E ao conversarmos lhe falei/Sobre os reis, sobre as leis e a dor/E ele ensinou/Nada é maior que dar amor/E receber de volta amor.

inventou um monocórdio para determinar matematicamente as relações dos sons. Os pitagóricos também consideravam a música como uma harmonia dos números e do cosmos, ele próprio redutível a números sonoros. Era dar aos números toda a plenitude inteligível e sensível do ser. É à escola deles que se liga a concepção de uma *música das esferas*. O recurso à música, com seus timbres, suas tonalidades, seus ritmos, seus instrumentos diversos, é um dos meios de se associar à plenitude da vida cósmica. Em todas as civilizações, os atos mais intensos da vida social ou pessoal são decompostos em manifestações, nas quais a música desempenha um papel de mediador para alargar as comunicações até os limites do divino. Boécio dizia que o ritmo ternário é chamado de perfeição, enquanto o binário é sempre considerado imperfeito. A simbologia do número 7 é retomada no plano musical, número das notas, número de Atena, pleno de clarões de sabedoria. Boécio distingue três tipos simbólicos: a *música do mundo*, que corresponde à harmonia dos astros e surge de seu movimento, à sucessão das estações e à mistura dos elementos. A melodia é tanto mais pungente quanto mais rápido é o movimento e tanto mais grave, quanto mais lento. O cosmos é um magnífico concerto. O segundo tipo é a *música dos humanos*: ela nos



A primeira composição nova que lhe proponho é o poema de despedida de Dionísio:

Já me confundo contigo tanto/Que partir de ti para o mundo/É sair de mim/Já me conformo de tal modo/Ao teu jeito/Que nem sei direito/Qual o meu ou o teu corpo/Já me expando disperso pra todo lado/Com um ritmo de ti tão diverso/Que nem desconfio quem é esse outro/Quando canta, anda, dança.

rege e é em nós mesmos que a apreendemos. Ela supõe um acordo, uma harmonia, da alma e do corpo. O terceiro tipo é a *música dos instrumentos*. Se a

música é a ciência das modulações, da medida, concebe-se que ela comande a ordem do cosmo, humana e instrumental. Ela é a arte de se atingir a perfeição divina.

Jean Chevalier e Alain Gheerbrant.
Dicionário de símbolos.

E então, Maestro, nossa parceria também musical está de volta?

De: Hermes <hermes@caduceu.com.br
Para: Janaína <janaína@estrela.com.br
Assunto: Música



Do que tudo indica, é bastante útil mudar do conceito de estrutura para o de ritmo, para obtermos uma descrição coerente da realidade, capaz de integrar as verdades mais recentes da física e das ciências da vida. Em todo universo há padrões rítmicos, dos minúsculos aos gigantescos. Os átomos são padrões ondulatórios de probabilidades; as moléculas são estruturas vibrantes, e os organismos vivos manifestam padrões oscilatórios múltiplos e

Quanto riso e alegria existem no sabor de voltar a ouvir Janaína! A clave de sol está de volta, por isso acho que esse mito da deusa *Amaterasu*, do mesmo Japão que lhe descobriu, é a melhor maneira de celebrar o seu retorno, embora você nunca tenha saído da música brasileira.

É um encanto a parceria musical com crianças. Esse é o meu trabalho aqui na Índia. Ravi Shankar diz que não se pode aprender música hindu sem aceitar a filosofia hindu. Diz: nossa tradição nos ensina que o som é Deus. Isto significa que o som e a experiência musical são passos para a auto-realização, que eleva o ser interior à paz divina e à bem-aventurança. O mais elevado objetivo da nossa música é revelar a essência do universo, é fazer com que a música produza eco e os *ragas* representem os meios com que possa ser compreendida a própria essência.

Você que também é bióloga vai gostar disso: quando Darwin deu os primeiros passos sobre a

Amaterasu, a deusa do Sol, buscou refúgio numa caverna. Com isso, o mundo tornou-se frio e inóspito. Não havia mais luz solar e tudo parecia caos e desolação. Por isso, Izahagi, o deus Criador, amarrou seis arcos gigantes uns aos outros, criando a primeira harpa. Ele mesmo tocava lindas melodias. Encantada com elas apareceu a deslumbrante ninfa Ameno Uzume. Enfeitiçada pela música da harpa, começou a

interdependentes. Às plantas, os outros animais e os seres humanos passamos por ciclos de atividade e inatividade; todas as nossas funções fisiológicas oscilam em ritmos de várias periodicidades. Os componentes do ecossistema estão interligados por trocas cíclicas entre a matéria e a energia; as civilizações surgem e desaparecem em ciclos de evolução, e o planeta como um todo tem seus ritmos e repetições, à medida que gira ao redor do seu eixo e se desloca ao redor do sol. Desde a antiguidade se diz que a natureza da realidade está muito mais próxima da música do que da máquina, e essa afirmação foi comprovada por muitas descobertas da ciência moderna. A essência de uma melodia não está nas notas que a compõem, está nos relacionamentos entre as notas, os intervalos, as freqüências e os ritmos. Quando uma corda começa a vibrar, não ouvimos só

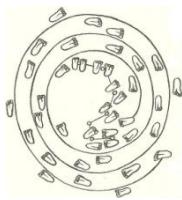
evolução da linguagem, à luz da teoria da seleção natural, sugeriu que a fala humana evoluiu a partir de uma forma musical de comunicação. A habilidade de discernir e imitar sons teria gerado uma protolínguagem tonal e rítmica, que hoje se expressa na forma da prosódia com que entoamos frases.

No princípio é a canção! Com os estudos linguísticos modernos essa hipótese foi desacreditada, mas agora respeitados neurocientistas mostraram que existe um enorme grau de sobreposição entre as regiões do cérebro usadas para processar a música e a linguagem. Como pode existir tanta sobreposição sem associação? O segredo está na gramática: notas musicais, intervalos e acordes não têm significados que possam ser traduzidos por um dicionário. A maneira com que se estruturam, porém, recebe suporte dos mesmos circuitos cerebrais que ajudam a combinar palavras em frases. Algumas pessoas com lesões cerebrais que não conseguem pronunciar frases simples repetem as mesmas frases em forma de canção. O espaço ocupado pelo sistema auditivo no cérebro é menor do que o ocupado pelo sistema visual, todavia, o neurocientista Antônio Damásio afirma que o sistema auditivo é fisicamente mais próximo das partes do cérebro que regulam a vida; essas áreas são a base para as sensações de dor, prazer, motivação e outras emoções básicas. Além disso, as vibrações físicas que resultam em sensações sonoras são uma variação no sentido do tato: elas modificam o corpo de forma direta e profunda, mais ainda do que os padrões de luz que levam à visão. A mudança dos olhos para os ouvidos coincide com a mudança dos valores masculinos para os femininos, ou seja, do conhecimento racional para a sabedoria intuitiva, da agressividade para a gentileza, do ruído para a música.

dançar e, finalmente, a cantar. Amaterasu quis ouvir melhor a música que ela ouvia à distância. Por esse motivo, ela olhou para fora da caverna e, no mesmo instante, o mundo viu-se banhado de luz. O Sol veio para ser visto e fazer sentir seu calor, e para as plantas, as flores e as árvores começarem a crescer. Os peixes e os pássaros, os outros animais e os humanos receberam a terra repleta de luz. Os deuses decidiram cultivar a música e a dança para que a deusa do Sol, Amaterasu, nunca mais precisasse retornar à caverna. Eles sabiam que fora o Sol que produzira a Vida, mas sem a música da harpa dos seis grandes arcos e sem o canto da ninfa Ameno Uzume, a deusa do Sol, Amaterasu, nunca teria ocupado seu lugar no trono

uma tonalidade; captamos também as suas subtonalidades- toda uma escala ressoa. Assim sendo, cada nota subtende todas as outras, da mesma forma como cada partícula subatômica implica todas as demais, segundo as últimas postulações da física das partículas.

Fritjof Capra.
Nada Brahma.



Ouça: há um entrelaçamento entre os seus dois talentos. Meu trabalho com as crianças parte dessa relação entre música e linguagem e a otimização da aprendizagem, mas vai mais além: quer compreender como a entoação de canções ou mantras pode acessar outras dimensões e níveis de consciência.

Sou amigo dos dois e quero o melhor para cada um de vocês. É uma ilusão perigosa querer controlar tudo na vida, especialmente a paixão. Nossa Tom Jobim já dizia: só escolhe tudo quem está confuso. Posso imaginar o seu sofrer com mais essa crise do casamento, contudo parece que desde sempre o que nos salva é a permanente criatividade. O seu amor pela música sempre foi maior do que tudo e é cantar que trará de volta sua alegria. E agora que você vai ampliar sua carreira, com viagens internacionais, não posso deixar de lembrar Villa-Lobos, que entrelaçava a música erudita e a popular, sem estabelecer hierarquias de valor nem ter preconceitos com padrões de redundâncias sonoras e sobre a especificidade da nossa contribuição cultural dizia: O gosto da elite é vertical. O gosto popular é horizontal. Mas o povo brasileiro é diagonal.

O amor é como Deus: ambos só se oferecem a seus serviços mais corajosos. Acho que o melhor é entendermos todo problema do amor como um *miraculum per gratiam Dei*, do qual em princípio ninguém entende nada. Ele é

celestial. Ela teria ficado na caverna por toda eternidade. E foi assim que o mundo começou com o som, com a música e a dança.

Joachim-Ernst Berendt
Nada Brahma: A Música e o Universo da Consciência.



De: Isadora <isadora@lua.com.br
Para: Dionísio <dionílio@máscaras.com.br
Assunto: Paixão e coragem

No avião para Sampa uma mulher me perguntou sobre a flor do baobá. Eu querendo ficar bem quietinha, recordando todos os momentos. Tive que falar dos nossos baobás, da romaria por vários bairros do Recife, em busca de suas moradias, dos rituais, emoções. Me pego falando palavras com suas entonações e sotaques. Vejo seu sorriso, seu olhar, seu olhar me olhando. Estou nutrida do seu amor, cheia de vontade de recomeçar: dança, vida, arte. Sim lutarei, sobretudo para ser honesta

A paixão é sempre provocada pela presença ou imagem de algo que me leva a reagir, geralmente de improviso. Ela é então o sinal de que eu vivo na dependência do Outro. Um ser auto-suficiente não teria paixões. Não existe paixão, no

sempre obra do destino, cujas raízes mais profundas nunca conseguimos desenterrar. Nunca nos devemos deixar confundir pelas ações de Deus. A sublime irracionalidade ou a irracional sublimidade desse acontecimento deve servir-nos apenas para a admiração filosófica. É difícil pensar que este rico mundo seja pobre demais para poder oferecer um objeto ao amor de uma pessoa. Ele oferece um espaço infinito para cada uma. É muito mais a incapacidade de amar que

rouba das pessoas as oportunidades. Este mundo é vazio apenas para aquele que não quer direcionar sua libido às coisas e às pessoas, tornando-as vivas e belas para si mesmo. O problema do amor faz parte dos grandes sofrimentos da humanidade, e ninguém deveria envergonhar-se do fato de ter de pagar seu tributo a ele. Uma pessoa que ama pode segurar uma situação contra qualquer poder superior, contra a morte e o demônio, e com

comigo mesma, para conseguir minha independência financeira, familiar, para ser coerente com o que acredito. Quero viver tudo que pudermos. Essa é minha oração. Se a palavra teoria significa preparação do espetáculo, especificamente de teatro, acho que vou aproveitar essa longa espera para ensaiar as próximas cenas de nossa arte erótica. Recordo nossa conversa de que é preciso superar o excesso de espontaneísmo e sair da pretensão de que já nascemos sabendo tudo sobre sexo. Nesse tema todos somos leigos. Uma arte erótica passa por uma técnica, uma fisiologia do prazer. É necessário que cada um prepare e experimente o próprio corpo, saiba o que lhe dá prazer e como, para dizer e fazer com o outro. Mas também precisamos buscar as tradições orientais e ocidentais, particularmente as gregas, as escolas de Safo e Platão devem dizer algo. Acho que devemos incluir as neurociências, para dialogar com o entendimento dos fluxos de energia sutil, da fisiologia *kundalini*, do tantra e do tao. Será que aguento tanta espera?

Uma das delícias do mundo é a entrega, o abandono, a malemolência. Jogar conversa fora, gemer de prazer, mangar de si mesmo e dos outros são algumas das melhores coisas do mundo! Estou aprendendo. Sinto saudades da nossa invenção de personagens, das nossas risadagens, sacanagens, vagabundagens.

Da janela do meu quarto vejo a jabuticabeira florindo. Queria seu cheiro agora! A internet poderia inventar um sistema de cheiros, essas "inventonices" eles não fazem, só aumentam preços. O afeto de cada momento. Ainda estou rindo com seu telefonema, a explicação é ótima: o beijo pernambucano é duplo porque o cabra pode estar distraído, mas no segundo, atento, vai com tudo!

sentido mais amplo, senão onde houver mobilidade, imperfeição ontológica. Se assim for, a paixão é um dado do mundo sublunar e da existência humana. Devemos contar com as paixões. Devemos até aprender a tirar proveito delas. Esses movimentos da alma são um dado da natureza humana e não se trata de extirpá-los nem condená-los. Uma pessoa não escolhe as paixões. Ela não é, então, responsável por elas, mas somente pelo modo como faz com que elas se submetam

à sua ação. Sem as paixões, também não haveria uma escala de valores éticos. Sem as paixões, ou antes, sem a possibilidade que nós temos de desá-las. Pois as paixões e as ações são movimentos e, como tais, contínuas, isto é, grandezas que podem ser divididas sempre em partes menores e em graus menores, de tal forma que, quando ajo, me é sempre possível fixar a intensidade passional exata

total convicção criar estabilidade no caos. Assim também a solução do problema do amor exige o empenho do ser inteiro, até seus limites. As soluções libertadoras só existem quando o esforço é integral. Todo resto é coisa malfeita e inútil. O amor só revela seus maiores segredos e milagres àquele capaz de uma doação incondicional e fidelidade de sentimentos. Como este esforço é muito grande, só alguns poucos mortais podem vangloriar-se de tê-lo realizado.

C.G. Jung
Sobre o Amor



A bunda, que engracada. Está sempre sorrindo, nunca é trágica. Não lhe importa o que vai pela frente do corpo. A bunda basta-se. Existe algo mais? Talvez os seios. Ora – murmura a bunda – esses garotos ainda

Não quero que se preocupe comigo, mas vou precisar lhe ver. São Paulo me irrita e fascina. Agora, apaixonada, vejo-a diferente, está mais atraente. Venha na primavera! Desejo lhe ver de novo, sem esperar que não pese o efêmero, porque sei, vai pesar. Dor por dor, prefiro a de lhe ver uma vez mais e, depois, você parte de vez. A possibilidade de a vida nos afastar me aterroriza e aperta meu coração como jibóia. Você tem medo?

Logo que cheguei procurei uma vidente. Sem saber de nada da minha fantasia carnavalesca de Ísis, ela disse que vivemos um amor em um passado distante, no Egito, você como sacerdote e eu como sua *vesta*, sacerdotisa do fogo sagrado. Nunca tinha ouvido essa palavra. Foi um amor muito forte e ficou mal resolvido, mas não será nessa vida que vamos resolvê-lo. Mesmo assim, ainda gostaria de lhe ver algum dia, o mais breve possível, porque você sabe a paixão pede, exige, é difícil tentar esquecer agora, sufocar sentimentos, transferir afetos. Depois de encarnados no Egito, Sampa e Recife, depois do mergulho no *Lete*: as águas do esquecimento, se tudo não se resolver nessa vida, vamos combinar: em outra encarnação, no próximo encontro, a chave pra recordar é baobá!

Rever nossas fotos faz a jibóia circular meu corpo inteiro, ai que vontade de *jiboiarte*! Não se preocupe comigo, vem, vamos viver esse amor contingente nessa vida, a vida quer! Vem me beijar, abraçar, na rede balangar, dizer sua cor preferida, filmes, poesias, medos, fantasias. Nunca fique com medo de me machucar. Fico pensando: será possível vivermos nossa paixão e você voltar inteiro para Janaína? Porque ela é sua metade-inteireza, nessa vida. Se isso for possível venha me ver sem medo, de mim eu cuido.

A vidente disse ainda que não devemos ficar trocando e-mails nem telefonemas, que tudo isso provocará uma grande dor para muita gente. Não

apropriada à situação. Sem dúvida, esta escala passional é limitada. Há um grau além do qual nenhum ser humano pode suportar uma emoção e um grau de apatia abaixo do qual não há como descer. Tomemos os personagens mais notáveis de Dostoievski ou de Proust.

Eles convidam-nos mais a traçar um *diagnóstico* do que uma *qualificação ética*. Não inspiram temor ou piedade, mas antes curiosidade de decifrar uma conduta que, em grande parte, são incapazes de controlar. Ora, a paixão só tinha sentido pelo modo de reagir que a ela imputávamos e pelo controle a ela imposto. No

momento em que o herói perde essa liberdade, não passa de um cliente em potencial para um terapeuta. Assim, atenuase a paixão – essa passividade que não excluía responsabilidade. A exigência de normalidade continua muito grande – mas a infração da norma é imputada à doença e não a uma vontade má. Essa

lhes falta muito que estudar.
A bunda são duas luas
gêmeas em rotundo meneio.
Anda por si na cadênci
mimosa, no milagre de ser
duas em uma, plenamente. A
bunda se diverte por conta
própria. E ama. Na cama
agitá-se. Montanhas
avolumam-se, descem.
Ondas batendo numa praia
infinita. Lá vai sorrindo a
bunda. Vai feliz na carícia
de ser e balançar. Esferas
harmoniosas sobre o caos.
A bunda é a bunda,
redonda.

Carlos Drummond de Andrade.
O amor natural.



Essa passagem do
particular ao geral, de uma
felicidade simples a uma
espécie de bem-estar
cósmico, é muito sensível
naquilo que, por excelência,
é o regozijo das espécies
vivas: a sexualidade. No
caso do prazer sexual, e na
alegria dele indiscernível,
torna-se manifesto - embora

sei o que pensar, devo "obedecê-la," por medo? E se
tudo isso for uma farsa? O que fazer com meu
amor, meu carinho, minha vontade de lhe ver e
viver mais alguns momentos juntos? Vontade de
mandar todas as crenças pro ar. Mas se tudo isso
trouxe muitos tormentos, para nossas vidas,
também não quero.

São os *Tribalistas*, que dão continuidade à nossa
trilha sonora:

*Procuro nas coisas vagas ciência/Eu move dezenas
de músculos para sorrir/Nos poros a contrair, nas
pétalas do jasmim/Com a brisa que vem roçar, da
outra margem do mar/Procuro na paisagem
cadênci/Os átomos coreografam a grama do
chão/Na pele braille pra ler na superfície de
mim/Milímetros de prazer, quilômetros de
paixão/Vem pra esse mundo, Deus quer nascer/Há
algo invisível e encantado entre eu e você/E a alma
aproveita pra ser a matéria e viver.*

Que os deuses nos protejam! À vida então. Beijo
por todos os poros e cantos.



De: Dionísio <dionísio@máscaras.com.br>
Para: Isadora <isadora@lua.com.br>
Assunto: Paixão e poesia

No avião a sua conversa sobre o baobá. No mesmo
momento paro à beira-mar pra escrever esse
poema, lembrando nosso namoro e o diálogo
entre humanos, outros animais e vegetais:

Jibóia, penso, contemplando o baobá/Vou me
enroscar de vez/Mas tenho que arranjar mais
três/Pra emendar/E haja arrochar/Tô nem aí,
mangando, o baobá / Porém, comecei a
gostar/Tenho mais de mil anos/E nunca ninguém
assim me abraçou/Sussurrou em meu ouvido: te

transformação é
característica de uma atitude
permissiva? Seria um engano
assim o crer, pois uma moral
austera pode perfeitamente
contentar-se com essa tese de
irresponsabilidade do
apaixonado.

Gérard Lebrun
Os Sentidos da Paixão



A única liberdade possível se
realiza através do
conhecimento das próprias
paixões, nos diz Espinosa.
Se nas línguas românicas (e não
apenas nelas) o termo que
significa amor provém de uma
raiz indo-europeia que
apontava a relação fundadora
entre mãe, filho e mamá, e em
última instância consistia em

esta observação valha para toda forma de regozijo, ainda que talvez em grau menor - que o prazer não se esgota no benefício que dele retiram seus protagonistas, nem mesmo seu único herói, em se tratando de prazer solitário. O prazer sexual

sempre revela uma

defasagem notável entre o prazer esperado e o prazer obtido; defasagem inscrita, aliás, na linguagem corrente que declara de bom grado e justamente, que o prazer sexual transporta, quer

dizer, efetua um

“transporte”, um deslocamento. Ao gozo esperado se substitui um gozo não somente mais intenso, mas também e sobretudo, de outra ordem; pois não é mais um certo corpo que aparece então como fonte de gozo, e sim, indistintamente, todos os corpos, e mesmo o fato da existência em geral,

subitamente sentida como universalmente desejável. O que se realiza no momento do orgasmo pode ser descrito como uma passagem do singular ao

amo tempo/Fogosas balangam nos meus braços/Deslizam por todo meu corpo/Inventam o paraíso/Fazem de mim gato e macaco/Esse baobá é mesmo um safado/Já tá todo arrepiado/Nele se esfregaram muitos namorados/E até choraram emocionados/Mas o que ele não sabia/É o leito que seria/Pra orgia de jibóias.

No quintal chupei as primeiras jabuticabas dessa safra, sem saber que o seu pé está florindo.

Sobre a conversa da vidente, minha querida *vesta*, doce escorpiã, tenho que ser um peixe elétrico para nadar e pular de seu aquário, circo, cerco, de fogo! Esse perigoso aracnídeo, seu signo no zodíaco, dá a sua forma a um dos mais antigos hieróglifos e o seu nome a um dos soberanos pré-dinásticos: *Rei Escorpião*. Agora vem o melhor: a sua imagem termina com a cabeça de *Ísis* e é encontrada sobre certos cetros de faraós.

Nem baques de passado, nem ataques de futuro, só toques de presente. Se o acaso pôde atravessar o espaço-tempo e marcar o nosso encontro em Pernambuco, por que não poderia no giro espiral celebrar nosso carnaval, em qualquer lugar e tempo, se já sabemos um do outro?

Chegarei em plena primavera, mesmo que não resolva demandas reencarnatórias. Nossa paixão está repleta de sinais, de coincidências significativas, de sincronicidades. Também tenho medo, mas a paixão enfrenta qualquer coisa mal-assombrada!

Para recordar nossos momentos mais íntimos, leio e releio a dedicatória no livro que você me deu: *O Amor Natural*. Do poema que você incorporou, no lado solar da narrativa, retribuo esse fragmento, do verso e do reverso de Drummond:

O mimo e o milagre de ser duas em uma, plenamente. A bunda, que engracada, está sempre

um monossílabo formado basicamente por um *m* mais vocal, que expressaria, de forma onomatopáica, o fato mesmo de aprisionar a mama; nas línguas germânicas os termos que expressam a idéia de amor, *love*, em inglês, *liebe*, em alemão, estão ligados ao *L*, todos provenientes de um monossílabo formado basicamente por esse som (completado por uma vogal), que requer, para se articular, um gesto análogo ao que efetuamos ao lamber. A raiz indo-europeia relevante aqui é *leubh*: amar, desejar.

Daí provém uma numerosa descendência: em sânscrito *lobháyati*, desejar; em grego *lupto*, desejar vivamente; em anglo-saxão *lupo*, amor; em latim, o verbo *libet*, que significa compraz, agrada, encanta, e *libido*, ânsia, desejo intenso. É J.M. Coetzee quem diz: “para poder remontar eticamente as águas até o presente e identificar que velhos sentidos continuam reverberando na linguagem atual, primeiro deveríamos aprender a escrever palavras supostamente reprimidas. A tarefa do narrador seria, desse modo, a de desmontar, a partir do próprio coração do idioma,

geral, passagem da busca de um prazer particular para obtenção de um gozo, se não universal, pelo menos sentido como tal. Pois o prazer sexual, exatamente como o prazer estético e como, aliás, o prazer tido com qualquer coisa, implica o pensamento de uma pretensão legítima a um reconhecimento universal, mesmo se essa unanimidade não tenha qualquer chance de um dia se realizar concretamente.

Clément Rosset
Alegria: A Força Maior.



Pensando nas relações entre poesia e linguagem, entre paixão, poesia e linguagem, formulei a coisa de que a poesia seria uma manifestação, sobretudo, de paixão pela linguagem, por causa do próprio caráter substantivo da poesia. Um poema não é como um conto, não é como um romance. Um conto, um romance, são transparentes, deixam o olhar passar até o sentido. Não poesia, não. O olhar não passa, o olhar para nas palavras. Um

sorrindo, nunca é trágica. A bunda basta-se!

A espera é uma forma de paciência, confiança, esperança. Além de todo prazer, tento me convencer de que antes de você aparecer o universo já existia e continua. Não quis lhe devorar, só comer. Você é quem quase me mata, de prazer. Ainda ressoa em meus ouvidos: é música seu gozo. Vamos sensualizar o viver. Ensaie e aguarde. Arte erótica, a nossa *jiboia*: excitação sem ápice, relaxamento na planície, corpos encaixam, em concha.

Veja o que diz o filósofo Georg Simmel:

Uma natureza erótica é, em todo caso, uma natureza que a cada instante sabe com que objetivo vive, ainda que o objetivo em questão não se realize. A natureza erótica é, de fato, erótica mesmo quando não ama ninguém, do mesmo modo que é forte o homem forte, mesmo quando nenhuma tarefa lhe é atribuída.

Sim, você está certa, há pistas de uma arte erótica no Ocidente, na Grécia, principalmente nos fragmentos de Safo:

Que te recorde deixa-me ainda, a última, uma vez mais, algumas horas belas, entre tantas, tecidas guirlandas, fino fio, lado a lado, rosas, violetas, açafrão, uma flor em teu cabelo pétalas, corolas, colares, fragrâncias, teu delicado colo, essências de ervas raras, sobre a pele a pele, o leito onde o desejo totalmente saciavas. Egeu, Eresos, Mitilene, Lesbos, míngua selene, plêiades declinam, Calíope, Hermes, Deméter, salva-me Afrodite! Nus, nas tenras flores da relva, os delicados pés pousam: dança, teatro, poesia sente-se unge, urde, indomável serpente cingem-nos: tornozelos, pernas, joelhos, ânfora, uva, figo, amêndoas, romã, a ti o feitiço desse

os mitos sobre os quais repousa toda a cultura".

Yvonne Bordelais
Etimologia das Paixões.

Velas, músicas, flores e vinho – todos sabemos que são coisas de romance, sexo e amor. Mas velas, flores, música e vinho também são elementos do ritual religioso, de nossos rituais mais sagrados. Por que há essa conformidade extraordinária, embora raramente percebida? É simplesmente por acaso que paixão seja a palavra que usamos tanto para experiências sexuais quanto místicas?

Ou há aqui uma conexão, de certa forma ignorada, mas ainda assim poderosa? É possível que o anseio de tantas mulheres e homens por sexo como algo belo e mágico seja nosso impulso há muito reprimido em relação a uma maneira mais espiritual, e ao mesmo tempo mais intensamente apaixonada, de expressar o sexo e o amor?

Riane Eisler
O Prazer Sagrado

Tristão e Isolda é a matriz das histórias de amor em que os apaixonados se amam loucamente e morrem de amar, contra tudo e todos, contra o mundo. Denis de Rougemont

romancista, um romancista típico, um ficcionista, pra ele, a palavra não é o valor fundamental, sua música, sua forma, suas relações com outras palavras não é essencial. O essencial é a escrita que ele está contando. Grandes ficcionistas não se pode dizer que foram grandes escritores, por exemplo, Balzac. Ele era um grande romancista, mas você não pode dizer que era um grande escritor, não um grande escritor no sentido de, por exemplo, um Flaubert, um grande escritor, como Joyce é um grande escritor ou Beckett é um grande escritor, porque não está preocupado com os valores da palavra, ele está preocupado apenas em eriar uma janela, uma transparência através da qual você visse o enredo correndo. A atividade poética é uma coisa voltada para a palavra enquanto materialidade, a palavra enquanto uma coisa do mundo. O poeta é, na sua óbvia paixão pela linguagem, porque um poema propriamente não tem um significado, ele é o próprio significado.

canto teço, fugaz amiga, amante, irmã. Queimo. Desejo, anseio flutua, a cabeça arde-me medusa, Crisaor, Pégaso, Polímnio, outra vez Terpsícore dança, agita-me o tecelão de mitos: Eros, filho de Afrodite, o deus da astúcia, aquele que tece a palavra. Como escolher? Sou um. E os desejos.

Os homens têm o ginásio, o simpósio e outros espaços públicos da cidade para praticar um elaborado ritual de corte. Escritores do sexo masculino, que idealizam o amor por meninos, descrevem o desejo entre mulheres como horrendo, imoral, contrário à natureza ou simplesmente nojento. O homoerotismo feminino permaneceu uma prática não nomeada por todo mundo clássico. Contudo, em uma época anterior à cidade clássica, por volta do começo do século VI a.C., na ilha de Lesbos, Safo escreveu poemas de amor, grande parte dedicado às mulheres. Mesmo depois de Safo, a poesia masculina amorosa nunca atingiu na Grécia o profundo. Nos primórdios, somente a mulher é entrega total alma, maleável amor, lâmina e mel. As meninas eram educadas para se conceberem mulheres e saberem discernir parceiros desejáveis, apetecíveis, que pudessem fazer uma mulher feliz. Revelar-se: a inebriante beleza do corpo querer. Refletir, repetir Narciso: passagem e permanente escolher. É preciso extasiar-se com a magia do mundo sensível e despertar pelo amor a volúpia, a fantasia.

Isadora, de todas as artes, jogos, eu digo: o que há de mais belo é ser amada por quem aspira o coração suspira.

viu nesse grande mito europeu do adultério o próprio nascimento da paixão no Ocidente. O romance data do século XII, quando nos aparece sob a forma de várias versões escritas, possíveis manipulações artísticas de um hipotético texto original do qual nunca se encontrou rastro. Um aforismo de Nietzsche contém uma constelação onde a polarização paixão/casamento é harmonizada pelo brilho de outra estrela: a amizade. *O casamento foi inventado para os seres humanos medianos, que não são aptos nem para o grande amor nem para a grande amizade, portanto a maioria. Mas também para aqueles, raríssimos que são aptos tanto para o grande amor quanto para a grande amizade.* Durante muito tempo, de uma maneira que remonta às mais antigas relações entre a ideia de amor e a de casamento, o princípio da paixão se opõe ao do matrimônio, como a da estabilidade da órbita dos planetas se opõe ao desgarramento e à ruptura. Os teólogos da Igreja chegaram a dizer que o marido ardente, que se comporta com sua esposa como amante, trai o próprio princípio do casamento desde dentro, constituindo-se numa estranha forma de adúltero.

Paulo Leminski.
Poesia: a paixão da linguagem

José Miguel Wisnik.
A paixão dionisíaca em Tristão e Isolda

De: Isadora <isadora@lua.com.br>
Para: Dionísio <dionísio@máscaras.com.br>
Assunto: Duncan dança

Para incorporar a dança na arte universal de Wagner, sua mulher, Cosima, convidou Isadora Duncan e deu-lhe carta branca para o bailado em Bayreuth.

Depois da exibição das Três Graças da Bacanal de *Tannhäuser*, em 1904, Isadora apavorou a patrona anunciando-lhe que a ideia de teatro musical não passava de um disparate. “O homem deve falar primeiro e só depois dançar”, explicou à perturbada Cosima, “e o discurso corresponde ao homem cerebral, ao homem pensante. O canto é emoção.

“A dança é o êxtase dionisíaco que nos transporta para longe. É impossível misturá-los, seja de que maneira for.” À dança, por vezes denominada a arte original, é também a arte universal, pois o humano a traz sempre consigo. As mais antigas pinturas em túmulos egípcios mostram pessoas a dançarem e, como vimos, o teatro grego, do qual derivou o ocidental, começou com a comunidade reunindo-se na orquestra: local onde se dançava. Apesar da sua antiguidade, a dança, ao contrário da arquitetura, da escultura e da literatura, deixou-nos escassos testemunhos. Não tendo sido eficazmente

Para um pernambucano e uma paulistana, há excessivos Egitos e Grécias. A dança é nosso código, elo, eco, encontro. Falando nisso, aqui está uma noite linda, límpida, de lua azul. Antes de lhe escrever dançei tambor de crioula.

Lembro-me da sua pergunta: nomes são gratuitos? Isadora: a díade de Ísis só descobri depois. O meu veio de minha xará Duncan, a pioneira da dança moderna. Foi meu pai quem deu. Talvez pressentisse a tragédia que estava por vir: sua morte, fulminada pelo raios.

Você já me disse que não tenho muitas alternativas: diante da tragédia só quem nos salva é o teatro e a dança, atributos dionisíacos.

Isadora perdeu os dois filhos afogados, no rio Sena. Seu pai morreu afogado no mar. Amigo de Maiakovski, o também poeta russo, Sierguêi Lessiênnin, com quem ela se casou, suicidou-se. Ela própria morreu estrangulada pela sua echarpe, que ficou presa à roda do automóvel, quando passeava pelas ruas de Paris, em 1927.

Dançarina, aventureira, revolucionária, feminista, ardente espírito poético, Isadora Duncan nasceu em São Francisco, na Califórnia, em 27 de maio de 1877. Alguns fragmentos de sua autobiografia:

Na infância, não tive brinquedos ou brincadeira de criança. Muitas vezes fugia sozinha para as florestas ou à praia junto do mar, e lá dançava. Sentia que meus sapatos e roupas apenas me estorvavam. Meus sapatos pesados eram como correntes; minhas roupas eram minha prisão. Por isso, eu tirava tudo. E sem olhos me espiando, inteiramente só, eu dançava nua diante do mar. E parecia-me que o



Em uma instância, no entanto, um poeta trágico chegou muito perto de fornecer um resumo explícito da visão trágica da vida. *As Bacantes* de Eurípides permanece especialmente próxima das origens não mais discerníveis do antigo sentimento trágico.

Ao final da peça, Dionísio condena Cadmo, sua casa real, e a cidade inteira de Tebas a uma ruína selvagem. Cadmo protesta: a sentença é demasiado dura. É completamente desproporcional à culpa daqueles que falharam em reconhecer ou que insultaram o deus. Dionísio se evade da questão. Ele repete petulantemente que foi

documentada ou imortalizada, a dança dos antigos – “o êxtase dionisíaco” – não faz parte da nossa herança palpável. Temos de procurar pistas das suas características na pintura e em outras artes visuais. A dança foi, por isso, a última forma de arte a adquirir um identidade independente.

Daniel J. Boorstin
Os Criadores



Ele olhou para mim com as pálpebras abaixadas, os olhos brilhantes, e então, com a mesma expressão que tinha diante de suas obras, se aproximou de mim. Correu as mãos pelo meu pescoço, pelo busto, deu umas batidas nos meus braços e correu-me as mãos

mar e todas as árvores dançavam comigo. Os meus temas inspiram-se na contemplação da natureza: onda, nuvem, vento, árvore. Desde o início apenas dancei minha vida. Não sou uma dançarina. Estou interessada em encontrar e expressar uma nova forma de vida. Eu vim para trazer um renascimento da religião através da dança, para revelar a beleza e santidade do corpo humano, pela expressão dos seus movimentos. Minha alma era um campo de batalha onde Apolo, Dionísio, Cristo, Nietzsche e Wagner disputavam terreno uns aos outros.

A tragédia grega, dizia Nietzsche, tinha como objeto único a paixão de Dionísio. Prometeu ou Édipo seriam suas máscaras sucessivas. A mesma divindade se esconde e transparece na vida de Isadora. Durante a guerra de 1914, sua escola em Paris foi transformada em hospital militar, disse, percorrendo a casa:

Compreendi que Dionísio havia sido completamente vencido. Era o reino de Cristo, após a crucificação.

Quando voltou para a América do Norte criou o *Dionysion*, cuja primeira montagem seria Édipo. Isadora foi profundamente influenciada por Nietzsche, para quem o sentido da tragédia grega é a unidade fundamental de tudo que existe. O individualismo é a origem do sofrimento desnecessário. A arte é a experiência e a promessa de uma unidade restaurada. A música e a dança não são a imagem do mundo das aparências, mas do querer primordial que é a fonte de toda realidade e de sua superação: a música e a dança são a visão simbólica da paixão de Dionísio, o deus do corpo: retalhado e espalhado por toda Terra, cuja ressurreição anuncia as festas da primavera. Isadora dedicou-se inteiramente ao renascimento desse *espírito dionisíaco*. Não é difícil imaginar sua emoção ouvindo *Zarathustra*, em uma página que

imensamente afrontado; então afirma que a ruína de Tebas estava predestinada. Não adianta pedir explicação ou perdão racional. As coisas são como são, desapiedadas e absurdas. Somos punidos excessivamente por nossa culpa. É uma percepção dura da vida humana. Ainda assim, no excesso mesmo do seu sofrimento encontra-se o clamor do humano por dignidade. Destituído de poder e alquebrado, um mendigo cego perambula às margens da Cidade; ele assume uma nova grandeza. O homem se enobrece com a maldade vingadora ou a injustiça dos deuses. Isso não o torna inocente, mas consagra-o como se tivesse passado pela chama.

Desse modo, nos momentos finais da grande tragédia, seja ela grega, shakespeariana ou neoclássica, há uma fusão de dor e êxtase, de lamento pela queda do humano e de regozijo pela ressurreição de seu espírito. Nenhuma outra forma poética realiza esse efeito misterioso; ela faz de *Édipo*, *Rei Lear*, *Fedra*, os mais nobres ainda que forjados pela mente.

George Steiner
A morte da tragédia

pelos quadris e pelas pernas e pés nus. Começou a massagear todo meu corpo, como se estivesse amassando argila, e ao fazer isso emanava dele um calor que me queimava e me dissolvia. Meu desejo era ceder a ele todo meu ser, e na verdade eu teria feito isso não fosse o fato de a minha absurda educação me ter me deixado

amedrontada; então eu recusei, joguei o vestido sobre a túnica e o despeachei aturdida. Que pena! Quantas vezes lamentei essa compreensão equivocada do que me fez perder a chance divina de dar a minha virgindade ao Grande

Pão, o poderoso Rodin.

Certamente isso teria enriquecido a Arte e toda a Vida!

Isadora Duncan.

Isadora: uma vida sensacional



resume sua concepção da vida e da dança:

Há sempre um pouco de loucura no amor. Mas há sempre um pouco de razão na loucura. E para mim também, para mim que estou destinado à vida, as borboletas e as bolhas de sabão, e tudo o que a elas se assemelham entre os homens, parecem-me ser quem melhor conhece a felicidade. Quando vê esvoaçar essas almas pequenas, leves e maleáveis, graciosas e brincalhonas, Zaratustra tem vontade de chorar e cantar. Eu só poderia acreditar em um Deus que soubesse dançar. Aprendi a andar; desde então, deixo-me correr. Aprendi a voar, desde então não preciso mais que me empurrem para mudar de lugar. Agora sou leve, agora voo. Agora um deus dança em mim.

Os gregos são os modelos estéticos de Isadora. Modelava seus gestos a partir dos vasos gregos, das esculturas, copiados nos museus, por seu irmão. Seu movimento preferido era o de jogar a nuca para trás. Este pode ser visto em cenas do rito dionisíaco, em toda arte grega: é o movimento de transe que proclama ter sido o corpo possuído por uma inspiração sobre-humana. Ela dizia: a dança é o resultado de um movimento interior.

Não se pode dizer que desenvolveu uma técnica, talvez um conjunto de sugestões. No sentido de uma técnica transmissível, a dança moderna começa com Ruth Saint-Denis.

Nunca tinha lido algo de Drummond sobre dança, olhe esse:

Descobri que a vida é bailarina e que nenhum ponto inerte anula o viravoltar das coisas.

Amo a tragédia porque ela é bela. A única comédia que vale a pena é aquela que contém beleza. A obra cômica, se realizada com vida, pode ser tão grandiosa quanto uma tragédia grega. Arte é um sentimento difícil de ser definido. O seu tema, por mais importante e grandioso que seja, pode ser simplificado ao ponto de ser compreensível por todas as pessoas. É aí, então, que a Arte atinge a sua forma mais sublime. A Arte consiste em saber ocultar o artifício. A Arte é uma emoção adicional justaposta a uma técnica apurada.

José Geraldo Simões.
O pensamento vivo de Chaplin.





Sabe-se que o dançarino evolui num espaço próprio, diferente do espaço objetivo. Não se desloca no espaço, segregá, cria o espaço com o seu movimento. O que pouco difere do que se passa no teatro ou outros palcos. O ator transforma também o espaço da cena; o esportista prolonga o espaço que rodeia a sua pele, tecê com barras, tapetes, ou simplesmente com o solo que pisa, relações de conveniência tão íntimas como as que têm com o seu corpo. Do mesmo modo, o atirador de arco e flecha e o seu alvo *zen* são um só. Em todos os casos surge um novo espaço: chamar-lhe-emos *espaço do corpo*.

Que seja perdido o dia em que não se dançou uma única vez! Que seja falsa para nós cada verdade perto da qual não tenha havido pelo menos uma gargalhada.

Esboço uma peça de teatro, com outro triângulo amoroso: Rilke-Lou Salomé-Nietzsche, o título: *Assim Zarathustra Conversa*. O que acha?

Para velhos e meninos, receita pra virar homem, passando pelo lobisomem: de onde a gente parou em diante, começo a elaborar melhor a teoria e a técnica de uma arte erótica: a nossa *jiboiarte*. Imagino-a em 5 movimentos: *água, cama, terra, ar e jiboiar*. O fogo erótico atravessa todos os movimentos.

O *primeiro movimento*: é surfar, só com o corpo, na crista da onda, pegar jacaré no quebra-mar. Essa é uma boa maneira de driblar a gravidade, fazer movimentos em várias direções, sem muito esforço. Quem não tem praia faz na piscina, mas precisa ter onda. Vou bem cedinho até Boa Viagem e disputo espaço, à tapa, com os tubas, só para você saber como seu amado é corajoso.

O *segundo movimento* é na cama. O nome do filme é na cama ainda sem madona. É uma etapa intermediária entre a água e a terra, por causa da maciez e conforto do colchão. São espreguiçamentos, sensualidades felinas, enroscar e desenroscar, movimentos serpentinos, peristálticos: aqueles em que a musculatura de órgãos ocos enviam adiante, em ondas, o seu conteúdo. Aqui se conjugam, de forma recorrente, entre extremos, com pausas: excitação erótica máxima e mínima, contrações e relaxamentos, respirações rápidas e lentas, profundas. Contorções serpentinas.



Estou diante da delicada tarefa de propor um ritual tântrico para nós, ocidentais, um ritual que seja ao mesmo tempo autêntico, adaptado ao nosso estilo de vida e que respeite nossas convicções, especialmente religiosas. Quanto a este último ponto, não há problema, pois o tantra é um culto, não é uma religião, é um ritual, não uma missa pagã, por ser precisamente a repetição de atos *significativos* destinados a nos libertar da rotina cotidiana, para ter acesso às realidades supremas em nós. No corpo se fazem presentes as energias supremas de *Shiva/Shakti* que penetram em tudo que existe. Na realidade, o corpo é um vasto reservatório de poderes: *Shakti!* A finalidade do ritual tântrico é despertar essas energias para que elas atinjam

Espaço paradoxal: diferente do espaço objetivo, não está separado dele. Pelo

contrário, imbrica-se nele totalmente, a ponto de já não ser possível distingui-lo desse espaço: a cena transfigurada do ator não é espaço objetivo? E, todavia, é investida de afetos e de forças novas, os objetos que a ocupam ganham valores emocionais diferentes seguindo os corpos dos atores. Embora invisíveis, o espaço, o ar adquirem texturas diversas.

Tornam-se densos ou tênuas, tonificantes ou irrespiráveis. Como se recobrissem as coisas com um involucro semelhante à pele: o espaço do corpo é a pele que se prolonga no espaço, a pele tornada espaço. Daí a extrema proximidade das coisas e do corpo. O espaço do corpo não é apenas produzido pelos esportistas ou os artistas que utilizam o seu corpo. É uma realidade muito geral, presente por

Se o colchão for grande bota-se no chão e dâ-se cambalhotas ou a mais exata e maravilhosa palavra: bundacanástica.

É importante dizer que durante todas essas etapas e movimentos é vital fazer circular o fogo: a energia erótica em alta voltagem! A água ferve, o fluxo do prazer faz o corpo ousar movimentos mais audaciosos, pela segurança e garantia que nos dá o prazer de que não há perigo de se fazer gestos torpes, que possam nos machucar. Desobstruções de travamentos, limites, locais de dor, só devem ser tentados depois que o prazer se eleva muito, por todo corpo. Quando a dor predomina, abandonam-se, provisoriamente, esses focos, e volta-se a elevar a voltagem do prazer, em movimentos recorrentes, até ser só prazer.

Fantasia erótica todo tempo, sem orgasmo objetivo, espiralar o gozo. É claro que, mesmo sendo a fantasia erótica suficiente para o corpo ficar excitado, ele pode ser tocado, estimulado, manipulado, em suas zonas mais sensíveis, sabidas e desconhecidas. É preciso brincar, embaraçar, inverter, subverter as fases do amadurecimento sexual de Freud: *fases oral, anal e genital*. Do primitivo ao civilizado, da criança ao adulto. Essa compreensão é um equívoco de interpretação do processo evolutivo. Nada é tão linear ou escalonado assim. Zonas de maior inervação: dor e prazer com maiores intensidades, vórtices de energia, coincidem com locais dos *chakras* principais: bocas, línguas, gargantas, mamas, estômagos, genitais, ânus, continuam sendo as partes mais sensíveis do corpo. O que precisamos é fronteiras ultrapassar, estender o prazer ao máximo pelo corpo todo até o gozo polimorfo. Perverso é o controle imposto ao corpo, esse enorme interdito: pessoal, social, religioso, estatal. Ao longo de séculos a falta de autonomia; de início por medo, repressão sexual; depois, pela transferência de responsabilidade; reificação,

sua expressão completa. O corpo é a nave central da catedral tântrica. Ele não é o humilde servidor, nem trêmula carcaça; nem antítese do espírito, sede de apetites grosseiros, coisa desprezível, que melhor seria submeter e mortificar para salvar a alma. Para o tantra, o corpo é bem mais que um maravilhoso instrumento de manifestação ou uma admirável mecânica biológica. O corpo é divino. Para entender essa chave do tantra, é preciso dizer que: o corpo real é um universo de extraordinária complexidade, cuja vida secreta é totalmente desconhecida; o corpo vivenciado é uma simples imagem, um esquema, uma construção mental, único aspecto que conhecemos; o corpo é produzido e animado por uma inteligência criadora, a mesma que suscita e preserva o universo, da mais ínfima partícula subatômica à mais gigantesca das inumeráveis galáxias; o corpo abriga, em suas profundidades ocultas, potencialidades inesperadas, energias extraordinárias, cuja maioria permanece latente no humano comum, mas que a prática tântrica desperta e desenvolve. A primeira etapa

toda a parte e nasce a partir do momento em que há investimento afetivo do corpo. Apresenta-se ao “território” dos etólogos. De

fato, é a primeira prótese natural do corpo: dá-se a si próprio prolongamentos no espaço, de tal modo que se forma um novo corpo – virtual, mas pronto a atualizar-se e a deixar que gestos nele se atualizem. Consideremos o simples fato de conduzir um automóvel: se podemos passar entre dois muros sem os tocar, ou virar à esquerda sem roçar a calçada, é porque o nosso corpo desposa o espaço e os contornos do carro. De um modo geral, qualquer ferramenta e a sua manipulação precisa supõem o espaço do corpo.

José Gil
Movimento Total: O Corpo e a Dança



hierarquização ou divinização, de uma parte: a cabeça; e também a virtualização e abstração do corpo, do animal que somos. Lembra-se da pichação que vimos, no bairro de Casa Forte, quando fomos reverenciar o baobá? *Animálizemos humanos!*

do ritual tântrico consiste em meditar sobre a divindade corporal própria e da outra pessoa.

André Van Lysebeth
 Tantra: O Culto da Feminilidade

O lugar do maior experimento é o corpo! O templo mais sagrado! Delegar a outros esse poder, não autorizar-se, recusar a busca da consciência do próprio corpo é o grande escândalo! Agora é você, Isadora, toda a minha energia da luxúria!

O terceiro movimento é a terra: começa no chão, em conjunto com todos os répteis: rastejamentos, enroscamentos, automassagens, com as mãos e com o peso do próprio corpo. Particularmente a massagem nas mãos é muito importante, porque elas ocupam uma das maiores áreas motores cerebrais e, nesse sentido, por via reversa, se faz uma massagem indireta nas circunvoluções e, sem precisar abrir a cabeça, pode-se fazer um cafuné relaxante. Encontrar meios em que se utilizem, o mínimo possível, instrumentos externos. Mas também usá-los. As bolas de tênis são ótimas, para massagens nos pés, mãos e nas costas quando estamos deitados.

A palavra tem uma carga de subserviência, mas não é nada disso: humildade vem de *humos*, a camada fértil e significa literalmente: reverência à Terra. A palavra humanidade tem essa mesma etimologia. A integridade é decorrente do conhecimento de si mesmo e de um senso de reverência por toda vida. Por isso, todos esses movimentos de solo como, por exemplo, ficar de cócoras ou de joelhos, meditando durante algum tempo, aumentam a elasticidade, fortalecem os músculos e lubrificam as articulações e ainda têm a vantagem de acalmar o ser. Nossa corpo é a maior tecnologia disponível do planeta, da qual todas as outras são projeções, extensões. Não se deve lutar contra: a gravidade

Segundo a doutrina dos Tantras, o culto de *Shiva-Dionísio* e as práticas do tantrismo são as únicas vias abertas para a humanidade no *Kali Yuga: a Idade dos Conflitos* em que nos encontramos atualmente. Sem um retorno ao respeito pela natureza e à prática dos ritos erótico-mágicos, que permitem a realização do ser humano e sua harmonização com outras formas de seres, a destruição do conjunto da espécie humana não poderia tardar. Os grandes períodos da arte, da cultura, estão sempre ligados a uma renovação erótico-mística. Um instinto de sobrevivência num mundo ameaçado manifesta-se sob formas particulares, tais como a ecologia, a reabilitação da sexualidade, certas práticas de yoga e a procura de estados extáticos pelas plantas expansoras da consciência. Essas formas de experiência somente encontrarão seu

Hoje conhecemos alguns trabalhos sobre energia e vida cujos resultados validam as pesquisas de

Reich, ao menos em parte. Tomadas em conjunto, as pesquisas sobre o princípio do *orgone*, entre as quais estão as de Reich, produziram uma quantidade impressionante de dados que aparentemente confirmam que de fato existe algo como um campo

constituído por bioenergia. Isto é um grande caminho na corroboração dos conceitos de energia de ensinamentos erótico-espirituais como o taoísmo e o tantrismo. O ponto de discordância entre Reich e as tradições orientais que têm uma atitude positiva em relação

ao sexo está na supervalorização que ele atribuía ao orgasmo. Apóstolo do orgasmo total, Reich não se lembrou de levar em conta que a energia

pode ser aliada, parceira e cúmplice. Foi essa uma das descobertas da dança moderna e, antes dela, d'Africa, que com a capoeira, dribla a verticalidade, desloca o eixo em várias direções. Por isso é essencial deitar e rolar.

É importante compreender que somos também, anatomicamente, duas serpentes: a *coluna vertebral*, da cabeça ao cóccix e o *túnel digestivo*, do ânus à boca. Ao longo do processo evolutivo, essas serpentes ainda não estão completamente eretas, a verticalização ainda está incompleta. Somos um caduceu se pondo de pé! Cuidar carinhosamente do prazer e bem-estar dessas duas serpentes é saude! Não é gratuito que algo tão antigo e vital seja um símbolo de mudança, de transmutação do ser, do cuidar, curar, meditar, medicar, em várias culturas antes, e também na Grécia:

Conta-se que *Hera* e *Zeus* discutem quem goza mais. Hera diz que é o masculino e Zeus o feminino. Distraído vem *Tirésias*, que ainda não é cego, nem famoso, mas que na sua juventude, como agora, vagava pela floresta e encontrou duas serpentes copulando e resolveu separá-las. Botou seu bastão entre elas e se transformou em mulher e assim permaneceu, por vários anos. Resolveu depois voltar a ser homem e fez o mesmo. Só ele sabe quem goza mais: *a mulher, nove vezes mais do que o homem!* Pela perda do segredo, do poder, diante disso, Hera irada o cega. Para compensá-lo, na sequência, Zeus abre seu terceiro olho.

Em nossa técnica, o corpo se ergue lentamente e reprende a andar, pular, correr, sentar, dançar, verticalizar, respirar. A cada dia ficamos mais tempo sentados, por isso aprender a sentar é básico no método. Venho testando vários tipos de cadeiras e posturas. Ao contrário do que acontece na coreografia do *Café Müller*, de Pina Bausch, as cadeiras não são obstáculos para o corpo no espaço,

sentido e realização em um retorno ao dionisíaco.

Alain Daniélou
Shiva e Dioniso

A literatura tântrica diz que há dois tipos de orgasmo ou gozo. Um tipo conhecido é assim: você atinge o máximo da excitação e não consegue seguir adiante. O fim chegou. A excitação chega ao um ponto no qual ela se torna

involuntária. A energia circula intensamente dentro de você e sai. Você se sente livre dela, aliviado. Você a está usando como um calmante. Trata-se de um calmante natural. Segue-se um sono reparador. Este é um orgasmo de pico, de cume, de ápice. O Tantra, no entanto, está centrado em outro tipo de orgasmo, nele você não chega ao ápice da excitação,

mas ao profundo vale do relaxamento. A excitação não ultrapassa o ponto em que é impossível o retorno. Este é o

psíquica pode ser aproveitada para uma finalidade que ultrapassa o bem-estar corporal e psicológico. Uma coisa é ser capaz de sentir um orgasmo completo e a energia sexual fluir no próprio corpo, e outra muito diferente é dirigir para o processo espiritual aquela energia que flui livremente. No estado de êxtase o corpo sexuado não deixa de existir. Transcender não significa evaporar-se; pelo contrário, a imagem do nosso corpo se amplia para incluir todos os corpos. Transformou-se no corpo magnífico do próprio cosmo, que é o campo total da existência. Assim, a percepção espiritual é extremamente somática.

Não é um estado espiritual da existência, é a encarnação suprema.

Georg Feuerstein.
A Sexualidade Sagrada.

são instrumentos de movimento, repouso e conforto. A cadeira é a dignidade humana sentada.

O quarto movimento é o ar: fluidez, soltura, sem apegos nem apuros. Expansão, respiração, aumento máximo dos espaços corporais, geográficos, paisagísticos. Aqui é fundamental andar, andar, andar. E respirar. É porque andava muito que Nietzsche não ficou doido antes.

A revelação de Freud de que o veneno mortal é a repressão sexual, motivo de tantas neuroses, paranoias e infelicidades, já é uma contribuição enorme para a humanidade. Mas ele foi mais além: inventou a cura pela palavra e trouxe os sonhos, os mitos, a fantasia, o delírio, o desejo, a arte, o inconsciente, para o campo da ciência. Fez de Édipo um modelo para todo ser humano: a busca essencial pela origem, a necessidade e a ansiedade do autoconhecimento. Freud transformou esse mito em uma *metanarrativa* do desenvolvimento da sexualidade e da mente. Édipo resume as emoções ambivalentes e violentas do desejo entre filhos e pais que ele considerou a crise emocional básica no desenvolvimento de qualquer criança. A infância, bem longe de qualquer inocência, é a idade de ouro da experimentação sexual, sob todas as formas. Mais do que o tema do incesto, o horror da tragédia de Édipo é que não podemos escapar do passado, da vida submersa, que nos torna o que somos, e como a busca pela origem pode ser perturbadora e dolorosa. Édipo significa pés inchados. A metáfora quer dizer que alguém em busca do seu destino é manco?

O coro na peça Édipo Rei, de Sófocles, resume nosso impasse:

Ai, vocês gerações de mortais!/São aos meus olhos menos que nada/Pois quem, que homem/Teve alguma felicidade/Que não fosse apenas aparência, esvaindo-se em mera ilusão?

orgasmo de planície. No orgasmo sexual comum vocês se encontram como seres excitados, tensos, com propósitos, objetivos e tempo, tentando aliviarem-se. O orgasmo tântrico é atemporal e sem um objetivo a ser alcançado, que não seja o próprio jogo, tudo já está no próprio encontro. Os rituais são justamente para sincronizar os ritmos e “dar tempo” para vocês saírem do tempo profano, do tempo da ansiedade e dos relógios e entrarem na eternidade do instante. Quando o encontro se dá, quando os parceiros se tornam um ritmo, quando suas respirações tornam-se uma só e seu *prana* flui em um círculo, quando os egos desaparecem completamente e os corpos tornam-se um todo, quando a dualidade não está mais lá, então vocês são o próprio Eros, o Amor.

Rajneesh
Sexo e Espiritualidade

Na Índia, o pêndulo do pensamento oscila entre extremos; são extremos inumanos, o que implica atitudes inumanas e aponta para metas extra-humanas. Por um lado, encontramos uma crítica pessimista da existência em doutrinas e práticas do mais rigoroso ascetismo, nas quais o sonho da vida é considerado um pesadelo assustador, interrompido pelo despertar. A existência humana é apenas um trampolim a ser abandonado, num salto sublime para a esfera supradivina e

A escavação camada por camada, uma arqueologia da alma: a Psicanálise é um instrumento crítico poderoso, imprescindível e sutil de investigação pessoal, de culturas e civilizações. O Édipo de Freud se tornou parte essencial de como compreendemos a nós mesmos. Ele dizia que o trabalho da Psicanálise poderia ser simbolizado pela relação entre Édipo e a Esfinge: a busca trágica do autoconhecimento, a descoberta das charadas, dos enigmas da alma. Nas lendas gregas, uma esfinge devasta a região de Tebas, um monstro meio-leão, meio-mulher, que devorava aqueles que não conseguiam responder aos seus enigmas. Só pode ser vencida pelo intelecto, pela sagacidade. Está sentada sobre a rocha, símbolo da terra: adere a ela, como se estivesse presa, símbolo da ausência de elevação. Pode ter asas, mas não voa; está destinada a sumir no abismo. Ao invés de exprimir uma certeza – embora misteriosa – como a esfinge do Egito, a esfinge grega designava apenas a vaidade tirânica e destrutiva, um enigma opressor. A esfinge se apresenta no início de um destino, que é, ao mesmo tempo, mistério e necessidade.

A força de *Brahma* manifesta-se através do canal que fica do lado direito do corpo sutil, conhecido como *Pingala*. Este canal psíquico controla o fluxo de energia solar através do organismo humano. Ele é ardente, expansivo, agressivo e arrogante; quando concentrada na região do plexo solar, no *Chakra Umbilical*, a força criadora de *Brahma* procura realizar-se através do despertar de sua potencialidade intelectual. A força de *Brahma* é patriarcal, lógica e convencional.

A força de *Vishnu* manifesta-se através do canal do lado esquerdo do corpo sutil, conhecido como *Ida*. Este canal psíquico controla o fluxo de energia lunar através do organismo. Suas qualidades são a fluidez, a contração, a submissão e a modéstia; quando concentrada na região do cérebro, no *Chakra Coronário*, a força preservadora de *Vishnu* serve

para infundir profunda sabedoria intuitiva na psique ardente. *Vishnu* é matriarcal, instintiva e não-convencional.

A força de *Shiva* manifesta-se através do Canal Central do corpo sutil, conhecido como *Sushumna*. Este Canal controla a evolução espiritual. É a estrada que liga este mundo ao próximo. *Shiva* é a força penetrante da consciência pura não diferenciada. *Shiva* é a qualidade transcendental e

Gosto da continuidade de Freud dada por Reich: as couraças corporais, musculares, são zonas nas quais as repressões sexuais formam armaduras, defesas, enrijecimentos, bloqueios energéticos, dores, que impedem o prazer de circular, espiralar. Esses nodos duros de dor são palpáveis e quando tocados, massageados, podem provocar uma descarga de prazer, que se difunde por todo corpo. Reich foi ainda mais longe: o divã e a palavra não são suficientes. Inventa a cura pelo orgasmo e uma máquina para acumular essa energia, que ele chamou de *orgone*, obtida através de eletrodos conectados em parceiros no momento do orgasmo, e que serve para fazer aplicações terapêuticas, em pessoas sem parceiros ou com grandes bloqueios. O *orgone* é azul! Disse ele, tal e qual o cosmonauta russo Gagárin, ao ver do espaço

extracósmica, situada além do sortilégio e do véu do mundo. Por outro lado, no simbolismo tântrico, a mesma maya que oculta a realidade divina e autêntica e esconde o *Self* sob a miragem da personalidade individual e sob a manifestação do universo perecível é de algum modo esse *Self*, esse absoluto: puro Espírito, puro êxtase.

Maya é simplesmente o aspecto dinâmico do absoluto. Portanto, tudo, todas as coisas são uma revelação, uma manifestação, uma particularização da única e singular essência divina.

a Terra. Reich pensava, como Freud, que a repressão sexual era uma epidemia e por também ser marxista, queria que suas descobertas fizessem parte de um programa de saúde pública. Não sei se ele teve conhecimento das concepções orientais: dos chakras, os centros energéticos sutis do corpo. Talvez, em parte, pois essas teorias não consideram o orgasmo o grande objetivo. Propõem um gozo de planície, para aumentarmos a troca prazerosa entre os corpos, a consciência corporal e ficarmos mais despertos. Reich morreu na prisão, nos Estados Unidos, tratado como louco e bruxo.

Imagino nossa técnica com etapas e sequências, mas alguns movimentos podem ser simultâneos, cumulativos, como a espiral minimalista que, a cada giro, acrescenta outros gestos. O método é recordar nosso percurso filogenético, todos os animais em nós, ou algo ainda mais profundo: uma espécie de transmigração, uma metempsicose diária e rápida, em uma única vida, das várias formas de existência.

Para ilustrar, a parte filogenética, um poema, *Soltando os Bichos*:

Água/Integra em tudo moldando-se/desde o inicio buscando o mais fácil/sempre imitando vamos indo/cuidando do corpo de ossos carne e pele/em todos os outros tocamos/o preparo é auto-erotismo/consigo brincando, lento movimento/no processo evolutivo recordando a filogênese/em nós todas as espécies/a dança é soltando os bichos/o primeiro serpente serpenteando/lépida mexendo todas as vértebras/a língua e demais músculos/contorcionista/lobo gato preguiça/já quase ereto macaco/passando pelo humano amplo respiro/abro os braços aí: beija-flor borboleta águia/e você aí

extasiante da evolução. Brahma, Vishnu e Shiva juntos formam a tríade de forças que pode ser representada simplesmente por um triângulo equilátero com a força Shiva de transcendência no vértice superior: celeste, a força criadora de Brahma e preservadora de Vishnu nos outros vértices da base. Esta representação simboliza o *Linga* ou Phalus ereto e penetrante, elevando-se de uma base firme. Brahma, Vishnu e Shiva não teriam poder no mundo dos fenômenos sem as suas Shaktis, a energia e o poder Feminino, que corresponde, respectivamente, a Saraswati, Lakshmi e Kali. No triângulo invertido, a ponta de baixo corresponde a Kali: terrestre.

A união sexual do casal é a união entre a Terra e o Céu. Lakshmi está associada ao sentido do tato; Brahma, o seu par, a visão; Kali ao olfato e Shiva a mente; Vishnu ao paladar e Saraswati à audição. A primeira iniciação sexual de todos os seres ocorre durante sua saída pela *Yoni* da mãe.

Isto se dá para que nos esqueçamos das vidas passadas. Durante esta primeira iniciação, a mãe oferece o mundo inteiro a seu rebento e, em troca, retira todas as lembranças dolorosas do passado. O resultado da primeira iniciação permanece normalmente até o portal da

Isso equivale a uma santificação indiscriminada e generalizada do plano terrestre, a ponto de a ioga, com sua sublimação ascética, tornar-se desnecessária.

Henrich Zimmer
Mitos e símbolos na arte e civilização da Índia.

A dramatização excessiva dos enredos e seus conteúdos marcadamente psicológicos findaram por exaurir tanto a platéia como os criadores. Em meados dos anos 40, Merce Cunningham, solista da companhia de Martha Graham entre 1939 e 1945, afastava-se do drama e começava a trabalhar com manipulações do movimento sem compromisso com o enredo, com caracterização de personagens ou com a dramaticidade. Considerado o guru da dança pós-moderna, Cunningham propôs uma série de conceitos que vinham questionar a ideologia da dança moderna, substituindo a narrativa única pela estrutura fragmentada ou episódica; o

engurujado/não fique só olhando arregalado/aja coruja!

O quinto movimento é jiboiar: o nosso reencontro! Vamos ver se nossa paixão pode subverter o próprio padrão e inaugurar algo inédito: não ficar só dentro dos quartos, das redes, camas, pequenos espaços, orbitando em torno de nós mesmos. Esperemos que possa se espalhar por todos os cantos, inspirar outros e mesmo correndo o risco do vampirismo dos invejosos, mangar de tudo!

Vamos além de *Sherazade*, nas *Mil e Uma Noites*: narrar é mais do que adiar o morrer. É criar, compartilhar, acalmar o ser, saber esperar.

De: Isadora <isadora@lua.com.br
Para: Dionísio <dionísio@máscaras.com.br
Assunto: Duncan dança e narrativa

Meu homem, menino travesso, não pense que é inveja de quem não tem direito a praia perto, chega de fuleiragem, não entre mais no mar de Boa Viagem! Gracinha, delícia, vai ver que o tuba também quer lhe experimentar? Pule essa parte da técnica, só eu posso lhe comer. Mordo-lhe todinho, sem tirar pedaço. Garanto que é muito melhor! Enquanto escrevo, tenho dois gatos dormindo, *Miu* e *Tiquinho*, ronronantes no meu colo, aí, arrepio.

Não sei se nossa paixão vai se espalhar logo. Quero muito é praticar dentro dos quartos, em nossa caminha, pelas praias e montanhas. Primeiro nossa toça. Todo bicho precisa. Depois, *Zaratustra Conversa*. Estou curiosa para ver a peça, gosto da ideia e do título. Depois que falei com você pelo telefone, acordei hoje cantando pela casa em altos brados, nada mais, nada menos do que *My Funny Valentine*, naquela versão bem triste de Chet Baker.

morte. O esquecimento é uma bênção e cria a vida nova, mas a memória cósmica está disponível em todos os encarnados e as Chaves para recordar: as espirais do coração.

Penny Slinger e Nik Douglas. Segredos Sexuais.



O repúdio ou fascinação pela narrativa e suas convenções têm sido uma marca na história que a coreografia vem desenhando desde o surgimento da Dança Moderna no início do século. De fato, à dança pura de Isadora Duncan nos anos vinte, contrapõe-se à densa dramaticidade de Martha Graham entre os anos trinta e quarenta, que por sua vez é oposta ao que propõe a dança abstrata de Merce

uso do palco convencional italiano pelas mais inusitadas opções cênicas: topo de arranha-céus, estacionamentos, galerias de arte, praças, ringue de boxe; o processo criativo linear e pessoal pelo uso intensivo da experimentação e improvisação.

Essencialmente ele faz as seguintes afirmações: qualquer movimento pode ser material de uma dança; qualquer parte ou partes do corpo podem ser usadas; qualquer dançarino da companhia pode ser solista; a dança pode ser sobre qualquer coisa, mas é fundamentalmente e primeiramente sobre o corpo humano e seus movimentos, começando com o andar.

Eliane Rodrigues Silva
Dança e pós-modernidade

Os gestos da vida não são transpostos para movimentos de dança somente porque são animados, do interior, pela força de uma civilização e de um mundo emergente, mas também porque o artista imprime a este movimento o ritmo voluntário de sua vida, criadora e militante, em favor do advento da nossa humanização. Martha Graham, Mary Wigman e Doris Humphrey conceberam o ritmo de três modos diferentes. O ritmo fundamental para Martha Graham é o ritmo respiratório, o do primeiro ato da vida biológica. O conflito, para ela está dentro do humano. O ritmo

Talvez, pelo volume, houve protestos dos outros habitantes. Saí para rua contente, cantando todo meu repertório, feliz, por saber que você está chegando. Nem acredito: a gente se amando e dormindo juntos, enovelados, você aqui nos meus braços, seu cheiro, pele, cabelo, cabeça, coluna vertebral e beijos chupados. Fico imaginando roteiros: praias, montanhas do Gumeral, um lugar precioso que quase ninguém conhece, faz anos que não vou lá. Levar você nos vários grupos de teatro e dança. Além do currículo da Escola, estou testando outros gêneros. Sinto-me muito animada, a dança me centra.

Além de Isadora Duncan, minhas inspirações essenciais: Martha Graham, que rompe com as coreografias de uma Grécia e de um Egito fantasiosos e pesquisa elementos na cultura nativa americana, para compor sua dança; Merce Cunningham, que trabalhou com a intervenção do acaso na dança, em parceria com o músico John Cage; Maurice Béjart, que mistura gêneros e busca a dança total; e, Pina Bausch, com sua dança-teatro, uma inspiração dionisíaca.

Na Grécia, a dança e o teatro nascem juntamente com os rituais dionisíacos. A maioria das narrativas lendárias gregas situa em Creta e seus labirintos, essa origem comum e também de sua arte lírica. Homero canta:

Os deuses ensinaram a dança aos mortais, para que estes os honrassem e se alegrassem!

Para os imigrantes do Oriente Médio, Creta foi um ponto de parada precoce; fixaram-se na ilha no terceiro milênio antes de Cristo, para depois se espalharem pela Grécia continental; também a partir dali estabeleceram contatos com os colonos já estabelecidos no baixo Egito. Há um fluxo cultural e uma influência nítida dos ritos e mitos de Osíris em Dionísio. Não que eu ache que a dança

Cunningham, a partir dos anos cinqüenta, que vem de encontro ao virtuosismo de Twyla Tharp, ou à nova narrativa de Pina Bausch, a partir dos anos oitenta. A resposta dialética tem estado sempre presente.

Na dança moderna, conotações eróticas mais explícitas eram suprimidas das criações, sendo camufladas atrás de uma densa dramaticidade. Dampster chega ao conceito do corpo tal como um organismo em fluxo: o corpo pós-moderno não é uma entidade fixa nem imutável, mas uma estrutura viva que se adapta e se transforma continuamente. É um corpo disponível para muitos discursos. A dança pós-moderna desvia a atenção de qualquer imagem específica e a

dirige para o processo de construção de muitos corpos. Se a dança pós-moderna é uma escritura do corpo, ela é condicional, circunstancial e acima de tudo transitória; é uma escritura que apaga a si mesma no mesmo momento em que está sendo escrita. O corpo, e por extensão o feminino, na dança pós-moderna é instável, transitório, fugaz, leve-sujeito de muitas representações.

Eliane Rodrigues Silva
Dança e pós-modernidade

fundamental para Mary Wigman é o ritmo *emocional*, que nasce de uma paixão domada, de motivações do gesto no esforço para livrar-se de uma realidade externa sufocante. O conflito está dentro, mas em sua relação com um mundo que nos esmaga. O ritmo fundamental para Doris Humphrey é o ritmo *motor*, que se forma na relação entre o corpo e o espaço. O movimento primordial é, para ela, um esforço para resistir à gravidade, símbolo de todas as forças que ameaçam o equilíbrio do humano e sua segurança. O conflito é entre o humano e seu meio

Roger Gauraudy.
Dançar a Vida

tenha que sugerir significados. A recorrência entre movimento e alegria; a comunhão entre os seres, já são significados suficientes. Contudo, somos animais de símbolos, signos, significados, comunicação, conversa. O fascínio que sinto pela dança-teatro é pelo elo gesto-fala, gesto-palavra, corpo-texto. Esse diálogo, ritmo, deve estar na origem da linguagem. A aproximação dessas duas artes pode potencializar nossa comunicação planetária, nossa integração na diferença, harmonia de contrários, nossa consciente co-evolução. Concluo com Martha Graham:

Eu creio que a dança sempre exerceu uma atração mágica, porque ela é o símbolo do ato de viver. Eu quero mostrar que os dançarinos são o que há de mais bonito na criação divina, mas quero fazê-lo numa espécie de loucura caricatural. A origem da dança está no rito, esta aspiração de todos os tempos à imortalidade.

Sabemos que a mente, o corpo e a emoção estão inextricavelmente ligados uns aos outros. Quando estamos tristes, nossos ombros afundam, a cabeça tomba para frente, os pensamentos ficam pessimistas e sentimos que nada está dando certo em nossa vida. Quando estamos alegres, o corpo se abre, o peito se expande, a cabeça fica levantada, e de algum modo sentimos que é possível atingir tudo aquilo que desejamos.

Yoshi Oida.
O ator invisível.

De: Dionísio <dionísio@máscaras.com.br>
Para: Isadora <isadora@lua.com.br>
Assunto: Bolero, jazz, rock

Na vida real, é impossível isolar nossos hábitos mentais. Como a mente não tem uma realidade tangível, não podemos travar uma batalha com os hábitos mentais para mudar nossa maneira de pensar ou nossa visão de mundo. Do mesmo jeito, tentar ignorar uma emoção forte (como o medo ou o desespero) ou diminuir sua importância é muito difícil. Existem coisas que

Não aguento esperar. A melodia é surpresa, mas essa letra, feita para você, já é canção: *Bolero ou Jazz*. Composta e cantada pelo meu parceiro Maurício Cavalcanti:

Sou eu, teu amor/Morto de saudade/Cheio de vontade/Farto de fervor/Sim, não duvido/Tá bem, faz sentido/É, só mais uma vez/Quem sabe Deus, talvez/Não desligue ainda/Sei que és a Vida/Que eu sempre quis/Se tu vens ou vais/Se é bolero ou jazz/Quero que sejas/Feliz.

Parece que a dança moderna, em seu ramo americano, nasce do espírito religioso, feminino e

Ouvir é um mistério. Para que um corpo seja capaz de ouvir sem se mover, antes ele precisa ser desenvolvido no movimento. Não é uma coincidência que os maestros vivam tanto, pois eles passam as suas vidas em um constante exercício, tentando harmonizar o corpo, a emoção e o pensamento. O esforça de ensaiar e de apresentar-se exige deles todas essas partes -

não mudam assim facilmente. Mas o corpo pode ser alterado instantaneamente. Podemosvê-lo, tocá-lo, trata-se de uma realidade tangível que nossas emoções e pensamentos não têm. É uma vez que o corpo esteja conectado com outros aspectos de nós mesmos, mudar o corpo pode mudar o resto. Da próxima vez que você se sentir sob o peso do desespero, comece a movimentar o corpo, procurando particularmente prestar atenção em soltar a coluna vertebral e abrir o peito e a região dos ombros. Vá abrindo, olhando para cima e em torno, respirando forte e profundamente, relaxando o pescoço e achando uma imagem positiva para estimular os movimentos. Logo perceberá que o humor começa a melhorar, e os pensamentos param de ficar correndo em torno dos mesmos círculos estreitos.

Yoshi Oida
O Ator Invisível

...o navio saiu da baía com as caldeiras sossegadas, abriu caminho nos canais através dos lençóis de taruia, o lótus fluvial de

feminista, seja o da Grécia mítica, pagã, em Isadora e Martha, ou o de uma Índia e Egito imaginários, em Ruth e Doris. Porém, talvez mais importante do que tudo, para todas elas, seja a cultura do seu país, o espírito cristão, a ética protestante, que denuncia a usura e rompe com a idéia da graça católica: a recepção gratuita, sem mérito. O reino de Deus deve ser conquistado pelo trabalho! Para isso é preciso um corpo rijo e uma disciplina rígida. As roupas fechadas e apertadas, a sensualidade disfarçada, os corpos contidos. Essas pioneiras da dança respiram amplamente, expressam profundas emoções, desafiam o equilíbrio, buscam outros gestos, desnudam-se, libertam os corpos! Contudo, algo vital falta. O transe! Não só o da Grécia, Índia ou Egito. Mas, o d'África! A entrega que vai além da técnica. Isadora simula o transe dionisíaco, com seu movimento de jogar a cabeça para trás. Martha ainda procura elementos na cultura indígena nativa, mas é ignorado o que está por todos os lados, cantos, música e dança: a África! Falta o som grave que estremece, Você que dançou comigo o maracatu sabe do tum-tum, tan-tan, dos tambores, que vibram nas entradas, tripas, úteros, ovários, testículos, no corpo todo, e ressoam nos tuns-tás dos corações. É uma cruel ironia que a África, que gera nosso gênero e é responsável pelos diversos ramos da melhor música, dança e alegria do mundo, seja invisível e inaudível para essas pioneiras da dança moderna. Mas é compreensível. Naquele momento, os preconceitos raciais, sexuais e sociais eram muito mais violentos. Só depois viriam Josephine Baker e Elvis e sua pélvis.

De: Isadora <isadora@lua.com.br
Para: Dionísio <dionísio@máscaras.com.br
Assunto: Duncan dança e narrativa

Despertei cedo, pra terminar de ler *O Amor nos Tempos do Cólera*. O sonho foi uma mistura de enredos, o nosso e o do livro. Fiquei com medo de

e seus corpos como atletas ou dançarinos, os seus sentimentos como cantores e amantes, as suas mentes como matemáticos e pensadores – simultaneamente e em proporções iguais. Um corpo desenvolvido dessa maneira pode, por fim, manter-se imóvel e ouvir. Com um corpo bem-exercitado e um grupo mais aberto, uns para os outros, torna-se então possível discutir o texto e até analisar a especial natureza do verso, sem nunca cair em uma abordagem intelectual, que é inevitável quando os ensaios começam com discussões em volta de uma mesa. Se todo corpo não está desperto e envolvido, está-se fadado a retirar ideias de regiões do cérebro por demais familiares e já muito usadas, em detrimento de níveis mais criativos.

Peter Brook
Fios do Tempo: Memórias

Uma mulher era amante de uma cobra. Alegando que ia colher frutos da sorveira, ela ia todos os dias à floresta para

flores de púrpura e grandes folhas em forma de coração, e voltou aos pântanos. A água era farta-cor devido ao mundo de peixes que boiavam de costas, mortos pela dinamite dos pescadores furtivos, e os pássaros da terra e da água voavam em círculos sobre eles com guinchos metálicos. O vento do Caribe se meteu pelas janelas com o alarido dos pássaros, e Fermina Daza

sentiu as batidas desordenadas de seu livre-arbítrio. À direita, turvo e parcimonioso, o estuário do rio Grande da Madalena se espreiaava até o outro lado do mundo.

Quando não havia mais nada que comer nos pratos, o comandante limpou os lábios com o canto da toalha, e falou num jargão procaz que acabou de uma vez por todas com o prestígio do bom falar dos capitães do rio. Pois não falou por eles nem para ninguém, mas apenas tentando pôr-se de acordo com a própria raiva. Sua conclusão, ao fim de uma réstia de impropérios bárbaros, foi que não descobria como sair da embrulhada em que se metera com a bandeira do cólera.

Florentino Ariza o escutou sem pestanejar. Depois olhou pelas janelas o círculo completo do quadrante da rosa náutica, o horizonte nítido, o céu de dezembro sem uma única nuvem, as águas navegáveis para sempre, e disse: Sigamos em linha reta, reta, reta, outra vez até a Dourada.

optarmos por uma viagem ao esquecimento, como tantos personagens. Sei da sua coragem, assim como sei que sua mulher não sou. Não quero o peso de destruir um casamento tão longo e bonito. Talvez tenhamos que fazer mesmo uma viagem ao esquecimento, mas não agora, não seria justo. Vou acabar com esses ataques de futuros tristes. Não desisti de nada e rezo para que não desista de mim. Adorei a letra da minha música! Reflete nossas incertezas. Gosto da construção alusiva. Quero ouvir a melodia imediatamente, cante-a pelo telefone!

Você sempre menciona nossas diferenças de idade, embora eu acredite que isso não seja empecilho. Deixe dessa coisa chata, não me trate como se eu fosse uma ninfeta, já tenho quase trinta! Agora para mim não importa contabilizar obstáculos. Sinto lhe informar que eu posso até morrer antes de você. Essa semana foi muito difícil. Fui muito dura comigo, tive que me encarar profundamente, me senti uma farsa. Se não posso viver sem a dança, porque não tomo iniciativas, nem tenho disciplina? Tenho vontade de ir embora, não sei pra onde? Mas sei que a dança me enraíza, me dá forças para seguir. Como é difícil crescer! Sei que a estagnação da *Nova Dança* me pôs em movimento e também deixei o clássico pelo trapézio, pelos clowns. Se a dança é tão vital para mim vou acabar encontrando minha linguagem e um corpo bem preparado, forte e, principalmente, encontrar realização e felicidade, que significam também cuidar dos outros.

Que cheiro bom! Adorei o livro, *Giacomo Joyce*, na ótima tradução de Leminski, com flores de bugari entre as páginas. O tema do amor aparece quando ele se apaixona por sua aluna e fala dos seus lábios: *longos lábios lascivos de soslaios, molusco sanguinegros*. Sempre soube que a Literatura ajuda

encontrar a cobra, que morava exatamente numa dessas árvores. Eles faziam amor até o anoitecer e, quando chegava a hora de se despedirem, a cobra derrubava frutos em quantidade suficiente para encher o cesto da mulher.

Desconfiado, o irmão da mulher, que ficara grávida, foi espioná-la. Sem ver seu amante, ouviu-a gritar: não me faça rir tanto, *Tupasherébé* (nome da cobra)! Você me faz rir tanto que chego até a mijar!

Finalmente, o irmão viu a cobra e a matou. Mais tarde, o filho da mulher com a cobra vingaria o pai.

Claude Lévi-Strauss
O Cru e o Cozido



Uma jovem encontrou uma cobra na floresta, que se tornou seu amante e de quem ela teve um filho, que já nasceu adolescente. Todos os dias, o filho ia à floresta fazer flechas para a mãe, e todas as noites voltava para o ventre dela. O irmão da mulher descobriu o segredo e convenceu-a a se esconder

Fermina Daza estremeceu, porque reconheceu a antiga voz iluminada pela graça do Espírito Santo, e olhou o comandante: ele era o destino. Mas o comandante não a viu, porque estava anônado pelo tremendo poder de inspiração de Florentino Ariza. Está dizendo isso a sério? — perguntou.

Desde que nasci — disse Florentino Ariza — não disse uma única coisa que não fosse a sério.

O comandante olhou Fermina Daza e viu em suas pestanas os primeiros lampejos de um orvalho de inverno. Depois olhou Florentino Ariza, seu domínio invencível, seu amor impávido, e se assustou com a suspeita tardia de que é a vida, mais que a morte, a que não tem limites.

E até quando acredita o senhor que podemos continuar neste ir e vir do caralho? — perguntou.

Florentino Ariza tinha a resposta preparada havia cinqüenta e três anos, sete meses e onze dias com as respectivas noites.

Toda a vida — disse.

Gabriel García Márquez
O amor nos tempos do cólera.

a viver! Tenho separado textos poéticos, lindos, para lhe mostrar aqui. Ai, meu amado, desculpe tantos medos, meu coração está apertado. Sua força eu sei que tenho, mas é tudo tão complicado. Mas eu poderia simplificar e dizer: o que quero agora é seu colo, aconchego, abraço. Ouço nesse exato momento sua gargalhada e você dizendo: *que conversa é essa mulher.*

assim que o filho partisse. Quando este voltou à noite, e quis entrar no ventre da mãe, como de costume, ela havia desaparecido. O adolescente consultou a avó cobra, que o aconselhou a procurar o pai. Mas ele não tinha a menor vontade de ajudá-lo; assim, ao

cair da noite, ele se transformou em raio de luz e subiu ao céu, levando o arco e as flechas. Ao chegar, quebrou as armas em pedacinhos, que viraram estrelas. Como todo mundo dormia, a não ser a aranha, ela foi a única testemunha do espetáculo. Por isso as aranhas (ao contrário dos homens) não morrem com a idade, mas trocam de pele. Antigamente, os homens e os outros animais também trocavam de pele quando ficavam velhos, mas, desde então, eles morrem.

Claude Lévi-Strauss
O Cru e o Cozido.

Rumo ao bendito corpo-a-corpo. Nossa cama estreita está pronta. Vamos dormir bem juntinhos, mas aviso: costumo me virar bastante, mas não roubo a coberta junto. Fico imaginando beijos molhados, coloridos, perfumados, mordidas, toque de ossos, coreografias, partituras, improvisos. Aprendi uma massagem dos deuses que vai deixar você mole em quase todas as partes. Você vai berrar, ganir, silvar, sibilar, ciciar, zinir, zoar, barrir, arrulhar, coaxar, guinchar, rugir, palreiar, uivar, fremir, zurrar, mugir, relinchar, bramir, ronronar, clarinar,piar, gorpear, ruclar.

Estou me preparando pra você: amanhã vou arrancar meus pelos pra ficar bem lisinha, pra poder me roçar, deslizar, surfar, lhe acarinhá muito e outras surpresas mais. Seja bem vindo! As portas estão abertas. Sagração da primavera! Chega de sacrifícios, vamos sair dos simulacros para a dança dos sacros. Vem meu Dionísio que serei sua Ariadne! Amo-te, com toda a minha dança e toda minha vida.

O sabor dos dias

De: Dionísio <dionísio@máscaras.com.br>
 Para: Hermes <hermes@caduceu.com.br>
 Assunto: Toda alegria quer eternidade

Em Pompéia vivo meus primeiros dias de alegria. O bairro é vizinho de Perdizes, Lapa e Sumaré. O nome é uma homenagem dos imigrantes italianos à cidade destruída pelo vulcão Vesúvio, em 79 a.C e está atualizado por nosso próprio fogo.

Diogo que é preciso ser vidente, fazer-se vidente. O poeta se faz vidente através de um longo, imenso e consciente desregramento de todos os sentidos. Todas as formas de amor, de sofrimento, de loucura; pesquisa a si próprio, esgota em si todos os venenos para conservar deles apenas a quintessência. Inefável tortura em que ele tem necessidade de toda fé, de toda força sobre-humana, onde se transforma dentre todos no grande doente, no grande criminoso, no grande maldito – e no supremo

sábio. Pois chega ao desconhecido. Pois cultiva sua alma, que já era rica, mais que qualquer outro. Chega ao desconhecido e mesmo

Desço a avenida de mãos dadas com Isadora. Ela foi me esperar em Guarulhos e daí em diante tem início nossas cenas e personagens. Eu, Woody Allen, em *Crimes e Pecados*: A última vez que estive dentro de uma mulher foi quando visitei a estátua da Liberdade. Ela, em *Retratos da Vida*: O horror da guerra não é o assassinato dos que se odeiam, mas a separação dos que se amam. Juntos, em *Invasões Bárbaras*: Fomos tudo. É incrível. Separatistas, independentistas, monarquistas, monarquistas-associacionistas. Começamos existencialistas. Tínhamos lido Camus e Sartre. Depois lemos Frantz Fanon e viramos anticolonialistas. Depois lemos Marcuse e nos tornamos marxistas. Marxistas-leninistas. Trotskistas. Maoístas. Lemos Soljenitsyn e mudamos de ideia. Passamos a estruturalistas. Situacionistas. Feministas. Desconstrucionistas. Houve algum ismo que não adoramos? Cretinismo.

Depois de homenagear o grande deus *Kama*, o primeiro programa foi uma visita as nossas irmãs serpentes, no Butantã. Ficamos o dia observando o comportamento das diversas espécies, em especial as jibóias, pela força de

Eu sou como eu sou, pronome pessoal intransferível, do homem que iniciei, na medida do impossível. Eu sou como eu sou agora, sem grandes segredos dantes, sem novos secretos dentes, nesta hora. Eu sou como eu sou, presente, desferrolhado, indecente, feito um pedaço de mim. Eu sou como eu sou, vidente, e vivo tranquilamente, todas as horas do fim.

Torquato Neto

Não serei o poeta de um mundo caduco. Também não cantarei o mundo futuro. Estou preso à vida e olho meus companheiros. Estão

quando, enlouquecido,
terminasse por perder a
compreensão de suas visões,
já as teria visto.

Arthur Rimbaud.
Poesia-Experiência.

De tudo na vida, ficaram três
coisas: a certeza de que
estamos sempre começando; a
certeza de que precisamos
continuar; a certeza de que
seremos interrompidos antes
de terminar. Portanto,
devemos: fazer da interrupção
um caminho novo; da queda,
um passo de dança; do medo,
uma escada; do sonho, uma
ponte.

Fernando Pessoa

Isso de querer ser exatamente
aquilo que a gente é ainda vai
nos levar além.

Paulo Leminski

Vão dizer que não existo
propriamente dito. Que sou um
ente de sílabas. Vão dizer que
eu tenho vocação pra ninguém.

Meu pai costumava alertar:
quem acha bonito e pode
passar a vida a ouvir o som
das palavras, ou é ninguém ou
zoró. Eu teria treze anos. De
tarde fui olhar a Cordilheira
dos Andes que se perdia nos

constricção do seu abraço. Elas inspiram uma técnica erótica, que serve de base para muitos desdobramentos do movimento: rastejar, se enrolcar, se erguer, sentar, andar e dançar. No dia seguinte, bicicleta no Ibirapuera. Isadora não me devolve a juventude, mas a jovialidade.

Em todos os espaços, seja como for, criando ninhos d'amor. Consciência corporal é em tempo integral. Nossa ritual diário: deitados, nus, de mãos dadas, tal um girassol concentrados no percurso da luz pela pele, *chakra* a *chakra*, tomamos banhos de sol. Fiz até um poema:

Onda em 8/minutos a luz do sol alcança-nos/e lê o que precisa cada corpo/8 mais de volta toma consciência/em 8 outro/chega a resposta.

Ativamos a tesão ao máximo, imaginamos que o nosso amor tem um poder de difusão enorme e pelas ruas vamos espalhando-o, por toda parte: um laser amoroso atravessando, desobstruindo e curando, principalmente as zonas mais densas, aquelas do lado contrário do amor: a indiferença. O filme é *Dançando na Chuva*: fazendo piruetas nos postes metálicos e no metrô: os suportes horizontais são nossas barras, para esticar os braços, liberar as tensões dos ombros e abrir o peito.

Estamos empenhados em desenvolver uma coreografia. A ideia é buscar os gestos básicos de nossa cultura, de duas maneiras: o *gesto arcaico*, na arte rupestre dos principais sítios brasileiros; os dançarinos farão uma pesquisa de campo, documentando os gestos mais frequentes, poéticos e comoventes, incorporando-os nos próprios locais. E a outra maneira: a captação do *gesto vivo* das ruas, nas nossas principais cidades. O *I Ching* será nosso instrumento de balizamento, de navegação: uma vez sorteada a mutação do

taciturnos, mas nutrem grandes esperanças. Entre eles, considero a enorme realidade. O presente é tão grande, não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas. Não serei o cantor de uma mulher, de

uma história. Não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela. Não distribuirem entorpecentes ou cartas suicidas. Não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins. O tempo é a minha matéria. O tempo presente.

Os homens presentes. A vida
presente.

Carlos Drummond de Andrade
Mãos dadas

Uma parte de mim é todo mundo,
outra parte é ninguém, fundo sem
fundo. Uma parte de mim é
multidão, outra parte estranheza
e solidão. Uma parte de mim pesa,
pondera, outra parte delira. Uma
parte de mim almoça e janta,
outra parte se espanta. Uma
parte de mim é permanente, outra
parte se sabe de repente. Uma
parte de mim é só vertigem, outra
parte linguagem. Traduzir uma
parte, na outra parte, que é uma

longes da Bolívia. É vêio uma iluminura. Daí botei meu primeiro verso: aquele morro bem que entorta a bunda da paisagem. Mostrei a obra pra minha mãe. A mãe falou: agora você vai ter de assumir as suas irresponsabilidades. Eu assumi: entrei no mundo das imagens.

Manoel de Barros
Poesia completa



Nunca fomos catequizados. Vivemos através de um direito sonâmbulo. Fizemos Cristo nascer na Bahia. Ou em Belém do Pará. Só podemos atender ao mundo oracular. Se Deus é a consciência do Universo Incriado, Guaraci é a mãe dos viventes. Jaci é a mãe dos vegetais. No matriarcado de Pindorama. A alegria é a prova dos nove.

Oswald de Andrade.
Manifesto Antropofágico.

Em Triste, em 1872, num palácio com estátuas úmidas e instalações sanitárias deficientes, um cavalheiro com o rosto marcado por uma cicatriz africana – o capitão Richard Burton, cônsul inglês – empreendeu uma famosa tradução do *Qitab alif Laila ua laila*, livro que os rumes chamam *As mil e uma noites*.

dia, com a presença de todos, os dançarinos vão andar pelas ruas, sozinhos ou em pequenos grupos. Com a sensibilidade e o olhar tocados pelo espírito da mutação sorteada, eles têm um campo coletivo comum e, simultaneamente, diverso, individual. No fim do dia, o elenco de gestos é compartilhado, selecionamos os mais significativos e que ressoem com os gestos arcaicos. A coreografia é a composição e o contraponto entre os *gestos arcaicos*, da arte rupestre, e os *gestos de hoje*, das ruas. Você faria a música? Estamos chamando nossa pesquisa de *Sampa na ponta do pé*. Veja essa cena de rua:

Discutem em voz alta. Brigam. Ela dá uma topada. Fica com raiva. Pára, senta e ajeita o sapato. Levanta, passa por ele roçando o corpo, abusada. Avança na frente. Ele a segue humilde. Atravessam a avenida ombro-ombro.

No livro *Um homem sem profissão*, Oswald de Andrade conta um chamego com Isadora Duncan, aqui em Sampa. Lembrando dessa e de outras coisas, inventamos a brincadeira: *Alegria é a prova dos nove*. É uma matemática que busca códigos ao acaso. Por exemplo: entramos na padaria e pegamos o número de atendimento e aplicamos a prova dos noveis fora nação. O resultado é o número do dia. Noveis fora um: vamos andar sozinhos. Dois: vamos juntos. Três: acrescentamos outra pessoa. Se a soma der nove é nação: fim de um ciclo. É hora de recomeçar. Serve para qualquer coisa que estejamos buscando, é uma chave simbólica.

Quem trouxe o *Kama Sutra* para o Ocidente e fez uma das principais traduções das *Mil e Uma Noites*, foi Sir Richard Burton, que foi cônsul da Inglaterra no Brasil, em Santos, no período de 1865-1868. Era apaixonado por Cânone, de quem se achava um duplo. Em

questão de vida e morte, será arte?

Ferreira Gullar.
Poesia completa

Eu canto porque o instante existe. E a minha vida está completa. Não sou alegre nem sou triste, sou poeta. Irmão das coisas fugidas, não sinto gozo nem tormento, atravesso noites e dias, no vento. Se desmorono ou se edifico, se permaneço ou me desfaço, não sei, não sei. Não sei se fico ou passo. Sei que canto. E a Canção é tudo. Tem sangue eterno a asa ritmada. E um dia sei que estarei mudo. Mais nada.

Cecília Meireles

Ah, quem dera ir-me contigo agora, a um horizonte firme, comum, embora. Ah, quem me dera amar-te sem mais ciúmes, de alguém em algum lugar, que nem presumes. Ah, quem me dera verte sempre a meu lado, sem precisar dizer-te jamais: cuidado. Ah, quem dera ter-te, como um

Uma das finalidades secretas de seu trabalho era a aniquilação de outro cavalheiro - também de barba tenébrosa de mouro, também curtido - que estava compilando na Inglaterra um vasto dicionário e que morreu muito antes de ser aniquilado por Burton. Tratava-se de Edward Lane, o orientalista, autor de uma versão extremamente escrupulosa d'As mil e uma noites, que suplantara a outra, de Galland. Lane traduziu contra Galland, Burton contra Lane.

Jorge Luis Borges.
Os tradutores d'as mil e uma noites

Contam os homens dignos de fé que existiu no Cairo um homem possuidor de riquezas, porém tão magnífico e liberal que perdeu-as todas, menos a casa de seu pai. Diante disso, viu-se forçado a trabalhar para ganhar o seu pão. Trabalhou tanto que o sono venceu-o uma noite sob uma figueira de seu jardim, e ele viu no sonho um homem empanturrado que tirou da boca uma moeda de ouro e lhe disse: Tua fortuna está na Pérsia, em Ispahan, vai buscá-la. Na madrugada seguinte acordou e empreendeu a longa viagem, afrontando os perigos dos desertos, dos navios, dos piratas, dos idólatras, dos rios, das feras e dos homens. Chegou finalmente a Ispahan, e no centro da cidade, pátio de uma mesquita, deitou-se e dormiu. Junto à mesquita havia uma casa, e, por vontade de Alá Todo-Poderoso, um bando de ladrões atravessou a mesquita, e meteu-se na casa, e

carta a um amigo diz que no Brasil perdeu as melhores traduções desses livros. Isadora quer, de qualquer jeito, encontrar a tradução do *Kama Sutra*, diz que é essencial para nossa pesquisa erótica e, debochada, ainda zomba do núcleo temático e dos personagens que tecem a trama das *Mil e Uma Noites*: um corno paranoico, serial killer de mulheres, não merece o amor de *Sherazade*, a maior narradora da humanidade!

A tradução das *Mil e Uma Noites*, que Borges leu, é a de Burton. Ele sabia da perda dessas versões e também tentou achar-las, quando esteve em São Paulo. Estou lhe contando isso também porque, nessa pesquisa com Isadora, encontramos o que pode ter sido a inspiração de Borges, para escrever o seu conto *Aleph*. Há um tema recorrente nos textos *sufistas*: a vida é uma peregrinação sem fim. A demanda do *Santo Graal*, o *Romance da Rosa* e os andarilhos de Chaucer até a Cantuária, receberam influência do livro *Mantak al-Tayr*, do poeta místico persa Fariduddin Attar (1110-1220). Nossos olhos são cegos, embora o mundo seja iluminado por um sol brilhante. Se você consegue vislumbrá-lo, perde o juízo; se o vê totalmente, perde a si mesmo. São frases que estão no livro. Burton sempre tinha dúvidas em relação a existência de Deus, mas nunca abandonou a busca secreta. Seu comentário final sobre a grande obra de Attar diz:

Assim, no *Mantak al-Tayr*, os Pássaros, emblemas das almas, procurando a presença do gigantesco bípede emplumado *Simurgh*, o deus deles, atravessam os sete Mares: o da Busca, do Amor, do Conhecimento, da Competência, da Unidade, do Assombro e do Altruísmo, os diversos estágios da vida contemplativa. Por fim, chegando à misteriosa ilha do *Simurgh* e lançando um olhar de esgueira a ele, viram nele trinta pássaros e quando voltaram os olhos para si

lugar plantado num chão verde, para eu morar-te. Ah, quem me dera ter-te, morar-te até morrer-te.

Vinicius de Moraes

Eu sonho com um poema, cujas palavras sumarentas escorram, como polpa de um fruto madura em tua boca. Um poema que te mate de amor, antes mesmo que tu lhes saibas o misterioso sentido, basta provares o seu gosto.

Mário Quintana

Consagrei toda a minha vida à liberdade e quero continuar sendo livre, o que significa que não me preocupo em saber o que as gerações futuras dirão de mim. Aquele que se preocupa com o julgamento da posteridade não pode ser livre. A posteridade é uma hipótese, e o artista não trabalha em cima de hipóteses.

Ele trabalha sobre o aqui e o agora, procurando esclarecer-los a si mesmo e aos seus contemporâneos.

Pablo Picasso

A união que mais agrada a Deus não é a união do homem com a mulher e sim a união do sexo como o amor. A culpa, e não o

as pessoas que ali dormiam, se desesperando com o barulho, pediram socorro. Os vizinhos também gritaram, até que o capitão dos guardas-noturnos daquele distrito acudiu com seus homens e os bandoleiros fugiram pelo terraço. O capitão quis revistar a mesquita e lá deram com o homem do Cairo; açoitaram-no de tal maneira com varas de bambu que ele quase morreu. Dois dias depois recobrou os sentidos na cadeia. O capitão mandou buscá-lo e disse: *Quem és tu e qual a tua pátria?* O outro declarou: *Sou da famosa cidade do Cairo e meu nome é Mohamed El Magrebi.* O capitão perguntou-lhe: *O que te trouxe à Pérsia?* O outro optou pela verdade e disse: *Um homem ordenou-me em sonho, que eu viesse a Ispahan porque aí estava a minha fortuna. Já estou em Ispahan e vejo que essa fortuna que me prometeu devem ser as vergastadas que tão generosamente me deste.* Diante de tais palavras o capitão riu tanto que se viam seus dentes do siso e, finalmente, lhe disse: *Homem desajuizado e crédulo, eu já sonhei três vezes com uma casa no Cairo no fundo da qual há um jardim, e nesse jardim um relógio de sol, e depois do relógio uma figueira, e logo depois da figueira, uma fonte e sob a fonte um tesouro. Não dei o menor crédito a essa mentira e tu, produto de uma mula com um demônio, não obstante vens errando de cidade em cidade baseado unicamente na fé de teu sonho. Que eu não volte a ver-te em*

mesmos, os trinta pássaros pareciam um só Simurgh, viram neles mesmos todo o Simurgh, viram no Simurgh os trinta pássaros inteiros. Portanto, chegaram à solução do problema: Nós e Tu, isto é, a identidade de Deus e dos Humanos anularam-se para sempre no Simurgh, e a sombra desapareceu no Sol.

Veja alguns fragmentos do *Aleph*, de Borges:

Chego, agora, ao centro inefável do meu relato; começa, aqui, meu desespero de escritor. O que meus olhos viram foi simultâneo: o que transcreverei, sucessivo, porque a linguagem o é. Algo, contudo, recuperarei. Na parte inferior do degrau, à direita, vi uma pequena esfera furtá-cor, de um fulgor intolerável. No início, julguei-a giratória; depois compreendi que esse movimento era uma ilusão produzida pelos vertiginosos espetáculos que encerrava. O diâmetro do Aleph seria de dois ou três centímetros, mas o espaço cósmico estava ali, sem diminuição de tamanho. Cada coisa era infinitas coisas, porque eu a via claramente de todos os pontos do universo. Vi o mar populoso, vi a alvorada e a tarde, vi as multidões da América, vi uma teia de aranha prateada no centro de uma negra pirâmide, vi um labirinto truncado, vi intermináveis olhos imediatos perscrutando-se em mim como num espelho, vi todos os espelhos do planeta e nenhum me refletiu, vi cachos de uva, neve, veios de metal, vapor d'água, vi convexos desertos equatoriais e cada um de seus grãos de areia, vi um câncer no peito, vi ao mesmo tempo cada letra de cada página, vi meu quarto sem ninguém, vi tigres, bisões, vi todas as formigas da Terra, vi a circulação do meu sangue escuro, vi a engrenagem do amor e a transformação da morte, vi o Aleph, de todos os pontos, vi no Aleph a Terra, e na Terra outra vez o Aleph, vi meu rosto e minhas vísceras, vi teu rosto, e senti vertigem e

sexo, é o pecado original. O orgasmo é aquele momento efêmero em que o fardo do eu desaparece. O orgasmo é a felicidade do corpo. Quando o amor é acrescentado, ele se torna a felicidade da alma. Dar prazer a uma mulher é dar prazer a uma Deusa. Dar prazer a um homem é dar prazer a um Deus. O maior prazer que uma pessoa pode experimentar é apenas uma sugestão das possibilidades da alma. O sexo e a felicidade estão relacionados, da mesma maneira como uma rosa está ligada ao jardim do paraíso. Pergunte-me o que é o prazer e saberei que você nunca o experimentou. O prazer só precisa de palavras se estiver ausente. O mesmo é verdade a respeito da felicidade, e do próprio amor. O que é a verdade? O amor em ação. Ao fazer amor, o amante dá todos os presentes e não pede nenhum. A loucura dos amantes faz a sanidade parecer poeira no vento. Inocência é a capacidade de dar e receber amor sem se apegar. O sexo não foi o grande erro de Deus. Condenar o sexo é o grande erro da humanidade. O prazer é tão divino quanto qualquer catedral ou templo. O espírito e a carne nunca estiveram separados. Eles se mantêm afastados apenas para flertar. Todos os erros do

Ispahan, Toma estas moedas e desaparece. O homem pegou as moedas e regressou a sua pátria. Sob a fonte do seu jardim, que era a mesma do sonho da capitão, desenterrou o tesouro. Assim Allá lhe deu a bençaõ, recompensou-o e enalteceu-o. Allá é o Generoso, o Oculto.

Noite 351, d'As mil e uma noites.

chorei, porque meus olhos tinham visto aquele objeto secreto e conjectural cujo nome os homens usurpam, mas nenhum homem contemplou: o inconcebível universo. Senti infinita veneração, infinita pena. Na rua, no metrô, todos os rostos me pareceram familiares. Temi que não restasse uma só coisa capaz de me surpreender, temi que nunca mais me abandonasse a impressão de voltar. Felizmente, ao cabo de algumas noites de insônia, de novo agiu sobre mim o esquecimento.

mundo surgem da crença no desamor. Você deseja uma escritura na qual possa acreditar? Leia os olhos do seu amante. Não anseie por um céu distante. Este mundo acrescido do amor é o céu.

Deepak Chopra.
Kama Sutra

De: Janaína <janaína@estrela.com.br>
Para: Dionísio <dionísio@máscaras.com.br>
Assunto: Show no Japão

Casca oca
A cigarra
Cantou-se toda

Primavera
Não nos deixe
Pássaros choram
Lágrimas
No olho do peixe

Silêncio
O som da cigarra
Penetra a pedra

Sol nascente aqui, do avião contemplo, alimentando o Japão, o mamilo branco do monte Fuji. Esse é o primeiro retrato, antes de pousar em Tóquio. Hermes nos esperava no aeroporto. Voou da Índia três dias antes. Nossa conjunto musical estava completo! Ensaiamos durante cinco dias no próprio teatro em que nos apresentamos, no bairro de Asakusa. Você pode imaginar a emoção de ouvir a platéia solfejando algumas músicas e mesmo cantando trechos em português? Os japoneses foram muito calorosos e o show maravilhoso! Quando voltamos para o bis fui à raiz e todo mundo dançou:

Ai, Xangô, Xangô menino/Da fogueira de São João/Quero ser sempre o menino, Xangô/Da fogueira de São João/Céu de estrelas sem destino/De beleza sem razão/Tome conta do destino, Xangô/Da beleza e da razão.

Depois fiquei pensando porque cantei essa música? Você sabe que no Recife o Candomblé se chama Xangô. A cidade tem uma predominância masculina, é mais yang, talvez para compensar exista a forte devoção a Nossa Senhora da Conceição, um sincretismo

No primeiro aguaceiro
Deste inverno
Terei um nome
Viageiro

Nuvens de flores
O sino
Vem de Ueno
De Asakusa?

Este outono
Como o tempo passa
Nas nuvens
Pássaros

De tantos instantes
Para mim lembrança
As flores da cerejeira

Lua na neve
Aqui a vida vai ser jogada
Em breve

Não me importa
O que já vi
Mas ver de novo
O Fuji

Ódi aquilo
Dentro do elmo
Um grilo

Velha lagoa
O sapo salta
Som d'água

d'Óxum. Mas Xangô menino é tido como São João, esse santo louco que cuspiu fogo anunciando a vinda de Cristo, queimava o mundo com suas palavras e ninguém ouvia nada. Depois foi para o deserto meditar, comer gafanhotos com mel de abelha, beber água fresca e amaciárs o verbo. Voltou suave, harmonizando fogo e água: batizando nas cachoeiras com o calor do Espírito Santo e a bênção de Oxum. Há quem aproxime São João de Dionísio. Será que esse meandro psicanalítico foi à maneira que arranjei para você estar comigo?

Hoje qual é a metrópole em que é possível andar despreocupado a qualquer hora do dia ou da noite? Tóquio deve ser a única e, talvez, a última. Muitas crianças, na primeira infância, vão à escola sós, de bicicleta ou andando a pé, por todos os lugares.

Passear é uma delícia: as calçadas são largas, as árvores exuberantes, vários canais artificiais arrodeiam a cidade e no meio da zoeira é possível entrar em um parque ou jardim e contemplar, em silêncio, a água, os seres, as pedras e os espaços: sóbrios, elegantes, repousantes. Em japonês bom dia tem a sonoridade: ó raiou! Esse anúncio dos raios solares nos ajuda a recordar as palavras e assim, pelo som, fazemos muitas associações.

Ontem, pela manhã, fomos ao bairro de *Koto*, onde fica a casa de *Bashô*. De metrô, *Morishita* é a estação mais próxima, aí já vimos, pelo chão e nas paredes, alguns de seus *hai-kais*. Todo quarteirão em torno da casa é tratado como um lugar sagrado. Há uns santuários para visitação e recolhimento. Através de um antigo portal de madeira subimos uma escadaria e, no alto, está uma estátua do poeta, sentado, contemplando o rio Sumida.

Cantando, cantando ia
O longo dia
Não basta
À cotovia

Vento de verão
Com qual voz
Aranha
Cantarias?

Porta fechada
Deito-me no silêncio
Prazer
Estar
Só

Armadilha do polvo
Lua de verão
Sonhos flutuantes



Balizados e conduzidos por seus *hai-kais*,
próximo dali, à beira do cais, ousei:

Ó raiou
Jardim
Cascata
Som d'água silêncio
Casa de Bashô.

Cansei de ser moça fina. Essa Isadora é uma grande invejosa! Fez de você o pai que ela perdeu e o amante que provavelmente nunca teve e além do mais cobiçou sua arte, que ela nem sabe se tem tempo ou talento para desenvolver.

De: Dionísio <dionisio@máscaras.com.br>

Para: Janaína <janaína@estrela.com.br>

Assunto: Alegria, amor, expansão

O *Tao* que pode ser
pronunciado não é o *Tao*
eterno.

O nome que pode ser proferido
não é o Nome eterno.

À princípio do Céu e da Terra
chamo Não-Ser.

À Mãe dos seres individuais
chamo Ser.

Dirigir-se para o Não-Ser leva
à contemplação da
maravilhosa Essência.

Dirigir-se para o Ser leva à
contemplação das limitações
espaciais.

Pela origem, ambos são uma

Amada cantora, é enorme a minha alegria
com a continuidade da sua arte, inseparável da
expansão da vida. A nossa alegria e felicidade
não podiam permanecer restritas, precisavam
ser espalhadas, compartilhadas com tantas
outras pessoas e cidades. A família é uma
invenção maravilhosa, permite grande
intimidade e aprofundamento afetivo, amor,
compromisso, cumplicidade e cria o
indivíduo, algo vital na enorme fragmentação
do mundo. A família é um bom modelo da
nossa possível irmandade coletiva. Mas, é
também o menor gueto e não precisa ser uma
ilha. Nosso casamento estava estagnado. Os
filhos já encaminhados e os netos chegando.
Tudo parecia seguir em linha reta ou
descendente. E o rumo das nossas
singularidades, dos compromissos e



Confúcio sempre fez a si mesmo
esta pergunta: manter em mente o
que aprendi, estudar com afinco
e ensinar aos outros
incansavelmente. Tenho feito
todas essas coisas?

Um discípulo de Confúcio,

coisa só, diferindo apenas no nome.

Em sua Unidade, esse Um é mistério.

O mistério dos mistérios é o portal por onde entram as maravilhas.

Lao Tsé.
Tao-Te King

Todas as culturas trazem sua voz ao mundo por meio do bálsamo de cura que é o canto. Por meio da música, do canto, e do contar histórias, as sociedades nativas praticam a permanência dentro dos Arcos Sagrados. Algumas tradições afirmam que uma das formas de manter-se ligado ao Grande Espírito é cantar pela sua vida. Na África diz-se que se você falar, você pode cantar, se você pode andar, você pode dançar. Os grupos sociais da Oceania acreditam que, se você quiser saber como falar a verdade, deve começar a cantar. Essas sociedades antigas de há muito entenderam que cantar é um recurso de cura. Entre as culturas indígenas existe a crença de que nossas canções favoritas são nossas canções de poder. Pense nas suas canções prediletas. Elas estão ligadas aos aspectos criativos da sua personalidade mais íntima e revelam aspectos importantes de sua autenticidade. Acredita-se, também, que a música mais poderosa é a que você cria com suas próprias palavras e com sua própria melodia.

retribuições, das nossas buscas essenciais na vida? E a expressão plena da nossa arte? É nesse vácuo que entra Isadora. Talvez você tenha razão sobre o que pensa dela. Porém, por caminhos tortuosos e mesmo com toda dor, essa é a nossa oportunidade. Sei que dessa vez toquei no seu limite. Ficou eticamente complicado: não posso prometer nunca mais me apaixonar e não quero matar o nosso amor. Muitas vezes as pessoas pagam um preço alto para permanecerem juntas. Não é o nosso caso. Mas será que a decadência da velhice já não é muito difícil para ainda ser imposta a outra pessoa? Vejo isso em muitos casais antigos e não quero chegar a esse ponto. Sei que o seu forte são as piadas cruéis. Aqui se diz que casamento é como a Avenida Paulista: começa no Paraíso e termina na Consolação.

Somos de uma geração musical, dançante, politizada na marra, louca e psicodélica, que descobriu que a prioridade é a alegria de viver. A alegria é a prova dos nove, lembra? Essa é nossa maior subversão. A alegria dá coragem às pessoas para enfrentar o perigo e o temor da morte e a buscarem o impossível. Muitas pessoas estão perdidas no caminho, talvez porque deixaram de acreditar no cineminha da imaginação. Em um mundo em que o sagrado é desvalorizado e confuso, creio que as nossas chances são restritas, mas decisivas, para darmos continuidade consciente à espiral evolutiva, para reconectarmos com as outras espécies animais e vegetais, com o corpo maior da Terra. Essas poucas oportunidades de acessar as forças vitais são a paixão, uma arte erótica, a interpretação dos sonhos e as plantas expansoras da consciência.

Recordo você dizendo que alguns etnobotânicos sugerem que o início da consciência e da linguagem pode estar relacionado com a descoberta dessas plantas, da experimentação geral e aleatória, na

Zi Gong, perguntou: por que alguém recebeu o título de culto? Confúcio respondeu: porque ele foi brilhante e pronto a aprender. Nunca sentiu vergonha em aprender com aqueles que estavam em posição inferior ou que eram menos educados do que ele. Quando se caminha com outras pessoas, sempre há alguém com quem se pode aprender bastante. Descubra seus méritos e suas limitações. Aprenda com seus méritos e estude suas limitações para assim superar as suas próprias.

Kuijie Zhou.
Aprendendo com Confúcio

A Mulher Aranha recolheu a terra, que naquele momento, era de quatro cores: amarela, vermelha, preta e branca, misturou com a sua saliva e deu forma a tudo. Cobriu com o seu manto o qual era a própria sabedoria criativa. Cantou por eles a Canção da Criação e ao retirar o manto essas formas eram seres humanos. Breve eles despertaram e começaram a mover-se. Immediatamente, com o som de um vento poderoso, Sótukhang apareceu na frente deles. Estou aqui. Por que necessitais de mim com tanta urgência? A Mulher Aranha explicou: como me ordenaste,

Comence a criar seu próprio repertório de canções de poder. Trabalhar com a voz de qualquer maneira alimenta a essência de quem você realmente é. Os povos indígenas igualam ou associam música, linguagem e respiração, como um dos grandes círculos da criação. Dizem que a vida humana está intimamente ligada à respiração, a respiração ao canto, o canto à prece e a prece à vida longa. O canto dos xamãs, os tons uníssonos dos tibetanos, o canto gregoriano, são todos exemplos de tradições espirituais com a finalidade de realinhar as forças vitais.

Angelos Arrien.
O Caminho Quádruplo



Quem estima grandemente a Vida, nada sabe da Vida, por isso tem Vida. Quem menospreza a Vida, procura não perder a Vida, por isso não tem Vida. Quem estima a Vida não age nem faz planos. Quem menospreza a Vida age e faz planos. Quem estima o Amor age, mas nada tem em vista. Quem estima a justiça age e tem planos. Quem estima a moralidade age e, quando não lhe fazem oposição, a provoca com grandes gestos.

Por isso, se o Tao está perdido, a Vida também está

composição das dietas dos primeiros hominídeos. Esse momento me recorda um trecho de uma das narrativas mais antigas da humanidade, a epopéia de *Gilgamesh*, o herói da primeira civilização, na Suméria, entre os rios Tigre e Eufrates, atual Iraque. Quando os deuses criaram os humanos atribuíram-lhe a morte; mas a vida, essa ficou para eles. A revolta contra isso é a busca de *Gilgamesh*. Ele viu os mistérios e conheceu as coisas secretas; transmitiu-nos uma história dos dias antes do Dilúvio. Fez uma longa viagem, conheceu o cansaço, a fome e a sede, esgotou-se em trabalhos, descobriu a planta da vida eterna, que cresce no fundo do mar, mas ao repousar perto de um poço de água fresca, morada da serpente, esta sentiu o cheiro suave da flor e comeu-a. Logo mudou de pele. Então, *Gilgamesh* sentou-se e chorou. Regressou a sua terra e gravou numa pedra toda a história. O momento da transição para uma consciência humana é aquele em que o herói manda uma mulher para domesticar o ser selvagem *Enkidu*, que viria a ser seu melhor amigo:

*Ela não teve vergonha de recebê-lo. Desnudou-se e acolheu o seu ardor; e, enquanto ele estava deitado nela murmurando o seu amor, ela ensinou-lhe a arte da mulher. Durante sete dias e sete noites estiveram deitados juntos, porque *Enkidu* esquecera a sua morada nas colinas; mas quando ficou saciado regressou para junto dos animais bravios. Então, quando as gazelas o viram, fugiram aos saltos; quando os bichos selvagens o viram, puseram-se em fuga. *Enkidu* teria ido atrás deles, mas o seu corpo parecia amarrado por uma corda, os seus joelhos abandonaram-no quando começou a correr; a sua agilidade desaparecera. E agora os bichos selvagens tinham fugido todos; *Enkidu* tornara-se fraco porque a sabedoria estava nele, e pensamentos de homem habitavam o seu coração. Então regressou, sentou-se aos*

criei essas pessoas primeiras. Estão plena e firmemente formadas; possuem a cor apropriada; têm movimento e vida. Todavia, não podem falar. Eis a coisa digna que lhes falta. Assim, peço que a eles dês a fala. E também sabedoria e capacidade para multiplicar, de maneira que possam desfrutar de sua vida e dar graças ao Criador. Desse modo, Sótuknang deu-lhes a fala, uma língua diferente a cada cor e a capacidade de se multiplicarem. Então, disse-lhes: com todas essas coisas, dei-vos esse mundo onde podeis viver e ser feliz. Há apenas uma coisa que vos quero dizer: respeiteis o Criador em todas as épocas e conservai a sabedoria, a harmonia e o respeito para com o amor do Criador que vos fez. Possa o amor crescer e jamais ser esquecido entre vós enquanto viverdes.

Com a sabedoria que lhes foi concedida, eles entenderam que a Terra era uma entidade viva como eles próprios. Ela era-lhes a Mãe. Eles haviam sido feitos de sua matéria, amamentaram-se dos seus peitos, pois o leite era a grama que os animais comiam e era o trigo que fora criado especialmente para prover a humanidade. Mas a planta do trigo também era uma entidade viva com corpo semelhante a eles mesmos em muitos aspectos e as pessoas formavam a sua matéria

perdida. Se a Vida está perdida, o Amor está perdido. Se o Amor está perdido, a justiça está perdida. Se a justiça está perdida, a moralidade está perdida. A pré-ciência nada mais é que a aparência do Tao e o começo da loucura.

Lao Tsé.
Tao-Te King

pés da mulher e escutou atentamente o que ela disse: Tu és sábio, Enkidu, e agora és semelhante a um deus. Por que queres ser selvagem como os animais da colina? Vem comigo; eu te levarei a Uruk, a de fortes muralhas, ao templo bendito de Ishtar e de Anu, do amor do céu. Lá vive Gilgamesh, que é muito forte, e que como um touro selvagem reina sobre os homens. Ela falou e Enkidu ficou contente; ansiava por um companheiro, por alguém que compreendesse o seu coração.

do próprio corpo dela. Por conseguinte, o trigo também era a mãe deles. Desse modo, conheciam a sua mãe em dois aspectos, os quais eram muitas vezes sinônimos um dou outro: Mãe Terra e Mãe Trigo.

James Powell.
O Tao dos Símbolos

De: Janaína <janaína@estrela.com.br>
Para: Dionísio <dionísio@máscaras.com.br>
Assunto: Tóquio, espaço e superpopulação



Os primeiros contatos entre os hominídeos e os cogumelos contendo *psilocibina* podem ter precedido em um milhão de anos ou mais a domesticação do gado na África. E durante esse período de um milhão de anos os cogumelos não foram somente colhidos e comidos, mas provavelmente também alcançaram o *status* de um culto. Mas a domesticação do gado selvagem, um grande passo na evolução cultural humana, ao trazer os humanos para mais perto do gado, também permitiu um contato

A narrativa trás elementos essenciais de várias mitologias: o touro, o dilúvio, a serpente como símbolo de renovação, o início da consciência e da linguagem, através da arte amorosa e a planta da vida eterna. Os cogumelos com *psilocibina* são um dos candidatos mais promissores, porque estavam disponíveis sem precisar de nenhum preparo prévio. Quando comidos, mesmo em pequenas quantidades, provocam euforia e bem-estar, um aumento notável da acuidade visual, especialmente na detecção periférica, e excitação sexual. A ingestão de uma quantidade maior leva ao estranhamento e ao êxtase. Em qualquer dose que o cogumelo fosse usado, ele possuía a propriedade mágica de conferir vantagens adaptativas sobre os usuários arcaicos e seus grupos. A ampliação da acuidade visual, da excitação sexual e do acesso ao outro transcendente, levou ao sucesso na obtenção de comida, à prole abundante e ao contato com as esferas de poder sobrenatural. A presença de cogumelos contendo *psilocibina*, na dieta dos hominídeos, pode ter mudado os parâmetros do processo de seleção natural, ao mudar os padrões comportamentais sobre os quais essa

Franz Boas foi o primeiro antropólogo a realçar o relacionamento entre a linguagem e a cultura. Ele conseguiu isso do modo mais simples e óbvio: por meio da análise do léxico de dois idiomas, revelando as distinções feitas por pessoas de culturas diferentes. Por exemplo, para a maioria dos norte-americanos que não são fãs do esqui, a neve não passa de um aspecto do tempo; e nosso vocabulário é limitado a dois termos, neve e neve derretida. Em esquimó, são muitos os termos. Cada um descreve a neve num estado ou condição diferente, deixando totalmente explícito que esse povo depende de um vocabulário preciso para descrever não um mero aspecto climático, mas uma característica ambiental significativa. Desde a época de

maior com os cogumelos, porque esses cogumelos crescem apenas nas fezes do gado. Em resultado disso, a interdependência entre os humanos e o cogumelo foi aumentada e aprofundada. Foi nessa época que os rituais religiosos, a criação dos calendários e a magia natural começaram a existir. Pouco depois dos humanos encontrarem os fungos visionários das pradarias africanas, e como as formigas-cortadeiras, nós também nos tornamos a espécie dominante em nossa área, e também aprendemos como manter o grosso de nossa população segura em refúgios subterrâneos. Ao ponderar sobre o curso da evolução humana alguns observadores sérios questionaram o cenário apresentado pelos antropólogos físicos. A evolução nos animais superiores demora um tempo maior para acontecer, operando em períodos de tempo raramente menores do que um milhão de anos e comumente em dezenas de milhões de anos. Mas o surgimento dos humanos modernos a partir dos primatas superiores – com

seleção vinha operando. Um desses comportamentos, o uso da linguagem, que poderia ser anteriormente uma característica secundária, subitamente tornou-se muito útil no contexto dos novos estilos de vida caçadora e coletrora. É importante dizer que nosso corpo fabrica, em pequenas quantidades, substâncias similares as que estão presentes no reino vegetal: do ópio: morfina; dos cogumelos: psilocibina; da ayauasca: dimetiltriptamina. Em nós já existem neuroreceptores adequados, mas a ingestão dessas plantas catalisa o processo. Há uma relação íntima e inseparável entre nossa espécie e os estados alterados da consciência, de qualquer origem: tabaco, café, ópio, açúcar, álcool, cocaína, marijuana, LSD, televisão, outros meios tecnológicos e arte. Sem essa compreensão não podemos encarar adequadamente o abuso de drogas e a autodestruição.

Apesar do individualismo de toda grande urbe, os toquianos, talvez devido à enorme densidade demográfica, são obrigados a ter um senso do coletivo. Por não disporem de vastos espaços abertos e por viverem muito próximos uns dos outros, os japoneses aprenderam a tirar proveito de pequenos espaços. Dedicam muito tempo e atenção à correta organização do espaço da moradia, para estimular a percepção de todos os sentidos. Como indicam os objetos que eles produzem, têm uma consciência muito maior da importância da textura. De todas as sensações, o tato parece a experiência mais pessoal. Para muita gente, os momentos mais íntimos da vida estão associados às texturas cambiantes da pele. A resistência endurecida, encouraçada, diante do toque indesejado ou às texturas excitantes da pele, durante o ato erótico, bem como a qualidade aveludada da satisfação depois, são mensagens de um corpo para o outro, com significados universais.

Boas, os antropólogos veem aprendendo cada vez mais sobre esse relacionamento importantíssimo entre o idioma e a cultura, o que tem levado ao uso de dados do idioma com enorme sofisticação. Análises léxicas costumam ser associadas a estudos sobre as chamadas culturas exóticas do mundo. Benjamin Lee Whorf, em *Linguagem, pensamento e realidade*, foi ainda mais além de Boas. Ele sugeriu que cada idioma desempenha um papel proeminente na própria modelagem do mundo perceptivo das pessoas que o utilizam. Nós dissecamos a natureza de acordo com linhas estipuladas por nosso idioma materno. As categorias e tipos que isolamos no mundo dos fenômenos, nós não as encontramos ali, pelo contrário, o mundo se apresenta num fluxo caleidoscópico de impressões que precisa ser organizado por nossa mente – o que significa em grande parte pelos sistemas linguísticos que se encontram em nossa mente. Nós recortamos a natureza, passamos a organizá-la em conceitos e atribuímos significados, como fazemos, principalmente porque somos parte de um contrato para que ela se organize desse modo – um contrato que vale para toda a nossa comunidade idiomática e está codificado nos padrões da

enormes mudanças em tamanho do cérebro e comportamento – aconteceu em menos de três milhões de anos. Fisicamente, nos últimos cem mil anos, mudamos muito pouco. Mas a espantosa proliferação de culturas, instituições sociais e sistemas linguísticos aconteceu tão depressa que os modernos biólogos evolucionários praticamente não a podem explicar. A maioria nem mesmo tenta.

Os hominídeos provavelmente expandiram sua dieta original de frutas e pequenos animais incluindo raízes, tubérculos e bulbos. Os modernos babuínos das savanas subsistem principalmente de bulbos de capim durante certas estações. Os chimpanzés acrecentam quantidades substanciais de feijões quando se aventuram na savana.

Meu ponto de vista é que os componentes químicos mutagênicos e psicoativos existentes na dieta dos primórdios humanos influenciou diretamente a rápida reorganização das capacidades do cérebro processar informações. Os alcaloides contidos nas plantas, especificamente os

Faz parte dos animais, incluindo o ser humano, manifestarem o comportamento que chamamos territorialidade. Criamos uma série de bolhas invisíveis. À medida que desenvolvemos a cultura, ficamos muito domesticados e nesse processo criamos uma série de mundos diferentes um do outro. Cada mundo tem seu próprio conjunto de estímulos sensoriais, de modo que o que representa invasão do espaço para pessoas de uma cultura não representa, necessariamente, a mesma coisa para pessoas de outra cultura. Uma das distinções dos outros animais é que criamos extensões dos nossos organismos, transferimos a evolução do corpo para nossas extensões e aceleramos o processo evolutivo, a tal ponto que, elas assumiram o controle e a modificação da natureza, com a dimensão cultural. Mas não devemos esquecer que a humanidade está enraizada em nossa natureza animal. Além disso, os outros animais parecem não rationalizarem o comportamento, deixando de ocultar com isso problemas obscuros. Em seu estado natural, eles reagem com uma constância espantosa, de tal modo que é possível observar atitudes repetidas e praticamente idênticas. A territorialidade, um conceito básico no estudo do comportamento animal, é definida como a maneira pela qual um organismo reivindica a posse de uma área e a defende de membros de sua própria espécie. É a territorialidade que garante a propagação da espécie por meio do controle da densidade e que mantém os animais a uma distância em que possam se comunicar uns com os outros, de tal modo que haja a possibilidade de aviso da presença do alimento ou de algum adversário. Sem a devida manutenção dessa distância, eles perdem a batalha, derrotados por outro indivíduo de sua própria espécie, em vez de pela fome, doença ou por algum predador.

nossa língua. Naturalmente, trata-se de um contrato implícito e não enunciado, mas suas condições são absolutamente obrigatórias.

Não podemos falar de modo algum se não endossamos a organização e classificação de dados que o contrato determina. Nenhum indivíduo tem liberdade para descrever a natureza com absoluta imparcialidade, mas é forçado a seguir certas modalidades de interpretação mesmo no momento em que se acredita mais livre.

Whorf dedicou anos ao estudo do *hopi*, idioma dos índios que habitam as *mesas* no deserto do norte do Arizona. Poucos homens brancos, se é que algum, podem afirmar ter dominado a língua *hopi* nos níveis mais altos de fluência, se bem que alguns se saiam melhor que outros. Whorf descobriu parte da dificuldade quando começou a entender os conceitos de tempo e espaço dos *hopis*. Em *hopi*, não há nenhuma palavra equivalente ao tempo cronológico inglês. Como o tempo e o espaço se encontram inseparavelmente enredados um no outro, a eliminação da dimensão do tempo altera também a dimensão espacial. O universo do pensamento dos *hopi*, diz Whorf, não possui nenhum espaço imaginário. Ele não tem como localizar o pensamento que trata do espaço real em lugar nenhum a

compostos como a *psilocibina*, a dimetiltriptamina (DMT) e a harmalina podem ter sido os fatores químicos da dieta que catalisaram o surgimento da auto-reflexão humana. A ação dos alucinógenos presentes em muitas plantas comuns aumentou nossa capacidade de processamento de informações e nossa sensibilidade ambiental, com isso contribuindo para a súbita expansão do tamanho do cérebro. Como aconteceu num estágio posterior desse mesmo processo, os alucinógenos atuaram como catalisadores no desenvolvimento da imaginação, alimentando a criação de estratégias internas e esperanças que podem ter sinergizado o surgimento da linguagem e da religião. Em pesquisas realizadas no final dos anos de

1960, Roland Fischer deu pequenas quantidades de psilocibina a estudantes de pós-graduação e em seguida mediu sua capacidade de detectar o momento em que linhas anteriormente paralelas se desviavam. Ele descobriu que a capacidade de desempenhar essa tarefa específica era aumentada depois de pequenas doses de

Há uma necessidade crescente de reexame da doutrina *malthusiana* que associa a população ao alimento disponível. Embora tendamos a deplorar os efeitos da superpopulação, não devíamos nos esquecer de que o estresse que ela produz já foi positivo. Ela foi eficaz na evolução, por empregar as forças da competição *intra-específica* em vez da competição *interespecífica*. É muito importante a diferença entre essas duas pressões evolutivas. A competição entre espécies prepara a cena em que os primeiros tipos poderão se desenvolver. Ela envolve espécies inteiras, em vez de linhagens diferentes do mesmo animal. A competição no interior de uma espécie, por sua vez, refina a progênie e aprimora seus traços característicos. A competição intra-específica serve para refinar a forma incipiente do organismo. Hipóteses recentes sobre a evolução dos humanos ilustram os efeitos dessas duas pressões. Tendo sido originalmente um animal que habitava o solo, o antepassado do humano foi forçado, pela competição interespecífica e por mudanças no ambiente, a abandonar o chão e adaptar-se às árvores. A vida arborícola exige uma visão aguçada e reduz a dependência em relação ao olfato, sentido decisivo para organismos terrícolas. Assim, o sentido do olfato nos chegou menos desenvolvido, e os poderes da visão foram enormemente aperfeiçoados. Uma consequência da perda do olfato, como importante meio de comunicação, foi uma alteração no relacionamento entre os humanos. Ela pode ter proporcionado a nós uma capacidade maior de suportar a aglomeração. Se os seres humanos tivessem faro semelhante aos ratos ou aos cães, ficariam desorientados com o leque de mudanças emocionais que ocorressem ao seu redor. A passagem da confiança no olfato para a confiança na visão, em consequência de pressões ambientais, redefiniu totalmente nossa situação. A

não ser no espaço real; também não consegue isolar o espaço dos efeitos do pensamento.
Em outras palavras, os *hopis* não conseguem imaginar, segundo nossa concepção, um lugar semelhante ao paraíso ou inferno de que falam os missionários. Aparentemente, para eles não existe nenhum espaço abstrato, algo a ser preenchido por objetos. Mesmo a linguagem figurada espacial da língua inglesa é estranha para eles. Falar em captar determinada linha de raciocínio, ou em entender o ponto principal de uma argumentação, não faz sentido para os *hopis*.

Edward Sapir, professor e orientador de Whorf, também fala com sugestiva veemência sobre a relação do humano com o chamado mundo objetivo.

É uma total ilusão imaginar que alguém se ajuste à realidade essencialmente sem o uso da linguagem e que a linguagem seja meramente um meio causal para resolver problemas específicos de comunicação ou reflexão. O fato é que o “mundo real” em grande medida é construído sobre os hábitos linguísticos do grupo.
A influência de Sapir e Whorf estendeu-se muito além dos estreitos territórios da antropologia e da linguística descritiva. Sua linha de pensamento levou-me a consultar

psilocibina. Quando discuti essas descobertas com Fischer, ele sorriu, depois de explicar suas conclusões, e em seguida resumiu: *você vê, o que se provou conclusivamente aqui é que, sob certas circunstâncias, somos mais bem-informados sobre o mundo real se tomamos uma droga do que se não tomamos.*

Terence McKenna.
O Alimento dos Deuses.

capacidade de planejar tornou-se possível porque os olhos abrangem uma área maior. A visão aceita dados mais complexos e assim estimula o pensamento abstrato. Já o olfato, embora profundamente emocional e gratificante em termos sensuais, nos leva em outra direção.

Essa reflexão sobre nossas relações com o espaço e a alta densidade demográfica, é fruto da minha leitura do livro *A Dimensão Oculta*, do antropólogo americano Edward T. Hall, que vim lendo durante a longa viagem. Em relação a Tóquio, Sampa é muito espaçosa!

o dicionário Oxford de bolso e dele extrair todos os termos que se referissem a espaço ou tivessem conotações espaciais, como junto, distante, por cima, por baixo, longe de, ligado, fechado, sala, perambular, derrubar, nível, vertical, adjacente, congruente, e assim por diante. A listagem preliminar revelou cerca de 5 mil termos.

Edward T. Hall
A Dimensão Oculta

De: Isadora<isadora@lua.com.br
Para: Dionísio <dionísio@máscaras.com.br
Assunto: Poesia do começo ao fim

Amor – pois que é palavra essencial comece esta canção e toda a envolva.

Amor guie o meu verso, e enquanto guia, reúna alma e desejo, membro e vulva.

Quem ousará dizer que ele é só alma?

Quem não sente no corpo a alma expandir-se até desabrochar em puro grito de orgasmo, num instante de infinito?

O corpo noutro corpo entrelaçado, fundido, dissolvido, volta à origem dos seres, que Platão viu completados: é um, perfeito em dois; são dois em um.

Integração na cama ou já no cosmo?

Onde termina o quarto e chega aos astros?

Que força em nossos flancos nos transporta a essa extrema região, etérea, eterna?

Então a paz se instaura. A paz dos deuses, estendidos na cama, qual estátuas vestidas de suor, agradecendo o que a

Dionísio querido: esse é o momento de fazermos nossa longa viagem ao esquecimento. Nossa última conversa doeu demais. É muito simbólico que tudo tenha acontecido em frente ao dragão, no Parque Água Branca, onde fomos tão felizes! Repito: não suporto o peso de destruir um casamento tão longo e bonito. Será que algum dia Janaína me perdoará?

É minha mestra quem diz: O amor é quando você dá o que não tem, para alguém que não precisa daquilo.

A primavera é quando do escuro da terra/ascende a música da paixão/a primavera é quando ninguém mais espera/e desespera tudo em flor/a primavera é quando ninguém acredita/e ressuscita por amor.

Tantas vezes cantamos essa música de Wisnik, ela foi nosso mantra. Muitas primaveras virão. Sempre será gozado o que foi bem vivido. Torço por você. Termino por onde

Gorjeio é mais bonito do que canto porque nele se inclui a sedução.

É quando a pássara está enamorada que ela gorjeia. Ela se enfeita e bota novos maneios na voz.

Seria como perfumar-se a moça para ver o namorado.

É por isso que as árvores ficam loucas se estão gorjeadas.

É por isso que as árvores deliram. Sob o efeito da sedução da pássara as árvores deliram. E se orgulham de terem sido escolhidas para o concerto.

um deus acentua o amor terrestre.

Carlos Drummond de Andrade
O Amor Natural

começamos, invocando o corpo e a poesia,
Fernando Pessoa:

A poesia é um saber com o corpo, um saber musical, rastro ritmado de um sentir pensando.

As flores dessas árvores depois
nascerão mais perfumadas.

Manoel de Barros
Gorjeios.

De: Dionísio <dionísio@máscaras.com.br>
Para: Isadora<isadora@lua.com.br>
Assunto: Que o deus mais antigo e jovem nos guie e ilumine

Como um fósforo a arder antes
que cresça a flama,
distendendo em raios brancos
suas línguas de luz, assim
começa e se alastra ao redor,
ágil e ardente, a dança em arco
aos trêmulos arrancos.
E logo ela é só flama,
inteiramente.

Com um olhar põe fogo nos
cabelos e com a arte sutil dos
tornozelos incendeia também
os seus vestidos de onde,
serpentes doidas, a rompê-los,
saltam os braços nus com
estalidos.

Então, como se fosse um feixe
aceso, colhe o fogo num gesto
de desprezo, atira-o
bruscamente no tablado e o

Isadora amada: ficou insuportável que a minha presença só lhe cause tristeza, dor, remorso, constrangimento e culpa. O que foi uma graça da vida, bênção e catalisação da Deusa, agora só existe em mim. A dor é saber que só tenha ficado em você o lado sombrio. Como posso maldizer o que nos aconteceu? Como não aceitar as tortuosidades e os mistérios da vida? Se amadurecer, como dizem, é suportar não ser amado por quem se ama nunca vou, nem quero, conseguir.

Teríamos muito para viver juntos, mas parece que ainda lhe assombra a morte do seu pai, o círculo vicioso do sofrimento, a compulsão de repetir a cena da perda: nenhum deus ou humano, ninguém jamais vai me trair outra vez, por isso me antecipo: parto. Contudo, posso estar me enganando e ser só o fazer e desfazer rápido de laços afetivos nesses tempos líquidos. Lembro Paulinho da Viola:

Todo aquele que sabe separar o amor da paixão, tem o segredo da vida e da morte no seu coração.

Tenho certeza de que Janaína no futuro lhe perdoará. Fique em paz. Quero estar com você se um dia a nossa convivência voltar a ser amorosa, criativa, leve e alegre.

Eis a trilha sonora, *Eros Motor*, de Péricles

Uma mulher me espera: ela tem

tudo, nada está faltando –

embora tudo estivesse faltando se

o sexo faltasse ou o borriço do
homem certo.

O sexo contém tudo: corpos,

almas, sentidos, provas, purezas,

delicadezas, resultados, avisos,

cantos, ordens, saúde, o mistério

materno, o leite seminal, todas as

esperanças e benefícios, todas as

dádivas, paixões, amores,

encantos, gozos da terra, todos

os deuses, juízes, governos,

pessoas no mundo com seguidores

– tudo isso no sexo está contido

ou como parte dele ou como sua

razão de ser.

contempla.

Ei-lo ao rés do chão, irado, a sustentar ainda a chama viva.

Mas ela, do alto, num leve sorriso de saudade, erguendo a fronte altiva, pisa-o com seu pequeno pé preciso.

Rainer Maria Rilke.
Dançarina Espanhola.

Cavalcanti:

Eros / cantor da liberdade / Eros / motor das invenções/Eros mestre das comemorações /Eros/o próprio entusiasmo/ Eros/ o rei do bom humor / Eros / zunzum de cada esquina, capricho de menina / meu sol, meu provedor / Eros / o arco, a flecha e o alvo / Eros / o purificador /Eros / a dança e as linguagens / Eros /o regenerador /Eros / doutor em sutilezas / Eros / dos sábios condutor / Eros / meu eu, meu deus, minha sina / me guia e me ilumina / nos caminhos onde vou.

Sem se envergonhar disso, o homem que eu amo conhece e proclama as delícias do sexo; sem se envergonhar disso, conhece e proclama a mulher que eu amo as delícias dela.

Walt Whitman.
Folhas de Reiva

De: Dionísio <dionísio@máscaras.com.br>
Para: Hermes <hermes@caduceu.com.br>
Assunto: O tempo transforma luto em saudade

Hermes Amigo

Nas sociedades mais rudimentares e menos diferenciadas socialmente, os mortos são quase confundidos uns com os outros e confundidos com os vivos. “Mas quem és tu, morto ou vivo”, pergunta-se ao desconhecido que passa. Os poderes deles ainda são difusos. O medo inspirado por sua presença familiar é pequeno. Deuses e mortos são indiferenciados: as duas noções se correspondem. Os deuses são produtos de uma extensão e de uma diferenciação com duas dimensões, elas próprias determinadas pela extensão das sociedades arcaicas e de sua diferenciação social, isto é, de sua evolução geral. Por um lado, o mundo dos mortos se estenderá e se diferenciará do mundo dos vivos, por outro, no

Agradeço o seu telefonema, foi um alívio. Estava me sentindo tão sem nada nem ninguém. No dia da separação, acordei de madrugada com essa letra antiga, do tempo do samba-canção, se quiser faça a música. O título: *Debalde mente*, outra feita pra Isadora:

Como disse o vate/Quis debalde varrer-te da memória/Embora tenha boa vassoura/Só consegui em parte/Ainda pairas poeira, estrela./ Esqueci tuas mentiras/Os e-mails apaixonados/Promessas de felicidade/E namoros pela cidade/Contudo, a memória debalde, rebelde, grita/Vocifera teu corpo: a pele, os olhos, o cheiro. /Digo então pra vocês/Varrí tudo de vez/Em cima e embaixo da cama, do tapete/Joguei fora travesseiro, lençóis, o abajur lilás/Queimei até o glorioso corpete/E agora só resta mesmo dela/A memória/Em cada célula/Doida varrida.

Encontraria Isadora? É o que me perguntava, muitas vezes, enquanto refazia os percursos que fizemos juntos e mesmo outros.

É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção.

São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências.

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias contadas pelos inúmeros narradores anônimos. Entre estes, existem dois grupos, que se interpenetram de múltiplas maneiras. A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. Quem viaja tem muito que contar, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas

próprio interior do mundo dos mortos, os grandes mortos se diferenciarão e estenderão seu poder em relação ao comum dos mortais.

É o mundo dos mortos, como um continente à deriva, se afastará cada vez mais do mundo dos vivos.

Portanto, quanto mais os mortos se afastarem dos vivos, mais precisos se tornarão as diferenciações entre os mortos, mais precisas se tornarão os poderes divinos dos mortos-ancestrais. E quanto mais mortos-ancestrais se divinizarem, mais seus atributos divinos submergirão seus caracteres de mortos, até transformá-los em mortos jamais nascidos, ou vivos jamais mortos, que desde seu nascimento terão vivido a vida gloriosa do além: isto é, verdadeiros *imortais*.

Enfim, estes mesmos atributos divinos transcendem suas qualidades de ancestrais para transformá-los em deuses criadores da humanidade, da vida, e até do universo. O poder dos mortos passou então a ser o poder dos deuses, a ciência dos mortos se transformou em ciência dos deuses ou religião.

A transformação “quantitativa” é “qualitativa” no momento em que a escala divina já não tem nenhuma relação, salvo miraculosa, com a escala humana; a alienação do duplo se solidificou muito além e muito alto. Como diz Frobenius, “o humano se separa do divino, e desta separação nasceram os deuses”.

Assim se desenvolve, do duplo

Tínhamos brincado o tempo todo com acações e sincronicidades, quem sabe? Por toda parte ainda sinto o seu cheiro. Acho chocante que a gente gaste tanto tempo com fantasmas afetivos e se contente com migalhas. Dói no peito quando a gente focaliza, personaliza o amor em alguém e calcula o muito que damos e o pouco que recebemos de volta. É nesse momento que surge a ideia de migalhas afetivas. Tenho andando tão sozinho que às vezes penso que nunca mais farei um contato íntimo com outro corpinho. Parece que esse é o momento do discernimento, o eremita não é uma meta, mas uma plataforma de lançamento. A potência da vida está em todos e em mim. Quando vem a tentação de me deprimir recordo a dança, o esforço enorme para dar continuidade à vida, no filme: *A Marcha dos Pinguins*.

Há quanto tempo não via Isadora? Na noite passada sonhei transando com ela em um elevador. Acordei contente e logo ouvi o bem-te-vi cantar diferente, descompassado: bem te vi te vi te vi, com ênfase na visão. Fiquei desconfiado, mas achei que tudo era coisa do meu desejo. Fui almoçar na Paulista. Lá pras tantas, quase em frente ao Masp, penso que estou alucinando: lá vem Isadora, por cima da sinalização de cegos, falando no celular. Digo-lhe: parece que não precisamos mais agendar encontros? Sem ouvir, ainda falando no celular, ela pra mim: qual número é aquele? Edifício *Scarpa*, uma loja italiana: *Fatto a mano. Vomo*. O número 1765. Faço as contas, no espírito da nossa brincadeira: *alegria é a prova dos noveis forç*: um. Parece que temos mesmo que seguir cada qual o seu caminho. O edifício anuncia escarpa: há um abismo entre nós. O código do edifício traduzido: Um homem se faz à mão. Ela nem nota o código dado pelo acaço. Pára de falar e finalmente me ouve e vê. O tempo da conversa é curto, a pessoa que ela espera está para chegar. Sem muita consciência faço uma

também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. Se quisermos concretizar esses dois grupos através dos seus representantes arcaicos, podemos dizer que um é exemplificado pelo camponês sedentário, e outro pelo marinheiro comerciante.

Se os camponeses e os marujos foram os primeiros mestres da arte de narrar, foram os artífices que a aperfeiçoaram. No sistema corporativo associava-se o saber das terras distantes, trazidos para casa pelos migrantes, com o saber do passado, recolhido pelo trabalhador sedentário.

O senso prático é uma das características de muitos narradores natos. Isso esclarece a natureza da verdadeira narrativa. Ela tem em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador

é um homem que sabe dar conselhos. Mas se “dar conselhos” parece hoje algo antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Em consequência, não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros. Aconselhar é menos responder a uma pergunta do que

fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. Para obter essa sugestão, é necessário primeiro saber narrar a história, sem contar que uma pessoa só é receptiva a um conselho na medida em que verbaliza a sua situação. O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. A arte de narrar está definindo porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção. Porém, esse processo vem de

ao deus, passando pelo morto-ancestral-deus, a divindade potencial do morto, mas através de seleções severas em que os mortos-ancestrais e os mortos-chefes se destacam dos outros mortos, os grandes ancestrais se destacam dos pequenos ancestrais, e os deuses se destacam entre os grandes ancestrais. Em seu desenrolar, a história do Pantaneiro divino será o reflexo da história humana.

Na concepção monárquica, o rei é o duplo do deus, seu "Ka". Esta identificação do rei-deus à divindade solar e lunar foi por vezes tão absoluta que a execução ritual do rei consagrava a morte do ano solar ou lunar. Depois, preocupados em não levar tão longe esta identificação, os reis mandaram que os substituíssem por vítimas sacrificiais.

Nas sociedades guerreiras de caça ou criação de gado, onde o acaiso exerce um papel importante, ei-los detentores prodigiosos da boa sorte, senhores onipotentes do sucesso. Mas é sobretudo após a fixação no solo, que o poder dos deuses se integra profundamente à natureza, e que esta se recobre e se enche de carne cósmica; para as civilizações agrárias, enraizadas na terra fecunda, ansiosamente voltadas para o céu, terra e céu aparecem como dois esposos; a chuva é líquido seminal do céu fecundante. Depois o sol e a lua, senhores das estações, senhores da vida, se erguem em seu poder infinito. A terra, o céu, o sol, a lua revestem

terna carícia em seu rosto. Só noto quando ela se comove. Diz que vai para Alemanha, trabalhar com o grupo de dança de *Pina Bausch*. O carro chega, faz uma reverência, lhe desejo boa sorte e luz no caminho. Ubíqua ela vai também comigo, talvez em nossa última trilha sonora:

Na Paulista os faróis já vão abrir/E um milhão de estrelas prontas pra invadir os jardins/Onde a gente aqueceu uma paixão / Manhãs frias de abril /Se Avenida exilou seus casarões/Quem reconstruiria nossas ilusões?/Me lembrei de contar pra você nessa canção/ Que o amor conseguiu/Você sabe quantas noites eu te procurei/Nessas ruas onde andei/Conta, onde passeia hoje esse teu olhar?/ Quantas fronteiras ele já cruzou?/Num mundo inteiro de uma só cidade/Se os teus sonhos emigraram sem deixar nem pedra sobre pedra/Pra poder lembrar/Dou razão, é difícil hospedar no coração sentimentos assim.

Roy Batty, o andróide, em *Blade Runner*: hora de morrer. E depois renascer. A existência deve bastar-se por si mesma, porém se depois da morte ainda se espera que haja outra forma de existência individual, me parece uma homenagem à vida: ah, mais valia! Todavia, quero é viver muitas vidas agora então, sem precisar deixar nada para outra encarnação. Ir a toda até virar uma estrela supernova ova ova ova.

Talvez a vida humana só seja possível com borracha e apagador. Ou pintar por cima do erro, como fazia Matisse. Parece que agora somos mais quatro solitários pelo mundo. As mulheres, todas elas são a Deusa, porém algumas são mais nítidas do que outras. Não existe ex-mulher na vida de um homem, aí mãe, vocês são para sempre. Você sabe que gosto de paradoxos, vim buscar em Sampa:

longe. Nada seria mais tolo que ver nele um "síntoma de decadência" ou uma característica "moderna". Na realidade, esse processo, que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá uma nova beleza ao que está desaparecendo, tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular das forças produtivas.

Villemevant, o fundador do *Figaro*, caracterizou a essência da informação com uma fórmula famosa: Para os meus leitores, costumava dizer, o incêndio num sótão do Quartier Latin é mais importante que uma revolução em Madri. Essa fórmula lapidar mostra claramente que o saber que vem de longe encontra hoje menos ouvintes que a informação sobre acontecimentos próximos. O saber, que vinha de longe – do longe espacial das terras estranhas, ou do longe temporal contido na tradição –, dispunha de uma autoridade que era válida mesmo que não fosse controlável pela experiência. Mas a informação aspira a uma verificação imediata. Antes de mais nada, ela precisa ser compreensível "em si e para si". Muitas vezes não é mais exata que os relatos antigos. Porém, enquanto esses relatos recorriam frequentemente ao miraculoso, é indispensável que a informação seja plausível. Nisso ela é incompatível com o espírito da narrativa. Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a

com seus adornos deslumbrantes, com seus mantos sagrados, os antigos deuses-ancestrais, de forma animal ou humana, ou os novos deuses agrários, vaca, touro, símbolos de fecundidade ou de renovação. Nas sociedades urbanizadas, certos deuses animais se antropomorfizam pela metade, e se tornam animais com cabeças de homens, homens com cabeças de animais. Eles continuam a ser animais ao mesmo tempo que homens, na medida em que sua forma animal reflete mais poderosamente que forma humana as forças que eles encarnam; este é o caso do touro Mitra, símbolo concreto da fecundidade viril, a pantera Kali, símbolo da terrível força destruidora e criadora da natureza-mãe.

A grande subida dos deuses à realeza cósmica está ligada, em parte, ao grande aumento da angústia da morte. Quanto mais sólida, rica “proprietária” se torna a vida dos homens, mais violentos são o choque e a regressão infantil sentidos em face da morte, mais inquieta é a crença na sobrevivência, mais poderoso parece o deus, pai onipotente, e mais ardente é a prece submissa que lhe pede a imortalidade.

À promoção dos deuses corresponde a desvalorização dos “duplos”. Perante os deuses imortais e radiosos, o homem vai considerar de um ponto de vista cada vez mais sombrio sua existência pós-mortal de duplo, pobre sucedâneo de vida que já vai sendo corroída pelo nada.

tempo, paciência e calma. Vim do Recife, o que mais posso fazer na Cosmópolis? Pontes-pontes-pontes.

Sou um Poeta em tempo integral e dedicação inclusiva. E quem diria, riria da coisa, até com bolsa de pesquisa. Agora escrevo o tempo todo, no computador e pelas ruas, no cinema e nas livrarias, por toda parte, anoto tudo em cadernetas, a poesia não está nas ruas? No bolso do peito sempre trago um poema, ninguém nunca sabe a urgência! Contudo, faz todo sentido: vim para Sampa não só por Isadora, mas para virar homem, conseguir certo grau de autonomia no *Matriarcado de Pindorama*, onde sempre vivi cercado de mulheres por todos os lados, comandando tudo.

Montado em meu sonho sou cavalo, centauro, pégaso. Hermes querido, liberdade, coragem de cada dia, coração inventa, só estou fazendo na vida o que tenho vontade, nem todo mundo aguenta. Sampa não é propriamente o Saara, mas atravessar o deserto é ficar muito tempo sem contato íntimo com outro corpo. Descubro que sublimação é fazer de imagens eróticas uma edição. Entre o velho e o menino oscila o homem. No fio ando, funâmbulo.

O artista só tem uma vantagem, em relação aos outros: mais coragem. O movimento criativo é o exercício experimental da liberdade, é o que nos diz Mário Pedrosa. Quando contei meu pequeno drama para uma amiga, ela saiu com essa: pois um amigo meu foi criado pela avô e mais nove mulheres. A avô lhe deu duas instruções básicas: ame as mulheres acima de tudo, porque somos melhores do que os homens. Mas tenha muito cuidado com nosso ódio, porque aí também somos muito melhores do que vocês. O aprendiz virou mestre.

rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual. Talvez ninguém tenha descrito melhor do que Paul Valéry a imagem espiritual desse mundo de artífices, do qual provém o narrador: Iluminuras, marfins profundamente entalhados; pedras duras, perfeitamente polidas e claramente gravadas; lacas e pinturas obtidas pela superposição de uma quantidade de camadas translúcidas – todas essas produções de uma indústria tenaz e virtuosística cessaram, e já passou o tempo em que o tempo não contava. O homem de hoje não cultiva o que não pode ser abreviado.

A ideia da eternidade sempre teve na morte sua fonte mais rica. Se essa ideia está atrofiando, temos que concluir que o rosto da morte deve ter assumido outro aspecto. Essa transformação é a mesma que reduziu a comunicabilidade da experiência à medida que a arte de narrar se extinguia.

No decorrer dos últimos séculos, pode-se observar que a ideia de morte vem perdendo, na consciência coletiva, sua onipresença e sua força de evocação. Esse processo se acelera em suas últimas etapas.

Durante o século XIX, a sociedade burguesa produziu, com as instituições higiênicas e sociais, privadas e públicas, um efeito colateral que inconscientemente talvez tivesse sido seu objetivo principal: permitir aos humanos evitarem o espetáculo da morte. Morrer era antes um episódio público na vida do indivíduo, e seu caráter altamente exemplar: recordem-se as imagens da Idade Média, nas quais o leito de morte se

Mas a decadência do duplo tem causas bem mais amplas que a subida dos deuses. Ela se inscreve no movimento geral das civilizações que se urbanizam. Constitui um momento capital do progresso da consciência de si.

Lentamente, a alma vai suplantar um duplo cada vez mais exterior, estranho.

A ideia de alma se encontra talvez em germe na concepção primitiva de morte-renascimento, onde, embora o indivíduo mude de corpo ao renascer como animal ou recém-nascido, algo, que é a própria essência dele mesmo, permanece através da metamorfose. Mas, na consciência arcaica, a essência do eu, que permanece inalterável através da vida e do novo nascimento, não é absolutamente conceptualizada, definida, apreendida: existe apenas a evidência da morte-renascimento.

A alma, em germe na morte-renascimento, também se encontra em germe em certas concepções do duplo, nas quais este, de essência aérea, é representado pelo suspiro que se desprende na morte. De fato, a concepção “pneumática” da alma nos mostra que esta poderá conservar por muito tempo certos atributos do duplo. Mostra-nos, ao mesmo tempo, a filiação que vai do duplo à alma, conforme um movimento de reintegração do duplo ao interior do indivíduo. A alma é o duplo interiorizado. Essa interiorização não se fará de uma só vez, imagina-se. A alma conservará por muito tempo uma certa materialidade. Sua sede será localizado no diafragma, ou no coração, ou na cabeça, porque justamente, como diz Zénon, “a alma é um corpo, e persiste após a morte”. O “ruach” hebreu, assim como o “pneuma” grego, são corpos.

Estava em Pernambuco. Há poucos dias tinha voltado para Sampa. Depois do almoço fiz uma sesta, mas fui sacudido por muitas mãos. Quase caí da cama e acordei confuso. Liguei e descobri que meu irmão estava internado em uma UTI, em Recife. Como esses episódios eram frequentes ainda vacilei em viajar, mas considerei que ser acordado por muitas mãos era um aviso importante. Quando nossa mãe adoeceu gravemente, esteve lúcida todo tempo, mas revoltada, por não poder morrer com todos os seus em volta da cama, em casa, e sim isolada da família, em uma duplamente gelada UTI: pelo ar condicionado excessivo e a ausência de afeto. Naquele momento, jurei que se tivesse algum poder de decisão, isso jamais aconteceria em meu entorno. Foi com essa consciência que fui encontrar meu irmão, também lúcido, lutando pra viver, mas com muito sofrimento para ele e todos nós e sem chance algum de voltar a ter uma boa vida. Devemos recuperar o direito de morrer com dignidade. Antigamente, quando o transporte era precário, a pessoa que não avisasse aos seus queridos e parentes que iria morrer, com uma antecedência de pelo menos quinze dias, era considerada uma pessoa desatenciosa ou desrespeitosa com os seus, que não teriam tempo para se preparar e se deslocar. Talvez porque a morte não fosse reprimida ou escamoteada, as pessoas recebiam com naturalidade os sinais: em sonhos, pelo canto dos pássaros ou outro código qualquer, como as sacudidas pra me acordar. Ao assumir cada vez mais esse meu lado de xamã, sei que uma das funções é ajudar às pessoas no bem viver e bem morrer. Lá pras tantas, tive coragem de dizer ao meu irmão que sua luta era vã. Como não fazia há muito tempo chorou. Enxugou as lágrimas e o nariz com um lenço de papel, fez uma bolinha e deu um peteleco pra cima. Caímos todos na gargalhada! Retirou os equipamentos e pediu pra morrer em casa. Olhou pra mim e perguntou: quem são esses índios que estão com você? Nesse momento

transforma num trono em direção ao qual se precipita o povo, através das portas escancaradas. Hoje, a morte é cada vez mais expulsa do universo dos vivos. Antes não havia uma só casa e quase nenhum quarto em que não tivesse morrido alguém. Ora, é no momento da morte que o saber e a sabedoria do humano e sobretudo sua existência vivida – e é dessa substância que são feitas as histórias – assumem pela primeira vez uma forma transmissível. Assim como no interior do agonizante desfilam inúmeras imagens – visões de si mesmo, nas quais ele se havia encontrado sem se dar conta disso -, assim o inesquecível aflora de repente

em seus gestos e olhares, conferindo a tudo o que lhe diz respeito aquela autoridade que mesmo um pobre-diabo possui ao morrer, para os vivos em seu redor. Na origem da narrativa está essa autoridade. A morte é a sanção de tudo o que o narrador pode contar.

Não se percebeu devidamente até agora que a relação ingênua entre o ouvinte e o narrador é dominada pelo interesse em conservar o que foi narrado. Para o ouvinte imparcial, o importante é assegurar a possibilidade da reprodução. A memória é a mais épica de todas as faculdades. Somente uma memória abrangente permite à poesia épica apropriar-se do curso das coisas, por um lado, e resignar-se, por outro lado, com o desparecimento dessas coisas, com o poder da morte.

Mnemosyne, a deusa da reminiscência, era para os gregos a musa da poesia épica. A reminiscência funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração. Ela corresponde à musa épica no sentido mais amplo. Ela inclui todas as variedades da forma épica. Entre elas, encontra-

Os primeiros filósofos tentarão sempre determinar a matéria da alma: ar, fogo. A alma corresponde em geral a uma nova etapa da individualidade que, progredindo na consciência de si mesmo, interioriza sua própria dualidade, conforme o movimento antropológico definido por nós, e acentua cada vez mais sua própria intimidade subjetiva. A desvalorização do duplo, o aparecimento da alma vão colocar o problema da imortalidade em novos termos.

Por um lado, a alma será o núcleo imortal do indivíduo que aspira à salvação; após a morte, ela se revestirá de um corpo incorruptível. Por outro lado, a alma do homem se descobrirá análoga à alma do mundo, isto é, à divindade cósmica absoluta, e irá aspirar a uma imortalidade que será fusão nesta divindade cósmica.

Ou seja, ora a alma será o suporte de uma salvação pessoal, ora o suporte de uma salvação cósmica.

A alma e a salvação surgem de um mesmo movimento, a partir do culto trácio de Dionísio.

Nas festas iniciáticas dionisíacas, a alma arrebatada, desfalecida, ébria de plenitude em sua identificação com o deus touro, exaltando-se na comunicação extática, se revela de natureza divina, e garante ao homem não uma sobrevivência de duplo, e sim uma ressurreição, vida nova, resplandecente, dotada de um novo corpo imperecível.

Edgar Morin
O Homem e a Morte.

compreendi as sacudidas pra me acordar e disse: é a minha tribo, que veio lhe ajudar a morrer. Seja como for, Hermes, morrer é solo, viver é conjunto.

Todo dia rejo pra morrer antes do limite da autonomia, antes ainda da tentação de maldizer a vida. Amigo, agora você sabe que meu luto é duplo. Mas quem cura luto é saudade e tempo. O velho nasceu comigo. O que eu não desconfiava é da grande alegria do menino.

Talvez um dos maiores desejos do artista seja mostrar o processo criativo por dentro. A vanguarda sempre existe no limite novidade: banalidade. Porém é preciso correr o risco, se quisermos ampliar o repertório estabelecido. Nossa narrativa pretende levar a Literatura adiante, ir além do esgotamento das vanguardas, mas oscila entre ficção científica e auto-ajuda.

Acho que esse é o momento de continuar a nossa pesquisa das origens da cisão corpo e alma; da negação do animal em nós; e da quebra da conexão com a Terra, antes mediada pelas plantas psicoativas expansoras da consciência. Já falei com Janaína. O que acha?

se em primeiro lugar a encarnada pelo narrador. Ela tece a rede que em última instância todas as histórias constituem entre si. Uma se articula na outra, como demonstraram todos os narradores, principalmente orientais. Em cada um deles vive uma *Scherazade*, que imagina uma nova história em cada passagem que está contando. Tal é a memória épica e a musa da narração. Os comerciantes deixaram marcas profundas no ciclo narrativo d'As mil e uma noites.

Podemos ir mais longe e perguntar se a relação entre o narrador e sua matéria – a vida humana – não seria ela própria uma relação artesanal. Não seria sua tarefa trabalhar a matéria-prima da experiência – a sua e dos outros – transformando-a num produto sólido, útil e único? Talvez se tenha uma noção mais clara desse processo através do provérbio, concebido como uma espécie de ideograma de uma narrativa. Podemos dizer que os provérbios são ruínas de antigas narrativas, nas quais a moral da história abraça um acontecimento, como a hera abraça um muro.

Assim definido, o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida – uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia.

O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer. Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la *inteira*.

Walter Benjamin.
O narrador.

Os Xamãs – conhecidos no mundo “civilizado” como “curandeiros” ou “feiticeiros” – preservam um notável conjunto de antigas técnicas, que usam para obter e manter o bem-estar e a cura para eles próprios e para os membros das suas comunidades. Esses métodos xamânicos revelam-se de notável semelhança em todo o mundo, mesmo para povos cujas culturas são bastante diversas sob outros aspectos, povos que estão separados uns dos outros por oceanos e continentes, há dezenas de milhares de anos. Carecendo do nosso avançado nível de tecnologia médica, esses povos chamados primitivos tiveram excelente razão para se sentirem motivados a desenvolver capacidades não tecnológicas da mente humana, para a saúde e a cura. A uniformidade básica dos métodos xamânicos sugere que, por meio de tentativas e erros, os povos chegaram às mesmas conclusões.

Você deve lembrar quando Hermes disse ter encontrado a pista que tanto procurávamos: como e em qual momento ocorreu à cisão corpo e alma e a consequente negação da vida, que nos chegou através do cristianismo e a ironia de que tenha sido uma contribuição do xamanismo, que é uma das minhas buscas mais essenciais, como técnica e esperança de reconexão com o mundo vegetal e os outros animais, com as potências vitais. Essa pista está no livro de Dodds, *Os gregos e o irracional*:

A abertura do Mar Negro para o comércio e a colonização gregas, durante o século VII a.C., responsável pelo primeiro contato do povo grego com o xamanismo, acabou por enriquecer com novos traços a imagem tradicional grega do “homem deus”. Creio que estes novos elementos eram dignos de aceitação para a mentalidade grega por responderem às necessidades da época, assim como a religião dionisíaca havia feito anteriormente. A experiência do tipo xamâstico é individual e não coletiva e precisou do individualismo crescente de uma era para a qual os êxtases coletivos de Dionísio já não bastavam completamente. O xamã não é visto como a Píria ou um médium moderno, como alguém possuído por um espírito. É a sua própria alma que é encarada como tendo deixado o corpo e viajado para locais distantes, mais frequentemente o mundo do espírito.

Se a alma viajava independente do corpo, então eram coisas separadas, assim os gregos interpretaram essas influências. O corpo era uma prisão dentro da qual os deuses guardavam trancada a alma até que ela fosse purgada de sua culpa. O corpo foi concebido

O xamã é precisamente aquele que se encarrega mais especificamente na sociedade primitiva de fazer passar o indivíduo e o grupo de um código a outro, de um estado a outro; como os mitos que utiliza, traduz um sistema simbólico num outro, relacionando os astros com a alimentação, os animais com as plantas. Ora, como o consegue? Encontramo-nos aqui na própria origem da função significante – o problema da tradução situando-se no centro da linguística: como compreender a transferência de significante de um código a outro, como entender significativamente, nas suas variações e redundâncias, esta passagem de uma diferença a uma identidade? Tanto mais que o código guarda sempre o seu segredo, a sua intradutibilidade de princípio, a sua individualidade separada.

Dois outros textos de Lévi-Strauss ajudam a compreender a função do significante flutuante e a identificar o permutador de códigos que ele representa: dois ensaios que examinam o problema da cura xamâstica.

Sabe-se que em todas as sociedades primitivas o xamã

O xamanismo é uma grande aventura mental e emocional, onde tanto o paciente como o curandeiro xamã ficam envolvidos. Através da sua heróica viagem e de seus esforços, o xamã ajuda seus pacientes a transcendem a noção normal e comum que têm acerca da realidade, inclusive a noção de si próprios como doentes. Faz sentir aos seus pacientes que eles não estão emocional e espiritualmente sozinhos em suas lutas contra a doença e a morte. Faz com que eles partilhem de seus poderes especiais, convencendo-os, em profundo nível de consciência, de que há outro ser humano desejoso de oferecer seu próprio Eu para ajudá-los. A abnegação do xamã provoca no paciente um compromisso emotivo correspondente, um senso de obrigação de lutar ao lado do xamã para se salvar. Zelo e cura caminham juntos. Ao se envolver com a prática xamânica, a pessoa move-se entre o que chamo de um *Estado Comum de Consciência* para um *Estado Xamânico de Consciência*. A diferença entre

como uma tumba na qual a alma jazia morta, aguardando a ressurreição, para a verdadeira vida, que seria a vida sem corpo.

Nossas buscas essenciais são os elos: o que poderia conectar continuamente as diversas culturas desde o início? Onde e quando houve rupturas que parecem mais desvios destrutivos, bloqueios e repressões, do que saltos criativos?

Há um personagem arcaico que se confunde com a origem da nossa espécie e o início da consciência; que inventa o primeiro ritmo, rito, mito, fogo, dança, canto, a primeira arte; que descobre que os outros animais são aliados e devem ser imitados; que as plantas, além de serem alimento e instrumentos de cura, são conexões essenciais com o coração e a memória da Terra; que transcende o cotidiano comum e viaja em êxtase por dimensões e mundos, atravessa espaços e tempos, batendo seu bombo, dançando seus bichos e cheio de dâdivas chega ao mundo contemporâneo dos grandes espaços urbanos.

Esse personagem é o xamã ou o pajé. Creio que ele é o elo contínuo que atravessa as culturas e as difunde. Os xamãs apontam o caminho porque são visionários, poetas, arquitetos culturais e curandeiros. Os xamãs acessam a outras dimensões e condições sobre-humanas e assim confirmam: todos podemos transcender a nós mesmos. O xamã é um curandeiro e emprega uma técnica que lhe é exclusiva, ele é o grande mestre do êxtase: um vôo mágico – a ascensão aos céus e a descida as profundezas da terra. A viagem extática na maioria das vezes é indispensável, mesmo que a doença não decorra do rapto da alma por demônios ou mortos. Qualquer que seja a interpretação dada pelo xamã é sempre através do êxtase que ele encontra a causa das doenças e o tratamento eficaz. Um xamã pode ser visto em diferentes lugares

desempenha diversos papéis dos quais um, essencial, consistem em ser *medecine-man*. Quer se trate de doenças psíquicas ou somáticas – as classificações indígenas contêm em geral um conjunto bastante diversificado no interior destes grupos – a cura obtém-se no decurso de sessões que fazem intervir três tipos de participantes, formando o que Lévi-Strauss chama “complexo xamânístico”: o xamã, o doente e o público que colabora ativamente na cura. A sessão compreende várias etapas que diferem segundo o tipo de doença, mas das quais uma reaparece geralmente sempre, a do *transe*. Tentando analisar os fenômenos que sobrevêm no decurso da sessão de cura, Lévi-Strauss vê neles um meio de satisfazer esta inadequação entre significante e o significado que na *Introdução à Obra de Marcel Mauss* descrevia longamente: *Em presença de um universo que quer conhecer avidamente, mas do qual não consegue dominar os mecanismos, o pensamento normal busca sempre o seu sentido nas coisas, que lho recusam; pelo contrário, o pensamento dito patológico extravasa de interpretações e de ressonância afetivas, com as quais ele tenta sempre preencher uma realidade, outros aspectos deficitários. Para um existe o não-verificável*

esses estados de consciência pode ser exemplificada, talvez, por meio de animais. Dragões, grifos e outros animais que consideraríamos “míticos” quando estamos em *estados de consciência xamânico*, são

“reais”. Não é difícil que os ocidentais, ao se aproximarem pela primeira vez dos exercícios xamânicos, sintam certa perturbação. Ainda assim, em cada um dos casos que conheço, as ansiedades foram logo substituídas por sensações de descoberta, por excitação positiva e por confiança em si mesmo. Não é por acaso que a palavra *extase* refere-se, comumente, tanto ao *transexe xamânico* como a um estado de exaltação e de deleite arrebatador.

Durante muito tempo, os xamãs acreditaram que seu poder era o mesmo que o dos animais, das plantas, do sol, das energias básicas do Universo.

Do jardim da Terra, eles absorveram seus poderes para ajudar a salvar outros seres humanos da doença e da morte, dando-lhes força para a vida diária, para a comunhão com as criaturas irmãs e para

simultaneamente. Ele tem o poder da ubiquidade. A partir dessas experiências, narradas por ele através de canções extemporâneas, ele vai extraíndo a habilidade para a adivinhação, para a poesia e para a medicina mágica, o que acaba por torná-lo socialmente importante. Ele se torna o repositório da sabedoria sobrenatural.

Aqui em Sampa, em busca dos xamãs urbanos, aprofundei essas descobertas históricas, tentando refazer o longo percurso que chega até nosso tempo. Antes da cultura clássica, de Homero e de Atenas, está Creta. No II milênio a.C, a civilização de Creta representa o clímax mediterrâneo de uma cultura que tivera início no Oriente, achando-se originalmente relacionada com a Mesopotâmia pré-semítica, e mesmo pré-sumeriana. A peculiar estrutura dos seus palácios aponta para influências, entre 2000 a.C e 1700 a.C, de arquiteturas da Mesopotâmia, da Anatólia e da Síria. Em seu ápice, a cultura minóica, denominação relativa ao local onde surgiu a mitologia de *Minos*, de *Ariadne*: a Senhora do Labirinto e o seu irmão *Minotauro*, constituiria a última fase de um desenvolvimento autônomo, porque, como era insular, permanecera menos sujeita a tendências e influências, em comparação aos sumerianos e semitas, no Oriente, e aos indo-europeus, na Península Balcânica. É nesse lugar e tempo que se presume haver nascido o culto da Grande Deusa egeo-anatólica, a *Magna Mater*, que tão relevante papel desempenhou nas religiões da Grécia pré-helênica. Todos os monumentos nos inclinam a considerar a Grande Deusa da ilha de Minos como figura muito mais poderosa e importante do que o touro divino, mesmo que lhe possamos dar o nome de *Dionísio*. A variedade das representações plásticas nos deixa entrever que, em Creta, a Deusa é uma nebulosa da qual, no decorrer do tempo, certas partes

experimentalmente, isto é, o exigível; para o outro experiências sem objeto, ou seja, o disponível. Recorrendo à linguagem dos linguistas, diremos que o pensamento normal sofre sempre de déficit de significado, enquanto o pensamento dito patológico, pelo menos em algumas das suas manifestações, dispõe de uma superabundância de significante. Pela colaboração coletiva na cura xamâstica, estabelece-se uma arbitragem entre estas duas situações complementares. No problema da doença, que o pensamento normal não comprehende, o psicopata é convidado pelo grupo a investir uma riqueza afetiva, privada em si mesma de aplicação. Um equilíbrio aparece entre o que é verdadeiramente psíquico, uma oferta e uma procura.

A sessão xamâstica fornece a ocasião de uma coincidência entre os significantes e os significados. O xamã fornece ao seu doente uma linguagem, em que se podem de imediato exprimir os estados formulados e de outro modo formuláveis. E é a passagem a esta expressão verbal, que permite, simultaneamente, viver sob uma forma ordenada e inteligível, mas sem isto, anárquica e inefável, que provoca o desbloqueamento do processo fisiológico. Como se efetuou então a passagem à expressão verbal? Que operador simbólico permitiu a reorganização dos significantes da doença numa linguagem com

viver uma existência jubilosa, em harmonia com a Natureza como um todo.

A conexão entre os humanos e o mundo animal é essencial no xamanismo. Para o xamã que está em estado alterado de consciência, o passado mítico é imediatamente acessível. A pessoa que possui um animal guardião costuma absorver dele o poder espiritual de todo o seu gênero ou espécie, embora esteja, na verdade, em conexão com esse poder através de uma manifestação individualizada dele. Através do seu espírito guardião ou animal de poder o xamã faz conexão com o poder de todo mundo animal, com os mamíferos, pássaros, peixes e outros seres. O xamã tem de ter um guardião particular para fazer seu trabalho, e esse guardião o auxilia de maneira especializada.

Michael Harner
O Caminho do Xamã

foram gradualmente se destacando. Algumas dessas estrelas formadas no interior da névoa primordial continuam brilhando no céu da Grécia clássica, sob os nomes de *Reia*, *Atena*, *Ártemis*, *Hécate*, *Deméter* e *Perséfone*.

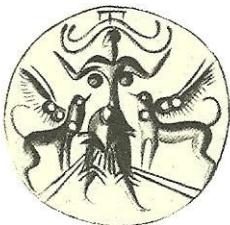
No quadro da religião minóica, qual o papel da divindade masculina, do deus-touro? A arte de Creta, em conjunto, encontra-se toda ela impregnada do dionisíaco, daquele mesmo espírito de ebriedade e loucura que transparece com tão sombrio fulgor nos versos das *Bacantes*, de Eurípides. Embora Creta seja uma espécie de livro de imagens sem texto, essas legendas podem ser encontradas no que acontecia na mesma época em locais que abrangiam todo Egeu e o Oriente Próximo, do Indo ao Adriático e da Anatólia ao vale do Nilo. E essas legendas podem ser encontradas também, depois, na Grécia clássica, nos rituais que envolvem *Deméter*, *Perséfone* e *Dionísio*, em *Elêusis*. Podemos dizer que há um entrelaçamento entre o ambiente feminino da Deusa e os êxtases de Dionísio. Os rituais da *paixão, morte e ressurreição* de um deus-touro, cuja epifania é uma planta, está presente em todas essas regiões antes e depois de Creta. Algumas vezes é a própria Deusa quem protagoniza o ritual de paixão, morte e ressurreição, como Perséfone em Elêusis.

Mas, antes de Creta, de onde vem o culto da Grande Deusa e qual a sua relação com o Deus-Touro?

sentido? A única resposta possível é: o corpo, pois constitui o suporte das permutações e correspondências simbólicas entre os diferentes códigos em presença – de entre os quais é necessário não esquecer os sociais, que a doença desorganiza e que a cura restabelece integrando de novo o indivíduo ao grupo. O permutador de códigos é o corpo. É ele – e as suas energias – que o significante flutuante designa. Não é de admirar: o corpo sozinho não significa, nada diz; apenas fala a língua dos outros (códigos) que nele se veem inscrever. No entanto, permite significar. Assim no *transse* joga-se uma cena dupla: a da descodificação de um corpo “usado”, “doente”; e a do renascer de um corpo novo, sã, curado. Isto porque a viagem fora de qualquer código significa a transposição da fronteira da cultura, e o “corpo puro”, incondicionado, possuidor de energias livres deve regressar à natureza para desempenhar o papel de permutador de códigos. O significante flutuante designa esta força primária que, no mundo “primitivo”, circula por toda parte entre os diversos mundos, atravessando os códigos, enchendo os seres e as coisas de poderes, de sorte, de vida.

José Gil
Metamorfoses do Corpo

Dionísio querido, dando continuidade a nossa pesquisa e a sua pergunta veja o que encontrei:



Em 1944, Heinz Mode propôs, em seu livro *As Primitivas Culturas da Índia e Suas Relações com o Ocidente* que, ao difundir-se, a corrente cultural de Hâlf-Árpachiah ter-se-ia dividido em dois ramos, um para Oeste, dando origem às primeiras civilizações do mar Egeu, e outro para Leste, promovendo o surto das civilizações pré-arianas do vale do Indo, nomeadamente, Harappa e Mohenjo-Daro. É claro que a teoria explica, com satisfatória verossimilhança, a óbvia analogia entre as duas civilizações marginais extremas, em especial, aquela que se verifica entre cenas gravadas em sigilos do Indo, representando saltos de acrobatas, talvez femininos, por cima de touros ou búfalos, e as conhecidíssimas "tauromaquias" de Creta. De modo que, no II milênio a.C,

Os achados arqueológicos, efetuados por John Evans, entre 1958 e 1960, apontam para a região da Anatólia, para a maior e mais antiga cidade que se conhece, Çatal Huyuk, atual Turquia, no período de 7000-6500 a.C. Porém, a difusão cultural é mais profunda: os habitantes dessa cidade são os emigrantes que colonizaram Creta. Em Çatal Huyuk a Deusa e o Touro estão por toda parte. Contudo, se destaca uma imagem, em relevo, da Deusa-Mãe, no momento de dar à luz ao seu Filho-Touro. Não é possível deixar de associar essa imagem com a do Minotauro, filho de um touro com Pasífae, mulher do rei Minos, de Creta, que aterrorizado e envergonhado, ordenou ao inventor Dédalo que construísse o labirinto, para aprisioná-lo. Há evidências de que Çatal Huyuk é um centro primário de difusão do culto da Deusa e do Touro, para a Suméria, com Inanna e Dumuzi; a Babilônia, com Ishtar e Tâmuz; a Índia com Parvati e Shiva; e o Egito com Ísis e Osíris. Na Ásia Menor, a Deusa teve o nome de Cibele, que curou e iniciou Dionísio em seu culto, quando o deus foi enlouquecido por Hera. Cibele era a mãe-esposa de Átis, o que morria e ressuscitava eternamente. Em Creta, os nomes das deusas eram Reia, Demeter e Ariadne.

O que em Creta parecia um livro de imagens sem texto, já que não tinha sido possível decodificar sua escrita, graças aos estudos de Michel Ventris, em 1952, foi possível saber que a língua já era a grega, se bem que com outra forma de escrita. No palácio dominante de Creta, em Knossos, entre 1500 a 1400 a.C.

A religião dionisíaca introduziu-se em um culto da vida sob os signos da "visão de aparições" e do "mel", mas não apenas sob estes signos, nem tampouco exclusivamente sob a regência de um terceiro signo, o "vinho". Sua presença e sua unidade fazem-se reconhecer pelo concurso de muitos signos.

Assim é que a sua atmosfera característica assume de modo efetivo uma forma concreta – mas não em um único festival. Tais signos vêm a ser elementos de um mito bem diferenciado, que pode encarnar-se em festas diversas. A onímoda impressão dionisíaca que a arte minóica nos faz pode decompor-se em elementos concretos que só estão presentes numa mesma combinação no culto dionisíaco tal como este é conhecido de tempos históricos.

Para os gregos, Dionísio era principalmente um deus do vinho, um deus-touro e um deus das mulheres. Um quarto elemento, a serpente, portavam-na as

bacantes – assim como, antes delas, na cultura minóica, deusas ou sacerdotisas menos frenéticas.

Para empregar uma expressão oriunda do vocabulário dos médicos gregos, vinho e touro, mulheres e serpentes, compõem pequenas síndromes especiais. É

a civilização de Creta representaria o clímax mediterrâneo de uma cultura calcolítica que tivera início no Oriente e na época de Halaf, achando-se originalmente relacionada com a Mesopotâmia pré-semítica, e mesmo, pré-sumeriana; em seu ápice, a cultura minóica constituiria a última fase de um desenvolvimento autônomo, porque, como insular, permanecera menos sujeita a tendências contrárias e influências contraditórias, quais foram as dos Sumerianos e Semitas, no Oriente, e dos Indo-Europeus, na Península Balcânica. Ora, na região e na época a que parece ascender a remota origem da civilização de Creta é que se presume haver nascido o culto da Grande Deusa egípcio-anatólica, que tão relevante papel desempenhou na religião, ou nas religiões, da Grécia pré-helênica. Antes de extrair do fato as consequências que naturalmente se impõem, importa atendermos a outro traço característico da cultura minóica. Referimo-nos à peculiar estrutura dos seus palácios. É possível, se não demonstrável, que, entre 2000 a.C e 1700 a.C, Creta tenha recebido sugestões arquitônicas de Mâri, na Mesopotâmia, de Beçesultan, na Anatólia, ou de Alalach, na

a língua era a grega e ficamos sabendo que antes, em 2000 a.C., foi um período de influência mútua entre Creta e a Grécia continental, então governada por reis micênicos. Certa ambiguidade devia existir em Creta, quando já se falava grego naquele mundo com um estilo e uma religião tão próprios, tão diferente do posterior mundo grego. A herança mítica da Grécia continental é quase toda de Creta, com pequenas diferenças de nomes, funções e enredos. Dionísio se apresentava ante os gregos continentais como o deus do vinho, deus-touro, o deus das mulheres e um deus também de deusas de natureza extática, das quais a maior era *Reia*, a *Mãe dos Deuses*. Os elementos mais chamativos do culto, no palácio de Cnossos, são precisamente esses: o touro, o vinho – inclusive ambos unidos, em uma vasilha para servir vinho com cabeça de touro, e as mulheres, como sacerdotisas, com serpentes nas mãos.

Hoje já se pode falar com segurança de uma chegada precoce da religião de Dionísio na Grécia continental, desde Creta. Essas descobertas contestam a tese de Nietzsche de que Dionísio é um deus tardio. Porém, existiram também chegadas posteriores, múltiplas: Ísis e Osíris, do Egito; Parvati e Shiva, da Índia. A escrita de Creta revela o nome do deus-touro e o de Ariadne, a Senhora do Labirinto. Mas, além da escrita, há duas obras de arte impressionantes, também no palácio de Cnossos:

Um afresco com um touro gigante, com as quatro patas quase horizontais, solto no espaço, com os chifres contidos delicadamente por um homem e atrás do touro uma mulher com os braços um pouco acima da linha horizontal, com fios enrolados nos braços. Ambos os personagens estão nas pontas dos pés. Com os pés para o alto, em cima do touro, mas sem o tocar, está uma

como se fossem sintomas de um estado dionisíaco agudo que zoé – a vida como um todo – criou para si mesma. Para a cultura grega esse era o mito de Dionísio; para a cultura minóica anterior ao advento dos gregos, esse era o mito de um deus chamado por outro nome, porém, sem dúvida, mais abrangente e nuançado do que o deus reconhecido na fermentação do hidromel.

Atestam-no os ricos vãos de bebida e libação ornados com bucânicos.

Por um longo tempo, nossa compreensão da cultura minóica como um todo foi atrapalhada por uma suposição de seu descobridor: a de que a “principal bebida” dos minoanos era a cerveja. Traçava-se, com isto, uma linha divisória entre os gregos e os minóicos, tornados estes, assim, mais próximos dos filisteus que seguramente dispunham de vasos para a fermentação da cerveja. Em 1900, escavando perto do palácio de Cnossos, Sir

Arthur Evans exumou vãos adornados com espigas de cevada em relevo. Ele concluiu daí que, em Creta, uma espécie de cerveja precedera o vinho. O tamanho diminuto dos vasos em que se baseou a tese, antes dá a entender que em Cnossos eles eram usados para outro tipo de bebida à base de cevada – aquela cujo consumo era um requisito necessário para a participação nos Mistérios de Eleusis. Em

alguns palácios, contudo, magníficos vasos de vinho eram fabricados e usados, em especial enormes *rhýta*, cornos de beber

Síria; mas também não é impossível que tais sugestões se encaminhassem em sentido contrário, ou, ainda, que se processassem simultaneamente em ambos os sentidos.

Admitamos, por hipótese, que a "Natureza Divina" do sinceretismo helenístico e romano mergulhe suas raízes no solo fecundo da religião minóica; isto é, que a *Grande Deusa* egeo-anatólica continha, como oculta virtualidade, o evoluir no sentido já filosófico de uma *natura naturans*, monodeisticamente identificada com *Ísis* ou *Cibele*, ou qualquer outra das deusas celebradas pelo paganismo oriental ou Grcio-romano. A hipótese não é inteiramente gratuita, pelo contrário; mas, por consequência lógica, resultará, para nós, a obrigação de procurar, no quadro da religião minóica, qual a verdadeira situação da divindade masculina, do Deus-Touro, ou outro que seja o chamado ou acólito da Deus-Mãe.

Eudoro de Sousa
Dionísio em Creta.

menina acrobata, virada para a mulher atrás do touro.

A segunda obra é um mosaico com um labirinto, em cuja parte central está *Teseu*, com uma arma levantada na mão direita e com a outra mão segura um dos chifres do *Minotauro*, que está de joelhos. Nas partes laterais, mas paralelas a imagem do centro dessa tapeçaria, há três cenas que evocam os principais episódios do mito: Ariadne dá a *Teseu* o novelo de linha; *Teseu* e Ariadne embarcam para Atenas; e, na última cena, Ariadne está se lamentando, abandonada na ilha de Naxos.

Dionísio, eu posso estar delirando, mas nos quatro cantos de todo esse conjunto há dois *glifos* em cada um, que são muito semelhantes aos glifos estilizados mexicanos, que representam os cogumelos do gênero *Psilocybe aztecorum*.

O que essas duas obras poderiam estar nos dizendo? A leveza da primeira é evidente: *Teseu* e Ariadne dançam com o touro e a acrobata bem que poderia ser Ariadne ainda menina. E na cena do labirinto, com a morte do *Minotauro*, que é irmão de Ariadne, não seria o padrão mítico da *paxão, morte e ressurreição* do deus-touro Dionísio? A obra de Dédalo, o labirinto, nos diz depois Homero, era um lugar para a dança e a morada de Ariadne em Chossos. O desenho do labirinto indicava os passos de uma dança, em cuja coreografia participavam as donzelas que o ateniense *Teseu* havia libertado do *Minotauro*.

Mas o que aconteceu quando esse conjunto mítico chegou a Atenas?

artificiais, cuja existência pressupõe a celebração de grandes cerimônias centradas no vinho. A expressão minóica dessa identidade é o uso da cabeça de touro como jarro de vinho.

Parece mais do que provável que a viticultura tenha chegado à Grécia vindo de Creta.

Entre os gregos, a videira era chamada de *hemerís*, "a mansa", porque os gregos sabiam da existência de parreiras selvagens; e sabiam que no mato a videira pode ser uma planta de caule espesso. No tronco de um tal árvore teriam os argonautas esculpido a imagem da Grande Deusa Réia no Monte Dindimo, na Ásia Menor. A epopéia de

Nonos, escrita nos fins da antiguidade pagã, narra um mito antigo a respeito da invenção da viticultura, mito que não se liga com o entrelaço da história épica, e até a contradiz. No mito, tomam parte a videira selvagem e a serpente, e sublinha-se, ao mesmo tempo, uma sua ligação com Réia.

Atentando a um oráculo da Deusa, Dionísio aprendeu de uma serpente o emprego das uvas: pelo calcar das partes numa laje oca. Isso aconteceu no tempo em que a Grande Mãe criava o menino Dionísio na sua caverna de Cibele.

Carl Kerényi
Dioniso: Imagem arquetípica da vida indestrutível.

Curípedes chama de Zeus Ida

o deus da Cova do Ida. Porém
não é de Zeus, mas só de
Dionísio que podemos afirmar:
Nenhum deus grego chega
perto dele no horror de seus
epítetos, que atestam uma
selvageria absolutamente
impiedosa. Aonde é que isso
nos transporta? Sem dúvida
alguma, aos domínios da
morte. Na perspectiva da
história da civilização, isso
também nos transporta aos
domínios de uma sociedade da
caçadores selvagens que, em
certas ocasiões, se identificam
com bestas predadoras. Tais
ocasiões, seus dias de festa,
devem ser vistas como
presentificação da vida
agressiva, assassina. Creta
deve ter tido sociedades desse

Janaína e Dionísio, queridos amigos, agora é a minha vez: a resposta está no *culto dos mistérios de Deméter, Perséfone e Dionísio*, em *Elêusis*, cidade próxima a Atenas.

O mito é narrado no *Hino Homérico a Deméter* a busca da Deusa por sua filha desaparecida Perséfone, que teve com seu irmão Zeus. A tragédia trata da maior dor que se possa conceber: a morte de uma filha. Antes é preciso lembrar a genealogia dos Titãs, a primeira geração divina, antes dos Olímpicos:

Crono é o filho mais novo de *Urano*, o Céu, e *Gaia*, a Terra. Pertence à primeira geração divina. Foi o único a ajudar sua mãe a dethronar o pai. Ao chegar ao poder, casou com sua irmã *Reia*. Seus pais tinham previsto quer ele seria dethronado por um dos seus filhos, por esse motivo devorava-os assim que nasciam. Assim, sucessivamente, gerou e devorou: *Deméter, Hera, Hades ou Plutão* e *Posídon*. Indignada e odiando o marido, *Reia*, grávida de *Zeus*, fugiu para Creta, onde deu à luz. Depois, envolvendo uma pedra em panos, deu-a para *Crono* devorar. Já crescido, *Zeus*, com a ajuda da sua avó *Gaia*, levou *Crono* a tomar uma droga que o forçou a vomitar os irmãos devorados. Com ajuda dos irmãos, *Zeus* liderou uma guerra e derrotou *Crono*, que foi encarcerado. Em grego, um jogo de palavras permite que *Crono* seja personificado como o *Tempo*, que também devora seus filhos. O poder foi dividido em três partes: *Zeus* tem o poder maior, pois reina no Céu e no Cosmo, com seus raios e trovões; *Posídon* reina no Mar, com seu tridente; e *Hades ou Plutão*, reina no Mundo Subterrâneo, o lugar dos mortos, com seu capacete mágico, que torna invisível quem o usa.

Embora suas sacerdotisas iniciem
as noivas e os noivos nos segredos
do ato matrimonial, *Deméter, a
deusa dos trigos*, não tem seu
próprio esposo. Quando ainda era

jovem e alegre, ela pariu
Perséfone, literalmente: a que
traz destruição, e o robusto *Iaco*,
fora do matrimônio, filhos do seu
irmão *Zeus*. Também deu a luz a
Plutão, após deitar-se com o titã
Jásio, por quem se apaixonara
durante o casamento de Cadmo e
Harmonia. Estimulados pelo
néctar que fluía como água no
banquete, os dois amantes saíram
furtivamente da casa e se

tipo em período anterior ao florescimento da cultura palaciana, ou ainda na mesma época, sob distintas formas. Estudos modernos têm feito referência a fenômenos similares entre os árabes da África. Um paralelo notável oferecem as sociedades religiosas dos Alissaoua de Marrocos: entre vários grupos Alissaoua, contam-se que os homens-panteras e os homens-leões, que devem assumir, para com a carne viva, atitude igual à dos predadores com que eles se identificam. Isto não deve ser considerado uma derivação da religião dionisíaca grega, mas antes uma migração ou sobrevivência de um rito pré-histórico. É lícito supor que esse rito se originou na Creta pré-helênica, onde, em todo o caso, o culto cruel sofreu uma manifestação decisiva.

É importante notar o fluxo contínuo entre Creta e a Grécia continental: a mitologia grega nasce em Creta e a tomada do poder, pela geração dos Olímpicos, ocorre em outro lugar, mas na hora de dar à luz a Zeus, sua mãe Reia, foge para lá. *O Hino Homérico a Deméter* conta o rapto de Perséfone por seu tio Hades, com o consentimento de Zeus, e a criação do *Culto dos Mistérios de Elêusis*: *Perséfone* colhia flores, com as filhas de *Oceano*, nas montanhas e planícies de *Nisa*. Junto de uma figueira, bruscamente, a terra se abriu e *Hades*, o que a muitos acolhe, raptou Perséfone e levou-a em seu carro puxado por cavalos voadores, que fez um sobrevôo e Perséfone ainda pôde avistar a Terra na primavera, o céu estrelado, os peixes no mar e os últimos raios de sol, antes de penetrar no mundo subterrâneo. Os gritos de Perséfone, chamando pelos pais, ficaram no ar e só foram ouvidos por Deméter, muito tempo depois. Dilacerada pela dor, com tochas nas mãos, a Deusa vagou nove dias e noites por toda Terra. No décimo dia encontrou Hécate, que lhe disse: Deméter, a dos ótimos dons, a das horas condutora, a da terra fértil e florida, bênção dos deuses e dos humanos mortais, quem raptou tua filha e feriu-te o peito? Ouvi o grito, mas nada vi. As deusas foram então ao encontro de *Hélio*, o Sol, que tudo vê e de todos cuida. O Sol então disse: com o consentimento de Zeus, o raptor é Hades, que a levou para o mundo dos mortos. Mas teu irmão e genro Hades não é indigno de ti, ele é aquele que a muitos rege. Iraça contra Zeus, Deméter deixa o Olimpo e segue rumo às cidades e aos férteis e fartos campos humanos. Disfarçada de velha, a Deusa chegou ao Poço das Virgens, que abastece a cidade, perto do palácio de *Cleu*, rei de Elêusis. Aí a encontram as filhas do rei: *Cleisidice*, *Calidice*, *Demo* e *Calitoe*. Não a reconheceram. É difícil aos humanos verem o divino. De onde vens, quem és? Dás é o meu nome, deu-me

deitaram num campo arado três vezes. Ao retornarem, adivinhando o que haviam feito pela expressão se seus semblantes e pelo barro que tinham nos braços e nas pernas, Zeus enfureceu-se com Jásio por ter-se atrevido a tocar Deméter, fulminando-o. Mas há quem diga que Jásio foi morto por seu irmão Dárdano, ou que foi despedaçado pelos próprios cavalos. Deméter tinha o espírito generoso. Uma das poucas pessoas a quem tratou com dureza foi Erisícton, filho de Tríopas. Liderando vinte camaradas, Erisícton atreveu-se a invadir um bosque que os pelasgos haviam plantado para ela em

À julgar pela descrição de Eurípides, a causa da transformação teria sido o fato de que os mistérios de Zagreus foram absorvidos no culto mais elevado de Zeus. Em *Os Cretenses*, tragédia eurípideana que trata do nascimento do *Minotauro* e do destino de *Pasífae*, formam o coro sacerdotes consagrados a Zeus Ideu, vindos de seu templo erigido em madeira de um bosque de ciprestes.

Vestidos de branco, eles evitam qualquer contato com partos e óbitos, e se abstêm de carne. Conferem a iniciação – que também significa purificação – aos que comoram carne vermelha. De acordo com o texto, fazem-no por meio “dos trovões do noturno Zagreus”, que neste contexto só pode corresponder a “Zeus noturno”. Sabemos que, em uma época bastante tardia, a

minha mãe, em Creta. Piratas me arrebataram, mas consegui fugir. Por tua aparência deves ter sofrido muito, mas o que os deuses nos dão nós temos de suportar, porque eles são mais fortes do que nós. Nossa mãe, Metanira, há de concordar que em nossa casa darias uma boa ama, de nosso irmão recém-nascido, disse Calídice. Quando Deméter atravessou o portal a casa resplandeceu. Espantada Metanira pediu que ocupasse o seu assento, mas a Deusa recusou. Silenciosa, triste, com olhos baixos, a Deusa sentou em um canto, consumida pela dor. Jambe, uma criada, com gestos e trejeitos indecentes, fez a Deusa sorrir. Metanira estendeu-lhe uma taça de vinho, mas Deméter não aceitou, dizendo que lhe era interdito. Mas pediu alguns ingredientes e preparou sua própria bebida. Metanira lhe disse: salve, Mulher! Do vulgo não creio que tenhas nascido. Agora que aqui chegaste, disporás de tudo que tenho. É uma honra que cuides desse meu filho tardio. Eu também te saúdo, Mulher! De bênção te cumulem-te os Deuses! Vou criar o teu filho, nenhum feitiço ou erva ruim molestará o menino. Mesmo sendo uma velha, deu de mamar ao menino. Longe da mãe, à noite, junto ao seu peito, Deméter lhe insuflava seu hálito e aquecia ao fogo o menino, para torná-lo imortal. Mas, a mãe descobriu e alarmada cessou o processo. Deméter então disse: Ó nescios e rudes humanos, sempre incapazes de ver quando a sorte vos traz o bem ou mal! Agora é impossível que escape da morte, mas terá o privilégio de ser um herói. Sou Deméter, aquela que a máxima graça dá aos humanos e imortais. Cuida para que um grande templo seja construído, eu mesma fundarei aí os Mistérios.

Nesse momento, a Deusa deixou o aspecto de velha, irradiou-se a beleza, sentiu-se um delicioso perfume e resplandeceu sua pele e

Dotio e começou a cortar as árvores sagradas para usar a madeira na construção de um novo salão de banquetes.

Deméter assumiu a forma de Nicípe, sacerdotisa do bosque, e ordenou-lhe, polidamente, que desistisse de seu propósito. Mas só quando ele a ameaçou com o machado é que ela se revelou em todo seu esplendor e o condenou ao sofrimento perpétuo da fome, por mais que comesse. De volta a sua casa, Erisícton pasou a empanturrar-se o dia todo à custa de seus pais, mas, quanto mais comia, mais fome sentia e mais magro ficava. Quando finalmente os pais não puderam mais arcar com as despesas de sua

iniciação na Cova de Ida se celebrava com uma “pedra de raio”. A captura de animal vivo e a devoração de carne crua são as fases preliminares de uma iniciação cujo grau mais alto teria sido alcançado pelos sacerdotes de cândidas vestes que não mais comiam carne. As fases iniciais – captura e devoração – devem ter parecido abjetas e extravagantes do ponto de vista da religião de Zeus, mas é improvável que esse rito de mistério se tenha desenvolvido em função delas. Em parte alguma o culto de Zeus se acha ligado a um requerimento

especial de purificação ou a um imperativo de poupar vidas. Deu-se a transformação quando o próprio deus, cujo exemplo induziu os homens a “capturar presas vivas”, foi reconhecido no animal capturado que era comido vivo

cabelos. No seu templo Deméter se instalou. Com a dor e a saudade de Perséfone, transformou a terra em um deserto. Os humanos teriam desaparecido, pela fome, privando também os deuses de existência, por falta de sacrifícios, amor e outras dâdivas humanas, se Zeus não interviesse: mandou todos os deuses lhe rogarem, mas Deméter permaneceu irredutível, dizendo que jamais voltaria ao Olimpo. Zeus então enviou Hermes para persuadir, com suaves palavras a Hades, para que devolvesse Perséfone, que continuava virgem. Hades sorriu ao ouvir as ponderações e a habilidade de Hermes e disse a Perséfone: *Não sou indigno de ti. Aqui tu reinarias sobre os mortos e os vivos. Mas se esse é o teu desejo e de todos os outros deuses, volta Perséfone à tua mãe.* Feliz, Perséfone, que sempre tinha sido prudente, como uma ménade saltou e dançou de alegria. Hades, porém, traíçoeiramente aproveitou o momento e lhe deu um grão de romã. Qualquer alimento comido em seu reino traz de volta os poucos que saem. É por isso que uma terça parte do ano Perséfone tem de voltar para o centro de terra. Quando Perséfone, conduzida por Hermes, chega ao templo de Deméter, em Elêusis, a Terra volta a ser fértil e por toda parte esse encontro liberta a primavera.

Antes de tudo é preciso compreender a mudança de máscaras dos personagens e mesmo os seus múltiplos. Quando os mitos se transportam de Creta para Elêusis, Ariadne, a Senhora do Labirinto, vira Perséfone. Para cretenses e eleusinos, o nome de ambas significa a *claríssima*. O labirinto é o intrincado dos mitos e também o submundo dos mortos, que não tem caminho de regresso, a não ser de um modo ou por uma dança, com um fio espiral muito misterioso. Hades é uma máscara do Minotauro, o deus-touro Dionísio. Deméter é Reia, sua mãe, e

alimentação, ele passou a vagar pelas ruas, alimentando-se de lixo. Deméter sentindo-se vingada pela morte de Jásio, concedeu-lhe o dom real de jamais sofrer de dor de barriga.

A história de Erisícton, filho de Tríopas, é uma anedota de cunho moral: entre os gregos, da mesma maneira que entre os latinos e os irlandeses primitivos, a derrubada de um bosque sagrado era punida

com a pena capital. Mas uma fome desesperadora e insaciável,

que os elisabetanos chamam de “Iobo”, não era um castigo apropriado para a derrubada e árvores sagradas, o nome de Erisícton – filho também de Cécrope, o patriarcalista e

e comido cru – o touro, de acordo com o bem atestado rito cretense. No Deus-Touro – adorado como Dionísio na Grécia, mas também como

Zeus em Creta – , reconheceu-se o deus-caçador Zagreus.

Carl Keréngyi.
Dioniso

A tradução latina estabelecida para as palavras gregas *mysteria, myein, myesis*, como *initia, initiare, initiatio*, foi a que conduziu a palavra e o conceito de iniciação em nossa linguagem. Seguindo esta linha, temos que os mistérios são cerimônias de iniciação,

também Perséfone, sua filha. Perséfone é Sêmele, mãe de Dionísio. Zeus também é seu filho, Dionísio, que teve com Perséfone ou Sêmele, e rapsa Europa metamorfoseado em touro. Os personagens se confundem, mas permanece o padrão da *paixão, morte e ressurreição*: do Touro ou da Deusa.

introdutor dos bolos de cevada, significa “o que rasga a terra”, o que sugere que seu verdadeiro crime foi o de atrever-se a arar sem o consentimento de Deméter.

Robert Graves.
Mitos Gregos

E o que são os Mistérios de Elêusis?

De: Dionísio <dionísio@máscaras.com.br>
Para: janaína@estrela.com.br;hermes@caduceu.com.br
Assunto: Os Mistérios de Elêusis

O nome *Elêusis* se refere ao mundo subterrâneo de maneira favorável e pode ser traduzido como o *lugar de feliz chegada*. Há uma relação com *Elíseo, o reino dos bem-aventurados*. O culto dos *Mistérios de Elêusis* apelava para uma consciência da morte que propiciasse um bom viver. A linguagem grega estabelece uma distinção entre *arreton*, o segredo inefável, que é impossível expressar, e *aporreton*, o segredo submetido à lei do silêncio, no caso de Elêusis a violação era punida com a morte. O relato mítico do *Hino Homérico a Deméter* era conhecido por todos e considerado uma das preparações para os *Mistérios*. Deméter difere de Gaia, a Terra. É também a Terra, porém não como *Mãe Universal*, e sim como mãe da terra fértil, do grão, da cevada e do trigo. Não como mãe de todos os seres, deuses e humanos, senão da semente e de uma filha misteriosa, que não se nomeava facilmente na frente do profano. Na unidade entre mãe e filha havia, simultaneamente, uma dualidade em Elêusis: Deméter representava o aspecto terreno e Perséfone o espiritual e transcendente.

Com o propósito de identificar a droga de *Elêusis* devemos primeiro descobrir o tipo de significação que recobre os mistérios. O mito sagrado que narra os acontecimentos concernentes a fundação dos mistérios aparece recolhido no chamado *Hino Homérico a Demeter*, um poema

cultos onde a admissão e a participação dependem de

algum ritual pessoal, a ser executado sobre o iniciante.

Esse caráter de exclusividade é acompanhado pelo segredo e, na maioria dos casos, por um cenário noturno.

As iniciações constituem um fenômeno muito conhecido,

frequentemente discutido pelos antropólogos. Eles se encontram numa ampla variedade de contextos, desde as mais primitivas tribos australianas até as universidades pelo mundo afora. Existem muitas formas diferentes de iniciação,

Aristóteles investigou o que sucedia na mente dos participantes de uma tragédia e na experiência oferecida pela aventura anualmente repetida em Elêusis.

O expectador da *tragédia* não necessitava de um estado de concentração alcançado mediante preparativos rituais. Não precisava jejuar, beber o *kykeon*: a bebida sagrada de Deméter, caminhar em procissão até o santuário, nem ter a visão interior. Na tragédia, o poeta, o coro e os atores criavam uma visão para o expectador, que entrava no sofrimento de outras pessoas, esquecia de si e se purificava: a *kátharsis*. Nos *Mistérios*, a purificação tinha que ser efetuada antes e propiciava a visão, que era pessoal, embora na presença da coletividade. Os mistérios não eram teatro. Não havia atores representando Deméter, Perséfone e Dionísio. O mito era um roteiro, um instrumento de orientação e estímulo, para a vivência. Os mistérios ofereciam um único dom: a *iniciação*.

Os Mistérios de Elêusis eram abertos a todos, com exceção dos assassinos, e estavam divididos em duas partes: os *Mistérios menores* e os *Mistérios maiores*.

Os *mistérios menores* eram uma condição prévia para participar dos *mistérios maiores*. O *primeiro estágio*, dos *mistérios menores*, era o sacrifício de um porco jovem, animal consagrado a Deméter e que simbolizava a morte do iniciado. O *segundo estágio* era uma cerimônia de purificação, na qual o iniciado antes de ter os olhos vendados, via uma força acima da sua cabeça e já sem enxergar sentia um fogo circular bem próximo ao seu corpo. Outras provas para enfrentar o medo da morte são aludidas, mas, com o tempo, os responsáveis pelos cultos de Elêusis incorporaram, aos mistérios menores, numa espécie de apoteose, as festas que se espalhavam por toda Grécia: as dionisíacas, os

anônimo que data do século VII

a.C., isto é, sete séculos depois da

provável primeira celebração da

cerimônia. Esta obra nos conta

como a deusa *Perséfone* foi

raptada e levada ao reino dos

mortos por seu futuro esposo

Hades, enquanto cortava um

harkissos singular de cem

cabeças, quando recolhia flores

em companhia das filhas de

Oceano, em um lugar chamado

Nisa. Todas as palavras gregas

que terminam em *-issos* provêm

da linguagem falada pelas culturas

agrícolas que habitavam no

território da Grécia antes da

incluindo os ritos de puberdade, a consagração de sacerdotes ou reis e a admissão em sociedades secretas. De um ponto de vista sociológico, a iniciação em geral tem sido definida como uma “teatralização da condição social” ou uma mudança ritual dessa condição. Vistos desse ângulo, os mistérios antigos ainda parecem formar uma categoria especial: não são ritos de puberdade num nível tribal, não constituem sociedades secretas com fortes vínculos mútuos, em larga escala a admissão não depende do sexo

carnavais. Elas aconteciam a cada ano, no mês de fevereiro, duravam três dias, com danças, mascaradas, encenações do cortejo dionisíaco, com seus atributos e personagens: ménades, sátiros, Sileno, Pão, plantas e animais, carros alegóricos, especialmente o barco que trouxe Dionísio de Creta e os concursos para eleger os melhores autores de tragédias e comédias. A bebida era o vinho, dosado com água, feito de várias plantas, algumas psicoativas, com baixo teor alcoólico, em torno de 14%, que é o limite da fermentação, pois o processo de destilação do álcool só seria descoberto na Idade Média.

Os *mistérios maiores* dependiam de preparação, inclusive da participação prévia nos mistérios menores. Começavam na primavera, no dia quinze do mês de setembro, e duravam nove dias, da lua em quarto minguante até a escuridão total da lua nova: Perséfone arrancada de Deméter, sua outra metade, raptada por Hades, o Dionísio subterrâneo, e levada para o labirinto: o centro da Terra, a lua nova. Na composição, havia um segundo elemento que tinha a ver com a vegetação e um terceiro, que era a visão beatífica: a *Noite do Mistério*. Os mistérios maiores eram realizados exclusivamente em torno de Elêusis.

Nas vésperas do início, os objetos sagrados eram levados, em procissão, de Elêusis até Atenas. No *primeiro dia* havia uma convocação e preparação dos iniciados; no *segundo*, a purificação com banhos de mar e sacrifícios; no *terceiro dia*, um sacrifício oficial, celebrado em nome da cidade de Atenas; no *quarto dia*, outra purificação, em honra ao deus da cura: *Asclépio*; no *quinto dia* uma procissão pela Via Sacra, de Atenas até Elêusis, com objetos sagrados, tochas de fogo, plantas e animais, com a multidão gritando honras a *Évio*, outro nome de Dionísio: *Evoé, evoé, evoé!*

chegada dos povoadores indoeuropeus. Os próprios gregos, sem dúvida, acreditavam que *narkissos* levava esse nome por causa de suas propriedades narcóticas, obviamente porque tal era o simbolismo essencial da flor de Perséfone. O rapto marital, ou seja o sequestro da donzela, enquanto recolhia flores é, ademais, um tema frequente nos mitos gregos, e Platão anota uma versão racionalizada de tais histórias em que a companheira da moça sequestrada recebe o nome de *Pharmaceia* ou segundo o significado da palavra o “uso de

ou da idade, e não há nenhuma

mudança visível na condição

externa dos que passam por

tais iniciações. Da perspectiva

do participante, a mudança de

condição afeta sua relação

com a divindade; o agnóstico,

de um ponto de vista exterior,

tem de reconhecer uma

mudança pessoal, e não tanto

social, um novo estado de

espírito através da experiência

do sagrado. A experiência se

mantém fluida; em

contraposição às iniciações

típicas que promovem uma

mudança irrevogável, os

mistérios antigos, ou pelo

menos partes de seus rituais,

Na fronteira entre Atenas e Elêusis, aparecia

uma série de figuras mascaradas, que

parodiavam a procissão, zombando do velho

tempo e louvando o novo. Abriam-se as

portas dos templos de Posídon e Ártemis, que

ficavam em frente ao santuário de Elêusis,

ainda fechado, e cantavam e dançavam até o

amanhecer; o sexto dia era de descanso,

jejum, purificação e sacrifícios, lembrando o

percurso da própria Deméter e a esterilidade

da Terra. No fim do dia rompia-se o jejum,

comia-se e bebia-se a mesma comida da

deusa, quando chegara de Creta em busca de

Perséfone. As portas do santuário de Deméter

eram abertas e todos entravam para celebrar

em um pátio enorme, chamado *Telesterion*,

palavra derivada de *teleo*: iniciar. Daqui em

diante, tudo é nebuloso. O que sabemos do

segredo é por via indireta: juntando peças e

épocas soltas em um quebra-cabeça de textos

e fontes diversas; de autores que comentaram

confidências de outros; de pessoas que

tiveram a loucura de revelar algo, já que o

preço era a pena de morte; de rituais

semelhantes, em outras partes do mundo,

como os de *Ísis* e *Osíris*, no Egito, e mesmo

depois, nos templos de *Ísis* na Grécia.

drogas". O mito específico a que

Platão se refere se ocupa em

traçar a origem do sacerdócio em

Elêusis. Não cabe dúvida de que

o rapto de Perséfone foi

provocado por drogas. Ademais,

os vestígios arqueológicos do

período micênico-minoano da

cultura grega descrevem com

frequência experiências

visionárias ocorridas a mulheres

ocupadas em ritos em que se

utilizam flores. As sacerdotisas

ou mesmo as deusas aparecem

como ídolos decorados com

motivos vegetais, acompanhados

por sua consorte serpente ou

No sétimo dia, cada iniciado bebia a primeira

dose do *kikeon*, descia para o subterrâneo do

Telesterion e aí vivia a dor de todas as perdas;

no oitavo dia, depois de muito sofrimento,

concreto e imaginário, o iniciado chegava ao

podiam se repetir.

Uma família terminológica que se sobrepõe largamente a

mysteria se compõe de *telein*: realizar, celebrar, iniciar;

telete: festa, ritual, iniciação;

telestes: sacerdotes da

iniciação; *telesterion*: salão da

iniciação. É evidente que essa família de palavras tem um

significado muito mais

abrangente; mas não são suficientes para identificar os mistérios propriamente ditos,

podendo ser utilizada para qualquer tipo de culto ou

ritual.

Walter Burkert
Antigos Cultos de Mistério

ponto de preferir morrer e se entregava completamente; no *nono dia*, subia à superfície, era acomodado em um lugar seguro, aquecido, confortável e com uma luz suave. Bebia a maior dose do *kikeon* e recebia a visão da Deusa e do Touro.

Cada um recebia a iluminação de acordo com a sua singularidade. Todos sabiam dos limites da linguagem, mas tentavam mesmo assim dizer algo:

Acerquei-me do limiar da morte, sentei-me à soleira de Perséfone, percorri todos os elementos e voltei, vi o sol à meia noite, cintilando em alva luz, aproximei-me dos deuses dos mundos superior e inferior e adorei-os de perto.

Três vezes benditos são aqueles mortais que viram esses ritos e penetraram assim no Hades, pois só para eles há vida! Para os outros tudo é pesar.

Comecei a me enfiar para dentro de mim mesmo, a mergulhar em espirais através de minha própria carne. Eu turbilhonava e me contorcia e era uma serpente e tentava evitar os gritos de glória e terror de tudo aquilo. Então, o olho apareceu, um olho imenso e brilhante, suspenso no espaço. O olho pulsava e emitia raios de uma luz abrasadora e docemente sonora, penetrando meu corpo. Mas não era mais meu corpo. De súbito só existia o grande olho e vi tudo o que há para ser visto. Era êxtase e era horror e vi tudo aquilo e compreendi tudo aquilo.

coroadas com um diadema de

cápsulas de ópio. *Mykenai*, a palavra grega para a Cidade

Micenas, de que se dizia que havia sido fundada quando uma

mulher perdeu a Cabeça por um homem de uma nova dinastia, que

havia arrancado um fungo. A

etimologia da *Mykenai*,

reconhecida na antiguidade

porém repetidamente rechaçada

pelos estudiosos modernos, deriva

corretamente de *Mykene*, a

desposada do *mykes*, ou seja o

cogumelo.

Karl A. P. Ruck
El Camino a Eleusis

Como mostra a história contada por Heródoto, ainda que os gregos nunca tivessem dito explicitamente, os mistérios eram de importância fundamental para a comunidade, para a existência em comum. Porém a ameaça da morte se dirigia a todos os humanos e cada um pessoalmente. A vida havia sido digna de ser vivida sem a esperança inspirada pelos mistérios de Elêusis? Frente à morte que tudo devora, os mistérios proporcionavam confiança tanto à comunidade como ao indivíduo. Os mistérios eleusinos proporcionaram essa confiança durante toda sua existência, que provavelmente abarcou um período de dois mil anos.

O final do santuário de Elêusis nos é referido no V d. C por Eunápio, historiador e biógrafo dos últimos filósofos e oradores gregos, na forma de profecia que se cumpriu quando Alarico, rei dos visigodos, invadiu a Grécia no

Elêusis foi destruída no século 4 d.C. por visigodos cristianizados que incendiaram o templo de Deméter e massacraram seus adeptos. Os cultos e percursos da Deusa e do Touro retornaram para uma longa obscuridade nas profundezas da Terra e da memória, quase sem mais esperança de outras primaveras. Pelo menos no Velho Mundo, a experiência extática direta da unidade cósmica estava bloqueada. A comunhão com o corpo da Deusa, intermediada e facilitada pelas substâncias psicoativas, a memória vegetal de conexão planetária, começava a ser esquecida. O *homo oblivious*, o esquecendo, ia seguir sua saga, sem saber qual o seu destino.

É importante recordar que mesmo antes da queda de Elêusis, a Grécia homérica e arcaica situava-se precisamente naquele tempo axial da história em que surgem *Confúcio* e *Lao Tsé* na China, *Buda* na Índia, *Zoroastro* na Pérsia, os *Profetas* em Israel e os *Filósofos* na Grécia. Somos humanos brincando de deuses, ou deuses brincando de gente? É nessa época que se começa a negar a veracidade do mito, através da racionalidade, da experiência iluminada pela razão, pelo conceito, e também tem início o descrédito dos deuses e de outras entidades. *O pensamento científico trabalha com os conceitos e o pensamento mítico com os significados. O conceito opera a abertura do conjunto e o significado realiza sua reorganização.* É o que nos diz Lévi-Strauss. É nesse momento que o mito se transforma em história, escrita e, depois, em ciência. A grande originalidade e novidade que surge no Mundo Antigo, com a Grécia Clássica, já esboçado em Homero, é a fusão de todos os mitos no mito do herói mortal, no mito do Humano. Os gregos descobriram

Eram as minas ásperas das almas.
Como veios de prata caminhavam
silentes pela treva. Das raízes
brotava o sangue que parece aos
vivos, na treva, duro como
pórfiro. Depois nada mais foi
vermelho.

Somente rochas, bosques
imateriais. Pontes sobre o vazio e
o lago imenso, cinza, cego, que
sobre o fundo jaz, distante, como
um céu de chuva sobre uma
paisagem. Por entre os prados,
suave, em plena calma, deitado,
como longa veia branca, via-se o
risco pálido da estrada.

Desta única via vinham eles.
À frente o homem com o manto
azul, esguio, olhar em alvo, mudo,
inquieto. Sem mastigar, seu passo
devorava a estrada em grandes
tragos; suas mãos pendiam rígidas,
graves, das dobras das vestes e
não sabiam mais da leve lira que
brotava da ilharga como um feixe
de rosas dentre ramos de oliveira.

Seus sentidos estavam em
discórdia: o olhar corria adiante
como um cão, voltava presto, e
longo andava longe, parando,
alerta, na primeira curva, mas o

ano 396 d.C. Cunápio foi iniciado nos mistérios pelo último hierofante legítimo de Cléusis, um fragmento do seu relato diz: *Alarico com seus bárbaros avançou pela passagem das Termópilas, como se corresse em um hipódromo. As portas da Grécia haviam sido abertas pela descrença daqueles com suas roupas escuras.* Os homens de roupas escuras que entraram com Alarico eram monges.

Karl Keréngyi
Eleusis

Os profetas judeus (séculos III e Ia.C.) trarão o abandono e a culpabilidade ao que será o cristianismo; mas este os universalizará. O judaísmo, através de Cristo, traz portanto um “arquétipo” da relação homem-Deus em que se cristaliza a culpabilidade, ela própria momento fundamental do progresso da consciência de si. O cristianismo centrará toda esta culpabilidade no problema da morte e com isto ele a resgatará com sua salvação. A morte não é mais

que os deuses são apenas expressões das nossas potências, fragilidades, desejos, sonhos, fantasias e delírios. A tragédia e a comédia estão nesse momento em que tomamos o destino em nossas próprias mãos.

Mas o herói humano quer mais do que a imortalidade da história, quer a imortalidade dos deuses, da alma. Esse é o momento em que a religião judaica se manifesta como religião de salvação, na periferia do mundo romano, e encontra a salvação pagã dos mistérios. É o momento universal do judaísmo e do paganismo, através do cristianismo. Mas o paganismo já estava domesticado pelo orfismo, uma seita filosófico-religiosa bastante difundida na Grécia, a partir do século VI a.C e que se julgava fundada por Orfeu. Essa crença passou por várias escolas filosóficas: as de Pitágoras, Empédocles e Platão. Orfeu, o ancestral da poesia e da música, que com sua lira e canto, amansava feras, a fúria das ménades dionisíacas, encantava e transportava árvores dos seus lugares, levitava pedras e pôde comover o próprio Hades e trazer de volta à vida sua amada Eurídice. Tendo feito sua iniciação no Egito, nos *mistérios de Ísis e Osíris, Orfeu ou Arpha*, palavra fenícia que significa: aquele que cura pela luz, era filho de Apolo e de uma sacerdotisa do deus. Dos cultos de Deméter e Perséfone restavam pouca coisa: Perséfone ou Ariadne, agora se chamava Eurídice e estava definitivamente encerrada no mundo subterrâneo, morta para sempre. Orfeu reforma o culto de Apolo em Delfos, traz o Zeus patriarcal de volta, e também como sacerdote de Dionísio, não mais terrestre e subterrâneo, porém celeste e transcendental, espiritualiza a força selvagem de Dionísio e de seu culto original. Em seu canto diz Orfeu:

Da exaltação do corpo de Dionísio saíram as almas dos homens, que sobem para o céu.

ouvido estacava como um faro. Às vezes parecia-lhe sentir a lenta caminhada dos dois outros que o acompanhavam pela mesma senda.

Mas só restava o eco dos seus passos a subir e do vento no seu manto. A si mesmo dizia que eles vinham. Gritava, ouvindo a voz esmorecer. Eles vinham, os dois, vinham atrás, em tardo caminhar. Se ele pudesse voltar-se uma só vez, se contemplá-los não fosse o fim de todo empreendimento nunca antes intentado, então veria as duas sombras a seguir silentes: o deus das longas rotas e mensagens, o capacete sobre os olhos claros, o fino caduceu diante do corpo, um palpitar de asas junto aos pés e, confiada à mão esquerda: ela.

A mais amada, essa por quem a lira chorou mais do que o chorar das carpideiras, por quem se ergueu um mundo de chorar, um mundo com florestas e com vales, estradas, povos, campos, rios, feras; um mundo-pranto tendo como o outro um sol e um céu calado, com seus astros, um céu-pranto de estrelas desconformes – a mais amada.

Ia guiada pela mão do deus, o andar tolhido pelas longas vestes, incerto, tímido, sem pressa. Ia dentro de si, como esperança, e não pensava no homem que ia à frente, nem no caminho que subia

que o castigo do pecado, isto é, do ato sexual.

Esta ideia estava contida no Gênesis, com a fábula do pecado original, mas ficara sempre à margem, inexplorada, abandonada, recalada. O cristianismo, e sobretudo o cristianismo de Paulo (o aguilhão da morte é o pecado, I Cor., XV, 56) aprofunda incontestavelmente a culpabilidade edipiana pondo-lhe a nu a raiz sexual. E com isto traz, ao mesmo tempo, a explicação mais profunda da morte, já que a necessidade interna da morte, na história das espécies vivas, aparece com a sexualidade. Uma vez mais uma ideologia regressiva permite, do outro lado do conteúdo pré-histórico das crenças, do outro lado até do conteúdo animal, recuperar um segredo biológico enterrado na profundidade da espécie! E nisso reside uma das grandes verdades antropológicas do cristianismo: seu ódio englobando pecado e sexualidade é o ódio da morte!

Quando as sombras atingirem o flamejante coração do Deus, elas se iluminarão como chamas e Dionísio inteiro ressuscitará, mais vivo do que nunca, nas alturas do Empíreo. Eis o mistério da morte de Dionísio. Agora ouve o da sua ressurreição: os homens são a carne e o sangue de Dionísio. Os homens desgraçados são os seus membros esparsos, que se buscam, torcendo-se no ciúme e no ódio, na dor e no amor, através de milhares de existências. O calor ígneo da terra, o abismo das forças inferiores, atraí-os sempre, cada vez mais, para o bárbaro, perdendo-os. Mas nós, os iniciados, que sabemos o que existe no alto e no baixo, nós que somos os salvadores das almas, os Hermes dos homens, os atraímos como ímãs para nós, que somos atraídos por Dionísio. Assim, por meio de celestes encantamentos, nós reconstituímos o corpo vivo da divindade. Nós fazemos chorar o céu e alegrar-se a terra. Trazemos no coração, como joias preciosas, as lágrimas de todos os seres para transformá-las em sorrisos. Dionísio morre em nós. Dionísio renasce em nós. Evoé, evoé, evoé!

O Cristianismo é herdeiro direto desse paganismo órfico e se desenvolve durante a *pax romana* e a prosperidade do Império. Expande-se primeiro nas cidades de negócios cosmopolitas do Oriente: Antióquia, Chipre, Corinto, Éfeso, já profundamente penetradas pelos mistérios helenísticos de salvação. O Cristianismo trouxe, por um lado, às classes pobres, a consagração da aspiração delas à individualidade, com uma imortalidade que estabelece a verdadeira democracia nos céus, e por outro lado, aos ricos, o apaziguamento do medo da morte. Ele vence sete séculos de argumentações racionais e de um pensamento que se afastou da religião e de muitas superstições. Muito da sabedoria antiga vai se perder diante da evangelização cristã. O triunfo total do cristianismo coincide com a decadência do Império

aos vivos. Ia dentro de si. E o dom da morte dava-lhe plenitude. Como um fruto em docura e escuridão, estava plena em sua grande morte, tão nova que não tinha entendimento.

Entrara em uma nova adolescência inviolada. Seu sexo se fechava como flor em botão no entardecer e suas mãos estavam tão distantes de enlaçar outro ser que mesmo o toque levíssimo do guia, o deus ligeiro, a magoava por nínia intimidade.

Não era mais a jovem resplandecente que ecoava nos cantos do poeta, nem o aroma do leito do casal nem ilha e propriedade de um só homem.

Estava solta como os seus cabelos, liberta como a chuva quando cai, exposta como farta provisão.

Agora era raiz. E quando enfim o deus a deteve e, com voz cheia de dor, disse as palavras: "Ele se voltou". – ela não compreendeu e disse: "Quem?" Mas pouco além, sombrio, frente à Clara saída, se postava alguém, o rosto já não reconhecível. Esse viu em meio ao risco branco do caminho o deus das rotas, com olhar tristonho, volver-se, mudo, e

acompanhar o vulto que retornava pela mesma via, o andar tolhido pelas longas vestes, incerto, tímido, sem pressa.

A culpabilidade cristã transforma a Deusa-Mãe ou a Grande Prostituta em Virgem imaculada, o filho salvador em deus assexuado, e o poder gerador do Pai em verbo espiritual. A santíssima Trindade virginal resgatará toda a sexualidade do mundo.

Edgar Morin.
O Homem e a Morte.

O poeta-prosíeta inglês do período romântico William Blake, percebe a questão com clareza definitiva, quando, ironicamente, renomeia Javé: “Nobodaddy”, pai de ninguém. Sem dúvida, não devemos indagar do dogma trinitário quem é, exatamente, a Primeira Pessoa, mesmo porque o objetivo misterioso e principal da Trindade é justificar a substituição do Pai pelo Filho, da Antiga Aliança pelo Testamento Tardio, do povo judeu pelos gentios. Jesus Cristo é um novo Deus,

Romano: em 313, Constantino, que astutamente reconheceu em Cristo a continuidade da tradição pagã, lhe concede liberdade de culto; em 392, o paganismo é proibido; e em 529, um edicto de Justiniano puniu com a morte tudo aquilo que não é cristão. Os profetas judeus dos séculos III e I a.C. trazem a ideia de abandono e de culpa ao que será o cristianismo, mas este os universaliza. O cristianismo através de Jesus, o segundo Adão, restaurador da vida eterna, traz o arquétipo do homem-deus como uma relação de culpa, ela própria fundamental para a criação cristã da consciência individual. A morte não é mais do que o castigo do pecado: o ato sexual, a perpetuação da espécie. A Deusa Mãe é virgem, o Filho assexuado, o Pai verbo sem carne. O celibato, a perfeição de um Deus assexuado é levada tão ao pé da letra, que o bispo de Alexandria, Orígenes, se castra para melhor servir. A redenção se dará pelo sofrimento, que será recompensado depois da morte. Nunca a obsessão e o horror da morte haviam penetrado tão fundo no próprio âmago da vida, no âmago de *Eros* e da consciência. Mas o cristianismo se afasta muito do judaísmo. Javé não é mais o deus único, agora a divindade se divide em três: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Essa trindade é uma reprodução do mistério órfico de Zeus, que na forma de uma serpente gera em sua própria filha Perséfone, o filho encarnado Dionísio. A antiga aliança com Javé está rompida. Jesus Cristo é um novo deus, segundo o modelo grego de Zeus, que usurpa o lugar de Crono, o deus Pai. Javé, semelhante a Crono, recolheu-se no alto ou no que restou do judaísmo, até poder retornar, na condição de Alá do Islã. No século IV d.C., Atanásio, bispo de Alexandria, convenceu a maioria dos seus colegas que Jesus Cristo era Deus. Mas os judeus-cristãos, liderados por Tiago, irmão de Jesus, insistiam que ele era um homem que tinha atingido a

RJike
Orfeu. Eurídice. Hermes.

Resta-nos uma passagem notável

de Proclus, responsável pela
Academia no século V d.C.

Elêusis tinha sido destruída cerca de quinze anos antes do nascimento de Proclus, e em sua época o sacrifício pagão era proibido por lei; no entanto, ele conheceu a filha de Nestor, o hierofante eleusino, e admirava-a como guardiã das mais sagradas

tradições. Assim, o que ele escreve sobre os mistérios deve ser levado a sério, como relato de uma tradição autêntica. Proclus escreve o seguinte a respeito:

Eles provocam a simpatia das almas com os rituais de uma maneira que para nós é ininteligível, e divina, de modo

que alguns iniciantes são tomados de pânico, enchendo-se de temor divino; outros se identificam com

segundo o modelo grego-romano de Zeus-Júpiter, que usurpa o seu lugar ao pai, Crono-Saturno. Ao estabelecer o cristianismo como religião da autoridade romana, o imperador Constantino, astutamente, reconheceu em Jesus Cristo a continuidade da tradição pagã. Javé, à semelhança de um velho Saturno, recolheu-se ao que restava do judaísmo, até poder retornar, na condição de Alá do islã.

O monoteísmo pode até não ser um avanço em relação ao politeísmo, mas o cristianismo jamais admitiria o recurso pragmático representado pelos três Deuses, em lugar de um. Conforme meu entendimento da Transfiguração, em que Jesus aparece junto a Moisés e Elias, tal visão justifica a hipótese gnóstica e sufi de que Jesus, primeiro, fez-se “o

plenitude terrestre, mas Atanásio venceu o embate dentro da ala mais poderosa do Cristianismo. Do Jesus gnóstico, de Valentino de Alexandria, se dizia que primeiro *ressuscitou*, depois morreu. Isso sugere que só despertamos para a verdadeira vida através de uma transformação mística que em muito precede nossa morte. É o percurso da matriz iniciática: *paixão, morte e ressurreição*. Qual será a culpa humana que deve ser expiada pela tortura que Javé impõe a Jesus e pela crucificação de milhares de outros judeus, nas mãos das forças romanas de ocupação? As justificativas de Paulo e Agostinho: o pecado original e a queda de Adão são ridículas e cruéis. Além do mais são ressonâncias da Grécia, com o mito de Prometeu, atormentado por um Zeus sádico. Em quase todas as religiões a autonomia de pensamento é um interdito, a busca do conhecimento é confundido com o satânico. A vida só existe porque conhece, aprende. Bloquear o saber é negar a vida.

Em Gênesis, 3: A serpente era o mais astuto de todos os animais que Javé tinha feito. Ela disse a mulher: então Javé disse que vós não podeis comer de todas as árvores do jardim? A mulher respondeu: nós podemos comer todos os frutos, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Javé disse não comereis, nele não tocareis, sob pena de morte. A serpente disse então: não morrereis! Javé sabe que no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão e vós sereis como deuses, versados no bem e no mal. Eva e Adão comeram. Depois disse Javé: se o homem já é como um de nós, versado no bem e no mal, que agora ele não estenda a mão e colha também da árvore da vida, e coma e viva para sempre!

O fruto proibido ser representado por uma maçã não é gratuito: a fruta é vermelha como o sangue, arredondada como uma bunda.

os símbolos sagrados, abandonam suas identidades, ficam à vontade com os deuses e vivem a experiência da possessão divina. O próprio fato de que as reações aqui descritas não são idênticas, mas variam entre a perplexidade e a exaltação, indica que não é uma livre especulação baseada em postulados, mas a descrição de algo que foi observado: *sympatheia* das almas e rituais, alguma forma de ressonância que não ocorre em todos os casos, mas que, uma vez ali, abalará profundamente ou mesmo estilhaçará as imagens da realidade. Ignorando o ritual e incapazes de reproduzi-lo, não temos como recriar essa experiência, mas podemos reconhecer que ela estava ali. Havia uma possibilidade de “se reunir ao *thiasos* com a alma”, *thiasos esthai psychan*, e isso

Cristo Anjo" e, então, somente após aquela ressurreição, teria voltado à condição humana e, presumivelmente, morrido na

Cruz. Arrisco dizer "presumivelmente" porque gnósticos e mulçumanos insistem que Simão, o Cirineu, que carregou a Cruz, foi crucificado em lugar de Jesus.

João Batista foi mestre de Jesus (por mais que tal noção

constranja os Evangelhos), e, tanto quanto Elias, o Batista parece conhecer os mistérios de Mekaba, a carruagem de Javé, segundo descrição de

Ezequiel. Javé é um admoestador, e não um mestre: este último papel ele confere a Moisés e Isaías, a Hillel e Jesus,

a Akiba e Maomé. O

Nabucodonosor de

Kierkegaard é o epítome da percepção do ironista

dinamarquês no que toca à imensa dificuldade de se tornar

Representa o desejo e a vida. Quando cortada no sentido longitudinal revela uma estrela de cinco pontas na estrutura de suas sementes, herdada do padrão original da flor. Essa estrutura lembra o corpo humano: a cabeça, as pernas e os braços abertos. E também a cruz, que tem o cinco na interseção dos braços. É um símbolo da quintessência do saber e da necessidade de escolher. O cinco é a soma do primeiro número par e do primeiro número ímpar. Está no meio dos nove primeiros números. É um símbolo de união, o casamento do princípio celeste, representado pelo número três, com o princípio terrestre da mãe e seu filho, representado pelo número dois. Esse pentagrama era o emblema sagrado da irmandade pitagórica.

Se Eva e Adão não tivessem ouvido as ponderações da Serpente, ainda estariam em um estágio de indiferenciação na unidade do paraíso infantil uterino, sem a consciência humana. A transgressão é parte essencial da criatividade. Adão e Eva foram amaldiçoados com a vida: a procriação com dor, a morte, a velhice e o trabalho estafante. A negação do feminino, da mulher, é à base da maioria das religiões, institucionalizadas ou não. O amor às mulheres é claro em Jesus. A mensagem de compaixão de Jesus foi amaldiçoadada pela intolerância, repressão, tortura e morte.

Mas, ao contrário do judaísmo e do islamismo, que permaneceram monoteístas, o cristianismo, muito influenciado pelo paganismo grego, é politeísta desde o início. O culto de Maria se expande e as antigas divindades pagãs voltam na forma de santos, demônios e anjos. O cristianismo atualmente adora no mínimo quatro deuses: Javé, Jesus, o Espírito Santo e Maria. Historicamente, a Igreja reputou o islamismo como uma heresia

significava felicidade.

Os mistérios eram frágeis demais para sobreviver como "religiões" autônomas. Eram opções dentro da multiplicidade do politeísmo

pagão, e desapareceram com ele.

Permanece um estranho fascínio, mesmo nos vislumbres e suposições frente aos fragmentos evocativos: a escuridão e a luz, a agonia e o êxtase, o vinho, a

espiga do cereal. Os *logoi* se mantiveram experimentais, sem atingir o nível de um sistema ou credo. Bastava saber que existiam

portas para um segredo que poderia revelar aos que empreendessem uma busca sincera. Isso significava que havia uma possibilidade de sair das vias

áridas e fechadas de uma existência previsível. Tais esperanças eram tentativas de criar um contexto de sentido num mundo banal, deprimente e muitas

cristão, quando se vive na cristandade. O órfão Javé é nosso eterno dilema: quem foi o mestre *dele*? Como podemos ter certeza de qualquer fato acerca de Javé?

Harold Bloom
Jesus e Javé

A distinção entre vida e não-vida começa a desaparecer quando observamos nosso próprio corpo e os corpos das outras criaturas. Ossos, cabelos, estruturas e proporções podem ser descritos como inorgânicos.

cristã, assim como os rabinos do século II rejeitavam o cristianismo como uma heresia judaica e o islã, desde os primórdios, considera Jesus um profeta e o cristianismo politeísta.

vezes absurdo, proporcionando a experiência de um grandioso ritmo ao qual as ressonâncias da psique individual poderiam se integrar, por meio de um assombroso fenômeno de *sympatheia*.

Walter Burkert.
Antigos Cultos de Mistério

Há um episódio bíblico, da luta entre o monoteísmo e o politeísmo, em que já podemos ver a tentativa de destruir o culto orgiástico do Touro. Está no Antigo Testamento, no livro do Exodo:

A descoberta da Creta minóica,

Vendo que Moisés tardava a descer da montanha, o povo agrupou-se em volta de Aarão e disse-lhe: vamos, faze-nos um deus que marche à nossa frente, porque esse Moisés que nos tirou do Egito, não sabemos o que é feito dele. Aarão respondeu-lhes: tirai os brincos de ouro que estão com os vossos e trazei-me. Aarão pôs o ouro em um molde e fez um bezerro de ouro e disse: eis, ó Israel, o teu Deus, Javé, que te tirou do Egito. No dia seguinte, pela manhã, ofereceram holocaustos e sacrifícios pacíficos. O povo assentou-se para comer e beber, e depois dançou e se divertiu. Javé disse a Moisés: vai, desce, porque o povo corrompeu-se, o teu povo que tiraste do Egito. Vejo que este povo tem cabeça dura. Deixa, pois, que se acenda minha cólera contra eles e os reduzirei a nada. Moisés tentou aplacar o Senhor seu Deus: por que, Senhor, se inflamaria a vossa ira contra o vosso povo, que tiraste do Egito, com vosso poder e à força da vossa mão? Não é bom que digam os egípcios: com um mau designio os levou, para os matar nas montanhas e os suprimir da face da terra! Aplaque-se vosso

uma antiga cultura
teologicamente avançada e
socialmente complexa, caiu como
uma bomba. Na descrição do

arqueólogo Nicolas Platon, que
em 1980 já escavara a ilha durante

mais de cinqüenta anos, “os
arqueólogos estavam pasmos. Não
compreendiam como a existência

Segundo Sahtouris, noventa e cinco por cento de uma sequóia canadense ou pau-brasil são na verdade madeira morta, mas a árvore vive. Ela escreve que no decorrer de um longo tempo a rocha se transforma em criaturas vivas que depois finalmente voltam a se transformar em rocha.

Quase todas as rochas existentes na superfície do planeta são feitas de átomos que um dia pertenceram a

fúro, e abandonai vossa decisão de fazer mal ao vosso povo. Lembrai-vos de Abraão, de Isaac e de Israel, vossos servos, aos quais jurastes, por vós mesmo, de tornar sua posteridade tão numerosa como as estrelas do céu e de dar aos seus descendentes esta terra de que falastes, como uma herança eterna. E o Senhor seu Deus se arrependeu das ameaças que tinha proferido contra o seu povo.

Moisés desceu do monte Sinai trazendo nas mãos as duas tâbuas da Lei, mas ao ver o povo que cantava e dançava em torno do Touro, foi tomado pela ira divina que antes aplacara: quebrou as tâbuas, tomou deles o bezerro de ouro, queimou-o e esmagou-o até reduzi-lo a pó, que lançou na água e fez o povo bebê-la. Mas quando desceu do monte Sinai Moisés já trazia na cabeça os dois chifres do touro, como o representavam os artistas medievais e depois Michelangelo. Os chifres do touro são a lua crescente e minguante. Os chifres dos bovídeos são o emblema da Grande Deusa Mãe divina, desde as culturas neolíticas. Mas são também símbolos solares: chifre, poder e força, cuja palavra *queren*, em hebraico, tem essas três acepções. É uma potência fálica, agressiva, patriarcal. Os chifres na cabeça é o elmo de muitos xamãs e foi usado também pelo discípulo de Aristóteles, Alexandre o Grande, que se apropriou do emblema de Amon, deus egípcio, representado pelo carneiro.

No início, há uma conjunção entre o Egito e Israel, os poderes visionários de José ajudam o Egito durante os anos de fome, e o Faraó dá boas vindas a toda família de José. Mas a conjunção rapidamente termina. A opressão de quatro séculos introduz a disjunção espetacular do *Exodo*, e a partida do Egito em busca da *Terra Prometida*. A população israelita, escrava no Egito, se multiplica de tal maneira que o Faraó a considera uma ameaça. Ordena que as parteiras dos hebreus matem

de uma civilização tão avançada tinha passado desapercebida até então".

"Desde o início", escreve Platon,

que por muitos anos foi

superintendente de Antiguidades

em Creta, "foram feitas

descobertas fantásticas". À

medida que o trabalho avançava,

"vieram à luz vastos palácios de

múltiplos andares, vilas, sedes de

fazenda, bairros de cidades

populosas e bem organizadas,

instalações portuárias, redes de

estradas cruzando a ilha de ponta

a ponta, lugares de culto

organizados e cemitérios

planejados". Com a continuaçāo

criaturas vivas. Cesses
átomos vieram originalmente
das pedras de períodos
anteriores. Grande parte do pó
das nossas casas vem da pele
que se soltou de nossos
corpos no decorrer do dia. É a
própria Terra e tudo que nela
existe provém da luz estelar,
pois a poeira que
originalmente formou os
planetas começou como restos
de estrelas que explodiram.

Quando começamos a

todas as crianças do sexo masculino, mas duas delas, Sefra e Fua, se recusam. Quando interpeladas, astuciosamente respondem: as mulheres dos hebreus não são como as egípcias. São cheias de vida e, antes que as parteiras cheguem, já deram à luz. Então, o Faraó ordenou: jogai no Rio Nilo todo menino que nascer. Essa cena mítica vai ligar Moisés a Jesus, Herodes ao Faraó e Israel ao Egito. É nesse momento que nasce Moisés, um egípcio, filho de pais israelitas anônimos, que o escondem por três meses, mas por temerem sua morte, fazem de um cesto de papiro uma barquinha, que põem a navegar pelo Nilo, acompanhada das margens por sua irmã, que vê o menino ser recolhido pela filha do Faraó. Esta o dá para criar, em segredo e mediante pagamento, a uma família israelita. Com o menino já adolescente o adota como filho e lhe dá o nome de Moisés, cujo nome em egípcio é *Thutmosés*, que significa: o deus *Tot* nasceu. Nesse momento histórico o politeísmo está enfraquecido, é o período dos Reis Divinos, e o Faraó se confunde com o deus único *Rá*, o Sol. Moisés é fruto dessa tradição monoteísta. Javé é tão implacável como *Rá*. Mas, certamente, é mais raioso, cruel e vingativo. Depois de tirar o seu povo do Egito, com raiva pela adoração do Touro, quer exterminá-lo. A perseguição judaica começa com Javé. Também com raiva tenta matar Moisés, mas é impedido por sua mulher Sefora. Depois de provocar todas as epidemias e pragas contra o Egito, inclusive endurecendo o coração do Faraó, para impedir-lo de se compadecer, e levar suas torturas até o fim, chega ao máximo da sua vingança com a morte de todos os primogênitos egípcios, superando a crueldade do próprio Faraó, ao acrescentar também a morte dos primogênitos de todos os animais.

Javé condena e maldiz qualquer culto que não seja o seu, e os judeus são intimados a escolher entre seu pai protetor que salva o seu

das escavações, os arqueólogos
descobriram quatro escritas:
hieroglífica, protolinear, linear A
e linear B, o que promoveu a
civilização cretense ao período
histórico ou literário, segundo a
definição arqueológica. Muito se
aprendeu sobre a estrutura social
e os valores das fases minóicas,
inicial, e micênica, posterior. E o
mais importante: no decorrer das
escavações, à medida que mais
afrescos, esculturas, vasos,
entalhes e outras obras de arte
iam sendo desenterrados,
percebeu-se que ali estavam os
resquícios de uma tradição
artística única nos anais da

observar o planeta como vivo, passamos a estender mais ainda a nossa definição de vida. Apesar de constante expansão e movimento através do espaço, as galáxias mantêm uma forma e limites definidos. Podemos pensar nas galáxias como orgânicas?

Em nosso planeta, a natureza produz muito mais células e sementes que o estritamente necessário. O excesso permite

que um grande número delas

povo da morte, mas ignora o indivíduo após a morte, e os deuses estrangeiros, inimigos de Israel, mas que prometem uma individualidade com vitória sobre a morte. Javé é o freio terrível que se opõe à transformação religiosa, à expulsão das angústias da morte que a transformação social provoca. No entanto, desde essa transformação, quer dizer, desde o VI século a.C, se esboça, com os profetas, a ideia de salvação individual, reservada aos justos e bons. *A alma que peca é a que morrerá. A maldade do mau recairá sobre ele*, diz Ezequiel. Javé é um deus vulcânico: aparece no fogo no topo do monte e colunas de fumaça são os sinais do caminho que o povo segue, na fuga do Egito. Javé não parece um deus celeste. É mais nossa imagem e semelhança. É cheio de dúvidas e descontroles emocionais. É um cultivador de jardins, gosta da boa comida e da bebida, é um deus ciumento, quer ser amado e obedecido. Embora tenha testado a fé de Abraão, exigindo o sacrifício de seu filho Isaac e de deixar Jesus ser torturado e morto, além de silenciar diante do horror de Hitler, pode ser veemente contra sacrifícios e holocaustos, como em Jeremias, 7, 21-23:

Ajuntem os holocaustos que vocês queimam, com seus sacrifícios, e comam essas carnes! Pois quando tirei do Egito os antepassados de vocês, eu não falei nada nem dei ordem alguma sobre holocaustos e sacrifícios. A única coisa que lhes mandei, foi isto: obedecam-me, e eu serei o Deus de vocês, e vocês serão o meu povo; andem sempre no caminho que eu lhes ordenar, para que sejam felizes.

O monoteísmo patriarcal; o povo escolhido; o ódio a Satã: espelho do ódio por tudo que não é cristão; o perigo do estrangeiro, o medo do abandono, são a nossa herança, da qual nem Jesus escapa, quando diz na cruz:

civilização. A história da civilização cretense começa por volta de 6000 a.C quando uma pequena colônia de imigrantes da Anatólia, chegou ao litoral da ilha. Eles é que trouxeram a Deusa consigo, bem como a tecnologia agrária que classifica esses primeiros pioneiros como povos neolíticos. Nos quatro mil anos que se seguiram houve um progresso tecnológico lento e constante na cerâmica, tecelagem, metalurgia, escultura, arquitetura e outras técnicas, o comércio cresceu e desenvolveu-se o estilo artístico vivo e alegre tão característico de Creta.

morra, enquanto uma pequena

percentagem viva e forme

organismos. Os planetas

mortos podem formar as

células excedentes das

galáxias.

A Teoria de Gaia começa a nos

levar de volta à poderosa

intuição de que a vida – e, sim,

a consciência – existe em todos

os níveis. “Tudo vive, tudo

dança, e tudo é sonoro”.

Muitos mitos da Deusa como

sendo uma vaca descrevem a

Minha alma está triste até a morte. Meu Pai, se te é possível, afasta de mim este cálice. Pai, por que me abandonaste?

Se Eu e o Pai somos Um, como diz, por que Jesus vacila? Porque era humano e gostava de viver. Tem consciência da arte de cada dia:

Não vos preocupeis, pois, com o dia de amanhã. O dia de amanhã terá as suas preocupações próprias. A cada dia basta o seu cuidado.

Quando perguntado sobre o reino do Pai, depois da morte responde, aludindo à vida terrestre:

O Reino já está diante de vós e não vés.

E para os que desanimam diante do tamanho da obra diz:

Aquele que põe a mão no arado e olha para trás, não é apto para o Reino de Deus.

Mas tem um momento em que é direto em relação à busca do caminho:

O Reino de Deus está dentro de vós!

Indica o caminho da plenitude, diz que a realização da individualidade é a unidade com o divino e que está disponível para todos.

Dirijo-te esta oração, enquanto ainda estou no mundo, para que eles tenham a plenitude da minha alegria!

Mas quando diz:

Meu Reino não é deste mundo.

Já está de partida, é despedida, começa a se desprender do mundo, é o estrangeiro, o

Então, aproximadamente em 2000

a.C., Creta entrou no que os

arqueólogos chamam de período

Minóico Médio ou Proto-

Palaciano.

A esse altura já estávamos na

Idade do Bronze, uma época em

que, no resto do mundo

civilizado, a Deusa vinha sendo

paulatinamente substituída por

deuses guerreiros masculinos. Ela

ainda era reverenciada – como

Hathor e Ísis no Egito, Artarte ou

Ístar na Babilônia, ou como a

Deusa Sol de Arinna na Anatólia

– mas, agora, na condição de

deidade secundária, descrita

como consorte ou mãe de deuses

Via Láctea, nossa galáxia, como o leite do Seu corpo.

Entretanto, para a maioria de

nós, tudo isso permanece como histórias bonitas, talvez metáforas psicológicas, mas não uma descrição do mundo real. A Teoria de Gaia abre

caminho a uma nova unidade entre a ciência, o mito e a intuição. Nessa unidade, a ciência da biologia torna-se vital e excitante – viva. Quando

eu era criança e tinha aulas de

alienígena. A cena da tortura tripla não deve fazer a dor nos confundir: Jesus pregado na cruz, entre dois ladrões, um mau e outro bom. Mesmo velado o símbolo está presente: as três árvores são os fluxos das energias vitais do corpo: *Yang, Tao, Yin*, na tradição do taoísmo chinês e *Ida, Sushumna e Pingala*, na tradição do *Tantra* indiano.

Essa trindade é o movimento da *kundalini*, através dos sete vértices e vórtices do cajuceu, que é o modelo que sustenta as três narrativas. O interesse de uma instituição religiosa em reter para si e manipular o poder é quem esconde da comunidade o caminho da plenitude terrestre e faz do símbolo outro fruto proibido. O símbolo e o diabolo no solo da Terra. Em Jesus já não há povo escolhido, mas para o cristianismo que se seguiu, a salvação só está ao alcance da cristandade. Há rancor, ressentimento, vingança e sadismo, como se pode ver nesse texto de Tomás de Aquino:

Para que a felicidade dos santos lhes possa parecer deleitável lhes é permitido ver perfeitamente os sofrimentos dos danados.

Com a queda de Elêusis perdemos a autonomia e a conexão direta com Gaia. Ao longo da História entrariam em cena os intermediários e atravessadores de todas as religiões institucionais. Não que eles não existissem na Grécia, e mesmo em Elêusis, mas chegava ao ocaso à comunhão com as plantas sagradas, sejam as do vinho carnavalesco dos *mistérios menores*, sejam as do *kikeon* dos *mistérios maiores*. Do mesmo jeito que Zeus fulminou com um raio Sêmele, grávida de seu filho Dionísio, se acreditava que essa era a origem dos cogumelos que brotavam, repentinamente, logo depois da chuva e dos raios. Também pela semelhança física o cogumelo era

masculinos mais poderosos. Esta época trouxe um mundo onde o poder da mulher declinava mais e mais, um mundo onde a

dominância dos homens e as guerras de conquista e contraconquista tornavam-se a regra geral em toda parte.

Na ilha de Creta, onde a Deusa ainda reinava suprema, não havia

sinais de guerra. Ali a economia prosperava e as artes floresciam.

E mesmo quando no século XV a.C. a ilha finalmente caiu sob a dominação dos aqueus, período que os arqueólogos chamam de

cultura minóica-micênia, a Deusa e o modo de pensar e viver

ciênciа na escolа, a biologia

confundido com o falo, outro símbolo dionisíaco.

que ela representava

não me parecia muito

aparentemente se mantiveram.

interessante. Na escolа, ela

Como diz o arqueólogo Platon,

consistia principalmente de

aquela era uma sociedade na qual

taxonomia, longas listas de

“toda vida era permeada por uma

classificações. Naquela época,

fé ardente na Deusa Natureza,

recorriamоs à фísica em busca

fonte de toda criação e

de poesia, de mistério. Com o

harmonia”. Foi em Creta que pela

repentino surgimento de Gaia

última vez na história escrita

onde menos a esperávamos, a

prevaleceu um espírito de

biologia torna-se um novo

harmonia entre mulheres e

enfoque de suposições. Assim

homens enquanto participantes

como o retorno da Deusa

iguais e jubilosos da vida. É esse o

significa o retorno da história,

espírito que parece irradiar na

tradição cretense, uma tradição

Mas a Deusa e o Touro nunca foram completamente derrotados. Tal como Roma ficara fascinada pela Grécia, o Cristianismo, a nova religião do Império Romano desde Constantino, ironicamente iria carregar em suas entradas a Deusa e o Touro, nas figuras de Cristo e das duas Marias: a de Nazaré e Madalena. Não foi possível escamotear a matriz mítica da paixão, morte e ressurreição. Cristo é o deus-touro, transformado em cordeiro do sacrifício ou em bode expiatório e nasce em uma manjedoura, entre vacas e bois; transmuta o vinho em sangue e o pão em carne do seu corpo, para serem bebidos e comidos e incorporados pela comunidade. O sacrifício humano do deus-touro é feito na cruz, um símbolo de conexão: o braço horizontal é a plenitude terrestre, a que propicia a ligação vertical entre a terra e o céu. Mas o símbolo da crucificação, que significa o movimento vital de morte e ressurreição, da inseparabilidade morte e vida, passou a ser usada para matar, reprimir e manipular o poder. Cristo indica o caminho da iniciação, mas está só em sua tragédia, e a memória da

que, nas palavras de Platon, é

única em seu “deleite da beleza,

da graça e do movimento” e em

o retorno de Gaia significa o

retorno do corpo, o

conhecimento de que o corpo –

nossa corpo, o corpo da Terra

– existe simultaneamente no

mundo dos objetos e no mundo

das histórias.

Os muitos mitos do corpo

desmembrado da Deusa

surgem de uma percepção de

que tudo está vivo, mas

fragmentado. Esta não é uma

construção intelectual, mas

uma intuição profunda. E

participação coletiva na comunhão vegetal com a natureza está esquecida. O eterno retorno das luas e das estações, a *paixão, morte e ressurreição* da Deusa ou do Touro, a recorrência dos mitos deu lugar ao evento único: a linearidade da história. Como co-autor do imperialismo e colonialismo culturais, o Cristianismo nem suspeitava que no lado oculto de todos os seus crimes, cruzadas, inquisições, torturas, queima de bruxas e hereges, da sua responsabilidade no longo bloqueio da espiral evolutiva da consciência humana, do seu poder brutal, trazia dentro de si a Deusa e Dionísio, transmutados em Marias e Cristo: as touradas, as vaquejadas, o bumba-meу-boi e a epidemia do Carnaval!

Se há padrões na História, talvez estejamos em um tempo parecido com a queda do Império Romano e o advento do Cristianismo. A hegemonia do império Norte-Americano vacila, a Deusa Terra se ressente do desamor e a humanidade está exausta de impérios e do poder patriarcal e predador. Nenhum deus ou outro extraterrestre virá nos salvar. Os iluminados de todos os tempos já estão em nós ou em nenhum outro tempo e lugar. Agora é o momento da co-responsabilidade planetária. A iluminação não é uma recompensa depois da morte. É a plenitude terrestre, o corpo em máxima saúde. Não há escolhidos, todos somos convidados. A iluminação é a coragem de viver o mito da Deusa Vida! É mais útil e sem alarde, cada ser pode contribuir nessa rede amorosa. É a planetarização acelerada das culturas que conduz à compreensão de que se há algo absoluto na vida é a nossa interdependência. Se o aumento da nossa consciência foi bloqueado ou desviado ao longo desses dois mil anos, temos outra vez uma grande oportunidade de dar um salto qualitativo para a consciência de que todos somos as células de um complexo organismo, se deslocando

seu “desfrute da vida e

proximidade da natureza”.

Contamos em séculos o tempo da

história que conhecemos. Mas

quando se trata do período

anterior, um tipo muito diferente

de história, os períodos de tempo

são contados em milênios, ou

milhares de anos. O Paleolítico

data de 30 mil anos atrás. A

revolução agrícola do Neolítico

aconteceu há 10 mil anos. Çatal

Huyuk foi fundada há 8500 anos.

E a civilização de Creta caiu há

apenas 3200 anos.

Durante esse período de milênios

– muitas vezes mais extenso que a

história registrada nos

assim criamos histórias de uma Deusa que sacrifica Seu corpo para construir o mundo.

Uma sociedade baseada no corpo divino manteria uma consciência da unidade da ciência, da vida cotidiana e do sagrado – para os organismos individuais e também para o organismo maior da cultura.

Duas amigas juntaram-se a mim no solstício. Então, realizamos uma cerimônia

simples. Pedi a cada uma delas

evolutivamente no espaço-tempo cósmico. A inconsciência é infinitamente maior do que a consciência e é de lá que ela vem e de onde é conduzida. Nesse sentido a consciência é passiva, como nós diante de um deus. O inconsciente merece toda nossa confiança.

Mas a consciência é co-criação e co-responsabilidade na obra, é saber e saborear o que somos, onde estamos e quando: degustar o tempo: o devorador.

O amor cósmico quando se singulariza em uma pessoa, se humaniza. O código arquetípico que chega-nos através de Cristo é um padrão cílico, mítico, trinitário: *paixão, morte e ressurreição* e são os estágios de recriação permanente do nosso devenir psíquico e talvez ainda mais misterioso e profundo: indica um ritmo da vida.

Cristo é Dionísio. Deméter é Maria de Nazaré. Perséfone ou Ariadne é Maria Madalena. O Cristianismo tenta, de todas as maneiras, negar a sexualidade de Cristo, mas isso significa a recusa em considerá-lo um ser humano pleno. Parece que a humanização de qualquer deus passa pela simultaneidade do amor cósmico e do amor pessoal: *Parvati e Shiva; Ísis e Osíris, Eva e Adão, Ariadne e Dionísio, Madalena e Jesus*. Mesmo com todas as distorções, o patrimônio mítico está codificado em todas as religiões. Os mitos são a parte que nos cabe na memória da *Anima Mundi*.

Através dos xamãs, com seus bois e vacas, suas plantas e técnicas, que permitem a alma viajar a outros espaços, dimensões e ao mundo dos mortos, foi que a Grécia interpretou que haveria uma separação entre o corpo e a alma; que o corpo é uma prisão ou o túmulo da alma, que aguarda a ressurreição para a

calendários desde o nascimento de Cristo – a maioria das sociedades da Europa e Oriente

Próximo deram ênfase a tecnologias que sustentam a

aprimoram a qualidade de vida.

Durante os milhares de anos do período Neolítico, grandes avanços foram feitos no sentido

de produzir alimento através da agricultura, caça, pesca e domesticação de animais. A

habitação avançou com inovações nos métodos de construção, de fábrico de

tapetes, mobília e outros artigos para a casa, e mesmo, como em

Çatal Huyuk, de planejamento

que trouxesse algo que quisesse oferecer à Terra.

Como minha própria contribuição, fiz um bolo baixo na forma de uma Deusa e o levei até lá, junto com sementes e pedras encontradas em viagens a locais sagrados de outros países. Então realizamos uma procissão,

indo a diferentes árvores e outros lugares especiais em volta da casa, cantando canções, carregando estátuas

verdadeira vida, que seria a vida sem corpo. Essa compreensão tem como consequência a negação da vida, que nos chegou mais diretamente através do Cristianismo.

Por outro lado, os xamãs criaram um elo entre as diversas culturas, desde a África, Sibéria, Anatólia, Egito, Índia, Grécia, Américas, o Velho e o Novo Mundo, através das suas caminhadas, difundindo técnicas de êxtase, o cultivo e o uso de plantas mágicas e a simbiose entre as plantas e os animais. Os deuses agrários ao serem urbanizados se antropomorfizaram pela metade, e se tornaram animais com cabeças de homens ou homens com cabeças de animais, a exemplo de *Ganesha*, o deus com cabeça de elefante, na Índia e os deuses do Egito ou o *Minotauro*, na Grécia. São essas divindades que se transformam em deuses da salvação: aqueles que nos livram da morte. No cerne da salvação existe o êxtase, a iniciação e o sacrifício, para um bom viver e um saber morrer. O fundamento essencial da salvação é o sacrifício do deus que morre para ressuscitar. Os xamãs e os chefes devem ter sido os primeiros beneficiários da salvação.

No culto da Deusa e do Touro, em várias culturas, é possível identificar plantas psicoativas envolvidas em cultos e rituais. Para citar dois exemplos: na Índia a planta *datura*, conhecida no Brasil como zábumba, são os cabelos do deus *Shiva Nataraja*, o dançarino cósmico, cujos passos se dão em cima de um monstrengo chamado *esquecimento*. Tudo consiste em recordar: lembrar com o coração. Não deve ser gratuito que nesse país a vaca seja sagrada, tal como deveria ter acontecido com os xamãs, em seu percurso pelo mundo. A vaca dava o alimento, em forma de leite e queijo e, pelo seu estrume, a fertilidade da terra e o brotar dos cogumelos sagrados. No

urbano. O vestuário deixou para

trás as peles de animais com a

invenção da tecelagem e da

costura. Como os fundamentais

materiais e espirituais para

civilizações mais avançadas

estavam lançados, também as

artes floresceram.

Ao que tudo indica, naquele

tempo a descendência em geral

era traçada pela linha materna. A

mulher mais velha, ou as chefes

dos clãs, administravam a

produção e distribuição dos

frutos da terra, que eram

considerados propriedades de

todos os membros do grupo.

Junto com a propriedade comum

da Deusa e tocando instrumentos. Quando

México, que também viveu a destruição dos seus cultos, o cogumelo *Stropharia cubensis*, que contém psilocibina, é conhecido como *teonanácatl*: a Carne de Deus.

dos principais meios de produção

e uma percepção do poder social,

como responsabilidade e tutoria

em benefício de todos, veio o que

parece ter sido uma organização

social basicamente cooperativa.

Tanto mulheres como homens – e

mesmo, por vezes, como

acontecia em Çatal Huyuk,

pessoas de outras etnias –

trabalhavam em cooperação para

o bem comum.

A maior força física do homem

não servia de subsídio para a

opressão social, guerras

organizadas, nem concentração

de riqueza pessoal nas mãos dos

homens mais fortes. Tampouco

chegamos ao montículo, cada

uma de nós falou coisas da

própria vida que desejava

devolver à Terra. Fizemos uma

oração honrando a ascensão

da luz neste ponto culminante

do ano, quando o Sol começa a

readquirir o seu poder.

Quando depositamos nossas

oferendas dentro do montículo,

cortei o bolo em pedaços – o

corpo da Deusa – e os distribuí

Foi essa nossa pesquisa que me trouxe até aqui: Peru, México e Guatemala, em busca desses cultos ainda vivos, que envolvem *cogumelo, peyote e ayauasca*. Talvez influenciado pelas nossas descobertas, ao beber o chá de ayauasca, senti a presença crística. O que mais me impressionou foi a simplicidade, proximidade e o amor abrangente desse ser. Um pouco antes, meu corpo parecia estar passando por um ajustamento de frequências, vibrações em oitavas musicais, afinado por um diapasão. Depois, todo o ambiente ficou cristalino e vibratório. Chorando muito ouvi:

Nunca quis ser senhor de nadá, isso é coisa de escravos. O máximo é irmão! Nessa transição somos muitos cuidando da Terra. Nenhum iluminado é maior do que um Ser Planetário.

Todo horror do cristianismo, ao longo dos séculos, agora se desmascara através da cruel ironia: *o vinde a mim às criancinhas* transformou-se em pedofilia. Essa implosão revela uma agonia que busca a pureza e a inocência perdidas. O monoteísmo hoje, comum ao judaísmo e ao islamismo, não está em melhor posição: uma parte hegemônica do judaísmo de Javé disputa ironicamente os seus crimes de guerra com Hitler e o islamismo, em nome de Alá, explode a vida. Para essas três tradições a vida é um exílio. Essa compreensão justifica a decisão de tanta gente triste, atormentada e aflita para deixar o mais depressa possível a Terra.

entre nós. Deixamos a parte de

cima na lama para os outros

animais.

Na noite anterior a este ritual,

a noite mais longa do ano,

Gaia veio até mim em um

sonho. Não apareceu sob

nenhuma forma particular, mas

falou comigo e eu sabia com

certeza que era a Sua voz.

Confirmou-me que havia

rompido o Seu corpo em

milhões de pedaços para

compor o mundo. Mas Seu Eu

Tenho a convicção de que *Carlitos* é o modo que Chaplin encontrou para reencenar Cristo. Disse uma vez:



servia de fundamento para a

supremacia dos machos sobre as

fêmeas ou de valores "masculinos"

sobre valores "femininos". Pelo

contrário. A ideologia

prevalecente era ginocêntrica, ou

guiada pelo feminino, e a deidade

representada na forma de mulher.

Simbolizada pelo Cálice feminino,

ou fonte de vida, as forças

germinativas, mantenedoras e

criativas da natureza – e não o

poder de destruir – eram

extremamente valorizadas, como

viemos antes. Ao mesmo, a função

de sacerdotisas ou sacerdotes

não servia para sancionar através

da religião uma élite masculina

As duas personalidades que eu mais desejaria recriar em um filme seriam Napoleão e Jesus Cristo. Não representaria Napoleão como um general poderoso, mas como um fraco, taciturno, quase melancólico e sempre importunado pelos membros de sua família. Quanto ao Cristo, gostaria também de modificá-lo no espírito das massas. Acho que a personagem mais forte, mais dinâmica e mais importante que já existiu acabou por ser terrivelmente deformada pela tradição. Mostrá-lo-ia, então, acolhido em delírio por homens, mulheres e crianças. As pessoas iriam ao seu encontro para sentir seu magnetismo. Não mais seria um homem piedoso, triste e distanciado; um solitário que acabou por ser o maior incompreendido de todos os tempos.

Em o *Grande Ditador* filma Hitler, o Anti-Cristo. Inclusive, nesse filme, o discurso final lembra o Sermão da Montanha e ele cita Lucas:

O Reino de Deus está dentro do homem, não de um homem ou de um grupo de homens, mas em todos os homens. Está em Vós!

permanecia completo e inteiro
em cada fragmento. Por isso,
Seu corpo permanece

saudável, intíntiro e perfeito em
cada pedra ou pêlo, em cada
estrela ou beijo, em cada
mariposa ou elefante. Ela se

torna em cada momento o que
sempre foi, o Corpo da Deusas,
em cada raio de luz, em cada
sonho e em cada suspiro.

Rachel Pollack
O Corpo da Deusas

Cura uma cega em *Luzes da Cidade*. Carlitos proclama a liberdade e a dignidade dos que nada têm, é um vagabundo, como Cristo. Está sempre com as crianças. *Eu sou o caminho, a verdade e a vida*, de Cristo, é a sua marca registrada no final dos filmes, com Carlitos seguindo pela estrada.

Nas mais diversas correntes religiosas os místicos dizem que querer ser Deus é buscar a perfeição. É preciso chegar até o limite desse delírio incompatível com a Vida. Ir e voltar: é se humanizar. Dizem que a inveja que alguns anjos têm dos humanos é porque já são perfeitos, acabados, fechados, e nós somos incompletos, abertos, amplos, respiráveis, eternamente aperfeiçoáveis.

O quarto capítulo é o *chakra* do coração. Esse é o momento de nos encontrarmos pessoalmente. São Paulo me parece o melhor lugar. Janaína, nós três vamos cuidar da gravação do seu cd duplo, a partir do repertório dos novos compositores paulistanos e outros, com quem Dionísio tem convivido. Dionísio, podemos compartilhar nossas descobertas sobre os xamãs urbanos e o calendário Maya. O que acham?

brutal, mas para beneficiar
igualmente todas as pessoas da
comunidade, da mesma forma
como as chefes dos clãs

administravam as terras de
propriedade comum e cultivo
comunitário.

Mas então veio a grande
mudança, uma mudança tão
colossal que, de fato, não se pode
comparar a nada que conheçamos
da evolução cultural humana.

Rjane Eisler.
O Cálice e a Espada.

A vida quer da gente coragem



JANAÍNA

É sobre-humano amar/é

sabe muito bem/é sobre-

humano amar, sentir,

doer, gozar/ser feliz/vê

que sou eu quem te

diz/não fique triste

assim/é soberano e está

em ti querer até muito

mais/a vida leva e traz/a

vida faz e refaz/será que

quer achar/sua

Sem mais medo de se ferir, o coração do tamanho do mundo é criança: tudo quer ser. Brincar, cantar, dançar, abraçar, amar, alegrar. O corpo é o experimento. Nessa aventura através dos nossos corpos, o que podemos fazer agora que chegamos ao coração?

HERMES

Como disse um filósofo: quando a gente cuida bem do corpo ele dura a vida inteira. Um mergulho no anonimato: a abertura do coração é cuidar com mimos, carinhos e carícias, quem cruzar nosso caminho. Nossa presença amorosa deve fazer a diferença. Atenas é a melhor escolha para o nosso banquete, depois de toda essa longa conversa por e-mails, que passa pelo percurso da Deusa e chega até a Grécia. Athenas, o restaurante da Rua Augusta, em São Paulo, uma das cidades mais cosmopolitas do planeta. Tóquio é japonesa. A cidade do México mexicana. Das cidades que conheço New York e Sampa são as mais cosmopolitas. São Paulo, o apóstolo que universalizou o Cristianismo, foi motivo de riso para os filósofos estoicos e epicuristas, quando falou da ressurreição de mortos e não fundou nenhum núcleo cristão em Atenas. Vejam o que está escrito na parede:

Ame mais. Beije muito. Chore com vontade. Dê generosamente. Erre. Faça aquilo que mais teme. Grite! Harmonize-se mais. Importe-se menos. Junte amigos. Lute pelo que acredita. Mude de opinião. Namore. Ore. Pense em novas possibilidades. Queira loucamente. Ria frequentemente. Sonhe! Trabalhe com prazer. Use a imaginação. Viva! Xe-que-ma-te. Zele por você!

Vem me abraçar, vem/vem

reparar bem/quem é que

abraçou quem/pois vou lhe

abraçar também/quem dá um

abraço/não sabe se deu/ou se

devolveu/ou se perdeu/quando

o abraço sai de alguém e não

volta/não

envolveu/anunciou/renunciou/d

dissolveu /vem me abraçar,

vem/vem reparar bem/quem é

que abraçou quem/pois vou lhe

expressão mais simples/mas deixa tudo e me chama/eu gosto de te ter/como se já não fosse a coisa mais humana esquecer/é sobre humano viver/e como não seria?/sinto que fiz esta canção em parceria com você/a vida leva e traz/a vida faz e refaz/será que quer achar/sua expressão mais simples.

José Miguel Wisnik
Mais simples

DIONÍSIO

Cristo viu claramente quando disse: se não fores como as crianças não entrareis no Reino do Céu. A agilidade emocional que transita da maior raiva à alegria em poucos segundos; o frescor de olhar tudo com olhos sempre nascentes, livres, a eterna curiosidade diante do mistério da vida; o coração poroso, disponível para o abraço. Ninguém se livra de Platão e é preciso, simultaneamente, se livrar dele. Não é estranho que Platão tenha condenado o amor físico. Contudo, ele não condenou a reprodução. Em *O Banquete* chama de divino o desejo de procriar: é a ânsia de imortalidade. Os filhos da alma, as ideias, são melhores do que os filhos da carne; mas, em *As Leis*, exalta a reprodução corporal. É um dever político engendrar cidadãos que sejam capazes de assegurar a continuidade da vida na cidade. Platão percebeu claramente o amor no sentido da falta, que chamou de desejo, e sua conexão com a sexualidade animal e quis rompê-la. Mas há uma terrível contradição na concepção platônica do erotismo: sem o corpo e o desejo que provoca o amante, não há ascensão rumo aos arquétipos. Contemplar as formas eternas e participar da essência só se faz com o corpo. Não há outro caminho. Nisso o platonismo é o oposto da visão cristã: o *Eros* platônico busca a desencarnação, enquanto o misticismo cristão é, sobretudo, um amor, a exemplo de Cristo, que se transforma em carne para nos salvar. Apesar dessa diferença, ambos coincidem em sua vontade de romper com este mundo, considerado inferior, um simulacro, e subir para o outro, o verdadeiramente divino. O platônico pela escala de contemplação da beleza, especialmente a excitação erótica provocada pela visão de jovens nus, tratados como objetos de prazer e instrumentos de ascese. E o cristianismo, pelo amor a uma divindade que encarnou em um corpo humano e prometeu, depois de todo sofrimento, uma recompensa: o paraíso depois da vida.

abraçar também/quem quer um pedaço/um pouco de alguém/abraçando tem/e ainda mais/se o abraço for além de um minuto/ai é fatal/envolveu/você tem um alguém total.

Dante Ozzetti e Luiz Tatit
Alguém total

Um homem com uma dor/é muito mais elegante/caminha assim de lado/como se chegando atrasado/andasse mais adiante/carrega o peso da dor/como se portasse medalhas/uma coroa, um milhão de dólares/ou coisa que os

JANAÍNA



Às vezes quando eu vou

à Augusta/o que mais me

assusta é o teu jeito de

olhar/de me ignorar/toda

em tons de azul/teu ar

displacente invade meu

espaço/e eu caio no laço

exatamente do jeito/um

crime perfeito/it's all

right, baby blue/garupa

de moto, a quina da loto

saiu pra você/sem nome e

O amor humano é a afirmação do corpo e do mundo. Estamos atados à Terra pela força da gravidade do corpo, que é prazer e morte. Sem alma não há amor, mas tão tampouco ele existe sem o corpo. Corpo sem alma é cadáver; alma sem corpo é assombração! Volto ao início: se chegar ao coração é amar, como exercê-lo como arte de cada dia? Acho importante compreender as diversas formas do amor.

A primeira forma está no *Banquete*, de Platão: o amor é desejo, e o desejo é falta. O amor é incompletude. Não é fusão, mas busca. Não é plenitude, mas pobreza devoradora. Nem todo desejo é amor, mas esse amor que falta é desejo: do que não somos, do que não temos. Esse amor oscila entre a fortuna e a miséria, o saber e a ignorância, a felicidade e o tormento. A carência é sua essência e a paixão o seu auge. Quem diz falta diz sofrimento, possessividade e ciúme. Se a pessoa que eu amo amar outra é melhor vê-la morta, ou infeliz junto com a gente ou ambas mortas. O que desejamos não temos: a morte. E perdemos o que tínhamos: o gozo da vida. Esse é o amar que ama mais a si mesmo do que à vida. Platão propõe duas soluções: a criação e a procriação: a arte e a família. Diz Diotima, a mestra de Sócrates: a natureza mortal sempre busca, tanto quanto pode a perpetuidade e a imortalidade, mas só consegue pela geração, deixando sempre um indivíduo mais jovem no lugar de um mais velho. Essa é a eternidade e a divindade substitutas. E diz Platão: uns parem segundo o corpo, é o que se chama família, outros segundo o espírito, o que se chama criação, tanto na arte quanto na política, nas ciências e na filosofia. Uma solução, mas não uma salvação. Por isso, Platão propõe a ascensão espiritual, um *percurso iniciático*, uma salvação propriamente dita: o amor e a salvação pela beleza. Seguir o amor sem nele se perder, obedecê-lo sem nele se encerrar é transpor todas as graduações da escala: amar primeiro um só corpo, por sua beleza, depois todos os corpos, depois a beleza que lhes é comum, em seguida a beleza das almas, que é superior à dos corpos, depois a beleza que está nas ações e nas leis,

valha/ópios, edens,

analgésicos/não me toquem

nessa dor/ela é tudo que me

sobra/sofrer vai ser a minha

última obra.

Itamar Assumpção e Paulo Leminski
Dor elegante

Mesmo quando tudo pede/um

pouco mais de calma/até

quando o corpo pede/um pouco

mais de alma/ a vida não

pára/Enquanto o tempo

acelera/e pede pressa/eu me

recuso, faço hora/vou na

Valsa/a vida é tão rara/enquanto

todo mundo espera a cura do

*o endereço é de hotel, eu
mereço/até outra vez/às
vezes quando eu chego
em casa/o silêncio me
arrasa e eu ligo logo a tv/
só então eu ligo proçê,
descubro que já
sumiu/não sei em qual
festa que eu te
garimpei/cantando lay*

*mister lay, será que foi
no meu tio?/ou em algum
bar do Brasil/sei lá, eu fui
mais de mil/cheguei bem
tarde, o vinho estava no*

depois a beleza que está nas ciências, enfim a Beleza absoluta, eterna, sobrenatural, a do Belo em si, de que todas as belas coisas participam, de que procedem e recebem sua beleza. É aonde nos conduz o amor, é o que o salva e nos salva. Eis o segredo de Diotima, personagem de Sócrates, que é o maior personagem de Platão: O amor só é salvo pela religião. Mas será que só sabemos desejar o que nunca é atual nem presente, o que não existe? Não essa pessoa, mas a sua posse, que não é possível? Não a obra que fazemos, mas a glória que esperamos? Não a vida que temos, mas outra, que supomos? Só sabemos desejar o nada, a morte? Será que alguém sempre deseja uma vida diferente daquela que desfruta? Quem goza boa saúde, pode ainda desejar-lá? Deseja a continuidade da saúde no futuro? O desejo sempre se confunde com a esperança? E no momento em que os seres fazem amor o que lhes falta? Nesse momento a tensão máxima do desejo não é falta, frustração, é uma tensão prazerosa, uma experiência de potência e plenitude! Há o amor que sofremos, é paixão; há o amor que fazemos ou damos, é ação. No modelo da nossa narrativa essa primeira forma do amor corresponde ao segundo *chakra* ou nível de consciência: localizado na região genital e significa desejo, paixão, fantasia erótica, criatividade.

HERMES

Aqui quero lembrar os poetas provençais, os trovadores, inventores do *amor cortês*, no século XII, e patronos de todos os cancionistas que vieram depois, inclusive dos compositores brasileiros. Os cantores provençais preferiam chamá-lo de o *fino amor*. A Provença, região no Sul da França, vivia grande prosperidade econômica e o início da urbanização. O amor refinado é um fruto da cidade. A influência mais prematura e decisiva vem da Espanha mulçumanã, seja na construção poética, seja no ideário. Os senhores se declaravam servos de suas damas e os grandes poetas se espelhavam no platonismo, embora houvesse uma elevação e idealização da mulher, que não aparece em Platão. Na Provença, uma sociedade muito mais

mal/e a loucura finge que isso
tudo é normal/eu finjo ter
paciência/o mundo vai girando
Cada vez mais veloz/a gente
espera do mundo, e o mundo
espera de nós/um pouco mais de
paciência/será que é tempo que
lhe falta pra perceber?/será que
temos esse tempo pra perder?/e
quem quer saber/a vida é tão
rara, tão rara/mesmo quanto
tudo pede um pouco mais de
calma/mesmo quando o corpo
pede um pouco mais de alma/eu
sei/a vida não pára.

Lenine e Dudu Falcão
Paciência

*...fim/e alguém passou o
chapéu pra mim e
gritou/é grana pra mais
bebem e eu não
paguei/às vezes quando
vou ao shopping/escuto
Money for nothing e
então começo a
lembrar/que eu tocava
num bar e que uma corda
quebrou/foi um deus-
nos-acuda, eu apelei pro
meu Buda/te peguei pelo
braço e nós fomos
embora/eu disse baby,*

aberta do que a hispano-mulçumana e na qual as mulheres gozavam de liberdades impensáveis sob o Islã, essa mudança foi uma revolução. O fenômeno de Alexandria e de Roma se repetiu: a história do amor é inseparável da liberdade da mulher. O casamento não era baseado no amor, mas sim em interesses familiares, políticos, econômicos e estratégicos. A poesia provençal nasceu em uma sociedade profundamente cristã, contudo, o *amor cortês*, em muitos pontos se afasta dos ensinamentos da Igreja e até mesmo se opõe a eles. A Igreja condenava a união carnal, mesmo dentro do casamento, se não tivesse como fim declarado a procriação. Os trovadores eram contra uma união sem amor e exaltavam o prazer carnal ostensivamente desviado da reprodução. Os poetas provençais falavam de uma misteriosa exaltação, ao mesmo tempo física e espiritual, por eles chamada de *joie* e que era um estado indefinível de felicidade. É um gozo carnal, embora refinado pela espera, a medida e a cortesia, não é uma desordem e sim uma estética dos sentidos: o *fino amor*. É a união entre contemplação e gozo, mundo natural e espiritual. Trata-se de um conhecimento não-intelectual: o que contempla e conhece não é o olho do intelecto, como em Platão, mas sim o do coração. Outro aspecto, não derivado da tradição religiosa nem filosófica, mas sim da realidade feudal: o serviço do amante. Como vassalo, o amante serve a sua amada. O serviço tem várias etapas: começa com a contemplação do rosto e do corpo da amada e continua, conforme um ritual, com a troca de signos, canções e entrevistas. O serviço tinha quatro graus: pretendente, suplicante, aceito e encontro carnal. Muitos eram platônicos e não queriam o quarto grau, temendo matar o desejo e a inspiração poética para suas canções. A ascensão da mulher foi uma revolução não só na ordem ideal das relações amorosas entre os sexos, mas na realidade social. É claro que o amor cortês não conferia às mulheres direitos sociais ou políticos. Não era uma reforma jurídica, era uma mudança na visão de mundo. Ao transtornar a ordem hierárquica tradicional, tendia a equilibrar a inferioridade social da mulher com sua superioridade no amor. Nesse sentido, foi um

Há no seu olhar/algo que me
ilude/como o cintilar/da bola de
gude/parece conter/as nuvens
do céu/as ondas brancas do
mar/astro em
miniatura/microestrutura
estelar/há no seu olhar/algo
surpreendente/como o viajar/da
estrela cadente/sempre faz
tremer/sempre faz pensar/hos
abismos da ilusão/quando, como
e onde/vai parar meu
coração?/há no seu olhar/algo
de saudade/de um tempo ou
lugar/na eternidade/eu quisera
ter tantos anos-luz/quantos

não chora, amor de

primeira hora/a vida é

chata, mas ser platéia é

pior/e que papel o

meu/chá quente na cama,

sorvete, torta, banana,

lua de mel/ás vezes

quando eu vou ao centro

da cidade/evito, mas

ento no mesmo bar que

você/nem imagino o

porquê, se eu nem queria

beber/reparo em sua

roupa, na loira ao seu

lado/no seu ar cansado

passo em direção à equidade dos sexos.

JANAÍNA

A segunda forma do amor está mais bem descrita em Espinosa. O amor é desejo, claro, pois o desejo é nossa essência. Mas o desejo não é falta. O desejo é uma energia, uma potência. O amor é alegria. É potência de gozar e gozo em potencial. Todo desejo é potência de agir ou força de existir. A fome supõe a vida, a falta supõe potência. Reduzir o desejo à falta é tomar o efeito pela causa. O desejo é primeiro. Amar é prazer em ver, tocar, cheirar, sentir por todos os sentidos e estar o mais perto possível de um ser amável e que nos ama. Foi Vinícius quem disse: *nada melhor para a saúde do que um amor correspondido*. Os amantes sabem quanto pode ser sensual, voluptuoso e forte fazer amor na alegria, em vez de na falta, na ação, em vez de na paixão, no prazer, do que no sofrimento, na potência saciada, e não na frustrada. Desejar o amor que fazemos, não o que sonhamos que fazemos, e que nos atormenta. Regozijar-se é não pedir absolutamente nada, é agradecer, celebrar uma presença, uma existência, uma graça! Quem não se regozija com o gozo que proporciona? Por isso, o amor nutre o amor e o dobra, tanto mais forte, tanto mais leve, tanto mais ativo. É o que nos diz Espinosa. Essa leveza tem um nome: alegria. Não é o que me falta que eu amo; o que eu amo é que às vezes me falta. O desejo é primeiro, a potência é primeira, dos quais o amor, no encontro, é a afirmação regozijante. Mas todas as formas de amor estão entrelaçadas, por isso flutuamos, oscilamos: entre falta e potência, entre esperança e gratidão, entre paixão e ação, entre religião e sabedoria, entre o amor que só deseja o que não tem e quer possuir e o amor que tem tudo o que deseja, pois só deseja o que existe, o que desfruta e de que se regozija. A paixão não dura, não pode durar e só dura quando é infeliz. É preciso que essa forma morra ou muça. Querer a qualquer preço ser fiel à paixão é ser infiel ao amor como potência e alegria, ao devir, é ser infiel à vida, que não poderia se reduzir aos poucos meses de paixão feliz. A segunda forma de amor abrange a

fosse precisar/prá cruzar o

túnel do tempo do seu olhar.

Gilberto Gil
Seu olhar

Ando devagar/porque já tive

pressa/e levo esse

sorriso/porque já chorei

demais/hoje me sinto mais

forte/mais feliz, quem sabe/eu

só levo a certeza/de que muito

pouco sei, nada sei/conhecer as

manhas/e as manhãs/o sabor das

massas/e das maçãs/é preciso

amar/prá poder pulsar/é preciso

paz pra poder seguir/e é preciso

chuva para florir/sinto que

que nem mesmo me
vê/olhando procê,
pedindo outro farnet/será
que não chega, já estou
me repetindo/ea vivo
mentindo pra mim/outro
sim, outra trip, outro
tchau/Outro caso banal,
tão normal, tão
chinfrim/às vezes eu até
pego uma estrada/e a
cada belo horizonte eu
diviso o seu rosto/a face
oculta da lua soprando
ainda sou sua.

Luiz Chagas.
Às vezes

amizade. Platão não escreveu nada importante sobre ela. Aristóteles, seu discípulo, disse o essencial: que sem a amizade a vida seria um erro; que amizade é condição de felicidade e refúgio contra a tristeza; que a amizade é ao mesmo tempo útil, agradável e boa; que é desejável por ela mesma e consiste antes em amar do que em ser amado; que é inseparável de uma espécie de igualdade, que a precede ou que ela instaura; que não é falta nem fusão, mas comunidade, partilha, fidelidade. Com o tempo a gente descobre que a maldição é não conseguir amar, mais do que não ser amado. Amizade é uma benevolência, um querer o bem de alguém. Mas também é reciprocidade: a devolução pode vir na forma simples da alegria que proporcionamos e que sentimos como gratidão. Os amantes podem continuar se desejando, mesmo vivendo juntos por longo tempo, e esse desejo é mais potência do que falta, mais prazer do que paixão, e se souberem transformar-se podem transformar o fascínio do início em continuidade, em alegria, docura, gratidão, confiança, cumplicidade, em felicidade por estarem juntos, em humor, ternura, intimidade de corpo e alma, em respeito de duas solidões tão próximas, em amizade. Mas essas duas formas: o amor como carência e o amor como potência, supõem o amor que sentimos por nós mesmos, a nossa própria satisfação, antes de tudo e, além do mais, em amar apenas aos próximos de quem gostamos. Com essas duas formas de amor estamos em um gueto de no máximo vinte pessoas. E a humanidade inteira? E a vida toda? Por que amamos tanto nossos filhos, e tão pouco os dos outros? Por que amamos nossos amigos, mas quase nada o desconhecido? E por que amar nossos inimigos, como queria Cristo?

Ouviste o que foi dito: amarás teu próximo e odiarás teu inimigo. Pois eu vos digo: amai os vossos inimigos, fazei bem ao que vos odeiam e orai pelo que vos perseguem.

A mensagem evangélica, tal como chegou até nós, excede em muito as duas primeiras formas de amor. Amar os que não nos faltam nem nos alegram? Amar os indiferentes, os que nos

segue a vida seja
simplesmente/conhecer a
marcha, ir tocando em
frente/como um velho boiadeiro
levando a boiada/eu vou
tocando os dias pela longa
estrada, eu vou/estrada eu
sou/conhecer as manhas/e as
manhãs/o sabor das massas/e
das maçãs/é preciso amar/prá
poder pulsar/é preciso paz pra
poder seguir/e é preciso chuva
para florir/todo mundo ama um
dia/todo mundo chora/um dia a
gente chega/e no outro vai
embora/cada um de nós

odeiam ou nos fazem mal? Escândalo para os judeus e loucura para os gregos, é o que nos diz o apóstolo São Paulo. Não creio que o ódio seja o contrário do amor, mas sua frustração, distorção. O oposto do amor é a indiferença.

compõe/a sua própria história/e

Cada ser em si/carrega o dom de

ser capaz/de ser feliz.

Renato Teixeira
Tocando em frente

Se você olha pra mim/se me dá

atenção/eu me derreto

suave/neve no vulcão/se você

toca em mim/alaúde emoção/eu

me desmancho suave/nuvem no

avião/Himalaia himeneu/esse

homem nu sou eu/olhos de

contemplação/inca maia

pigmeu/minha tribo me

perdeu/quando entrei no

A saia balança/as roupas

bailam /se ela estende/no

varal de nylon/se ela

estende no varal vestido,

blusa, o vento veste

sutiã/no varal de

nylon/na manhã árida do

bairro/é, as nossas

roupas bailam, trocam

botões e babados/elas

vão se cruzar logo

mais/quando a gente se

encontrar/as nossa

Para ilustrar essas duas formas de desejo e amor vamos cantar juntos *Mais que a lei da gravidade*, de Paulinho da Viola e Capinan:

O grão do desejo quando cresce/É arvoredo floresce/Não tem serra que derrube/Não tem guerra que desmate/Ele pesa sobre a Terra/Mais que a lei da gravidade/E quando faz um amigo/É tão leve como a pluma/Ele nunca põe em risco a felicidade/Quando chegar dê abrigo/Beijos, abraços, açúcar/Só deseja ser comido/O desejo é uma fruta/E com ele não relute/Pois, quem luta/Não conhece a força bruta/Nem todo mal que ele faz/Satisfeito é uma moça/Sorrindo feliz e solta/Beije o desejo na boca/Que o desejo é bom demais.

A terceira forma do amor entrelaça as duas formas anteriores e as transcende: é o amor pela existência em si, o amor universal, gratuito, incondicional. As duas primeiras formas de amor são interpessoais e essa terceira forma é transpessoal. Corresponde ao sétimo *chakra*, que se localiza no topo da cabeça e significa o fim da ilusão de ser um indivíduo separado do todo. É o sentimento de ser uno: corpo é cosmo. Nesse sentido, é uma entrega ao corpo maior da vida, da existência cósmica. É uma renúncia ao querer tudo controlar, não mais existe um eu no comando, há uma aceitação plena da nossa fragilidade e uma afirmação da continuidade da vida, independente de nossa morte pessoal. O mitólogo Joseph Campbell chama atenção para o momento do nosso nascimento: separamo-nos da unidade materna, somos jogados no mundo, respiramos e a primeira coisa que diz ego é medo. É por isso que o ego não pode ser o centro da consciência, não podemos ser comandados pelo medo. O ego não pode nem deve ser eliminado, porque é o grande protetor da integridade de nosso corpo carnal, em momentos de ameaça ou de perigo. Contudo, o percurso heróico do nosso

roupas vão sair pra
jantar/nos levar pra

dancar/e depois ficar a
sós/suadas no tapete
esquecidas de nós.

Lula Queiroga
Roupa no varal

Violão esquecido num

canto é silêncio/coração

encolhido no peito é
desprezo/solidão

hospedada no leito é
ausência/a paixão

refletida num pranto,ai, é

ser é para transcender essa pequena ilha. É preciso compreender o símbolo: quem está pregado na cruz não é Cristo, mas o Ego. Não é uma afirmação da tortura, do sofrimento e da morte, como caminhos para a redenção ou salvação. Isso é a manipulação institucional da sua mensagem. Cristo de braços abertos é a plenitude da vida, que significa a conexão, a intermediação, que o amor humano faz entre o animal e o divino: o Coração do tamanho de Mundo. Embora velado ou manipulado pelas instituições, para manterem o poder da informação para poucos e o controle do rebanho, o que está disponível no patrimônio mítico das religiões são *percursos iniciáticos*, roteiros de iluminação, instruções e práticas para conseguir uma vida plena! Quando se diz Cristo é um Deus que se fez homem, faz-se dele um herói solitário, afastado do mundo, um exemplo inatingível, um ideal de perfeição incompatível com a vida, embora seja uma fonte de inspiração, tira-nos a co-responsabilidade. Quando se diz Cristo é um homem que se fez Deus, o caminho está disponível para todos, mas é preciso coragem e atitude, querer se empenhar com todas as forças e formas do Amor, em aumentar a Luz da Vida!

HERMES

Parece que esse é o momento da nossa co-responsabilidade com o rumo planetário da vida.

Perdido no vago do próprio umbigo/Cansado sugado querendo achar um culpado/Sempre a mesma conversa de que tá tudo errado/Que a sociedade não presta/Acredite a sociedade começa na sua testa.

Os grandes *avatares* já vieram, deram sua contribuição, deixaram suas narrativas exemplares e estão em nossos corações. Esse é simbolicamente o braço vertical da cruz: os deuses se fizeram humanos. Agora é o momento da iluminação em rede: pessoa-a-pessoa, o coração nas mãos, os braços abertos: o lado horizontal da cruz, humanos se fazendo plenos de vida!

templo da paixão.

Chico César.
Templo

Um fogo queimou dentro de

mim/que não tem mais jeito de

se apagar/nem mesmo com toda

água do mar/preciso aprender

os mistérios do fogo/prá te

incendiar/um rio passou dentro

de mim/que eu não tive jeito de

atravessar/preciso um navio pra

me levar/preciso aprender os

mistérios do rio/prá te

navegar/vida

breve/natureza/ quem mandou,

coração?/um vento bateu

dentro de mim/que eu não tive

tristeza/um olhar
espiando o vazio é
lembrança/um desejo
trazido no vento é
saudade/um desvio na
curva do tempo é
distância/e um poeta que
acaba vadio, ai, é
destino/a vida da gente é
mistério/a estrada do
tempo é segredo/o sonho
perdido é espelho/o
alento de tudo é canção/o
fio do enredo é mentira/a
história do mundo é

No fundo de cada um pulsa um novo mundo/Cada indivíduo é um universo vivo/E você mesmo seu maior inimigo/No fundo de cada um pulsa um novo mundo/Cada indivíduo é mais uma peça que completa essa equação complexa.

jeito de segurar/a vida passou
pra me carregar/preciso
aprender os mistérios do
mundo/prá te ensinar.

Joyce e Maurício Maestro
Mistérios

Eu quero a sorte de um amor
tranquilo/com sabor de fruta
mordida/nós na batida, no
embalo da rede/matando a sede
na saliva/ser teu pão, ser tua

comida/todo amor que houver
nesta vida/e algum trocado para
dar garantia/e ser artista no
nosso convívio/pelo inferno e
céu todo dia/prá poesia que a

Esse texto se encontra com sua exposição e esclarecem que é necessário transitar sem fronteiras e continuamente entre as três formas de amor. É provável que esse fluxo amoroso seja suficiente para criar uma ética, que é algo de cada pessoa. A moral são prescrições para a coletividade, é um agir como se amássemos. Se já amamos, a moral torna-se supérflua, desnecessária. A institucionalização da sabedoria dos avatares mutilou e escondeu passos essenciais de suas práticas, para chegar à plenitude do viver. Desde o início da nossa narrativa, estamos empenhados em recuperar nossa autonomia, em juntar as peças e passos desses processos iniciáticos, dispersas em várias tradições espirituais. Por exemplo, quase nada sabemos sobre a técnica de Cristo, mas os vazios de uma tradição podem ser preenchidos por outra: Buda,

brinquedo/o verso do
samba é conselho/e tudo
que eu disse é ilusão.

Paulo César Pinheiro
Alento

Quando eu cheguei das
estrelas/entrei na

Terra/por uma
caverna/chamada:

nascer/e eu era uma

nave/uma ave/da Ave

Maria/e como uma

fera/que berra/entrei na

atmosfera/e cuspido,

inicialmente, foi tentado a desprezar o corpo carnal: chegou a um estado de desnutrição grave e deformações articulares, causadas pela longa permanência na mesma posição, enquanto meditava. A sua proposta do caminho do meio começa aqui. Vou ler um texto dele, para ilustrar o que estou falando:

Não acrediteis numa coisa apenas por ouvir dizer. Não acrediteis na fé das tradições só porque foram transmitidas por longas gerações. Não acrediteis numa coisa só porque é dita e repetida por muita gente. Não acrediteis numa coisa só pelo testemunho de um sábio antigo. Não acrediteis numa coisa só porque as probabilidades a favorecem ou porque um longo hábito vos leva a tê-la por verdadeira. Não acrediteis no que imaginastes, pensando que um ser superior a revelou. Não acrediteis em coisa alguma, apenas pela autoridade dos mais velhos ou dos vossos instrutores. Mas, naquilo que por vós mesmos experimentastes, provastes e reconhecestes verdadeiro, aquilo que corresponde ao vosso bem e ao bem dos outros – isso deveis aceitar, e por isso moldar a vossa conduta.

Na medida em que vamos arriscando experimentar em nossos corpos essas descobertas, simultaneamente podemos divulgar e compartilhar com os que cruzam os nossos caminhos, pessoalmente e na interlocução internautica.

As plantas dos pés no chão, sem raízes. Não me chamo Hermes?

Pés que soam/Pés que sambam/Pedem calma/Pés de manga/Pés descalços/Pés de calo/Pés de chinelo/Pés de criança.



gente não vive/transformar o
tédio em melodia/ser teu pão,
ser tua comida/todo amor que

houver nesta vida/e algum
veneno antimontonia/e se eu
achar a tua fonte escondida/te
alcance em cheio o mel e a
ferida/e o corpo inteiro como

um furação/boca, nuca, mão e a
tua mente, não/ser teu pão, ser
tua comida/todo amor que

houver nesta vida/e algum
remédio que me dê alegria.

Cazuza e Frejat
Todo amor que houver nesta vida

Eva e eu/eu e ela/Eva e
eu/gosto pela terra/onde jorra/o

espremido/pétisco de
visgo/forçando a
passagem/pela
barreira/sangrando,
rasgando/subindo a
ladeira/orgasmo
invertido/gritei quando
vi/já estava respirando.

Tom Zé
Nave Maria



Deixem-me contar sobre essa viagem a algumas cidades da cultura Maya, no México e na Guatemala. Precisamos compreender que algo daquelas experiências iniciáticas, que estavam em Elêusis, na Grécia, ainda estão vivas nesses lugares, com rituais que usam os cogumelos e o peyote, na cultura Maya e Azteca e ayahuasca, no Peru. Por isso, é possível preencher os vazios de informação de uma cultura com outra, supondo padrões semelhantes nesses passos iniciáticos. Os Mayas dizem que a Vida é Tempo e este Arte. A vida se oferece como uma obra de arte. Mas é essencial saber o padrão de cada dia, para que nossa arte não seja completamente aleatória. Para isso criaram um calendário sagrado, o *Tzolkin*, com 20 imagens e 13 tons, que vão rodando e se combinando aos pares, como dentes de caídas com diâmetros diferentes. Cada dia tem uma imagem e um tom e essa combinação é o instrumento de navegação. No modelo capitalista se diz que tempo é dinheiro, lucro, produtividade e consumo e que é preciso rentabilizar todos os momentos. A cultura Maya, pelo contrário, não pensa em rentabilizar cada instante. Estão empenhados em viver cada dia de modo adequado. Viver é como compor música, pintar ou escrever um poema. Cada dia vivido de modo adequado pode tornar-se uma obra de arte ou, pelo contrário, ser um desastre, se não forem encontradas as combinações mais adequadas. É difícil para nós compreender e aceitar esse modelo porque prestamos pouca atenção ao que significa viver bem. Apesar da grande destruição colonial, a cultura Maya soube se preservar, provavelmente por sua flexibilidade característica em avaliar, adaptar e incorporar o que seja benéfico ao seu padrão. O seu modo de tratar o tempo pode ter sido decisivo para evitar a desintegração cultural. O tempo liga os indivíduos à sua aldeia, aos seus antepassados, aos deuses e aos rituais divinatórios, ao qual se acrescenta a relação que liga os indivíduos uns aos outros, através dos seus corpos. Essa forma de xamanismo utiliza o corpo como emissor, receptor e analisador de mensagens. Não se trata de leituras gestuais ou psicossomáticas, feitas de fora, objetivamente, mas de funções fisiológicas de corpos intersubjetivamente integrados. Eles

esperma, a estrela, a primeira, o
primeiro amor/quando o céu
mudou de cor/Eva e eu/nosso
excesso/sexo, ex-céu/nosso fim
começo/eu e ela/uma célula,
pérola, pétala sob o sol/quando
a tarde escureceu/Eva e eu/a
costela dela sou eu/minha mãe
matéria/me leva/onde a terra
tem cheiro, onde chove, onde a
chuva cai/para onde o tempo
vai/onde a carne tem gosto e o
rosto enrugará/onde canta o
sabiá.

Péricles Cavalcanti e Arnaldo Antunes
Eva e Eu

As aparências
enganam/aoz que odeiam
e aos que amam/porque o
amor e o ódio/se
irmam na fogeira das
paixões/ os corações
pegam fogo e depois/não
há nada que os
apague/se a combustão
os persegue/as labaredas
e as brasas sã/o/o
alimento, o veneno e o
pão/o vinho seco, a
recordação/dos tempos
idos de

consideram a circulação do sangue como um elemento ativo do sistema de comunicação corporal. A capacidade divinatória do sangue é diretamente herdada dos seus antepassados. Em casos de cura o corpo do xamã entra em sintonia e sincronia com o corpo do doente, em uma espécie de rede fisiológica. O xamã sente uma pulsação em diferentes partes de seu próprio corpo. Esse efeito de pulsação, diversa da sua, permite ao xamã, pelo ritmo, estabelecer um diagnóstico. Pelo fato da música ter uma cadência, geralmente as pessoas pensam que o ritmo tem a sua origem na música. Pelo contrário, a música é um desencaadeador extremamente elaborado de ritmos já enraizados nos indivíduos. Como explicar de outro modo a harmonia íntima que se observa entre etnicidade e música? Pode-se também considerar a música como uma notável extensão dos ritmos internos dos seres humanos. Nessa relação, entre movimentos corporais e linguagem oral, o antropólogo Edward Hall notou que os movimentos do corpo abrandam com a pronúncia de uma vogal e aceleram-se com a pronúncia de uma consoante e que isto parece constituir um fenômeno universal.

JANAÍNA

Essa história de integração entre corpos, dos xamãs Mayas, lembra o que aprendi com os japoneses em Tóquio. Hermes, você partiu logo para essa sua viagem, mas eu fiquei um bom tempo por lá. Os japoneses definem sua ação a partir de três centros: o espírito, o coração e o *hara*, que é o ventre ou as entradas. Na cultura japonesa, a situação ou contexto desempenha um papel essencial; interessa determinar qual desses três centros domina uma situação. O espírito está ligado aos negócios, o coração ao lar e aos amigos e o *hara* é o motivo que leva alguém a fazer esforços não importa em que domínio. É possível confiar no coração, o espírito muda constantemente e o *hara* é a mediação entre os dois.

Posso sair daqui para me
organizar/posso sair daqui para
desorganizar/da lama ao
caos/do caos à lama/um homem
roubado nunca se engana/o sol
queimou, queimou a lama do
rio/eu vi um chié andando
devagar/vi um aratu pra lá e pra
cá/vi um caranguejo andando
pro sul/saiu do mangue, virou
gabiru/oh Josué, eu nunca vi
tamanha desgraça/quanto mais
miséria tem mais urubu ameaça/
peguei o balaião fui na feira para
roubar tomate e cebola/ia
passando uma vélia pegou a

comunhão/sonhos
vividos de conviver/as
aparências enganam aos
que odeiam e aos que
amam/porque o amor é o
ódio se irmanam na
geleira das paixões/os
corações viram gelo e
depois/não há nada que
os degele/se a neve
cobrindo a pele/vai
esfriando por dentro o
ser/não há mais forma de
se aquecer/não há mais

HERMES

No México, entre tantas, há três imagens fascinantes: a primeira é a Deusa da Vida e da Morte, *Coatlicue: a Senhora da Saia de Serpentes* ou o *Coração da Terra*, da cultura Azteca; a segunda imagem é a enorme pedra circular do Calendário Solar Azteca, com os cinco Sóis ou Eras do Mundo; e a terceira é a do deus Maya *Kukulcan*, que corresponde na cultura Azteca ao deus *Quetzalcoatl: a Serpente Emplumada*: a união da cobra com um maravilhoso pássaro vermelho e verde, de cauda longa: o *quetzal*.

Coatlicue, a Deusa Mãe da Vida e da Morte, está representada em uma grande escultura, no Museu de Antropologia da cidade do México. Quando os arqueólogos a encontraram, o impacto foi tão grande que voltaram a enterrá-la. Ela não tem forma humana. Em sua superfície a textura é de couro de cascavel. A cabeça apresenta dois olhos, mas não há boca ou nariz e sim quatro grandes dentes pontiagudos. Os braços não tem mãos e há quatro garras em cada pé. No peito vemos quatro mãos abertas, uma para cada direção cardinal e entre essas mãos há dois corações. Há uma caveira entre o umbigo e os órgãos genitais. Conta o mito que a primeira gravidez de *Coatlicue* foi causada por uma faca de obsidiana, dando à luz *Coyolxauhqui*, a deusa da Lua e vários outros irmãos que se transformaram em estrelas. Um dia *Coatlicue* estava varrendo quando encontrou uma bola de plumas e a aconchegou cuidadosamente em seu ventre. Mais tarde, quando procurou a bola, descobriu que ela desaparecera e que estava grávida. Seus filhos não acreditaram e envergonhados da mãe resolveram matá-la. Enquanto os filhos conspiravam *Coatlicue* deu à luz a *Huitzilopochtli*, deus da Guerra. Com a ajuda de uma cobra de fogo, o deus da Guerra matou todos os irmãos e decapitou a Deusa Lua.

minha cenoura/ai minha vêia
deixa a cenoura aqui/com a
barriga vazia/não consigo
dormir/e com o bucho mais
cheio comecei a pensar/que eu
me organizando posso
desorganizar/que eu
desorganizando posso me
organizar/da lama ao caos/do
caos à lama/um homem
roubado/nunca se engana.

Chico Science
Da lama ao caos

tempo de se

esquentar/não há mais

nada pra se fazer/senão

chorar sob o cobertor/as

aparências enganam-aos

que gelam e aos que

inflamam/porque o fogo e

o gelo/se irmanam/ no

outono das paixões/os

corações cortam lenha e

depois/se preparam pra

outro inverno/mas o

verão que os unira/ainda

vive e transpira ali/nos

corpos juntos, na



Primeiro não havia nada/nem

gente nem parafuso/o céu era

então confuso/e não havia

nada/mas o espírito de

tudo/quando ainda não

havia/tomou forma de uma

jia/espírito de tudo/e dando o

primeiro pulo/tornou-se o verso

e o reverso/de tudo que é

universo/dando o primeiro

pulo/assim passou a haver/tudo

quanto não havia/tempo, pedra,

peixe, dia/assim passou a

haver/dizem que existe uma

tribo/de gente que sabe o

modo/de ver esse fato todo/diz

O Calendário Solar é uma *mandala* de pedra, com 3,60 metros de diâmetro, pesando mais de vinte toneladas, datada de 1479 e também está no Museu de Antropologia do México. Nela estão representados os cinco Sóis ou Eras do Mundo. O mundo não foi criado uma única vez, mas cinco, e quatro vezes já foi destruído. As quatro Eras passadas estão representadas nos quatro pontos cardinais do calendário e a quinta Era, essa que estamos vivendo, está no centro do calendário. O interessante aqui é que a ciência afirma ter havido cinco períodos glaciais, com grandes extinções de espécies. A humanidade surgiu no quinto período interglacial, esse nosso. A *primeira Era ou Sol* é conhecida como 4 *Jaguar*, foi um período brutal de gigantes, durante o qual o portador do sol era o deus do céu noturno *Tezcatlipoca*. O período durou 13 vezes 52 ou 676 anos e terminou quando *Tezcatlipoca* foi derrubado por *Quetzalcoatl*, que o transformou em um jaguar, símbolo do elemento *terra*, que devorou todos os gigantes. O quadrante é o Norte. A *segunda Era*, é conhecida como 4 *Vento*, iniciou-se quando *Quetzalcoatl* tornou-se portador do sol e durou também 676 anos, terminando quando *Quetzalcoatl* foi derrotado por *Tezcatlipoca*, que o transformou em furacão e destruiu quase tudo. Aqueles que restaram se tornaram macacos. O elemento aqui é o *ar*. O quadrante é o Leste. A *terceira Era*, é conhecida como 4 *Chuva*, o portador do sol era *Tlaloc*, o deus da Chuva, aquele que faz brotar, nomeado por *Tezcatlipoca*. O seu período durou apenas 464 anos e terminou quando ele foi derrotado por *Quetzalcoatl*, o que o fez derramar uma chuva de fogo que transformou seu povo em perus. Aqui o elemento é o *fogo* e a direção o Sul. A *quarta Era*, é conhecida como 4 *Água*,

lareira/na reticente
primavera/no insistente
perfume de alguma coisa
chamada amor.

Tunai e Sérgio Natureza
As aparências enganam

Mesmo que os cantores
sejam falsos como
eu/serão bonitas, não
importa/são bonitas as
canções/mesmo
miseráveis os poetas/os

seus versos serão
bons/mesmo porque as

teve como portadora do sol a esposa de *Tlaloc*, a deusa das águas correntes: *Chalchiuhtlicue*, que foi nomeada para o cargo por *Quetzalcoatl*. O seu período durou 312 anos e terminou com o dilúvio, que durou mais 52 anos e transformou o povo em peixes. O elemento aqui é a água e a direção Oeste. Depois do dilúvio houve necessidade de uma nova criação. *Quetzalcoatl* desceu ao mundo subterrâneo, *Mictlán*, para enfrentar o Senhor da Morte: *Mictlantecuhtli*. Voltou com um pacote de ossos humanos e deu de presente à *Coatlicue*, a Deusa-Mãe, a que tudo abrange no Universo. Ela moeu esses ossos e despejou o pó num precioso vaso de barro, dentro do qual *Quetzalcoatl* fez sangrar o seu pênis e depois que todos os deuses cumpriram sacrifícios e penitências, formou-se o novo povo. A quinta Era, é conhecida como 4 Movimento e é o nosso tempo, nascido do sacrifício dos deuses e que só continuará brilhando mediante o sacrifício das criaturas dos deuses: as mulheres e os homens. O quinto Sol está no centro do calendário, representado estirando a língua, o que significa o sol místico, não o sol do dia, mas o poder por trás dele, a fonte e o objetivo de toda vida. Essa máscara solar com saliências semelhantes a orelhas mostra, em cada uma delas, mãos, cujos dedos terminam em garras de águia segurando corações humanos. Há um anel em torno da máscara solar central com vinte símbolos dos dias do mês azteca. Todo esse conjunto se acha envolvido por duas grandes serpentes emplumadas, com guizos de cascavel que se encontram na parte de cima e na parte de baixo há duas cabeças humanas, uma de frente para outra, dentro das bocas abertas das serpentes.

A queda do Império Azteca era a prova de que os deuses não mais ouviam o seu povo. Só o auto-sacrifício poderia aplacar a fúria dos deuses. Nesse momento, os aztecas deixaram de simbolizar a paixão, morte e ressurreição dos seus deuses e começaram a fazer o sacrifício voluntário do seu próprio povo. Quando mesmo assim os deuses continuaram sem ouvir, fizeram a guerra para conseguir mais vítimas. Com uma faca de obsidiana rasgavam os peitos e com as mãos para

que existe essa tribo/de gente
que toma um vinho/num
determinado dia/e vê a cara da
jia/gente que toma um
vinho/dizem que existe essa
gente/dispersa entre os
automóveis/que torna os
tempos imóveis/diz que existe
essa gente/dizem que tudo é
sagrado/devem-se adorar as
jias/e as coisas que não são
jias/diz que tudo é sagrado/e
não havia nada/espírito de
tudo/dando o primeiro
pulo/assim passou a haver/diz
que existe essa tribo/gente que

notas eram
 surdas/quando um Deus
 sonso e ladrão/fez das
 tripas a primeira lira/que
 animou todos os sons/e
 daí nasceram as
 baladas/e os arroubos de
 bandidos/como eu
 cantando assim:/você
 nasceu pra mim/você
 nasceu pra mim/mesmo

que você feche os
 ouvidos/e as janelas do
 vestido/minha musa vai

cair em tentação/mesmo

o alto ofereciam os corações ainda pulsantes aos deuses insaciáveis de sangue. Essa é uma situação limite. Esse é um padrão que se repete na história das primeiras religiões é aquele em que a comunidade descarrega sua violência sobre uma vítima, que se julga culpada, e por meio dessa expiação se restabelece a ordem social, tão preciosa e fecunda que a comunidade investe de um poder sagrado exatamente a vítima, divinizando-a. Sacrifício significa isso: tornar sagrado. O cristianismo quebra esse padrão. Uma das originalidades do cristianismo é que a vítima é inocente. Daí em diante, não podemos mais fazer de conta que não sabemos que a ordem social está construída sobre a pele e os corações de vítimas inocentes. Por meio da encarnação e da morte de Cristo, e da consequente revelação do mecanismo violento e vitimário, que estava na base do sagrado das primeiras religiões, aprendemos que é Deus mesmo quem se enfraquece, abrindo um espaço onde o humano possa se emancipar. Cristo veio ao mundo para revelar que a religiosidade não consiste em sacrifícios sangrentos, mas em amar o Próximo como um Deus.

Diz um poema azteca: *A vida é apenas uma máscara usada no rosto da morte. A morte é apenas outra máscara? Quantos podem dizer se além há ou não uma verdade? Apenas sonhamos, apenas ressurgimos de um sonho. É tudo como um sonho. A única verdade sobre a Terra é poesia.*



Kukulkan ou Quetzalcoatl é um deus da vida, do vento, criador e civilizador, padroeiro de todas as artes, foi ele quem inventou a metalurgia, o trabalho com pedras preciosas, a arquitetura dos edifícios, monumentos e zigurates, a matemática,

toma um vinho/diz que existe
 essa gente/diz que tudo é
 sagrado.

Caetano Veloso
 Gênesis

Rebento substantivo abstrato/o
 ato, a criação e o seu
 momento/como uma estrela
 nova e o seu barato/que só
 Deus sabe lá no
 firmamento/rebento, tudo que

nasce é rebento/tudo que
 brota, tudo que vinga, tudo que
 medra/rebento raro como flor
 na pedra/rebento farto como

porque estou falando

grego/com sua

imaginação/mesmo que

você fuja de mim/por

labirintos e

alçapões/saiba que os

poetas como os

cegos/podem ver na

escuridão/e eis que

menos sábios do que

antes/os seus lábios

ofegantes/hão de se

entregar assim:/me leve

até o fim/me leve até o

fim/mesmo que os

a astronomia e o calendário. Tal como no Egito, muitos reis-divinos tomaram o seu nome e criaram dinastias. A imagem original, em pedra, está hoje no Museu Britânico, mas existem muitas cópias, por toda parte, no México e na Guatemala. *Kukulcán* está na vertical, mas não tem tórax, abdome, nem coxas ou pernas. O corpo é formado por duas serpentes superpostas, que se enrolam em espiral anti-horária onde seriam os pés: atrás a serpente intestinal e à frente a serpente vertebral. Há um estômago também em espiral. De humano vemos a cabeça, com olhos fechados e um rosto sereno, como quem medita, e as duas mãos, sendo mais nítida a direita, com os dedos indicador e mínimo abertos. Na parte de cima da cabeça está o bico e as penas do quetzal. A imagem me impressionou porque, por si só, é um roteiro da arte de viver: o humano está fisicamente entre a serpente e o pássaro, ou dito de outro jeito, somos um ser trino: animal, humano e divino; a vida ou a saúde é um bom fluxo das serpentes digestiva e neural; a interiorização ou meditação é vital na harmonia do ser; os dois dedos destacados podem indicar a polaridade de tudo. Janaína, nesses mapas de correspondências que gostamos tanto de fazer, as três formas de amor que você descreveu: amor carência, amor potência e amor universal, podem ser confundidos com essa trindade: animal, humano e divino. O poder de *Quetzalcoatl* provocou a inveja dos deuses menores do panteão, especialmente o de um diabrete obscuro e eternamente jovem, de nome *Tezcatlipoca*, que quer dizer *espelho fumegante*. Foi ele quem comandou os outros, na visita que fizeram a *Quetzalcoatl*, levando-lhe de presente um espelho. Quando o deus se viu refletido, assustado gritou. Achava que por ser um deus não tinha rosto. Agora via que sua face era a de um homem, semelhante a sua criatura. Uma vez que tinha um rosto humano, devia ter também um destino humano. Por isso partiu, numa balsa de serpentes e navegou para o Oriente. Prometeu que retornaria numa determinada data. Percorreu várias regiões em seu trabalho civilizatório. Um dia chegou a uma praia, voltou a olhar-se no espelho: o rosto estava velho. Pensou em sua vida e chorou. Tirou a túnica de penas verdes e

trigo ao vento/outras vezes

rebento simplesmente/no

presente do indicativo/como a

corrente de um cão

furioso/como as mãos de um

lavrador ativo/às vezes, mesmo

perigosamente/como acidente

em forno radiativo/às vezes só

porque fico nervoso/eu

rebento/ou necessariamente só

por que estou vivo/rebento/a

reação imediata/a cada

sensação de abatimento/eu

rebento/o coração dizendo

bata/a cada bofetão do

sofrimento/eu rebento/como

romances sejam
falsos/como o nosso/são
bonitas, não importa/são
bonitas as
canções/mesmo sendo
errados os amantes/seus
amores serão bons.

Edu Lobo e Chico Buarque
Choro Bandido

Quando o segundo sol
chegar/para realinhar as
órbitas dos
planetas/derrubando com
assombro exemplar/o que

vermelhas, a máscara de pele de serpente, deixou
tudo na areia e se atirou em um vulcão. As suas
cinzas transformaram-se em pássaros de cores
vivas e canto melodioso e seu coração subiu ao
céu transformado na Estrela d'Alva: Vênus.

Quando as profecias, os sinais da natureza e a
história coincidiram: as águas revoltas, cometas
riscando o espaço, casas flutuantes, homens
cavalgando com quatro patas e o deus louro,
barbado e de olhos azuis comandando tudo, os
Aztecas e seu imperador Montezuma, tiveram
certeza de que seu mundo desmoronava e se
fragilizaram: *Quetzalcoatl* tinha retornado, como
havia prometido. Era o desembarque de Cortés,
no golfo do México, na quinta-feira santa de
1519. Um bando de seiscentos homens destruiu
uma das maiores civilizações da América. Cortés
teve como aliados povos de várias culturas,
insatisfeitos com os abusos de poder e a
crueldade de Montezuma, que acreditou até o
fim na divindade dos espanhóis e também que os
deuses só estavam tomado de volta o que era
deles. Montezuma morreu apedrejado por seu
próprio povo. Além de todas as mortes, a
catequese cristã contribuiu com sua parte
queimando hereges e quase todos os livros.
Ironicamente *Quetzalcoatl* é um deus muito
semelhante a Cristo, com um ciclo de *paixão*,
morte e *ressurreição* e com as mesmas
características de auto-sacrifício; os Aztecas
também tinham a cruz como árvore do mundo e
comungavam a *carne do deus*: *teonanacatl*, um
cogumelo com *psilocibina*. Há um episódio em
que os padres dão a hóstia consagrada dizendo
que era a carne de Cristo. Os índios aguardaram o
efeito, mas nada aconteceu. Então disseram: nós
também comemos a carne de deus. Quando os
padres comungaram o cogumelo viram todos os
seus demônios e apavorados proibiram os rituais.
Nesse momento, a civilização Maya já tivera seu
auge e fora substituída pela civilização Azteca. Os
Aztecas tinham absorvido muitas culturas
anteriores e dos Mayas herdaram os
conhecimentos de matemática, astronomia e os
calendários. Os Mayas descobriram o zero,
simultaneamente aos Indianos, e fizeram
cuidadosas observações astronômicas, como

um trovão dentro da mata/e a
imensidão do som desse
momento.

Gilberto Gil
Rebento

Mexe, mexe, mexe,
mexe/porque/ a arte de mexer
vem desde o tempo da pedra

lascada/todo mundo mexia/todo
mundo requebrava/todo mundo
sacudia/todo mundo balançava
e cantava/mexe, mexe, mexe,
mexe, mexe/quando você pára
de brincar e mexer/você

envelhece/quando você pára de
brincar e mexer/a sua barba

os astrônomos diriam se
tratar de um outro
cometa/não digo que não
me surpreendi/antes que
eu visse, você disse/e eu
não pude acreditar/mas
você pode ter certeza/que
seu telefone irá tocar/em
sua nova casa/que abriga
agora a trilha/incluída
nessa minha
conversão/eu só queria
te contar/que eu fui lá
fora e vi dois sóis num
dia/e a vida que

rotações e translações planetárias e estabeleceram Eras, Idades ou Grandes Ciclos Cósmicos: os Cinco Sóis. Essas Eras podem ser observadas em várias culturas e são correspondentes. Na Grécia, as quatro Idades: *Ouro, Prata, Bronze e Ferro*. Na Índia, os Yugas: *Kṛta Yuga, Treta Yuga, Dvapara Yuga e Kali Yuga*. Essas Eras supõem um ciclo, com um auge: *Ouro*, na Grécia e *Kṛta*, na Índia, e uma decadência gradativa até um máximo: a *Era de Ferro* ou *Kali Yuga*, e esse decaimento se dá em todos os níveis: planetário, civilizatório, comportamental e de níveis de consciência. As concepções de um Deus imamente, Deus na História, influenciaram alguns filósofos, como o renascentista Joachim de Fiore, que concebeu o seu ciclo a partir da mística cristã da trindade: o *Tempo do Pai*: medo, servidão, infância, luz estelar; o *Tempo do Filho*: fé, liberdade, juventude, luz da lua; o *Tempo do Espírito Santo*: amor, amizade, maturidade, luz do dia. O filósofo Vico também imaginou um ciclo de humanização: *Era dos Deuses*, na qual os governos são de reis-divinos; *Era dos Heróis*, em que os governos são aristocráticos; e a *Era dos Homens*, na qual os governos são democráticos. Ainda é possível falar nas Eras do Zodíaco, da Astrologia, presente em várias culturas. Essas diversas visões compartilham a ideia de que estamos em uma transição de Eras: do Ferro ao Ouro; do Kali Yuga ao Kṛta Yuga; da Era de Peixes para a de Aquário; do Quarto ao Quinto Sol. Aqui é importante notar que a palavra, em sânscrito, do Yuga que corresponde a Era de Ouro, é *Kṛta*: feito, realizado e vem do verbo *Kṛ*: fazer, concluir. Há uma raiz comum, indo-europeia, da palavra *Kṛd*, que deu origem aos vocábulos com o mesmo significado em armênio, germânico, eslavo, sânscrito e também em grego, latim, italiano, francês, espanhol e português: *kard, cord, cor, cuore, coeur, corazón, coração*. Então, para que possa surgir a *Nova Era* é preciso a abertura do nosso Coração. Na mística cristã, a transição é da Era de Peixes: o Filho, Eu Creio, para a Era de Aquário, o Espírito Santo, Eu Sei.

Os Mayas, com seu calendário sagrado, o *Tzolkin*, têm uma data para o início desse salto

cresce/quando você pára de
brincar e mexer/seu amor
desaparece/quando você pára
de brincar e mexer/seu
coração, em vez de bater,
padece/mexe, mexe, mexe,
mexe/irmã, irmão/pare, pense,
brinque, mexa/pois a vida é
bela/tem gente que não sabe
brincar e mexer com ela/mexe,
mexe, mexe, mexe/vem mexer
comigo.

Jorge Benjor
Mexe mexe

Pintar, vestir/virar uma
aguardente/para a próxima

ardia/sem explicação.

Nando Reis
Segundo sol



O relógio quebrou/e o

ponteiros parou/em cima

da meia-noite/em cima do

meio-dia/tanto faz porque

depois de um vêm dois/e

vêm três e vêm quatro e

eu fico olhando o

rato/saindo do buraco do

meu quarto/e você de

bonezinho caiu do

de Elevação da Consciência Planetária: 21 de dezembro de 2012. É importante dizer que isso nada tem a ver com o Apocalipse, no sentido de destruição do Mundo, mas da morte de uma Era e o começo de outra. Na cidade Maya de *Uxmal*, na Guatemala, depois de beber *ayahuasca*, deite-me no pátio do templo, fechei os olhos e como se fosse uma confirmação ou aceitação ouvi cantar, por duas vezes, o quetzal. Nesse momento, decolei em um voo mágico xamânico: o corpo carnal ficou deitado na Terra, mas minha consciência estava nas bordas do núcleo luminoso da Via Láctea. A vibração era intensa e musical. Pensei que se quisesse poderia mergulhar naquela luz e sem medo algum tive a consciência de que isso significava a morte. Senti que não era o momento e escolhi que ainda queria viver muito tempo. Nesse instante, a consciência incorpórea foi arrastada para o corpo em uma velocidade maior do que a da luz, mas ainda pude ver, antes da chegada, a Terra azulada. Já vimos antes que, os gregos influenciados pelos xamãs, interpretaram que havia duas coisas: o corpo perecível e a alma imortal, a que podia fazer essas viagens. Mas nada nos impede de pensar, como os materialistas: essa alma que viaja ainda é um atributo pouco conhecido ou esquecido da potência do corpo. Os ortodoxos da ciência não conseguem admitir que muitas observações de estrelas, constelações ou galáxias, podem ter sido feitas diretamente, com esse tipo de técnica.

JANAÍNA

A propósito da alma, deixem-me dizer algo que nunca contei para vocês. Considero Tom Jobim meu pai espiritual. Quis gravar um disco com ele, mas não tive essa felicidade. Sem saber que ele estava morrendo, tive um sonho: ele com muitas pessoas em volta, estava contente e iluminado. No noticiário da manhã seguinte, soube da sua morte. Chorei mais do que na morte do meu pai biológico. Depois pensei sobre o privilégio de estar presente na partida da sua alma. Talvez o meu desejo de encontrá-lo fosse tão grande, que essa demanda poderia atrapalhar em algo o deslocamento de sua alma.

função/rezar, cuspir/surgir

repentinamente/na frente do

telão/mais um dia, mais uma

cidade/prá se apaixonar/querer

casar/pedir a mão/saltar,

sair/partir pé ante pé/antes do

povo despertar/pular,

zunir/como um furtivo

amante/antes do dia

clarear/apagar as pistas de que

um dia ali/já foi feliz/criar raiz/e

se arrancar/hora de ir

embora/quando o corpo quer

ficar/toda alma de artista quer

partir/arte de deixar algum

lugar/quando não se tem para

lado/fazendo cena de

cinema e cena de

teatro/com seu charme de

Greta Garbo/e jeitinho de

bay-hip/fico todo

alucinado/sacou o meu

recado?

Jorge Mautner
O relógio quebrou

The first

mushroom/makes room

for my mind/to get inside

the magic room/of

Dionysus'house/time is

HERMES

Há uma ironia que vale comentar: o Ocidente primeiro duvidou de que os povos indígenas tivessem alma, depois duvidou da existência da alma feminina e finalmente da própria alma.

DIONÍSIO

Deixem-me dar um exemplo das nossas co-responsabilidades através de Jung:

É dever daquele que abre o seu próprio caminho informar a sociedade sobre o que encontra na sua viagem de descoberta, seja isso águia corrente para os sedentos ou para os desertos arenosos do erro infrutífero. Não é a crítica dos indivíduos contemporâneos que decidirá sobre a verdade ou falsidade de suas descobertas, mas as gerações futuras. Há coisas que ainda não são verdadeiras, hoje; talvez não ousemos tê-las como verdadeiras, porém amanhã elas o serão. Dessa forma, todo aquele cujo destino seja trilhar o seu caminho individual deve prosseguir com esperança e prontidão, sempre consciente da solidão e de seus perigos.

Vocês sabem das minhas pesquisas sobre xamanismo, em busca dessas técnicas de êxtase e das possibilidades de iniciação que sejam adequadas ao nosso tempo. Em Pernambuco e em São Paulo, conheci alguns xamãs urbanos, que são pessoas sem nenhuma origem indígena, mas que criaram um corpo de conhecimentos que parte do xamanismo tradicional e acrescentam outras correntes de pensamento e técnicas de cura, inclusive as da ciência sobre campos de energia. O voo mágico com ayahuasca ou outras substâncias nem sempre está presente, mas se valendo de suas mãos essas pessoas são capazes de fazer leituras corporais, como se estivessem escaneando ou fazendo uma varredura, percorrendo cada chakra, para avaliar a potência das suas vibrações, os possíveis bloqueios no fluxo da energia ou mesmo hemorragias energéticas e, mais ainda, ao fazerem essa leitura corporal com as mãos, são capazes de receber memórias e imagens vividas, presentes, passadas e futuras, o que permite um diagnóstico

onde ir/ chegar, sorrir/mentir

feito mascate/quando desce na

estaçāo/parar, ouvir/sentir que

tatibitati/ que bate o

coraçāo/mais um dia, mais uma

cidade/para enlouquecer/o bem-

querer/o turbilhāo/bocas,

quantas bocas/a cidade vai

abrir/pruma alma de artista se

entregar/palmas pro artista

confundir/pernas pro artista

tropeçār/voar, fugir/como o rei

dos ciganos/quando junta os

cobres seus/chorar, ganir/como

o mais pobre dos pobres/dos

pobres dos plebeus/ir deixando

over/war is over/I am safe
and sound/i live and
love/i drink and eat/I can
leap and bound/now I am
dying all my life away/as
well as I am being
reborn/day after day/the

second mushroom/makes
room for my body/to get
inside the tragic room/of
Dionysus'house/time is
on/war is all/I am busy
and sad/from mists of
pain/I rise and fall/like an
endless rain/now I am

mais preciso. A cura é feita com as próprias mãos do xamã e também com sugestões de luzes de diversas cores, que percorrem o corpo para desobstruir bloqueios e que são imaginadas pela pessoa que está sendo curada; usam também sons nos locais, cristais adequados para cada *chakra*, florais, homeopatia e um conjunto de recomendações, para que a pessoa tenha autonomia corporal e responsabilidade com sua vida, saúde e nos processos de autocura. Contudo, o principal é a interação amorosa: o coração e as mãos ou o coração nas mãos. Em algumas dessas curas de que participei, antes bebi ayahuasca, e vi as cores e luzes dos corpos ou os campos de energia. É possível ver as alterações vibracionais e a transferência que o xamã faz, através das mãos e de todos os seus *chakras*, pulsando amplamente luzes: a energia amorosa de cura. Penso que Cristo tinha esse lado xamânico.

É o Cristianismo quem funda a Modernidade, e a Ciência é a sua última heresia. As universidades surgem com o cristianismo e grandes artistas do Renascimento tiveram seu patrocínio. Nesse momento, a Igreja e a Santa Inquisição começavam a perder o poder, mas ainda assustavam: Giordano Bruno é um dos últimos a serem queimados em uma fogueira; Copérnico só teve coragem de publicar suas descobertas no leito de morte; Galileu precisou negar suas convicções; Descartes mudou-se para a Holanda, para evitar problemas com a Inquisição. Ele era também um guerreiro e se alistou nas tropas de Maurício de Nassau, mote que fez o poeta Paulo Leminski escrever o seu romance *Catatau*, onde o filósofo tenta aplicar o seu método no Brasil, sem muito sucesso; Newton e Darwin também têm origem e formação cristã. Lembrei de uma obra denominada *Newton*, do poeta e gravador William Blake, que via anjos e outros seres de luz e que se indignou com a visão tridimensional, mecanicista do mundo, que considerava um abaixamento do nível de consciência da humanidade. Na obra, a força e a beleza do corpo de Newton são distorcidas pelo ato de medir. Sentado em uma pedra, seu corpo tem a mesma textura dela e é seu prolongamento. Newton está

a pele em cada palco/e não
olhar pra trás/e nem
jamais/jamais dizer/adeus.

Edu Lobo e Chico Buarque
Na carreira

Alguma coisa acontece no meu
coração/que só quando cruza a
Ipiranga e a Avenida São

João/É que quando eu cheguei
por aqui, eu nada entendi/da
dura poesia concreta de tuas
esquinas/da deselegância
discreta de tuas meninas/ainda
não havia para mim Rita Lee/a

tua mais completa
tradução/alguma coisa
acontece no meu coração/que
só quando cruza a Ipiranga e a

doing what I have to
do/fulfilling all my will of
conquest/moon after
moon/the last
mushroom/makes room
for the unknown/I get
inside the secret room/of
an unthinkable house/in
which I feel the grace/in
which I get to be the
space/from which I see
the earth/exploding into a
light/that the last
mushroom aroused/the
last mushroom/atomic

encurvação sobre os joelhos, puxado pela vingança da força da gravidade. Einstein, David Bohm e outros físicos posteriores fizeram justiça à visão multidimensional do poeta. A Ciência democratiza o conhecimento, amplia o universalismo cristão, aprofunda a compreensão das coisas desse mundo e mergulha no coração da matéria. Mas em certo sentido a ciência nos traiu: levou-nos ao limiar do voo interestelar, mas levou-nos também ao limiar do holocausto termonuclear. O aprofundamento no coração da matéria nos livrou de muitas superstições, medos e manipulações; nos fez sair do estado angelical e pousar na terra, mas nos conduziu também a um materialismo rasteiro, que ameaça o próprio ecossistema do planeta. Talvez as culturas precisem de um choque, um choque equivalente àquele que a *Ressurreição* representou para o imperialismo romano. Os mitos que hoje estão surgindo são mitos messiânicos, semelhantes aos que precederam o advento de Cristo. São mitos de intervenção por parte de uma entidade extraterrestre, hiperinteligente, que já ultrapassou nossa tecnologia predatória e que vem de outras dimensões para revelar o que esquecemos: o modo adequado e artístico de viver. A cosmologia multidimensional da ciência, em certo sentido, trouxe de volta o encantamento com o mistério da vida. É preciso não esquecer que a ciência começou olhando o céu. Contudo, Hermes, como você observou, a ciência também contribuiu para a perda da Alma do Mundo. A Economia Capitalista é hoje a religião mais universal. Devido à crise de valores, o mundo está ingressando em um novo momento de consciência: por meio de seus sintomas o mundo se torna autoconsciente como realidade psíquica. O mundo sem alma não oferece intimidade. As coisas substituíveis, descartáveis velozmente pelo consumo voraz, são ignoradas, não são usufruídas pela apreciação lenta e cuidadosa. Somente as coisas individualizadas, personificadas, podem ser amadas. Precisamos recuperar o velho adágio: *as coisas estão cheias de deuses*. Precisamos recuperar a sensualidade, amplificar todos os sentidos, sentir o frescor poético de cada dia. No momento em que cada coisa, cada acontecimento se apresenta

Avenida São João/ quando eu
te encarei frente a frente/não
vi o meu rosto/chamei de mau
gosto o que vi, de mau gosto,
mau gosto/é que Narciso acha
feio o que não é espelho/e a
mente apavora o que ainda não
é mesmo velho/nada do que não
era antes quando não somos
mutantes/e foste um difícil
começo/afasto o que não
conheço/e quem vem de outro
sonho feliz de cidade/aprende
depressa a chamar-te de
realidade/porque és o avesso,
do avesso, do avesso, do
avesso/do povo oprimido nas
filas, nas vilas, favelas/da força
da grana que ergue e destrói

mushroom.

Gilberto Gil e Jorge Mautner
The three mushrooms

E a vida/e a vida, o que

é?/diga lá meu irmão/ela

é a batida de um

coração/ela é uma doce

ilusão?/e a vida/ela é

maravilha ou é

sofrimento?/o que é o

que é, meu irmão/há

quem diga que a vida da

gente é um nada no

mundo/é uma ponta, é um

tempo que nem dá um

novamente como realidade psíquica, que não requer as mágicas da sincronicidade, o fetichismo religioso ou qualquer ato simbólico especial, somos absorvidos numa conversa íntima e duradoura com a matéria. Nesse momento *Eros* passa de um princípio universal, uma abstração do desejo, para uma carnalidade das coisas em que tudo é Vida: os materiais, as formas, os seres, as cores, os movimentos, os ritmos. Recordar: literalmente é lembrar com o coração. No mundo antigo, esse era o órgão da imaginação, da percepção, imediatamente associado às coisas pelos sentidos. A palavra grega para percepção ou sensação era *aisthesis*, que significa, em sua origem, *inspirar o mundo para dentro*. A respiração diante da surpresa, do espanto, do maravilhamento diante do mundo. Só podemos caminhar nessa direção quando fizermos mudanças radicais de orientação, de modo a valorizar a alma antes da mente, o sentir antes do significar, o cada um antes do todo, o reparar antes do conhecer, os outros animais antes do humano. Precisamos tratar as oposições como complementares e intercambiáveis: sujeito / objeto, esquerda / direita, interior / exterior, masculino / feminino, imanência / transcendência, mente / corpo. Como diz Blake: *se pudéssemos abrir as portas da percepção veríamos as coisas como são: eternas*. Respeitar é literalmente olhar de novo: *respectare*. E esse segundo olhar é com *pectus*, com o peito, um olhar amável, cordial, com o coração.

HERMES

Gostei da empolgação poética! Mas, agora digamos como essas influências do Calendário Maya se transformaram em mito e em um movimento mundial, que também se difunde pelo Brasil, particularmente, aqui em São Paulo. Depois vamos discutir a gravação do Cd de Janaína.

DIONÍSIO

O movimento é chamado *Sincronário do Novo Tempo*. Um dos objetivos é a mudança do calendário gregoriano, solar, por um calendário lunar, com 13 Luas de 28 dias. Os adeptos defendem que, guiados pelo calendário

coisas belas/da feia fumaça que
sobe apagando as estrelas/eu
vejo surgir teus poetas de
campos e espaços/tuas oficinas
de florestas, teus deuses da
chuva/Pan-Américas de Áfricas
utópicas/túmulo do samba/mais
possível quilombo de Zumbi/e
os novos baianos passeiam nas
tuas garoas/e novos baianos te
podem curtir numa boa.

Caetano Veloso
Sampa

Atrás do arranha-céu tem o
céu, tem o céu/e depois tem
outro céu sem estrelas/em cima
do guarda-chuva tem a chuva,
tem a chuva/que tem gotas tão

segundo/há quem fale
que é um divino mistério
profundo/é o sopro do
Criador, numa atitude
repleta de amor/você diz
que é luta e prazer, ele
diz que a vida é viver/ela
diz que melhor é morrer
pois amada não é/o o
verbo é sofrer/eu só sei
que acredito na moça e
na moça eu ponho a
força da fé/somos nós
que fazemos a vida, como
der ou puder, ou

gregoriano, estamos fora de sintonia e sincronia com os ritmos vitais, dos quais o capitalismo predatório é o paradigma: tempo é dinheiro. Na mudança proposta tempo é arte! Habitamo-nos a pensar que o presente vem do passado, mas ele vem também do futuro. É tanta luz vinda do futuro, que já estou dormindo de óculos escuro. O tempo é flexível, codifica e joga com informações e permite-nos entrar em diferentes realidades simultaneamente: esticando, distorcendo, curvando e espiralando. Intuição é quando o coração ligeiro volta do futuro. É preciso que cada dia seja vivido como uma obra de arte e os Mayas codificaram em seu calendário sagrado, o *Tzolkin*, um padrão para a dança de cada dia, através de 20 imagens ou *glifos* e 13 tons ou *mantras*. Os ritmos lunares têm mais sintonia com os nossos corpos, com os ritmos da vida. Todos os anos, os adeptos do Síncronário lançam uma edição do calendário, em forma de agenda, e com esse instrumento de navegação, que também está sincronizado semanalmente com as mutações do *I Ching*, é possível saber o padrão adequado para a arte de cada dia. O fundador do movimento é José Argüelles, um artista norte-americano de origem mexicana, que a partir da cultura Maya criou uma mitologia própria, complexa e sofisticada. Ele mudou seu nome para *Valum Votan, o Encerrador do Ciclo*, e se diz uma encarnação humana de um ser do sistema planetário da estrela *Arcturus*. É frequente, entre os adeptos, a convicção e a afirmação de uma memória de sua origem estelar. Uns se dizem das *Pléiades*, especialmente do sistema planetário da estrela *Maiá*; outros se dizem do sistema de *Sírius* ou *Órion* e assim por diante, explicando os seus perfis e a memória das suas missões. Os mitos só existem quando incorporados! Gosto de metáforas de luz. São elas que aumentam a nossa vibração e provocam mudanças. Esse movimento, conhecido também como *Síncronário da Paz*, é um dos ramos de um conjunto de manifestações espirituais errantes e que ficou conhecido como *Movimento da Nova Era*: uma maior aproximação e interpenetração entre o Oriente, dito como o pôlo *Yin*, com o Ocidente, entendido como o pôlo *Yang*. Esta é a base do que se comprehende como *Nova Era*. É

lindas que até dá vontade de
comê-las/no meio da couve-flor
tem a flor tem a flor/que além
de ser uma flor tem
sabor/dentro do porta luva tem
a luva/que alguém de unhas
negras e tão afiadas se
esqueceu de pôr/no fundo do
para-raio tem um raio, tem um
raio/que caiu da nuvem negra
do temporal/todo quadro-negro
é todo negro, todo negro/e eu
escrevo teu nome nele só pra
demonstrar o meu apego/o bico
do beija-flor, beija-flor, beija-
flor/e toda fauna flora grita de

quiser/sempre
desejada/por mais que
esteja errada/ninguém
quer a morte/só saude e
sorte/e a pergunta rola, e
a cabeça agita/eu fico
com a pureza da
resposta das crianças/é a
vida, é bonita, é
bonita/viver, e não tenha
vergonha de ser
feliz/cantar, e cantar, e
cantar a beleza de ser um

eterno aprendiz/eu sei
que a vida devia ser bem

enorme a complexidade de todos os ramos que tecem esse movimento maior, que envolve xamanismo, zen-budismo, taoísmo, cristianismo, cabala, sufismo, yogas, meditação transcendental, antroposofia, bioenergética, psicologia transpessoal, filosofia, mitologia comparada e arquétipa, angelologia, reike, projeciologia, física quântica e arte. A tentativa de encontrar uma unidade transcendente, entre esses saberes e conhecimentos, pode ser localizada naquilo que o escritor Aldous Huxley chamou, a partir de uma expressão de Leibniz, de *Filosofia Perene*, que é um esforço para fazer dialogar as essências e medulas dos mais diversos saberes.

Esses movimentos e grupos têm cosmogonias, cosmologias e mitos próprios de origem, mas também combinam seus mitos com personagens de várias mitologias conhecidas. Os diversos ramos compartilham traços gerais comuns: aceitam a reencarnaçāo; consideram outras humanidades anteriores e que foram mais evoluídas do que a nossa; praticam a canalização, que é um tipo de mediunidade que não envolve pessoas mortas, e sim recebem seres e inteligências interdimensionais, que nos ajudam em nosso processo evolutivo, rumo a uma consciência mais elevada, seja por amor incondicional, seja por interesse, porque alguns manipularam nosso código genético, desligando sua potencialidade máxima, que era de doze hélices de DNA, e foram reduzidas a duas, com o intuito de obter vantagens com nosso controle. Essa atitude veio a comprometer o seu futuro evolutivo, por isso voltam ao passado deles, que é o nosso presente, empenhados em nos religar, para que também possam voltar a evoluir. E, ainda, há uma série de entidades que se alimentam espiritualmente do nosso caos emocional.

Esses grupos admitem também que somos frutos de uma experiência cósmica maravilhosa: nossos corpos são volumes de uma Biblioteca Viva, compostos de combinações de material genético dos mais diversos seres do Universo. Todos podem nos acessar, mas só a vibração amorosa consegue as melhores informações. Quando

amor/quem segura o porta-
estandarte tem arte, tem arte/e
aqui passa com raça eletrônico
maracatu atômico.

Nelson Jacobina e Jorge Mauthner
Maracatu atômico

Sou um homem
comum/qualquer um/enganando
entre a dor e o prazer/hei de
viver e morrer/como um homem
comum/mas o meu coração de
poeta/projeta-me em tal
solidão/que às vezes assisto/a
guerras e festas imensas/sei
voar e tenho as fibras tensas/e

melhor, e será/mas isso
não impede que eu repita:

é bonita, é bonita e é
bonita.

Gonzaguinha
O que é o que é

Quando a gente tá
contente/tanto faz o
quente, tanto faz o frio,
tanto faz/que eu me
esqueça do meu
compromisso/com isso

ou aquilo que aconteceu
dez minutos atrás/dez

cada volume é consultado, por esses seres, há uma simbiose, uma vantagem para ambos: eles saem com a informação que precisam e em troca aumentam nossa vibração energética, contribuindo para a religação das hélices desligadas do nosso código genético. Nós somos uma das doze bibliotecas existentes e todas as outras estão empenhadas e nos reincluir na rede de informação multidimensional. Borges teria adorado saber.

Spock é um personagem da série *Jornada nas Estrelas*, que chegou bem perto da apoteose de sua iniciação e a perdeu no último momento, por esboçar uma leve emoção e por isso foi mandado para Terra, o que é uma metáfora cruel do modelo cartesiano ou mais ainda da racionalidade absoluta. Esse personagem serve de exemplo para a necessidade vital da emoção. Esses seres extraterrestres dizem que nós somos uma preciosidade, uma relíquia emocional, porque em grande parte dessas dimensões a emoção não é conhecida, foi esquecida ou é desprezada, como algo inferior, primitivo, carbônico, orgânico, animal. Mas eles descobriram que só é possível acessar informações, em escala evolutiva mais elevadas pelo mergulho no Coração. A emoção delimita a ação e o acesso à informação. Com medo só podemos fazer três coisas: fugir, paralisar ou enfrentar. Com alegria ou amor as probabilidades são enormes. Nossa missão terrestre não seria converter ninguém, mas aumentar a frequência e a amplitude da vibração amorosa, para dissipar a baixa vibração do medo e receber informações mais sutis. Servir é exaltar a luz do nosso ser, de modo que todos que entrem em contato conosco possam ser beneficiados por nossa presença.

Janaína, essa é outra das respostas à sua pergunta sobre o que fazer quando abrimos mais o coração. Nossa nome é coragem e o sobrenome é confiança na vida. As emoções quebram padrões rígidos e abrem inúmeras possibilidades criativas. O caos cria o cosmos. Temer o caos é a pior viagem, achar o cosmo é linguagem. O corpo emocional é quem faz a ponte entre os outros corpos: mental, psíquico, espiritual e

sou um/ninguém é comum/e eu

sou ninguém/no meio de tanta

gente/de repente vem/mesmo eu

no meu automóvel/no trânsito

vem/o profundo silêncio/da

música de Peter Gast/escuto a

música límpida de Peter

Gast/escuto a música silenciosa

de Peter Gast/Peter Gast/o

hóspede do profeta sem

morada/o menino bonito Peter

Gast/rosa do crepúsculo de

Veneza/mesmo aqui no samba-

canção/do meu

rock'n'roll/escuto a música

silenciosa de Peter Gast/sou um

minutos atrás de uma
ideia já deu para uma teia
de aranha crescer/sua
vida na cadeia do
pensamento/que de um
momento pro outro
começa a doer/quando a
gente tá contente, gente a
gente quer pegar/barata
pode ser um barato
total/tudo que você
disser deve fazer
bem/nada que você
comer deve fazer
mal/quando a gente tá

carnal. Mas é o corpo carnal quem harmoniza o todo, por ser o mais imediato, acessível e palpável. Por isso, é vital escolher uma técnica corporal. Meditar é se informar. Luz é linguagem e através de determinadas formas geométricas pode-se acessar a outras dimensões. Por exemplo, podemos meditar uma espiral saindo do nosso umbigo e conectando o micro ao macro: o corpo ao cosmo, o código genético ao código galáctico. Informações sutis podem ser acessadas pela meditação com figuras geométricas. Essa foi uma das descobertas de Pitágoras. Há uma ligação entre emoção e níveis de consciência. A mente lógica só vai até um determinado limite, porque se apega à própria identidade e permanece trancada nos limites do ego. Mas a emoção evoca sentimentos e permite acessar a diferentes estados de consciência. Por isso a música é vital! A emoção é a chave e faz parte de uma equação. Luz: é Informação e Amor: Criação. É preciso se informar antes de criar. Amamos para criar e criamos para saber. O Amor é a emoção mais sutil e atravessa todos os espaços-tempos multidimensionais, em contínua Criatividade. Amar é brincar. Se quisermos um critério de avaliação de qualquer namoro é só observar: se o casal deixou de brincar e rir, o amor corre enorme perigo ou já acabou.

O que une essencialmente esses grupos da *Nova Era ou Era de Aquário*, é o sentimento da Terra como nosso Corpo Maior: o Amor à Vida. E isso significa assumir nossa co-responsabilidade com a Nave-Mãe. Há uma compreensão da necessidade vital de uma elevação da consciência da humanidade, inspiradas pela crise ecológica planetária e pela cruel desigualdade social, patrocinadas pelo modelo capitalista predatório e patriarcal. Contudo, ao contrário das formas de fazer política das décadas anteriores, o enfrentamento é pela micropolítica: a criação de redes de informação, parceria e solidariedade. Outro aspecto de união é a necessidade de trazer de volta a Alma do Mundo. Esses grupos voltam a acreditar que a Vida é Sagrada, que as Galáxias, as Estrelas, os Planetas, o Sol, a Lua e a Terra têm Consciência e são Deusas e Deuses. Argumentam contra nossa pretensão e arrogância: por que só

homem comum.

Caetano Veloso
Peter Gast

Ah, se já perdemos a noção da
hora/se juntos já jogamos tudo
fora/me conta agora como hei
de partir/ah, se ao te conhecer,
dei pra sonhar, fiz tantos
desvarios/rompi com o mundo,
queimei meus navios/me diz pra
onde ainda posso ir/se nós, nas
travessuras das noites
eternas/já confundimos tanto
as nossas pernas/diz com que
pernas eu devo seguir/se
entornastes a nossa sorte pelo

contente, nem pensar que
tá contente/nem pensar
que tá contente a gente
quer/nem pensar a gente
quer/a gente quer é viver.

Gilberto Gil
Barato total

Viver é afinar um
instrumento/de dentro
pra fora/de fora pra
dentro/a toda hora/a todo
momento/de dentro pra
fora/de fora pra dentro.

Walter Franco

É de manhã, vem o
sol/mas os pingos da

seres de água e carbono teriam consciência, mas as Estrelas, que nos geraram, não? O problema do arrogante não é nem a vaidade de tudo saber melhor, mas o bloqueio na vontade e na alegria dos outros em doar e trocar informações vitais. Nesses grupos há uma espiritualidade sincrética, difusa, errante, que se recusa a se institucionalizar como religião, mas que têm seus próprios ritos, mitos e cultos.

A obra do antropólogo Carlos Castañeda, que pesquisou os xamãs do México nas décadas de mil novecentos e sessenta e setenta, foi o ponto de mutação para a divulgação mundial dessas técnicas de êxtase e do uso de plantas psicoativas. Há um dito famoso do principal personagem, o xamã Don Juan:

Há uma pergunta obrigatória que o guerreiro do espírito tem de fazer: esse caminho tem coração? Todos os caminhos são iguais, não levam a lugar algum. Entretanto, um caminho sem coração nunca é agradável. Por outro lado, um caminho com coração é fácil. Ele não faz um guerreiro se esforçar para gostar dele; ele torna a viagem alegre; e, enquanto alguém o seguir, é um só com ele.

Curiosamente essa concepção ressoa em Cristo:

Onde estiver o teu coração, aí estará o teu tesouro.

O movimento *Síncronário do Novo Tempo*, que tem José Argüelles como líder mundial, passa por essas influências do xamanismo, que tem antecessores conhecidos como Mircea Eliade, Aldous Huxley, Robert Graves, Gordon Wasson, Richard Evans Schultes, Albert Hoffmann, o cientista suíço que descobriu o LSD, o etnobotânico Terence McKenna, além de duas canalizadoras conhecidas: Barbara Marciniak e Barbara Hand Clow. O movimento *Síncronário do Novo Tempo* parte da cultura Maya, mas cria com liberdade seus próprios mitos, cosmogonias e cosmologias. Os astrônomos da cultura Maya

chão/se na bagunça do teu
coração meu sangue errou de
veia e se perdeu/como, se na
desordem do armário
embutido/meu paletó enlaça o
teu vestido/e o meu sapato
ainda pisa no teu/como, se nos
amamos feito dois pagões/teus
seios ainda estão nas minhas
mãos/me explica com que cara
eu vou sair/não, acho que estás
te fazendo de tonta/te dei meus

olhos pra tomara conta/agora
conta como hei de partir.

Tom Jobim e Chico Buarque
Eu te amo

chuva/que ontem
caiu/ainda estão a
brilhar/ainda estão a
dançar/ao vento
alegre/que me traz essa
canção/é de manhã, vem
o sol/mas os pingos de
chuva/que ontem
caiu/ainda estão a
brilhar/ainda estão a
dançar/ao vento alegre
que me traz essa
canção/quero que você
me dê a mão vamos sair
por aí/sem pensar no que

dizem que uma *Era do Mundo* dura 5.125 anos e que essa Era que estamos vivendo teve seu início, ou data zero, no dia 11 de agosto de 3113 a.C, e que a próxima Era começa no dia 21 de dezembro de 2012. Descobertas recentes mostram que, no ano de 2012, o Sol no solstício estará alinhado com a nossa galáxia Via Láctea. Esse alinhamento é uma ocorrência rara, acontecendo uma vez a cada 26 mil anos. Os pesquisadores admitem que, os antigos mayas possuíam conhecimentos astronômicos tão profundos como seus contemporâneos de outras partes do mundo, inclusive da Grécia, Índia, Babilônia e Egito. A doutrina maya das Eras do Mundo é encontrada no *Popol Vuh*, um dos poucos documentos salvos da queima da Inquisição, e datado de 1550. Nele lemos que a humanidade passou por uma sequência de Eras do Mundo, e a cada vez que um desses ciclos é concluído tem lugar uma transformação e renovação da humanidade. É a partir desses conhecimentos, que se desenvolve uma série de interpretações do que significa a data de 21 de dezembro de 2012. A mais comum, divulgada através de livros e filmes é a que coincide, mais uma vez, com o Apocalipse cristão, não no sentido literal de revelação, mas de catástrofe planetária. Essa interpretação é totalmente rejeitada pelos diversos grupos do movimento *Nova Era* e, particularmente, pelo movimento *Síncronismo do Novo Tempo*. No seu livro *O Fator Maiá*, José Argüelles diz que o Calendário Sagrado, o *Tzolkin*, é o Tear dos Maias, um módulo que tece a Harmonia Cósmica, e é composto de 20 imagens e 13 tons, que se entrelaçam em espiral, como a Via Láctea e o Código Genético. A combinação de uma imagem com um som dá o padrão adequado, para se viver a arte de cada dia. Cada imagem e cada som têm um significado e são instrumentos para a meditação. É um calendário xamânico lunar e cada lua tem seu animal correspondente, para que sua essência, poder e ação sejam incorporados, imitados e meditados. São eles, na sequência em que aparecem: morcego, escorpião, veado, coruja, pavão, lagarto, macaco, falcão, jaguar, cachorro, serpente, coelho e tartaruga. O *Tzolkin* e o *I Ching* são calendários lunares e

Talvez, quem sabe, um dia/por
uma alameda do zoológico/ela
também chegará/ela que
também amava os
animais/entrará soridente assim
como está/na foto sobre a
mesa/ela é tão bonita/ela é tão
bonita que na certa eles a
ressuscitarão/o século trinta
vencerá/o coração destroçado
já/pelas mesquinharias/agora
vamos alcançar tudo o que não
podemos na vida/como a estrelar
das noites
inumeráveis/ressuscita-me/ainda

foi/que sonhei, que
chorsei, que sofrí/pois a
nossa manhã/já me fez
esquecer/me dê a mão

vamos sair pra ver o sol.

Tom Jobim e Dolores Duran
Estrada do Sol

Sorri/quando a dor te
torturar/é a saudade
atormentar/os teus dias
tristonhos/vazios/sorri/
quando tudo

terminar/quando nada

mais restar/do teu sonho
encantador/sorri/quando

estão relacionados. O I Ching está sincronizado com o código genético, que governa a informação de todas as formas e ciclos de Vida. E o Tzolkin está sincronizado com o código galáctico, que governa os ciclos de Luz.

Sem ter conhecimento do *Tzolkin*, o etnobotânico Terence Mäckenna, resolveu estudar o tempo, a partir do I Ching. Deixem-me ler o que ele diz:

A idéia de que o tempo é experimentado como uma série de elementos identificáveis e fluentes é altamente desenvolvida no I Ching. Encara o tempo como um número finito de elementos distintos e irredutíveis, da mesma forma como os elementos químicos compõem o mundo da matéria. Para os sábios taoístas da China anterior a dinastia Han, o tempo se compunha de 64 elementos irredutíveis. Foi à base desses 64 elementos que eu procurei construir um novo modelo do tempo que incorporasse a idéia da conservação da novidade e reconhecesse o tempo como um processo de vir-a-ser. Para Newton, o tempo podia ser representado por um plano, era pura duração, um domínio necessário para a descrição dos eventos. Einstein acrescentou a possibilidade da ligeira e suave curvatura do contínuo espaço-tempo. Estes dois pontos de vista ignoram uma propriedade que o meu modelo do tempo levou a sério: o fenômeno da conservação da conexão ou complexidade. A novidade ou criatividade é simplesmente uma situação de maior complexidade de organização, ao passo que a entropia é o oposto. Ao nascer, o Universo era puro plasma; não havia sistemas atômicos; havia tanta energia dentro do sistema que os elétrons ou ainda não existiam ou não conseguiam estabelecer-se em órbitas estáveis. Depois, à medida que o Universo esfriou, começaram a formar-se os sistemas atômicos; as estrelas condensaram-se e, através da química nuclear, fundiram elementos mais pesados, dos quais surgiu mais tarde uma química à base de carbono. Isto ofereceu a possibilidade de uma química molecular, novos domínios de conexão e nova proliferação de oportunidades de criatividade. Essa oportunidade conduziu à Vida.

que mais não seja/porque sou

poeta/e ansiava o

futuro/ressuscita-me lutando

contra as misérias do

cotidiano/ressuscita-me por

isso/ressuscita-me/quero acabar

de viver o que me cabe/minha

vida para que não mais existam

amores servis/ressuscita-

me/para que ninguém mais

tenha de sacrificar-se por uma

casa, um buraco/ressuscita-

me/para que a partir de hoje, a

partir de hoje/a família se

transforme e o pai seja pelos

menos o Universo/e a mãe seja

o sol perder a luz/e
sentires uma cruz/nos
teus ombros cansados,
doridos/sorri/vai
mentindo a tua dor/que
ao notar que tu
sorris/todo mundo irá
supor/que és feliz

Charles Chaplin, G. Parson, J.
Turner e Braguinha
Meu coração não se
cansa/de ter
esperança/de um dia ser
tudo que quer/meu
coração de criança/não é

Um aspecto interessante dessa concatenação da complexidade é que cada estágio de sua condensação ocorreu mais rapidamente que o anterior.

Chamando de onda máxima de novidade aos acontecimentos mais importantes da História como, por exemplo, o início do domínio do *Homo sapiens* e o surgimento da linguagem; o colapso final do Império Romano; o Iluminismo europeu; a chegada de Hitler ao poder; a bomba atômica; a chegada à Lua e tantos outros eventos, a partir do cruzamento de dados matemáticos, gerados a partir do I Ching, Terence Mackenna chegou a uma data de criatividade máxima: 21 de dezembro de 2012. Mais tarde descobriu, com espanto, que era a mesma data da mudança de Era do Calendário Maya. Mackenna interpreta esse momento como uma mudança na própria natureza do tempo e usa como metáfora uma frase de Platão:

O tempo é a parte móvel da eternidade.

Outras interpretações do que ocorrerá, a partir de 21 de dezembro de 2012, dão ênfase a um salto de consciência em que a humanidade se integrará mais harmoniosamente à consciência maior da Terra: a Deus Viva. A luz é composta de ondas e partículas. Fôtons são as partículas da luz e não têm antipartículas. Isso significa dizer que não existem dualidades no Mundo da Luz. Alguns intérpretes falam que nesse momento estaremos recebendo uma cachoeira de fôtons, vindos do centro da Via Láctea, o que permite uma transmutação da Vida. Falam de uma festa cósmica, da apoteose da iniciação planetária, de um orgasmo da Terra! Nesse instante, se restabelece a conexão das doze bibliotecas e entramos em rede com a Consciência Galáctica!

O mito é a abertura secreta através da qual as energias inexauríveis do cosmo se derramam sobre as manifestações culturais humanas.

É o que nos diz Joseph Campbell, indicando que o mito é o canal de conexão cósmica, um

no mínimo a Terra/a Terra/a
Terra

Vladimir Maiakóvski, Augusto de Campos
e Caetano Veloso

Meu coração está

batendo/como quem diz:/não

tem jeito/zabumba bumba

esquisito/batendo dentro do

peito/seu coração está

batendo/como quem diz:/não

tem jeito/o coração dos

aflitos/pipoca dentro do

peito/coração bobo/coração

bola, coração balão/coração

São João/a gente se ilude

só a lembrança/de um
vulto feliz de mulher/que
passou nos meus
sonhos/sem dizer
adeus/e fez dos olhos
meus/um chorar mais
sem fim/meu coração
vagabundo/quer guardar
o mundo/em mim.

Caetano Veloso
Coração vagabundo



aspecto essencial para compreensão de como esses grupos intuem o poder de transmutação das metáforas de luz e de como têm consciência do papel vital da arte e da poesia no percurso da nossa espécie.

Eu trouxe o livro *A Arte de Viver*, de Campbell, ouçam:

O privilégio de uma existência é ser quem você é. Participe alegremente das tristezas do mundo. Não podemos curar as tristezas do mundo, mas podemos decidir viver em júbilo. Quando falamos em solucionar os problemas do mundo, estamos redondamente enganados. O mundo é perfeito. É uma baderna. Sempre foi uma baderna. Nós não vamos mudá-lo. Nossa tarefa consiste em endireitar nossas próprias vidas. O acumulador que existe em nós e que deseja guardar, apegar-se, deve ser morto. Negativismo diante da dor e da ferocidade da vida é negativismo diante da vida. Não estaremos lá enquanto não pudermos dizer Sim para tudo. A reverência é o que faz com que avencemos. Negar a chamada é estagnar. Aquilo que você não experimenta positivamente experimentará negativamente. Você adentra a floresta em seu ponto mais sombrio, no qual não há trilha. Se há trilha ou caminho, é a trilha de outra pessoa. Você não estará em seu próprio caminho se seguir o caminho alheio, e não concretizará o seu potencial. A sociedade é inimiga quando impõe suas estruturas ao indivíduo. Mate o Tu Deves! Quando a pessoa faz isso, torna-se a Criança. Ao enveredar pela vida, seguindo seu próprio caminho, pássaros cagarão em você. Não se preocupe em limpar. Ter uma visão cômica de sua situação proporciona distanciamento espiritual. Ter senso de humor é o que o salva. Irromper é seguir seu padrão sublime, abandonar o antigo lugar, começar sua jornada de herói, seguir sua bem-aventurança. Quando estiver seguindo o caminho da vida, você verá um grande abismo. Pule. Ele não é tão grande quanto você pensa. É com a descida ao abismo que resgatamos os tesouros da vida. Onde você tropeçar, lá estará seu tesouro. A própria caverna na qual você tem medo de entrar acaba sendo a

dizendo/já não há mais coração.

Alceu Valença
Coração bobo

Ô mana me traz lá do
mercado/com muito cuidado um
kilo de riso/me traga do
artesanato, um amor barato,
que eu tanto preciso/também,
pra curar meu tédio/aquele
remédio, de casca de raiz/e um
disco bem desmilinguido/que eu
esqueça o perdido/de quem já
me quis/mercado, mercado,
comprado, vendido/qualé, meu
tempo perdido,
sonhado/traçado lá no come em
pé/maninha não deixe por

Olinda é para os
olhos/não se apalpa, é só

desejo/ninguém diz: é lá
que eu moro/diz somente:

é lá que eu vejo/tem
verdáguia e não se sabe/a

não ser quando se
sai/não porque antes se
visse/mas porque não se

vê mais/as paisagens
muito claras/não são
paisagens, são lentes/ou
claridade somente.

Carlos Pena e Zoca Madureira.
Olinda

fonte do que você procura. A coisa horrível, tão temida, tornou-se o centro. A meta é viver com divina compostura, no fluxo pleno de energia, como Dionísio montando o leopardo sem ser feito em pedaços. O propósito da jornada é a compaixão. Quando você superar os pares de opositos, terá chegado à compaixão. Se deseja tudo, os deuses lhe darão. Mas você deve estar pronto para isso. A meta da jornada do herói até o ponto da jóia consiste em descobrir os níveis da psique que se abrem, se abrem, se abrem e finalmente se abrem para o mistério de seu si-mesmo. Sua consciência búdica ou cristica. Você precisa voltar com o êxtase e integrá-lo. Retornar é ver a fulgorância em toda parte.

JANAÍNA

Maravilha de texto! Vamos à nossa arte de viver. Na concepção do Cd duplo o mais importante é criar novas pontes, afinal viemos do Recife. O Brasil, como todo país jovem, tem problemas de identidade. No século dezenove quisemos ser franceses e no século vinte norte-americanos. Em Pernambuco somos indígenas, portugueses, árabes e africanos, mas quisemos ser holandeses e italianos: a nossa capital é a Veneza brasileira!

DIONÍSIO

Todos querem ser o outro, mas em São Paulo quem é o outro? Aqui o leque de etnias é tão grande que as identidades explodem. Bandeirante pra mim é Volpi! Conversando com um amigo paulistano eu disse que o carnaval daqui é a Virada Cultural, ele rebateu: aqui são tantos os pólos de animação que todo dia é carnaval. Essa agonia brasileira por identidade tinha a ver também com nossa baixa estima, mas agora descobrimos que a falta de identidade é uma vantagem, porque aumenta nossa porosidade. As pontes que imaginamos são as trocas culturais entre as cidades planetárias, mas no Brasil há um fluxo histórico entre o Nordeste e São Paulo: os pioneiros foram os pedreiros, aqueles que edificaram a cidade; dando um salto histórico, houve um fluxo entre modernistas e tropicalistas e agora a troca é mais uma vez na música. O

menos/me traga os acenos/da
moça que vende comida/e atiça
uma fome/que quanto mais se
come/mais fome se acende/na
volta me traga uma
lenda/comprada na venda

caminho do cais/não custa,
maninha vem logo/que eu
queimo no fogo/do meu quero
mais/amor/me botou como

sócio/a vida não dá marcha
ré/destino instalou seu
negócio/lá no Mercado de São
José.

Walmir Chagas Véio Mangaba e Sílvio
Roberto
Mercado de São José

Não se assuste pessoa/se

eu lhe disser que a vida é

boa/enquanto eles se

batem/dê um rolê e você

vai ouvir/apenas quem já

dizia/eu não tenho

nada/antes de você ser,

eu sou/eu sou amor da

cabeça aos pés/e só tô

beijando o rosto de quem

dá valor/prá quem vale

mais um rosto do que

cem mil réis/eu sou, eu

fluxo contínuo entre os músicos que moram em Recife com os que moram em São Paulo criou um novo vínculo entre as cidades, principalmente a partir dos pólos multiculturais, dos carnavalescos de Recife e Olinda e do São João de Caruaru. Junio Barreto é um dos compositores e cantores que fazem a ponte Nordeste-Sampa. Nós somos caruaruenses. Tomados por um regionalismo desabrido e exacerbado, uma vez tivemos uma conversa e concluímos, às gargalhadas, de que sem a música *Pipoca Moderna*, da Banda de Pífanos de Caruaru, não existiria a Tropicália.

JANAÍNA

A disponibilidade crescente das novas tecnologias, que permite gravações domésticas de boa qualidade, foi um fator importante para a perda de poder das grandes gravadoras. Os artistas novos fazem a pirataria de si mesmos, antecipando o lançamento de seus futuros CDs, e divulgá-los por todos os meios internauticos. Hermes, esses que estão mais próximos de nós, não se constituem em um movimento, como a Bossa Nova, a Jovem Guarda, a Tropicália, o Clube da Esquina, a Vanguarda Paulista, o Pessoal do Ceará ou o Mangue Beat, são mais uma rede afetiva de solidariedade e parceria. Fazem muitos shows, antes da gravação dos CDs. Há maior liberdade criativa, mas isso não significa total autonomia em relação à obra, porque é alto o custo financeiro para se contratar um estúdio bem equipado.

HERMES

Vamos cantar a música que fiz para a letra *Poeta Gentileza*, que Dionísio me mandou por e-mail:

A pessoa que decidiu ser gentil/Em tempo integral/Tem certeza/De que gentileza só gera gentileza/E mesmo quando seu gesto/Anônimo, sutil/É susto, equívoco/Aproveita o momento/Pra criar outro movimento/Abraço é sem tempo.



Perto do fogo/como faziam os

hippies/perto do fogo como na

idade média/eu quero queimar

minha erva/eu quero estar

perto do fogo/fogo, fogo,

fogo/perto do fogo quando

tudo explodir/mas não vai

explodir nada/vão ficar só se

olhando os homens e dizendo

contentes/está chegando /

ficar perto do fogo/meu amor.

Rita Lee e Cazuza
Perto do fogo

sou amor da cabeça aos
pés.

Morais Morgira e Galvão
Dê um rolê

Só louco/amou como eu

amei/só louco/quis o bem
que eu quis/oh, insensato
coração/por que me
fizeste sofrer/porque de
amor para entender/é

preciso amar/porque/só
louco.

Dorival Caymmi
Só louco

Sé toda
coincidência/tende a que

DIONÍSIO

A música ficou bonita e delicada, Hermes. Acho que podemos incluí-la no Cd, o que acha Janaína?

JANAÍNA

Sim e mais outra parceria de vocês, a ciranda *A Volta da Lua*, para encerrar o segundo Cd. Mas ainda quero cantar uma minha com Dionísio, *O último show de Cazuza* e a parceria de Maurício Cavalcanti e Dionísio, *Borboleta*. Cantemos:

Eu vi, ouvi, o último show de Cazuza/A morte estava viva/Enquanto o artista brilhava/Transparente tal uma bolha de luz/A certeza de uma esfinge egípcia/Inteiro feito um menino-homem: Jesus/Eu vi, ouvi, o último show de Cazuza/A vida se afirmava/Como nunca, como brasa/O coração, a coragem/Em cada passo da viagem/A ternura por toda criação/A vontade: um furacão/Eu vi, ouvi, o último show de Cazuza/A Terra mais rápida girava/Ele enorme, mesmo quando sentava/Todo amplo, todo entrega escancarada/O suor em seu corpo era água, sal, era chão/E em cada poro brotava árvore, muitas, mãos.

Leve borboleta leve/Meu espírito em tua direção/Pena, palha, folha/Pousa, pausa/Abre as asas da imaginação/Me arrojeia borboleta e dança/Dança e me ensina a dançar/Beija borboleta beija/Bate palmas e sorri.

HERMES

Janaína, pelo que entendi você quer ser um ponto de encontro entre esses novos compositores, ser a ponte, através das suas músicas e dos seus cantos, em participações especiais. Os arranjos serão coletivos, mas gostei da produção ser de Gustavo Ruiz, ele já fez muito bem a de Juliana Kehl e a de Tulipa Ruiz e é um dos que têm a visão mais panorâmica do grupo. Janaína tinha-me enviado os dois Cds, quando ainda estava no México. Vai ser uma grande alegria conhecer e tocar com esses músicos!

Precário, provisório,

perecível/falível, transitório,

transitivo/efêmero, fugaz e

passageiro/eis aqui um

vivo/impuro, imperfeito,

impermanente/incerto,

incompleto,

inconstante/Instável, variável,

defectivo/eis aqui um vivo/e

apesar do tráfico, do tráfego

equívoco/do tóxico do trânsito

nocivo/da droga do indigesto

digestivo/do câncer vir do

cerne do ser vivo/da mente, o

mal do ente coletivo/do sangue,

se entenda/e toda

lenda/quer chegar aqui/a

ciéncia não se aprende/a

ciéncia aprende/a

ciéncia em si/se toda

estrela cadente/cai pra

fazer sentido/e todo

mito/quer ter carne

aqui/a ciéncia não se

ensina/a ciéncia

insémina/a ciéncia em

si/se o que se pode ver,

ouvir, pegar, medir,

pesar/do avião a jato ao

jabutí/desperta o que

JANAÍNA

Vamos repassar o elenco. Nas guitarras: Luiz Chagas e Péricles Cavalcanti. Gustavo também toca guitarra, mas será mais constante no baixo. No acordeom: Marcelo Jeneci. Nos teclados: Dudu Tsuda, Wagner Tiso e Hermes, na percussão e bateria: Simone Soul. Quero que o *making off* seja com Nina Cavalcanti, ela fez um ótimo com Arnaldo Antunes e é uma cineasta muito criativa.

DIONÍSIO

Por falar em *making off*, vou contar como conhecemos esses artistas: o primeiro encontro aconteceu no carnaval de Olinda e Recife. Eles foram tocar nos pólos multiculturais. Gustavo Ruiz deu-me de presente o Cd, ainda sem mixagem, de Juliana Kehl e mais dois: *Composição e Filme Brasileiro*, de um conjunto de que participava: o *Dona Zica*. Uma das músicas de Juliana, que vamos incluir no repertório de Janaína, é uma parceria com Gustavo, que evoca Guimarães Rosa, a ausência de fronteira no mundo vivo e suas metamorfoses, *Diádorim*:

Mas eu nunca vi o sertão/e você que viu não sabe/o sertão é do lado de dentro, irmão/e bate e queima e arde e tem miragem/mulher virando bicho/bicho virando homem/homem virando criança/criança virando flor/diádorim deamar deamo ô/diádorim adorar dia da ô.

Dudu Tsuda e Tatá Aeroplano, que também participavam de vários grupos, levou-nos os dois primeiros discos do *Cérebro Eletrônico: Pareço Moderno e Onda Híbrida Ressonante*. E Alfredo Bello nos presenteou com Cd *Projeto CRU: Consciência, Radicalismo e União*. Os artistas: Tiê, Anelis Assumpção, Tatá Aeroplano, Simone Soul, Marcelo Monteiro, Andréia Dias, Iara Rennó, Mariana Aydar, Karina Buhr e Thiago Pethit, só conhecemos depois, aqui em Sampa. No carnaval seguinte, foi a vez de Tulipa Ruiz, Mônica Tarantino e Luiz Chagas. Itamar Assumpção e Luiz tocaram juntos no *Isca de Polícia*, que tem as cantoras Suzana Salles e Vânge

o mal do soropositivo/e apesar

dessas e outras/o vivo afirma,

firme, afirmativo/o que mais

vale é estar vivo/não feito, não

perfeito, não completo/não

satisffeito, nunca, não

contente/não acabado, não

definitivo/eis aqui um vivo/eis-

me aqui.

Lenine e Carlos Rennó
VIVO

Sim/eu poderia fugir, meu

amor/eu poderia partir/sem

dizer pra onde vou/nem se devo

voltar/sim/eu poderia morrer de

dor/eu poderia morrer/e me

ainda não, não se pôde
pensar/do sono eterno
ao eterno devir/como a
órbita da Terra abraço o
vácuo devagar/para
alcançar o que já estava
aqui/se a crença quer se
materializar/tanto quanto
a experiência quer se
abstrair/a ciência não
avança/a ciência
alcança/a ciência em si.

Gilberto Gil e Arnaldo Antunes
A ciência em si

Milliet, o baixo de Paulo Lepetit e bateria de Marco Costa. O pai de Luiz Chagas deu uns toques para o também grande guitarrista Lanny. Luiz já viveu tanta maluquice que, talvez por isso, quando perguntamos como vai responde com o seu bordão: normal. Luiz é o primeiro tradutor, no Brasil, do livro *Flashback*, de Timothy Leary, o acadêmico pop que convocou os jovens universitários a experimentarem LSD e, de acordo com sua vontade, suas cinzas foram soltas no espaço sideral, levadas pela nave *Pegasus*. Luiz sabe tudo sobre rock e é uma enciclopédia dos Beatles. Luiz é casado com Mônica Tarantino, minha amiga, confidente e cúmplice de sincronicidades: a cada momento em que concluímos um capítulo da nossa narrativa ela misteriosamente sabe e entra em contato comigo. É muito antenada, festeira e gosta de juntar gente. No momento é jornalista da área de saúde e sabe mais do assunto do que muitos médicos que conheço. É esse o núcleo de origem que me adotou em Sampa e a partir dessas festas maravilhosas, é que as portas se abriram para os encontros e convivências. Outro núcleo é a casa de Dudu Tsuđa. Ele é um músico excelente, compõe sinfonias, um luxo de silêncio nesses tempos. É um personagem muito criativo, leve e múltiplo. Quando ainda fazia graduação na PUC, porque falava francês, foi convocado para receber o filósofo Jean Baudrillard, no aeroporto. Estava com um cartaz, mas ninguém se apresentou. No final restaram ele e um velhinho, que não sabia quem era Dudu Tsuđa: o nome no cartaz. O filósofo estava aborrecido, mas ficou amigo dele, depois que juntos deram umas bundacanâsticas no Ibirapuera. Foi na casa de Dudu que conheci Nina e Leo Cavalcanti, um compositor inspirado, com grande presença cênica e que está na fase de mixagem do seu Cd. Só depois, através deles, em Pompéia, no Sesc, conheci seu pai Péricles Cavalcanti, e viemos aqui para o Athênas. Esse é uma curiosa coincidência de nomes: Pompéia, em Roma, para Atenas, na Grécia, com a famosa democracia ateniense. Além de ser um grande compositor e leitor, Péricles é um cinéfilo apaixonado. Lídia Chaib, casada com Péricles, é uma mulher valente e amorosa. Além de produtora musical, Lídia tem livros publicados

serenizar/ah/eu poderia ficar
sempre assim/como uma casa
sombria/uma casa vazia/sem luz
nem calor/mas/quero as janelas
abrir/para que o sol possa
vir/iluminar nosso amor.

Tom Jobim e Vinícius de
Moraes
Janelas abertas

Menina amanhã de
manhã/quando a gente
acordar/quero te dizer/que a
felicidade vai/desabar sobre os
homens/vai/desabar sobre os
homens/menina ela mete
medo/menina ela fecha a
roda/menina não tem saída/de

Picture yourself in a boat

on a river/With tangerine

trees and marmalade

skies/somebody calls

you, you answer quite

slowly/a girl with

kaleidoscope

eyes/Cellophane flowers

of yellow and

green/Towering over

your head/look for the

girl with sun in her

eyes/and she's

gone/Lucy in the sky with

sobre Candomblé. Esse é o terceiro núcleo amoroso por quem fui adotado. No meio da zoeira, esses núcleos de amizade são vitais para minha sustentação afetiva, para o meu aconchego e alegria.

Vocês chegaram no melhor momento: o do show de lançamento do Cd da cantora, desenhista e compositora Tulipa Ruiz, no Ibirapuera. Vamos encontrar todo pessoal lá. Tulipa, antes do início da carreira, trabalhava em várias escolinhas de arte, na periferia de São Paulo. Pegava uns dez ônibus por dia. Conta que chegava exausta, mas antes de cair na cama, ouvia uma voz forte, de incentivo, em seus ouvidos: Guerreira! Na preparação do seu show tive um sonho, que deveria ser mais dela do que meu: estava quase na hora de começar o show e não tinha quase ninguém no grande auditório do Ibirapuera. De repente, descubro que a saída da Estação da Luz passava por dentro do teatro, que logo ficou lotado. Alguns dias depois teve a Virada Cultural e o show dela aconteceu na saída da Estação da Luz. Quando lhe falei do sonho, ela me contou que tinha acordado, no meio da noite e ainda estava naquela zona imprecisa entre o sonho e a vigília, quando sentiu a presença de um ente de Luz, que intuiu ser o Arcanjo Miguel. Conto esses sonhos não para fazer proselitismo, mas para constatar a rede sutil de amorosa solidariedade criativa que nos harmoniza. Há um grande sonho que compartilho com Janaína: como artista, de todas as maneiras, em qualquer função ou posição que esteja, quero retribuir ao máximo tudo que recebo da Música Brasileira!

JANAÍNA

Se há algo absoluto na vida é a nossa interdependência. O pessoal do calendário Maya e esse grupo de artistas fazem parte de uma movimentação mundial que está na contracorrente das *Sociedades de Dominação*, que se caracterizam pelo controle, competição, predação, hierarquia e belicosidade. Essa nosso pessoal busca outras possibilidades: as *Sociedades de Parceria*, que estão voltadas para o amor, a

cima de banda ou de

lado/menina olhe pra frente/oh,

menina tenha cuidado/não

queira dormir no ponto/segure

o jogo atenção de

manhã/menina a felicidade é

cheia de praça/é cheia de

traça/é cheia de lata/é cheia de

graça/menina a felicidade é

feita de pano/é cheia de peno/é

cheia de sino/é cheia de

sono/menina a felicidade é

cheia de ano/é cheia de eno/é

cheia de hino/é cheia de

onu/menina a felicidade é cheia

de an/é cheia de en/é cheia de

diamonds/follow her

down to a bridge by a

fountain/where rocking

horse people eat

marshmallow

pies/everyone smiles as

you drift past the

flowers/that grow so

incredibly

high/newspaper taxis

appear on the

shore/waiting to take you

away/climb in the back

with your head in the

clouds/and you're

gentileza, a cooperação, a mútua responsabilidade, a solidariedade, o respeito, a simbiose e as relações horizontais.

O mundo é uma caminhada quando se pisa no chão de pé descalço, peito aberto e coração/E quem só pisá de sapato cuidado de antemão/Que fura pedra, entra pelo vão/Tem muita gente no caminho indicando a direção/Só faz sentido quem conhece a contramão/E quem discursa e não escuta a palavra do irmão/Tropeça no pé, engasga na solidão.

HERMES

Janaína, essa sua observação nos remete ao início da nossa conversa: à Grécia, a Creta, e mesmo antes. A radical mudança das sociedades ocidentais não ocorreu simplesmente em função das guerras de conquista, contudo a guerra é um instrumento essencial da substituição do *modelo de parceria pelo de dominação*. É provável que Creta tenha sido a última civilização baseada na *parceria*. Depois de cinco mil anos de vida numa sociedade de dominação, é muito difícil imaginar um mundo diferente. *Sociedades de parceria*, mesmo pequenas e restritas, nunca deixaram de existir, quase como um aceno de esperança. Mais do que pela potência em si, a sensação da falta de poder, é quem cria a necessidade de dominação e controle. Sem temores, defesas ou desconfianças, podemos e queremos compartilhar o poder: consciência, crescimento, realização. A competição equilibrada pela cooperação, e o individualismo pelo amor. A grande mudança de consciência que buscamos é a das *Sociedades de Dominação* para as de *Parceria*.

DIONÍSIO

Vamos pegar um símbolo da dominação: o automóvel. Vocês estão sentindo os olhos ardendo, o nariz irritado e a pele seca. É preciso dizer e repetir muitas vezes, como um mantra: *não é normal ver o ar que se respira!* Essa é a situação das metrópoles planetárias. Há uma tirania do automóvel em um planeta poluído. Ele é o grande vilão: é o maior poluidor atmosférico

in/é cheia de oh/menina a

felicidade é cheia a/é cheia de

e/é cheia de i/é cheia o.

Tom Zé
Menina amanhã de manhã

Silêncio, por favor/enquanto

esqueço um pouco/a dor no

peito/não diga nada sobre meus

defeitos/eu não me lembro

mais/quem me deixou assim/hoje

eu quero apenas/uma pausa de

mil compassos/para ver as

meninas/e nada mais nos

braços/só esse amor assim

descontraído/quem sabe de

gone/Lucy in the sky with
diamonds/picture
yourself on a train in a
station/with plasticine
porters with looking
glass ties/suddenly
someone is there at the
turnstile/the girl with
kaleidoscope eyes.

John Lennon e Paul Mearney
Lucy in the sky with diamonds

A razão porque mando

um sorriso/e não corro/é
que andei levando a
vida/quase morto/quero

e sonoro; transforma o pedestre em um inimigo e pobre coitado; é a prioridade máxima no planejamento das cidades e destrói o espaço urbano; diminui a qualidade de vida; tira a prioridade do transporte urbano; é o maior mercado da indústria do petróleo, que fomenta a guerra, e já nem cumpre a função questionável de nos levar mais rápido. Quem começou a mexer fundamentalmente com o tempo e os ritmos da vida foi o automóvel. Ouçam essa entrevista do cineasta brasileiro Domingos de Oliveira, sobre o tempo:

O presente não é nada. Ele é uma ligação entre o passado e o futuro, ninguém consegue pegá-lo. O passado é uma operação mental, um jeito que inventamos de continuar a ser aquilo que não somos mais. O futuro é o astro. Nós somos puro projeto, puro lançar-se sobre o futuro. Sem o tempo, os instantes seriam eternos. O tempo não para e a arte é um ato de revolta contra a fugacidade das coisas. Todo mundo tem a sua visão do mundo, mas o artista é aquele que cisma que a visão dele tem que ser comunicada aos outros, achando que pode ser muito bom para os outros. Ele cisma isso. Existem dois tipos de liberdade. A liberdade da arte, em que você descobre que pode fazer tudo, que não tem ninguém te mandando, nenhuma limitação para o artista. O segundo tipo de liberdade é maior, é quando você pega toda essa primeira liberdade e, porque você quer, livremente, entrega-a para os outros. Se o mundo fosse compreensível, não haveria arte. A arte é uma pesquisa do mistério, e esse mistério é o que nos une a todos. De modo que criar é, de alguma forma, se unir ao outro.

É pelo automóvel que devemos iniciar algo. Como desmontar uma economia global que tem o petróleo como a principal fonte de energia? Simplificando muito: o petróleo é o sangue da Terra. Sua composição principal é de matéria orgânica: vegetal e animal. Ele é vital para a renovação do húmus, a camada de terra fértil. Estamos queimando e sacrificando o sangue e a carne da Terra.

tudo, não fale/quem não sabe
nada se cale/se for preciso eu
repito/porque hoje eu vou
fazer/ao meu jeito eu vou
fazer/um samba sobre o infinito.

Paulinho da Viola
Para ver as meninas

Eu te vejo sumir por aí/te avisei
que a cidade era um vazio/dá tua
mão/olha pra mim/não faz
assim/não vai lá não/os letreiros
a te colorir/embaraçam a minha
visão/eu te vi suspirar de
aflição/e sair da sessão frouxa

fechar a ferida/quero

estancar o sangue/e

sepultar bem longe/o que

restou da camisa

colorida/ que cobria

minha dor/meu amor, eu

não me esqueço/não se

esqueça por favor/que

voltarei depressa/tão

logo a noite acabe/tão

logo esse tempo

passe/para beijar você.

Paulinho da Viola
para um amor no Recife

HERMES

Primeiro é preciso desincorporar o deus *Atlas*: tirar o mundo das costas. E também não devemos nos intimidar com o tamanho da obra. Vamos é ampliar nossa micropolítica.

Viver ou morrer/É o de menos/A vida inteira pode ser qualquer momento/Ser feliz ou não/Questão de talento/Leve a semente vai onde o vento levá/Gente pesa/Por mais que invente/Só vai onde pisa.

É curioso, fascinante, que nesse início de milênio possa existir uma ciência com o nome de *Caos*. É como se a gente estivesse deixando de temer a desordem, o inconsciente, o acaso, o inesperado, o imprevisível, o tumulto do mundo e dos desejos. A teoria da nova ciência do *Caos* refere-se a uma interconectividade subjacente, que existe entre fatos aparentemente aleatórios. Enfoca matrizes, padrões ocultos, a sensibilidade das coisas e os modos que regem os meios pelos quais o imprevisível causa o novo. É uma tentativa de compreender a criatividade: os movimentos que criam as tempestades, furacões, padrões climáticos, rios turbulentos, litorais nodosos, o trânsito, a bolsa de valores e todos os tipos de padrões complexos, desde deltas de rios até os nervos e vasos sanguíneos do nosso corpo.

A teoria do *Caos* nos impulsiona para além da simplicidade e da complexidade, da objetividade e da subjetividade, meu ponto de vista em oposição ao seu, a ordem e o acaso, poder aberto versus influência sutil, controle versus incerteza. Ela transcende essas e outras qualidades por trás do nosso pensamento e abastece de energia nossos estereótipos e nossas projeções. A teoria do *Caos* mostra que é uma ilusão separar o eu do outro, e que pode ser igualmente ilusório imaginar uma fusão falsa ou inautêntica do eu com o outro. Para alguns filósofos o universo era uma plenitude. Para outros, um vácuo. Para alguns, a realidade era um eterno fluxo de infinidável transformação; para outros átomos indestrutíveis e indivisíveis. Aprendemos que temos de escolher entre o livre-arbítrio e o determinismo, entre mente e corpo, entre

de rir/já te vejo brincando,

gostando de ser/tua sombra a se

multiplicar/nos teus olhos

também posso ver/as vitrines te

vendo passar/na galeria/Cada

clarão/é como um dia/abrindo

um salão/passas em

exposição/passas sem ver teu

vigia/catando a poesia/que

entornas no chão.

Chico Buarque
Vitrines

Juro que não vai doer se um dia

eu roubar/o seu anel de

brilhantes/afinal de contas dei

Entre a célula e o céu/o

DNA e Deus/o quark e a

Via Láctea/a bactéria e a

galáxia/entre o agora e o

eon/o íon e o Orion/a luz

e o magnéton/entre a

estrela e o elétron/entre o

glóbulo e o globo

blue/eu, um cosmos em

mim só/um átimo de

pó/assim;do yang ao

yin/eu e o nada não/o

vasto, vasto vão/do

espaço até o spin/do

sem-fim além de mim/ao

criação contínua e um único big bang, entre a ordem e o caos. Desejamos escapar às tensões da ambiguidade e da incerteza, mas, quanto mais energia depositamos em um polo de uma dualidade, mais ela assume a carga do seu oposto. Como podemos nos livrar dos domínios dessas dualidades? A teoria do *Caos* sugere que a ironia, a metáfora e o humor ajudam a ultrapassar a dualidade e atingir uma nova clareza de visão. A arte, a música, o teatro e os rituais sagrados, assim como as disciplinas de muitas das tradições de sabedoria do mundo, fazem uso de formas ricas e ambíguas para escapar da armadilha da dualidade. A teoria do *Caos*, com sua aceitação simultânea da simplicidade e da complexidade, da ordem e do caos, do um e dos muitos, do eu e do outro, é a que mais se aproxima da sabedoria tradicional do mundo. O *Caos* convida-nos a adotar novas maneiras de vida, a andar na corda bamba entre simplificar demais escolhas por ignorar sutilezas e complicar muito a ação direta e as decisões claras. Comparadas às intensas forças que atuam no mundo, uma borboleta batendo asas não parece ter muito poder. Contudo, um antigo provérbio chinês diz que o poder das asas de uma borboleta pode ser sentido do outro lado do mundo. A teoria do *Caos* ilustrou essa sabedoria: pequenas causas, não-lineares, provocam grandes efeitos. O escritor Robert Musil, em seu livro *Um homem sem qualidades*, diz:

O somatório social dos pequenos esforços cotidianos de todos, especialmente quando reunidos, sem dúvida libera muito mais energia do que os raros feitos heróicos.

A consciência é um sistema aberto, assim como o tempo. É moldada pela linguagem, pela sociedade e por todas as interações do nosso dia-a-dia. Todos nós somos aspectos da consciência coletiva do mundo, cujo conteúdo é alterado constantemente pelas forças do caos que cada indivíduo expressa. Nada se encontra fixado em absoluto. Através do caos, uma pessoa ou um pequeno grupo podem influenciar o mundo inteiro de maneira profunda e sutil.

meu coração/e você pôs na

estante/como um troféu/no

meio das bugigangas/você me

deixou de tanga/ai de mim que

sou romântica/kiss baby, kiss me

baby, kiss me/pena que você não

me quis/não me suicidei por um

triz/ai de mim que sou

assim/quando eu me sinto um

pouco rejeitada/me dá um nó na

garganta/choro até secar a alma

de toda mágoa/depois eu parto

pra outra/como um mutante/no

fundo sempre sozinho/seguindo

o meu caminho/ai de mim que

sou romântica/kiss baby, kiss me

sem-fim aquém de
mim/den'de mim.

Gilberto Gil e Carlos Rennó
Álbum de pó

Dispara o trem bala veloz
feito luzes/e integra a
estaçāo razāo à
intuiçāo/por meio do teu
nome ausente em mim
reluzes/enquanto o
garotinho empurra o seu
limāo/a blitz ali na frente
diz que aqui a onda/tá
mais pro Haiti do que pro
Havaí/se as coisas nos
reduzem a nada/do nada
simplesmente temos que

DIONÍSIO

O exemplo de uma quebra de dualidades é saber, simultaneamente, não só sofrer juntos: a compaixāo, como também saber gozar juntos: a congratulaçāo. Acho que alguma tēcnica corporal, que envolva meditaçāo é vital. Antes de falar sobre minha experiecia de meditaçāo, quero ler pra vocēs o que diz o físcio David Bohm:

baby, kiss me/peña que vocē não
me quis/não me suiciei por um
triz/ai de mim que sou
romântica.

Rita Lee e Roberto Carvalho
Mutante

*A palavra saúde vem do latim *salus*, *salutis*, e significa salvaçāo, conservaçāo da vida, cura, bem-estar. A palavra latina *mederi*, que significa curar, raiz tambēm da moderna palavra medicina, deriva de uma raiz que significa medir. Isto reflete a visāo de que a saúde físcia deve ser vista como o resultado de uma justa medida interna em todas as partes e processos do corpo. De modo semelhante, a palavra moderaçāo, que descreve uma das mais antigas noçōes de virtude, vem tambēm da mesma raiz, e isso mostra que tal virtude era considerada como o resultado de uma correta medida interna subjacente às ações e comportamentos sociais dos humanos. Por outro lado, a palavra meditaçāo, derivada da mesma raiz, envolve uma espécie de pesagem, ponderaçāo ou medição de todo processo do pensamento, que pode levar as atividades internas da mente a um estado de medida harmoniosa. Portanto, físcia, social e mentalmente, a consciênciā da medida interna das coisas era vista como a chave para uma vida saudável, feliz e harmoniosa.*

JANAÍNA

Engraçado é que a *Harmonia* é filha de *Ares*, o deus grego da Guerra, que corresponde ao Marte romano, e *Afrodite*, a *Vénus* romana: *Deusa do Amor*. No sistema solar, a Terra estā entre Vénus e Marte, o Amor e a Guerra. No jogo dos contrários, a Terra é o lugar da *Harmonia*!

DIONÍSIO

Meditaçāo é movimento e quietude, respiraçāo e silêncio. O movimento é uma dança, uma

Lava a roupa todo dia/que
agonia/na quebrada da
soleira/que chovia/até sonhar
de madrugada/uma moça sem
mancada/uma mulher não deve
vacilar/eu entendo a juventude
transviada/e o auxílio luxuoso
de um pandeiro/até sonhar de
madrugada/uma moça sem

partir/uma criança
chora?/do nada
simplesmente temos que
partir/produzir
vibrações, rotações,
girassóis/danças, saltos,
gravitações/inventar
novas metas e setas que
vão/disparar novos
corações/o céu está
nublado?/as nuvens
serão tela para o filme
que se quer projetar nas
nuvens.

João Bosco, Antônio Cícero &
Wali Salomão
Trem Bala

entrega às expressões do corpo. Seja em movimento ou em quietude, deixar os pensamentos fluírem livremente. Fazer o balanço do dia e o plano para o dia seguinte. Avaliar-se como obra de arte, com todo cuidado, disciplina e rigor, mas sem perder a auto-ternura jamais! O silêncio surge naturalmente no movimento ou no repouso. É nesse instante que o Corpo é Cosmo e o silêncio é a ausculta atenta. A respiração é o ritmo. É rápida e lenta, superficial e profunda. Às vezes entrecortada. Respirar é mais do que a entrada e saída de ar pelos pulmões, é o arejamento do corpo todo: ossos, articulações, músculos, vísceras, vasos, sangue, nervos, pele, pelos. É também o alimento mais sutil. Junto com os gases: oxigênio e nitrogênio respiramos fôtons: partículas da luz. É essa a compreensão indiana da energia vital *prana*: ar e luz. Pronunciar palavras já codificadas, os *mantras*, entoar canções ou escolher palavras que nos toquem o coração, além de aumentar a vibração do corpo, ajudam a sentir a extensão de cada inspiração ou expiração. Por exemplo, a palavra amor pode ser inspirada pela boca, em um sussurro: arrr e expirada: morr. Parece palavra do Profeta Gentileza. Imagens também podem ser usadas: mandalas, figuras geométricas, são os *yantras* dos indianos, e gestos, conhecidos como *mudras*. Todas essas coisas facilitam as conexões, criam padrões de coerência. Gosto de improvisar em tudo, de acordo com o sentimento do momento. Por exemplo, nos gestos: se quero abrir o coração faço gestos de distribuição de dâdivas e sementes, saindo do coração em todas as direções. Para acalmar o meu ser ponho a mão esquerda, a do lado do coração, na testa e a direita, a do cérebro, no coração, fechando assim um circuito e pronuncio: Calma, Dionísio, vai dar tempo pra tudo. Digo muitas vezes, em voz alta, e vou baixando o volume até o silêncio.

mancada/uma mulher não deve
vacilar/cada cara representa
uma mentira/nascimento, vida e
morte/quem diria?/até sonhar
de madrugada/uma moça sem
mancada/uma mulher não deve
vacilar/hoje pode transformar/e
o que diria a juventude?/um dia
você vai chorar/vejo claras
fantasias.

Luiz Melodia
Juventude transviada

JANAÍNA

Já que estamos no Ibirapuera, vamos cantar essa, de Tulipa:

Naquele curiô mora um pessegueiro/Em todo rouxinol tem sempre um jasmíneiro/Todo bem-

Fui na rua pra
brigar/procurar o que
fazer/fui na rua cheirar
cola/arrumar o que
comer/fui na rua jogar
bola/ver o carro
correr/tomar banho de
canal/quando a maré
encher/quando a maré
encher/é pedra que a
apóia tábua/madeira que
apóia telha/saco plástico,
prego, papelão/amarra
saco, cava buraco,
barraco/morada popular
em
propagação/cachorro,
gato, galinha, bicho de
pé/é a população
real/convive em harmonia
normal/faz parte do dia-

te-vi carrega uma paineira/Tem sempre um colibri que gosta de jatobá/Beija-flor é casa de ipê/Cada andorinha é lotada de pinheiro/E o João de-de-barro acolhe o eucalipto/A ordem das árvores não altera o passarinho.

Quem sabe um dia sem poeira porre de ar o Ibirapuera move-se, semeia e floresce por toda Sampa! Aqui no parque, nessa nave-mãe verde, depois desse passeio de bicicleta, o melhor agora é fazermos nossos ritos e reverências à Deusa do Amor: *Afrodite-Vênus*. Lembrei-me do *Filme de Amor*, de Julinho Bressane. Vamos recordar o mito:

Urano, o Céu, ao ser castrado por seu filho e sucessor Crono, o Tempo, teve em seu último orgasmo uma ejaculação tão abundante que o esperma se transformou em espuma do mar: fecundando-o. Afrodite, a mulher nascida das ondas, navegou nua, de pé, em uma concha de madrepérola, levada pelo suave vento amoroso zéfiro até à costa de Chipre. Antes de desembarcar projetou do seu ser uma trindade, as Graças: o Amor, a Beleza e o Prazer. As Graças são representadas nuas porque a generosidade não precisa de aparatos. Para cada benefício que vem, sai de nós, recebemos dois de volta. É o tríplice ritmo do benefício: dar, receber, retribuir. Ao tocar a terra tudo floresceu e ela foi vestida e enfeitada pelas Estações e dançou com as Graças, conhecidas também pelos seus nomes: Aglaia: Luz do Dia; Tália: Primavera e Eufrosina: Alegria. Foram as Graças que teceram as roupas das núpcias de Harmonia e Cadmo, que geraram Sêmele, mãe de Dionísio, fruto da sua união com Zeus. Afrodite gerou muitos filhos, de pais diferentes: com Hermes gerou Hermafrodito, um deus masculino-feminino, que se tornou o símbolo de plenitude da Obra, na Alquimia; com Ares, deus da Guerra, gerou Eros, Harmonia e Fobos, o Medo; com Dionísio gerou Príapo, e com Apolo gerou Himeneu, o deus que conduz o cortejo nupcial. São muitas as aventuras que envolvem Afrodite, como o casamento de seu filho Eros com Psiquê, e as quase impossíveis provas que a mãe impôs à Alma, para que pudesse se unir ao Amor. Outro episódio é a

Não sei se eu estou pirando/ou

se as coisas estão

melhorando/não sei se eu vou

ter algum dinheiro/ou se só vou

cantar no chuveiro/estou no

colo da mãe natureza/ela toma

conta da minha cabeça/é que

eu sei que não adianta mesmo a

gente chorar/a mamãe não dá

sobre mesa/mamãe

natureza/tchu, ru, ru, tchu, ru,

ah!

Rita Lee
Mamãe natureza

a-dia/banheiro, cama,
cozinha no
chão/esperança/fé em
Deus, ilusão/quando a
maré encher/tomar banho
de maré/quando a maré
encher.

Nação Zumbi
Quando a maré encher

disputa causada por *Discórdia*, que daria uma
maçã a mais bela das três deusas: *Hera*, *Atena* ou
Afrodite. *Páris* foi o juiz. Para suborná-lo, cada
uma delas ofereceu suas vantagens. *Hera*
ofereceu-lhe a realeza sobre todos os povos;
Atena o tornaria invencível na guerra e *Afrodite*
conceder-lhe-ia a mão de *Helena*. *Afrodite* saiu
vencedora e isso desencadeou a Guerra de Tróia.
Em Roma, como *Vênus*, além da Deusa do
Amor, era a Deusa dos Jardins e a grande
protetora da cidade, por ser considerada uma
antepassada dos romanos. Sua flor favorita é a
rosa e o animal o pombo, cujo casal puxa seu
carro pelos ares.

No silêncio desta prece vimos pedir-te a paz, a sabedoria, a força/Queremos hoje olhar o mundo com olhos cheios de amor/Queremos ser pacientes, compreensivos, prudentes/Fecha os nossos ouvidos a toda calúnia/Guarda a nossa língua de toda maldade/E que só de bênçãos se encha nossa alma.



Antes de vir ao nosso encontro em Sampa, fui
fazer minhas oferendas, pedir proteção e coragem
à *Yemanjá*. O mar era um espelho, nenhuma
brisa soprava e o sol ainda não tinha nascido. Por
muito tempo fiquei boiando. Quando os raios de
sol tocaram meu corpo e a superfície do mar, o
vento encrespou a água em ondas. Quando fiquei
de pé vi estrelas que pipocavam por toda parte no
colo do mar. Outros já tinham visto antes, por
isso assim representavam a Deusa! A resposta foi
imediata a minha súplica: *Receba mais do que
deseja!*



*Yemanjá abençoou e acolheu-me em seu manto
de estrelas! Chorei, solucei de alegria e quando
falei só sabia dizer: ai minha mãe, minha mãe,
minha mãe. E depois, cantei:*

*Junto a mim, ali só/Ela leva a minha
mão/Acolhe o riso/Nela há muito de
mim/Ainda baste a quem glória possa ser/Nela
só nela/Está tudo/Que doce agrado é o
mar/Nela, só nela, nela/Está tudo/Que doce
agrado, doce agrado, doce agrado/É o mar.*

Todo dia o sol levanta/e a gente canta ao sol de todo dia/finda a tarde, a terra cora/e a gente chora/porque finda a tarde/quando a noite a lua mansa/e a gente dança venerando a noite.

Caetano Veloso
Canto do povo de um lugar

Vamos tirar os sapatos, dar as mãos e puxar esse povo para dançar e cantar com a gente a ciranda *A Volta da Lua*:

Vista do espaço a Terra-Vida/É única bola azul/Vendo mais de perto em zoom/Esse azul é mar/ E uma enorme serpente/Os rios juntos parece/Mas é o povo a cirandar/Quando toda humanidade/Der as mãos em solidária rede/A dança há de ser uma ciranda.

Dentro de si mesmo/mesmo que lá fora/fora de si mesmo/mesmo que distante/e assim por diante/de si mesmo, ad infinitum/tudo de si mesmo/mesmo que pra nada/nada pra si mesmo/mesmo porque tudo/sempre acaba sendo/o que era de se esperar.

Gilberto Gil
Meditação

Somos som sol solos

Meditação de Janaina



Logo no princípio do

mundo, *Yemanjá* já teve

motivos para se desgostar

da humanidade. Pois desde

Cantar é respirar. Caio em mim, Caymmi, pra me aconselhar: o mar. O corpo é flauta: sopro, som, fíat, fôton, fonte, fala, fábula, fiar, fluxo, faro, fome, fogo, feitiço, fascínio, felícia, festança, fruir, frescor, farfalhar, ruflar, sussurrar, borbulhar, gorjeear, murmurar. A voz é do clã d'alegria, da espécie éter e quer explodir, expandir sóis, mitos, rimas, ruínas, ritmos da história, além da poeira do dia sacudir. Minha maior inspiração para cantar é o som da água: a onda que quebra na praia, o fluir dos riachinhos e dos grandes rios, a queda das bicas e cachoeiras, o som da pororoca: o encontro das águas dos rios que desembocam no mar. Pororoca, que palavra engracada! Por dentro, contem outras: pipoca, potoca, roca, poro, oca. É uma palavra tupi *poro'roka*: estorondo, estouro, encontro das águas. Estoura a pipoca, qual água na roca, respinga e toca a pele no oco dos poros e entra no vácuo do corpo, que é minha oca, ecoa potoca de gente que troca lorota, a alegria da conversa boca a boca, o encontro das águas: pororoca. Sem brincar não sei criar, cantar, viver. Nunca quis fazer boca de siri, nem nada de à boca pequena, miúda. Desde cedo comprehendi que meu destino era a boca de cena, botar a boca no mundo, sem papas na língua, arrebentar a boca do balão. A boca que canta fala, come, beija, suga, assobia, grita, vocifera, respira. Nossa galáxia de perfil é uma boca. Hércules mamava em *Hera* e foi arrancado bruscamente do peito. O último puxão do futuro herói foi tão forte que esguichou a *Via Láctea*. Respirar até ser toda pulmonar: esponja, espuma, bolha, mandala. O ar entra pelas narinas, boca, língua, dentes, cordas vocais, traquéia, brônquios, bronquiolos, alvéolos e volta toca cordas, alveolares, palatais, nasais, labiolinguodentais, velares, úvula, campânula ascende-se, o som ressoa no céu da boca *vox: voz*.



Quando *Olodumrê* decidiu

criar a Terra, chamou seu filho

Oxalá, entregou-lhe o saco da

existência e instruiu-o. *Oxalá*

reuniu todos os *Orixá* e

preparou-se, sem perda de

tempo. De saída encontrou-se

cedo os homens e as mulheres jogavam no mar tudo o que a eles não servia.

Os seres humanos sujavam suas águas com lixo, com tudo o que não prestava, velho ou estragado. Até

mesmo cuspiam em Yemanjá, quando não faziam

A emoção de cantar flutua tal onda no mar. Dó, ré, mi, fá, sol, lá, cantar é falar música como expressão de si. A arte nada cala abre alas riso, choro, alegria, desespero, desova, permanente estréia, estonteante e aleatória fúria: *Supernova!* Uma estrela azul, gigante, que rapidamente queima seu combustível e explode fulgurante, para formar outras tantas estrelas e planetas. Elas são tão energéticas que podem brilhar mais do que uma galáxia inteira. Tem gente supernova, que vem para brilhar e rapidamente desaparecer: Janis Joplin, Jimi Hendrix, Elis, Cássia Eller, Noel Rosa, Cazuza, Leila Diniz, Chico Science. Pela vida afora vamos incorporando canções e parcerias fugazes em nossos seres. Elis segue comigo, desde que a conheci e depois, quando juntas cantamos *Meio-termo*, em um show de Rita Lee:

Ah, como eu tenho me enganado/Como tenho me matado/Por ter demais confiado/Nas evidências do amor/Como tenho andado certo/Como tenho andado errado/Por seu carinho inseguro/Por meu caminho deserto/Como tenho me encontrado/Como tenho descoberto/A sombra leve da morte/Passando sempre por perto/E o sentimento mais breve/Rola no ar e descreve/A eterna cicatriz/Mais uma vez/Mais de uma vez/Quase que fui feliz/A barra do amor/É que ele é meio ermo/A barra da morte/É que ela não tem meio-termo.

Dionísio sempre fala em sincronicidades e campos de atrações temáticas. Saí para dar um passeio e ao entrar em uma livraria vejo *O Livro dos Mortos do Rock*. Abro aleatoriamente e encontro esse comentário de Jung:

Os grandes talentos são as mais adoráveis, e, muitas vezes, as mais perigosas frutas da árvore da humanidade. Eles estão presos aos galhos mais finos, que se partem com mais facilidade.

Graças à Deus! Ainda bem que precisa existir simultaneamente o pessoal da manutenção. Sempre que posso faço meditação à beira mar. Quando estou em cidades sem mar lembro, e me consolo, com verso de Jorge de Lima, na *Invenção de Orfeu*:

com *Odùduà*, que lhe disse que só o acompanharia após

realizar suas obrigações

rituais. Já no caminho, *Oxalá*

passou por *Exu*,

o-que-abre-caminhos, e sem o

qual nada pode ser criado.

Exu perguntou-lhe se já tinha

feito as oferendas

propiciatórias, mas *Oxalá* não

se deteve. Nesse meio tempo,

Odùduà consultou *Ifá*, o

oráculo, que revelou: ela

deveria fazer oferendas a *Exu*

e a *Olódùmarè*, que tinha

esquecido de botar no saco da

coisa muito pior. *Yemanjá*

foi queixar-se a *Olódumrè*.

Assim não dava para

continuar; *Yemanjá* vivia

suja, sua casa estava

sempre cheia de porcarias.

Olódumrè ouviu seus

reclamos e deu-lhe o dom de

devolver à praia tudo o que

Há sempre um copo de mar/Para um homem navegar.

Chego à praia antes do sol nascer. Faço *Tai Chi Chuan*. Na civilização chinesa existem três pilares filosóficos: o *taoísta*, o *budista* e o *confucionista*. Essas três formas de pensamento tentam abranger o movimento recursivo e interconectado entre o cósmico, os astros, particularmente o sol e a lua, a natureza, a sociedade, a família, o corpo carnal, o psíquico e o indivíduo. Existe sempre uma área principal que se torna o centro da casa, que atrai todas as energias e direciona todas as atividades. Este centro que atrai todas as energias é simbolicamente o *Eixo* da casa e de todas as coisas. As três tradições utilizam diversas terminologias para a mesma palavra: *Chun*, que significa *Centro*. O *taoísmo* expressa o *Chun* através do *Tao*, que significa, literalmente, *caminho*, mas também *caminhada* ou *caminhante*. Ao mesmo tempo é aquele que está caminhando, o caminho e o ato de caminhar. É também aquele que não está caminhando, o que não foi caminhado e a ausência do caminhar. Essa potencialidade é o *Tao Absoluto*. O *budismo* expressa *Chun* através do *Kuan*, que significa *visão, compreensão, iluminação*. É clareza na consciência, no sentimento, no corpo e no intelecto. É o *pensamento dos iluminados*. O *confucionismo* expressa o *Chun* através do *Yun*, que significa *simplicidade, naturalidade, espontaneidade*. Os humanos devemos ser simples. No confucionismo há uma ênfase sócio-política. Nas três tradições o *Eixo* é o *Caminho, a Visão e a Naturalidade do Centro*. O *Eixo* é o centro onde se encontram as *formas* e o *vazio* do espaço. É o princípio que atravessa a fronteira das formas como vazio, é o ponto de equilíbrio. Esse ponto é o *Tai Chi Chuan*. O *Vazio* não é o nada haver e sim o quase vir a ser. O *Vazio* é *Consciência Transcendental*. É o que permite que tudo se manifeste, está em tudo o que se manifesta e existe antes da manifestação e permanece após a manifestação. Se ficarmos vagando o *Vazio* ou nos apegarmos às *formas*, perdemos o *Eixo*. Quem vive nesta condição de equilíbrio no *Eixo* se torna *Um*. Dessa forma, não se divide entre o que existe e o que não existe, entre o invisível e o visível. Não há dualidade. O ser assim é *Tai Chi*: um *eixo ou ponto*,

existência, e neste momento

Ihe entregou, a terra da

almofada onde se senta.

Odùduà encontra Oxalá

arriado no caminho,

embriagado do sumo de uma

palmeira, que tinha bebido por

causa da sede que Exu lhe

provocara. Olódumrè disse a

Odùduà, que chamassem os

outros Orixás e criassem a

Terra. Tudo é mar: Yemanjá.

Então, Odùduà derramou

terra e disse às 5 galinhas, que

tinham sobrado da oferenda,

que para todos os lados

os humanos jogassem de ruim em suas águas. Desde então as ondas surgiram no mar. As ondas trazem para a terra o que não é do mar.

Reginaldo Prandi.
Mitologia dos Orixás.



além das polaridades. O *Eixo* é a verticalidade que liga o Céu a Terra ou a Cabeça aos Pés. Nós somos a ligação entre Céu e Terra. O *Eixo* vertical é fixo, mas nós nos deslocamos em relação a esse centro, de acordo com nossos movimentos ou posturas: deitados, sentados, inclinados, rolando pelo chão. Essa consciência, sintonia e retorno contínuo ao Eixo é o equilíbrio. O *Tai Chi Chuan* vem do taoísmo, que por sua vez tem como base o *Livro das Mutações: o I Ching*, que concebe tudo como um jogo de polaridades que se alternam e se complementam: yin e yang, lua e sol, úmido e seco, água e fogo, contração e expansão, repouso e movimento, inspiração e expiração. No *Tai Chi Chuan* o que se faz em uma direção, se repete na direção contrária. A observação e a imitação da natureza é uma das suas chaves: os ritmos dos astros, do sol e da lua, das estações, das marés, dos ventos assanhando as árvores, do rígido e do flexível; a imitação do jeito de ser e o movimento dos outros animais: o bater das asas dos pássaros, o passo bamboleante dos elefantes, que os ajudam a dialogar melhor com o eixo da gravidade.

O sol está nascendo. Sento-me, depois do *Tai Chi Chuan*, com um copo d'água ao lado, para que ele também receba os raios de luz que vão me alimentar. Essa é uma compreensão que vem do pesquisador japonês Masaru Emoto, que conheci em Tóquio, e também através da leitura do seu livro, *As Mensagens da Água*, e do filme *Quem somos nós*, sobre as alterações das disposições cristalinas e harmônicas das moléculas da água, dependendo dos locais onde ela foi coletada e das vibrações ambientais no contato. Dois terços dos nossos corpos são constituídos de água, tal como a superfície terrestre, e nossos fluidos são salgados, como a água do mar. Meus olhos estão semicerrados, o que permite a luz passar. A princípio deixo o vermelho vivo tomar conta de todo meu corpo. Esse tipo de luz é bem revigorante. Depois me concentro nos flashes de luz dos mais variados matizes e os acompanho em seus deslocamentos erráticos. Abro os olhos e começo a respiração solar-lunar voluntária. Durante todo tempo da nossa respiração, alternadamente, uma narina está mais aberta à passagem do ar do que a outra. Mas tem

ciscassem. Pra saber se a terra está firme encarrega o camaleão, que logo cria uma infinidade de bichos.

Depois, com todo cuidado, a Terra toca, pisa, dança.

Juana Elbein dos Santos.
Os Nagô e a Morte



momentos em que ambas estão bem abertas. A narina direita é solar e a narina esquerda é lunar. O termo *HaTa Yoga* se refere a isso. Ha: Sol. Ta: Lua. A solar excita e a lunar acalma. A solar é associada ao masculino *Shiva*, o *prazer transcendental* e a lunar a feminina *Shakti*, a *energia criativa*. Deitar-se de um lado ativa a respiração do lado oposto. Para começar a dormir é melhor deitar do lado solar, para ativar o lado lunar, o da serenidade. Nossas mudanças de posição e tosses, durante o sono, são movimentos para reequilibrar as desarmonias da vigília. No momento do amor, a proximidade das narinas opostas do casal, sintoniza melhor os corpos e dá maior prazer aos dois. A respiração solar-lunar voluntária é feita quando se tampa uma das narinas e inspira-se lentamente pela outra, de maneira profunda e retendo o ar por algum tempo, sem desconforto e, lentamente, expira-se pela narina que estava tapada, que é a mesma que volta a inspirar e assim sucessivamente, até um máximo de vinte vezes. Tontura é um sinal de alerta, para parar um pouco, antes de recomeçar. Esse método de respiração nos conduz a uma respiração involuntária mais espontânea, ampla e profunda, que modula nossas emoções, equilibra os batimentos cardíacos, a circulação sanguínea, a temperatura do corpo e aumenta a força vital.



Sinto-me pronta para começar os exercícios vocais. Início com algo simples, como a emissão de vogais e consoantes em diversas oitavas musicais, para aquecer as cordas, temperando-as com água. Em seguida passo a cantar o mantra *OM*, cuja representação gráfica é a dança de *Shiva Nataraja*, o *dançarino cósmico*. *OM* na tradição tântrica indiana é o som-semente, que contem todos os outros: o som da criação. Para pronunciar corretamente é preciso compreender que a vogal *O*, em sânscrito, é considerada uma fusão do *A* e do *U*, então a sílaba *OM* pode também ser escrita e pronunciada *AUM*. Dessa forma, é chamada a sílaba dos quatro elementos: *A*, *U*, *M* e o *Silêncio*, que está antes, depois e ao redor, do qual tudo surge e para dentro do qual todo som retorna, exatamente como o universo, que surge do vazio e retorna ao vazio. Em meio a todo tumulto e ruído do mundo o silêncio, que tudo permeia, é ouvido quando a gente chega e está em repouso no coração. O *A* é



pronunciado com a boca e a garganta bem abertas; o *U* carrega a massa de som adiante; o *M*, um tanto nasalado termina com os lábios fechados até cessar o som. No momento da transição do *U* para *UM*, antes de virar só *M*, é importante dirigir a vibração para o céu da boca, pois com isso se ativa o cérebro, especialmente a hipófise e as suas secreções hormonais, que coordenam várias funções corporais. Alegoricamente se diz que o *A* representa a *Consciência Desperta*, em que os objetos estão separados da consciência que os contempla; o *U* é a *Consciência Onírica*, em que embora os objetos possam parecer diferentes e separados um do outro, eles são o mesmo, ou seja, tudo é o sonhador; e o *M* é o *Sono Profundo sem Sonhos*, em que perdemos a consciência e a mente é uma massa ou um *continuum* indiferenciado da consciência ilimitada ou vazia. Aquele que está *desperto* está consciente apenas do que se tornou; *sonhando* tem consciência do que está se tornando; e no *sono sem sonhos* está dissociado de todo compromisso, restituído ao estado de latência, de caos ou potencialidade primordial, não diferenciado e não especificado, do qual tudo o que algum dia vier a ser, deverá surgir no devido tempo. Jung nos diz algo sobre uma das etapas dessa experiência:

As profundas camadas da psique perdem sua unicidade quando recuam cada vez mais na escuridão. Mais embaixo, isto é, quando elas se aproximam dos sistemas funcionais autônomos, elas se tornam cada vez mais coletivas, até que são universalizadas e extintas na materialidade do corpo, ou seja, nas substâncias químicas. O carbono do corpo é simplesmente carbono. Portanto, no fundo, a psique é simplesmente mundo.



Gosto muito desse provérbio circular: *canto porque sou feliz e sou feliz porque canto*. Sempre me lembro dele e serve de critério de avaliação do bem viver, para mim e para os outros. Pergunto-me: canto e tomo banho de sol todos os dias? Há quanto tempo não os saboreio? Mede o grau de alegria ou tristeza em que me encontro.

As sereias são seres com cabeça e tronco de mulher e na garganta e demais partes do corpo são



pássaros. Mulher e peixe, a qual associamos *Yemanjá*, é algo posterior. Mas quando canto sou pássaro-mulher-peixe e imagino os Ulisses sem amarras mergulhando ao meu encontro e os abraço. As sereias são filhas de *Terpsícore* e *Melpómene*, as *Musas* da dança e da tragédia, e de *Aqueloo*, o deus-rio. São três: *Parténope*, *Leucósiá* e *Lígia*. Uma toca lira, a outra flauta e a terceira canta. Elas são as companheiras de *Perséfone*, antes do rapto de *Hades*, e pediram asas aos deuses para procurar a amiga na terra e no mar.

Minha carreira profissional começou quando conheci Lula Cortês, em Casa Forte, na comunidade criativa formada por Marcelo Mesel e sua irmã Kátia, futura cineasta, que filmaria o poético *Recife de dentro para fora*, sobre o rio Capibaribe e seus personagens, da nascente à foz, inspirada em um poema e com a presença de João Cabral. Casa Forte é um bairro recifense muito antigo e bonito, bem arborizado e à beira do rio Capibaribe. Lula Cortês é um pioneiro do disco independente no Brasil, um visionário, inventor de instrumentos e compositor inspirado. Muitos começaram com ele, como Marconi Notáro e José Ramalho. Lula Cortês associou-se a fábrica de discos *Rozenblit*, cuja tradução do romeno é *Rosa de Sangue*, que também é o título de um dos seus discos. A Rozenblit, até então, só editava discos de frevo. Chico Buarque e Paulinho da Viola tentaram comprar a fábrica, para terem mais autonomia criativa e financeira, mas uma das cheias dos rios recifense inundou-a e deixou o equipamento imprestável, além da perda de muitas matrizes. Estreei publicamente com Lula Cortês, no show de lançamento do seu disco *O Gosto Novo da Vida*. Muito tempo depois, junto com Dionísio, fui aprender a dançar frevo com o mestre Nascimento do Passo e em seguida capoeira, com o mestre *Meia-Noite*, na comunidade de formação artística *Daruê Malungo*, no bairro de Peixinhos, entre Olinda e Recife. Foi lá que conheci Chico Science e Fred Zero Quatro, que seriam os principais criadores da cena pernambucana *Mangue Beat*. Fizemos alguns shows juntos, no Brasil e no exterior. O *Tai Chi Chuan* ainda não tinha entrado em minha vida, mas sem dúvida, intuitivamente, eu já estava procurando o *Eixo* e o nosso



deslocamento e uma das melhores expressões disso são a capoeira e o frevo. Dionísio chegou até a inventar um diálogo entre dois mestres, o indiano Karun, com o Tai Chi Chuan e o mestre Meia-Noite, com a Capoeira. A coreografia foi chamada de *Taichipoeira*. Depois me deu conta que o mote da cena *Mangue, uma parábólica enterrada na lama* tocava no Eixo vertical, que liga o Céu a Terra.



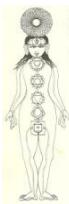
Parei de cantar profissionalmente quando chegaram os filhos, um menino, e logo em seguida, uma menina. Os filhos criados e até uma neta poderiam ser motivos para me aposentar, mas acho que quem aposenta a gente é a morte. Jung se refere a uma preparação instintiva para a morte, que começa na segunda metade da vida. Nesse momento, há uma inversão total dos valores e dos desafios da primeira metade: *garantir a sobrevivência, a descoberta da própria criatividade e o poder de realizar uma obra no mundo*. Corresponde às consciências dos três primeiros *chakras*. A maioria não consegue harmonizar adequadamente esse conjunto de prioridades básicas, que continua essencial na segunda metade da vida, e que se acumula com os novos desafios. Mas, nessa segunda metade, a morte está mais próxima, a vida é mais urgente e precisamos nos livrar do excesso de besteira metida à séria. Se a gente não negar, nem escamotear, a morte dá a justa medida. É o momento de saborear a essência da vida: a *quintessência*. É uma revolução espiritual: trocar Deus por Deus. Precisamos romper com toda tutela, deixar o Deus aprendido de qualquer religião, com seus intermediários e atravessadores, que se esforçam em nos convencer de que somos meros serviços ou mesmo escravos da divindade, e abraçar o Deus que somos todos Nós. Estamos individualizados, mas não separados do todo. Somos o todo na parte, nosso corpo pode acessar essa memória cósmica aos poucos, porque é preciso antes saúde, para não dar curto-circuito no equipamento vivo; o acesso pode também ser momentâneo, o que indica o caminho; ou chegar ao máximo de comunhão com esse mar de memória e captação. Se alguém ainda acredita em hierarquias de valor na obra da criação, acima de Deus está a Mãe de Deus Viva: a Terra.



Partimos a humanidade em duas metades: o Ocidente e o Oriente e ricos e pobres de cada lado. Além de todos os excluídos, negamos a equidade espiritual, econômica, histórica e política entre homens e mulheres, o que dá muito mais da metade da humanidade. Deliramos que esses pólos são inconciliáveis, mas como nossa interdependência é absoluta, somos forçados a nos encontrar e conversar, e aí a brincadeira pode ficar muito mais animada. Não é gratuito esse jogo de noves em nossa narrativa, entre tantos significados está o do tempo da gestação humana da vida, da mulher. A negação do feminino é a negação da vida, da terra, da alma. O machão, que é o masculino com muita dificuldade de aceitar o seu lado feminino, virou um padrão de governo planetário: o capitalismo, que aplica o equivocado darwinismo social, uma espécie de seleção dos mais fortes, leia-se cotoveladas e chutes pra todo lado. Esse tipo de predação é incompatível com a existência planetária. A competição existe, mas na vida a cooperação é predominante e é absoluta a interdependência das espécies. No mercado de valores a velhice não tem boa cotação. E com toda a exploração da imagem da mulher jovem, para vender quase tudo, acreditamos nesse tipo de eternidade. Mas, antes de tudo, é pela falta de consciência da mudança espiritual da segunda metade da vida, que a velhice feminina pode ser muito mais difícil e dramática. Lembro trechos de um poema de Adélia Prado:

Ainda me restam coisas mais potentes que hormônios. Tenho um teclado e cito com elegância Os Maias, A Civilização Asteca. Falo alto, às vezes, para testar a potência, afastar as línguas de trapo me avisando da velhice: Como estás bem!

Gaguejo uma *gag*, à la Woody Allen: a velhice traz sabedoria, por falta de memória. O tempo diz: *tudo é tão efêmero*. E a memória responde: *fora o que a gente esquece, tudo é para sempre*. No essencial nunca desisti de nada e leio algo parecido no jornal: depois de mais de vinte anos, o cineasta Arnaldo Jabor voltou a filmar. Essas coisas me levam às lágrimas. O sucesso dos meus discos no Japão foi a senha de que estava na hora de retornar. O contato com os músicos paulistanos me deixou mais viva





do que nunca! Eles sabem, cultivam e respeitam as nossas matrizes musicais, mas não se deixam intimidar, ao dar continuidade à espiral evolutiva da música brasileira. Dionísio e eu nunca fomos clandestinos, sempre soubemos um do outro, isso é o mais difícil, mas faz sentido passar pela vida se esgueirando pelos cantos? Há um tipo de amor que nunca acaba.

Não se afobe, não/Que nada é pra já/O amor não tem pressa/Ele pode esperar em silêncio/Num fundo de armário/Na posta-restante/Milênios, milênios/No ar/E quem sabe, então/O Rio será/Alguma cidade submersa/Os escafandristas virão/Explorar sua casa/Seus quartos, suas coisas/Sua alma, desvãos/Sábios em vão/Tentarão decifrar/O eco de antigas palavras/Fragmentos de cartas, poemas/Mentiras, retratos/Vestígios de estranha civilização/Não se afobe, não/Que nada é pra já/Amores serão sempre amáveis/Futuros amantes, quiçá/Se amarão sem saber/Com o amor que eu um dia/Deixei pra você.

Na afinação do mundo, é como se fosse uma espécie de diapasão para dois, que harmoniza as diversas frequências e oitavas musicais. Talvez o mundo precise de gente amorosa mais espalhada. Somos um conjunto, seguirei com Dionísio para sempre, mas talvez esse seja o momento do solo: cada um em seu canto. Hermes fez um arranjo inacreditável, parece uma combinação dos maestros Rogério Duprat e Júlio Medaglia, para uma música de Jorge Mautner, Macalé, Walter Franco, Itamar Assumpção ou Arrigo Barnabé. As modulações e ritmos flutuam entre as marchinhas de carnaval, o samba, a bossa nova, os estilos da tropicália, da vanguarda paulista e o samba enredo. É uma surpresa, Dionísio ainda não sabe, mas musiquei e vou incluir no cd duplo, a sua letra: *O Século da Canção*, que escreveu a partir do livro de Luiz Tatit:

Coisas nossas, bossas, do Brasil tropical/Cadete e Bajano cantando/Foi Figner com seu fonógrafo pioneiro/Quem primeiro gravou nossa dicção/Inaugurando no Rio de Janeiro/O Século da Canção/Depois pelo telefone Donga/Da casa de tia Ciata/Entre batuques e umbigadas: Samba/Chamou Sinhô, Pixinga e Noel/Canto e fala



*são o mesmo coloquial/Esse abre-elas trouxe
Chiquinha, marchinhas/E Barro e Babo no
carnaval/Dando vários passos, saltos no
tempo/Tivemos dois movimentos/Bossa Nova e
Tropicália/O primeiro gesto decanta o canto/O
segundo tudo inclui e assimila/Em ênfase
alternam-se, mas vão conjuntos/Esses gestos, ao
longo da História/Na busca do equilíbrio
estético/Quando há excesso: decanta/Se exceto:
mistura/Citar outros nomes e tudo que veio
depois/No leque sem desenlace da dicção/Não
cabe na letra, ouvide Samba da Bênção/E ainda tem
o risco do excesso ou do omissso/Em cada canto
gêneros uni-vos diversos/E o encanto da canção
tai/Este tem sido o rumo desde o início até aqui.*



À beira mar desfio e fio o contínuo reinício, a onda é o meu ritmo. Somos seres aquáticos e a água sempre dribla os obstáculos e em seu percurso busca o caminho mais fácil. Não é critério de valor, mas a vida precisa ser vivida mais como dor do que prazer? Encantam-me pessoas para quem a vida é bem dura, mas não perdem a gentileza, o amor, nem a ternura. O velho menino que Dionísio é tem certeza de que nunca termina a brincadeira. Talvez não haja mesmo fronteira entre conversar, trabalhar, estar de férias, cantar, criar ou brincar. Quem busca sua bem-aventurança encontra festança e haja dança! Talvez a grande pergunta seja: o quê é a Vida? As demais são consequências. E a vida é o corpo de cada célula. Essas coisas me levaram também à biologia, o outro lado do meu ser e exercer.

A célula não-nucleada torna-se nucleada, depois multicelular, ramificando-se em três reinos: fungos, plantas e animais. Cada uma dessas transformações é um gigantesco salto quântico de criatividade. No reino animal, a transformação criativa produz os invertebrados, depois os vertebrados, começando pelos peixes. Dos peixes vêm os anfíbios, depois os répteis. Estes dão um salto até os ramos das aves e dos mamíferos. Quando me lembro dos darwinistas ortodoxos, cheios de tantas certezas e que não veem nenhum sentido ou direção no processo evolutivo, penso no escreveu Darwin, no final da sua vida:



Minha teologia é uma simples confusão. Não consigo ver o universo como o resultado de um acaso cego, mas não vejo evidências de um designio benévolos nos detalhes.

Não parece ter ocorrido a Darwin que era preciso uma evolução da consciência humana, um despertar para um comportamento mais auto-reflexivo, ético e virtuoso. Não sabemos para onde estamos indo, mas brincar no percurso já é divertido. O tecido cósmico se entrelaça cada vez mais veloz. E o que dizer do aumento da complexidade e da velocidade variável na evolução da vida? Há um ritmo lento, darwiniano, semelhante à prosa contínua, gradual, de uma narrativa, mas também existem saltos rápidos, bruscos, rupturas narrativas, intuições poéticas! Se o ambiente na Terra passa por eventos catástroficos, como se pode esperar que a evolução dos organismos seja apenas gradual, ou se afirmar que a extinção de uma espécie se deva apenas aos seus desajustes de adaptação? Esses eventos têm sido identificados como épocas de extinção em massa, seguidas de imensas explosões de outras formas de vida. Quando ocorre uma catástrofe maciça, talvez não seja o mais apto, nem mesmo o mais afortunado aquele que se sai bem, mas sim o mais criativo. Há uma busca nos registros fósseis de elos perdidos e estágios intermediários, mas saltos evolutivos, quânticos, criam vacuos, pulam sequências lineares, darwinianas, e não há estágios intermediários e por isso mesmo não existem fósseis. No caso dos fósseis, novos e súbitos aparecimentos na flora e na fauna são chamados *radiações*. Durante o início da era cenozóica, há 50 milhões de anos, algum tempo depois da extinção dos dinossauros, subitamente os mamíferos apresentaram uma espantosa radiação em 24 ordens diferentes – roedores, coelhos, elefantes, baleias, cetáceos e primatas, entre elas. A era dos mamíferos, que resultou disso, levou apenas 20 milhões de anos para se estabelecer. Depois, a velocidade diminuiu. Os teóricos das catástrofes dizem que esses eventos são importantes porque abrem o panorama evolucionário para macro-organismos recém-criados. Esses eventos criam a sensação de urgência da sobrevivência, para a evolução das espécies que resistiram à catástrofe.





Uma evolução repentina no ambiente exige um salto evolucionário igualmente repentino na espécie. Não há tempo para esperar que a lenta evolução darwiniana proporcione adaptação. No darwinismo, a suposição dominante é que os genes têm a receita completa para construir a forma. Cada variação deve ser selecionada individualmente. A probabilidade de variações isoladas serem benéficas é mínima. O acúmulo de tantas variações genéticas benéficas e de tanta programação em nível somático levaria mais tempo do que a idade do planeta. A possibilidade é o salto quântico. Um importante mistério da biologia é que algumas poucas formas são repetidas várias vezes. Parece que o desenvolvimento da forma biológica é canalizado para se dar em certos caminhos preferenciais. Quando a gente contempla a vida marinha, além da deslumbrante diversidade das espécies, é possível identificar seres que parecem órgãos de nosso próprio corpo, como se a vida experimentasse partes e depois juntasse em um todo, repetindo em outra escala a transição dos unicelulares para os pluricelulares. Um problema para o determinismo genético é que pequenas diferenças no elenco de genes de uma espécie pode produzir grandes diferenças de forma. Entre ratos e humanos os conjuntos genéticos são bastante semelhantes, mas a diferença de formas, funções e complexidade é bem desproporcional à diferença nos genes. Alguns cientistas, entre eles, Rupert Sheldrake, tentam resolver esse problema sugerindo a existência de *campos mórficos*, campos que geram formas:

Os sistemas auto-organizadores, em todos os níveis de complexidade – incluindo moléculas, cristais, células, tecidos, organismos e sociedades de organismos – são organizados por campos mórficos. A maneira pela qual os indivíduos do passado, tais como: moléculas, cristais ou elefantes, influenciam os campos mórficos dos indivíduos atuais que lhes correspondem, depende de um processo chamado ressonância mórfica: a influência do semelhante através do espaço e do tempo. A ressonância mórfica não é afetada pela distância. Não envolve transferência de energia, mas de informação. De acordo com esse ponto de vista, os organismos vivos herdam não somente genes, mas



também campos mórficos. Os genes são transferidos materialmente de seus ancestrais e lhes permitem fabricar determinados tipos de moléculas de proteínas; os campos mórficos são herdados, não-materialmente, por ressonância mórfica, não apenas dos ancestrais diretos, mas também de outros membros da espécie. O organismo em desenvolvimento sintoniza os campos mórficos de sua espécie e, desse modo, tem à sua disposição uma memória coletiva ou de grupo onde colhe informações para esse desenvolvimento.

Rupert Sheldrake fez experiências simples para demonstrar a não-localidade da comunicação: no exato momento em que a dona de um cachorro se levanta de sua escrivaninha no escritório para voltar para casa, o seu cachorro se dirige à janela e começa a esperá-la. Essas concepções de *campos mórficos*, parecem semelhantes ao que a filosofia indiana chama de *akasha*, uma palavra sânscrita que significa éter: espaço que tudo permeia. O *akasha* é considerado o primeiro, e o mais fundamental, dos cinco elementos: *akasha*, ar, fogo, água e terra. *Akasha* abrange as propriedades de todos os cinco elementos. É o ventre de onde emergiu tudo o que percebemos com nossos sentidos e também o imperceptível. É o registro permanente de tudo o que acontece, e que já aconteceu, em todo o universo. No mundo vivo a correlação quase instantânea não pode ser produzida apenas por meio de interações físicas ou químicas, entre moléculas, genes, células e órgãos. A condução de sinal ao longo do sistema nervoso, não pode ocorrer com uma velocidade superior a cerca de vinte metros por segundo, e não pode ocorrer o transporte de grande número de sinal diversificados ao mesmo tempo. Não obstante, há correlações quase-instantâneas, não-lineares, heterogêneas e multidimensionais entre todas as partes do organismo. O nível de coerência no organismo sugere que, sob alguns aspectos, ele é um *sistema quântico macroscópico*. Se reações mais rápidas e mais lentas devem se acomodar dentro de um processo global coerente, as respectivas funções de onda precisam coincidir, e coincidem, em consequência disso, os biólogos quânticos falam em *função de onda macroscópica do organismo*, um conceito matemático que dá expressão formal à





conexão instantânea, que liga todas as partes do organismo. A dinâmica imaginada por Prigogine fornece uma explicação sofisticada, mas basicamente local de como as coisas se relacionam e evoluem no mundo. A dinâmica de *sistema aberto de evolução* se refere a sistemas particulares; as interações com outros sistemas e com o ambiente constituem o que Whitehead chamou *relações externas*. No entanto, Whitehead afirmava que no mundo real todas as relações são *internas*: *cada entidade real é o que é por causa de suas relações com todas as outras entidades reais*. Desse ponto de vista, as coisas estão internamente, intrinsecamente e até mesmo não-localmente conectadas e correlacionadas umas com as outras.

Essas concepções sugerem que algo como a mente pode ir além da sua existência no cérebro. Se a gente procurar, no interior de um aparelho de TV, programas já vistos nada encontraremos, além dos equipamentos e circuitos. O aparelho sintoniza as transmissões, mas não as armazena. Os *chakras*, que servem de modelo da nossa narrativa são campos de consciência individual. Os campos de consciência não precisam estar, necessariamente, nos chakras ou em seus órgãos correspondentes, como por exemplo, o sexto e o sétimo chakras estão na área do cérebro. O *campo mórfico* ou *akhāshico* pode ser a intermediação entre a mente e o cérebro e, por conter toda memória, permite aos chakras, e aos seus órgãos correspondentes, conectarem e acessarem a informação vitalmente necessária.

Gaia, a Deusa Terra, é o ser vivo maior do qual somos parte. É difícil imaginar que temos consciência e a Terra não, já que somos suas células e frutos. A consciência de Gaia nos inclui, mas pela abrangência de todos os seres vivos que compõem esse nosso corpo maior, a biosfera, essa consciência deve ser diversa da nossa. Os *campos mórficos* animam os organismos em todos os níveis de complexidade, das galáxias às girafas, dos átomos às formigas. Eles organizam, integram e coordenam as partes constitutivas dos organismos, de modo que todo sistema se desenvolve de acordo com metas e fins característicos; eles mantêm a integridade do sistema e capacitam-no a regenerar-se após sofrer lesões. Assim, em termos desses princípios gerais,





deveríamos esperar que o *campo mórfico de Gaia* coordenasse seus vários processos constitutivos, tais como a circulação de rochas derretidas em seu interior, a dinâmica da magnetosfera, os movimentos das plataformas continentais, os padrões circulatórios e a composição química dos oceanos e da atmosfera, a regulação da temperatura global e a evolução dos ecossistemas. Em primeiro lugar, isso significa que a pesquisa sobre os campos mórficos de organismos biológicos e químicos, poderia revelar características gerais de tais campos e, desse modo, indiretamente, aprofundar nossa compreensão do *campo mórfico de Gaia*; em segundo lugar, levanta a possibilidade de que Gaia poderia estar interagindo, por *ressonância mórfica*, com outros planetas semelhantes ao nosso, em outros lugares do universo; e, ainda, que por intermédio da auto-ressonância, o campo mórfico de Gaia contém uma memória inerente. À semelhança de outros organismos, Gaia forma hábitos através de padrões repetitivos de atividade. Galáxias e estrelas também representam padrões repetitivos de organização, recaíndo em tipos distintos com ciclos de vida característicos. Talvez esses padrões também sejam habituais; padrões bem-sucedidos de organização galáctica e estelar foram, através da repetição, tornando-se cada vez mais prováveis. O mesmo pode ser verdadeiro com relação aos sistemas solares e planetários. O processo evolutivo da Terra pode estar seguindo um padrão habitual já estabelecido em outros planetas semelhantes. Ou então, talvez o nosso planeta seja o primeiro a seguir esse tipo de caminho e haja outros seguindo os nossos passos.

É muita leitura e elucubração mental para uma beira de praia! Haja sol, vou mergulhar no mar. Eita! Lembrei de *Sábios costumam mentir*, uma música de João Bosco, do disco *Zona de Fronteira*, todo feito em parceria com Wali Salomão e Antônio Cícero. Tem tudo a ver:



Estrelas no escuro/e fenômenos do vir a ser/que os deuses me invejam/eu dou tudo por um mero prazer/Pois o excesso de felicidade/bem do princípio do amor/quando o amor é fatal/mata os deuses de inveja/de um simples mortal/Que são o futuro e o passado/a saudade e a esperança/o amor

*nos convida à viagem/agora e aqui/Quando você
me inflama/o foco da imaginação/vejo como é
relativo/o poder da razão enfim/Sábios costumam
mentir/isso por força do amor por você
aprendi/Não é que eu ame apesar/do absurdo de
amar/mas justamente porque é absurdo sem
par/Que são o futuro e o passado/a saudade e a
esperança?*



A arte de conviver

Meditação de Dionísio

Quem desmonta seu circo fica sem ter aonde ir? Leve, rápido, múltiplo, sede infinita sem raízes, o artista voa, todos os lugares quer ser todas as pessoas, palmas, vaias, rimas, em cada esquina presentes, na vida nada nunca bisa. Resta quem então esquivo dos ritmos da paixão, por medo, siso ou descaso? Um personagem a cada nível de consciência aparece outra sintaxe, ritmo de gente conversa, jeito da vida cadêncio, o espetáculo de cada instante só apavora figurante. No ter, haver, ser e estar, arrancando uma por uma as infinitas cascas, couraças, é possível enganar a todos menos a si mesmo, até a penúltima máscara.

O circo e o teatro estão na minha vida desde a infância. Antes de Carlitos e de Fellini, anterior a televisão e aos zoológicos. Um dia, ao abrir o portão do meu grupo escolar, o deslumbramento: tigre, leão, elefante, zebra, macaco, camelo, girafa: a África! Todos esses bichos bebendo água no tanque da escola, em troca de ingressos, que seriam sorteados entre nós. Era assim que o mundo nos chegava. Em cada cidade uma Itália, Rússia, China, Espanha: Circo Tihany, García, Circo de Moscou. Respeitável público! Hoje tem espetáculo? Tem sim sinhô! Hoje tem marmelada? Tem sim sinhô! E o palhaço o que é? Ladrão de mulher! Nossos olhos enormes no poleiro que vira picadeiro: fios e malhas de aço, globo, motocicletas, precisão, prumo, equilíbrio: funâmbulo. A mulher com a jibóia enroscada pelo corpo lembrava a vedete brasileira *Luz del Fuego* e era a mesma artista que atava e desatava os nós de braços, pernas e pescoço, em um novelo contorcionista. Ela é a grande inspiração da minha técnica. Dramas e palhaços zombando de tudo. Agitado, quieto, engolir o fogo dos dias digerir a longa espera: coxia, espelunca, furada lona lua, charanga, rumba, ancas: delícia, a fera dor, quem doma? Colibri, coxas pra todo lado, a trapezista, mortal salto, chupa a céptica platéia lívida, apreensiva, risonha, vívida, liberta, levita. Extase! Tatuada para sempre a alma pluma: ânsia de liberdade! O desejo de partir, fugir, descobrir, cígano, ambulante, mascate, seguir: andante, errante, amante, sempre avisando que há mundos adiante e que o sentido é durante na estrada da vida, liberdade viva, asas abertas, volúpia, dancemos, entre seres e gentes, o percurso humano em toda parte é ir criando círcos e pontes.

O teatro veio dos dramalhões apresentados nos círcos e da *Paixão de Cristo*, em Nova Jerusalém, Pernambuco. Mas na minha infância tudo estava no início, ainda não era um espetáculo grandioso, mas uma representação feita pelas ruas, entre as pedras da cidade, com o público participante. Meu irmão era amigo dos atores amadores da companhia e na coxia fui apresentado ao Cristo e a Maria. Ela tinha uns olhos azuis maravilhosos! Nossa Senhora foi minha primeira paixão de menino. Quem sabe se não foi a memória desses olhos o que

primeiro me encantou quando vi os de Isadora? No meio do espetáculo tive que ser contido para não agredir os soldados romanos, comovido e revoltado com o sofrimento de Cristo e da minha amada Maria. O nome de minha mãe também é Maria e o do meu pai Dionísio. É nesse labirinto de espelhos e nomes que contemplo as imagens e miragens do meu vir a ser. Minha mãe nunca suspeitou da identidade de destinos míticos entre os deuses Dionísio e Cristo e que, a imitação que me propunha se tornaria um roteiro quase ao pé da letra, na minha *busca iniciática*. Quando meus parentes reclamam da minha loucura, sempre digo: imito Cristo! De mamãe adquiri uma fé que vacila pouco e um senso comunitário, de serviço ao outro, como a ação máxima no mundo. Mas ao contrário das suas convicções, logo comprehendi que a Terra não era o exílio do paraíso, o lugar maldito, e que uma coisa horrorosa como essa, só podia solapar nossa vontade de viver e comprometer nossa reverência e reconhecimento da magnificência da Vida. Não podia concordar com a existência de um pecado original, uma culpa genética da nossa espécie, na qual não temos nenhuma responsabilidade mas que, mesmo depois da vinda de Cristo, o novo Adão, ainda não estávamos completamente libertos; não era possível imaginar um Deus perfeito criando uma hierarquia de valores em sua obra. Mesmo acreditando que a verdadeira vida era depois da morte, minha mãe não se conformava com a imperfeição e a incompletude inerentes à vida e essenciais para sua existência e criatividade. A transferência do valor da vida para depois da morte, não a impediu de amar ao próximo, mas era melhor que ele fosse católico. Era difícil para ela o ecumênico. A repressão sexual foi minha revolta básica. Compreendi que meu compromisso era contribuir para acabar com toda calúnia diante da vida e a tarefa imprescindível era afirmar com todas as forças a delícia da existência terrestre, a começar pelo nosso próprio corpo. Gostava de inverter ou reeditar os *Dez Mandamentos* e o *Sermão da Montanha*:

Amar o Corpo acima de tudo e a Deus como Nós mesmos.

Bem-aventurados os que viram e ainda acharam pouco!

Mãe e pai são nossos personagens principais: somos movidos por seus desejos, gestos, atitudes, exemplos, sonhos e delírios e, mais ainda, por aquilo que não conseguiram realizar. Talvez depois de mortos eles ganhem mais relevância ainda, porque podemos refazê-los na memória como obra nossa, mutável, cheia de novas sutilezas, compreensões e ângulos. Em algum instante esquecemos ou resolvemos nossas dores e começamos a fazer uma edição especial, contínua, dos melhores momentos. É decisivo para a autonomia e a liberdade do nosso destino, que façamos as pazes com esses seres essenciais em nossas matrizes anímicas. É a partir desse garimpo, dessa peneira, do amor e da ternura, que podemos distinguir nossa originalidade e dar continuidade a longa ancestralidade humana.

Meu pai era um sertanejo manso, mas propenso a raias raras, explosivas e fugazes. Nasceu à beira do rio São Francisco, a quem amava tanto quanto ao mar. Durante muitos anos foi mascate de tecidos e com isso conheceu muitas pessoas e lugares. Nunca esqueci um dos seus valores sagrados: *a gratidão é a memória do coração*. Gostava de repetir: *pior do que a*

velhice é morrer jovem. Já sou um velho, mas como a saúde e a flexibilidade são boas, ainda não acredito muito nisso. Daqui em diante o percurso é ainda mais solitário e libertário.

Laranja baía era a sua fruta predileta. Desnudava-a em um lento ritual: de fora para dentro, sem partir a casca, de modo que com ela era possível esculpir outra laranja. Na primeira infância lhe perguntei: o que é felicidade? Não soube responder, mas pediu um prazo. Com tantas perguntas pra fazer, logo esqueci. Um dia me chamou para um passeio em um sítio próximo. Sentamos embaixo de um pé de laranja. Ele repetiu, pacientemente, o ritual, me deu a laranja pra chupar e ficou com o tampo. *Pronto, felicidade é isso: chupar laranja debaixo do pé, com uma faca bem amoladinha!*

Meu pai tinha um enorme medo de morrer, mas mesmo assim estabeleceu um limite: só queria viver com lucidez e autonomia corporal, não depender de ninguém para o cuidado de si. Foi atendido. Nunca se conformou com a existência da morte e não conseguia ver sua compatibilidade com a vida. Mais do que um anagrama já é morte o temor. Essa foi a grande equação que me deu: *como fazer para que o medo da morte não paralise nem envenene o viver?* Não é fácil, porque parece contracorrente: admitir voltar a não-existência, um retorno a uma espécie de nada. Em relação à morte, vinte e três séculos depois, o filósofo grego Epicuro ainda é eficaz: *não há porque temê-la, pois, quando ela está presente, nós já não estamos; enquanto estamos presentes, ela não está.*

Na medida do impossível, em algum momento, tomei uma decisão: não quero deixar nada para depois da vida, nem para outra encarnação. Não quero economizar vida. A minha grande discordância era a compreensão do êxtase como algo incorpóreo. Talvez o êxtase não seja à saída do corpo, mas a descoberta da sua potência: a experiência da multidimensionalidade do ser. E, também, um sair do outro em si, para todos os outros. Dar ao estranho, ao estrangeiro, que todos somos, um lar. Compreendi que era preciso buscar e esboçar uma história do êxtase e da alegria, do sabor, saber, uma arte de viver.

Ser artista do viver é em tempo integral e em todas as instâncias do ser. A arte de conviver estimula e revigora, pelo intercâmbio do saber, em que um alimenta o outro e nessa comunhão e companhia é possível conversar, descobrir e criar outras formas de viver. Desse modo, a troca de afetos e conhecimentos se amplia, incorporando múltiplas perspectivas, e se torna mais multilateral, leve e jovial. O conhecimento não é mero dilettantismo. A vida é cognitiva: existimos porque aprendemos. E, também, não sei se é só um atributo humano ou envolve grande parte dos mamíferos, mas há um grande prazer na amostraçāo que fazemos uns para os outros.

Às vezes, a felicidade é concebida como algo que tem continuidade, uma espécie de visão panorâmica da vida, que inclui a tristeza e outros tantos sentimentos contraditórios, mas que apesar de tudo sente o viver como um bem em si mesmo. A felicidade é oposta à perda do eu que sempre está, em certo grau, pressuposta na própria alegria. A alegria é uma expansão e pelo menos uma perda parcial do eu. A alegria é uma iluminação repentina, um presente, uma experiência de plenitude: a potência de existir. Há uma relação entre existir e

alegria. Em latim, *existere*: existir é aparecer de repente ser; *ex-sistere*: elevar-se para fora; vir do outro mundo, proceder de alguma família; existência é consciência: a passagem da potência ao ato; existir é sustentar-se em cima do nada. Não é essa nossa condição planetária?

A alegria é generosa, quebra as fronteiras que separam o eu do outro, a humanidade da natureza e cria um nós que é toda Terra. A alegria é convicção, firmeza e força que nascem no coração e que se expressa com suavidade e gentileza. A alegria tem o poder de conectar, desobstruir, integrar e redimir. A alegria é a experiência de união com um desejo bruscamente realizado, uma espécie de coincidência momentânea e imaginária do passado e do presente e que se projeta no futuro. É um deleite diante de um bem presente ou que certamente se avizinha. É um movimento da alma: alegria-contagia-epidemia-euforia. É algo que parece ter sido alcançado só parcialmente pelo nosso próprio esforço, uma surpresa, um dom que irradia luz, uma graça! Em grego, etimologicamente, estão relacionadas: *chara* e *charis*, alegria e graça. Lágrimas e risos são intercambiáveis tanto na alegria quanto na tristeza. *O excesso de tristeza ri. O excesso de alegria chora*, diz um provérbio do poeta William Blake. Etimologicamente, a derivação primeira de *joy*, a palavra inglesa para alegria, vem do latim *gaudia*, plural de *gaudium*, por meio do francês antigo e do inglês médio *joie*. A palavra *joy* deriva secundariamente da palavra *joy*, um termo que significa a jóia da arte e alegria eróticas, no *amor cortês* dos poetas provençais. A arte erótica de Provença deu-nos o controle da gulodice e da impaciência por um clímax; o prolongamento do desejo, muito melhor do que a satisfação imediata; a calma, o prazer e a alegria de contemplar lentamente a glória e a beleza do corpo.

O êxtase pode ser compreendido como a alegria em seu ponto de maior abstração do eu, ou como algo bastante diferente dela. A alegria diz respeito ao retorno e a estar pleno, cheio, a querer estar no tempo e lugar onde se está. Em grego clássico, o *ekstasis* significa, literalmente, *estar em outro lugar*. O êxtase é o ponto em que a excitação, incapaz de se intensificar, transforma-se em ausência. Com o êxtase, a narrativa chega a uma parada abrupta. A felicidade não fecha a narrativa, como a alegria ou o êxtase, por ser inefável. A felicidade suspende a narrativa por eliminar as possibilidades dramáticas. Tolstói diz, no início de *Anna Karenina*, que um romance não pode começar com a felicidade: *as famílias felizes são todas iguais; cada família infeliz é infeliz ao seu modo próprio*. A fantasia da alegre reunião depois da morte, de derrotar o tempo e a mutabilidade, por meio de uma alegria que não depende deles, é essencial no Cristianismo. O conceito de comunidade duradoura dos fiés só surge com o ele. Na fé em Cristo está o júbilo de uma alegria inefável e gloriosa. *Eu vos digo isso para que a minha alegria esteja em vós e vossa alegria seja plena*. Tomás de Aquino fez da alegria e da tristeza as paixões-fim, os lugares em que terminam as histórias sucessivas e, por fim em que terminam todas as histórias, a vontade descansando alegremente no amor de Deus ou tristemente distante dele. Espinosa atribuiu um papel mais central para a alegria e para a tristeza em seu sistema, descrevendo-as não apenas como o ponto final de todas as outras paixões, mas também como seus elementos constituintes. Ele começa com três afetos primários: *a alegria, o desejo e a tristeza*. A tristeza é ação, um

impulso básico do agente para preservar e melhorar o seu próprio ser. Não parece conceber o desejo como uma paixão, mas como um conduto da atividade fundamental do Universo. A alegria e a tristeza, reações a eventos ou circunstâncias externas ao agir de cada um, são paixões originárias, ainda que sejam apropriadamente chamadas de paixões apenas quando somos passivos, isto é, irrationais ou incompletamente racionais em relação a elas. Alegria é aquela paixão por meio da qual a mente passa a uma maior perfeição, isto é, aumenta sua capacidade de ação no sentido da autopreservação; enquanto que a tristeza vai na direção contrária. Na concepção de Espinosa, o amor é a alegria e o ódio é a tristeza, com a ideia complementar de uma causa externa. A esperança é uma alegria inconstante, que surgiu da imagem de uma coisa futura ou passada, de cujo resultado duvidamos. O medo é uma tristeza inconstante, que também surgiu de algo duvidoso. Espinosa defende que Deus e a Natureza são a mesma coisa. Conhecer Deus ou a Natureza é um conhecimento adequado da essência das coisas. O melhor tipo de alegria e de amor deriva, em primeiro lugar, da vida da virtude social, buscando racionalmente o bem comum de todos e, finalmente, do conhecimento de Deus, o maior bem da mente.

A alegria é capaz de enfrentar a morte sem temor. Coragem é de vez, mas também cobra criada que vem devagar. A morte, ou o não-eu, joga uma sombra sobre a vida na história da alegria. Isso é particularmente verdade quando a alegria se torna êxtase. A surpresa da alegria sempre aponta para alguma perda do eu e uma comunhão, mas o êxtase é mais claramente uma espécie de morte: o *transe iniciático*, místico; uma amplificação dos sentidos; uma expansão da consciência; o *voo interdimensional da alma*. As alegrias não estão atreladas a alguma grande narrativa, nem ao abandono do planeta que somos. As alegrias no aqui e agora não miram uma meta, são potências da vida, utopias, danças. Desde os mamíferos mais próximos dos humanos e desde as crianças, nos ritos das primeiras tribos, nas mais diversas celebrações da existência, do carnaval ao rock, a alegria e a dança são elos no tempo e fontes de expansão e expressão da vida, da liberdade e da respiração. A alegria é uma presença, o fio que conecta tudo na vida. A presença da vida é o que todos compartilhamos: a força universal que une todas as coisas. A presença do espírito. A presença do amor. A presença do Eu Cônsmico. É fundamental rejubilar-se com a possibilidade de transcender todas as limitações e perseverar através das ondas da vida, estar totalmente presente durante a sua duração. A alegria caminha pelo tempo para lugar nenhum, mas no percurso estende o corpo para outros corpos, para uma erótica da vida, para uma ética em que atos individuais buscam o bem coletivo e afirmam valores humanos a despeito dos sofrimentos, da aniquilação, dos males naturais e morais, apesar da dor e da tragédia. A alegria dança vida que dança alegria. Diz um adágio medieval de Martinus von Biberach:

Venho não sei de onde, sou não sei quem, morro não sei quando, vou não sei onde, espanto-me de ser tão alegre!

Contudo, ainda há uma alegria serena, silenciosa, que se cultiva na solidão e no recolhimento, em que a gente nada mais deseja do exterior e com tudo que já é se contenta. É nessa alegria que o ser se alimenta de si para retornar revigorado a todos os outros, no

dissenso e consenso do mundo. É a alegria que chora e ri com o privilégio simples de existir no tempo. Essa alegria está livre de sentimentos egoístas, de simpatia ou antipatia, ela avalia e planeja, todavia não julga nada nem ninguém. Aceita ser parte da enorme complexidade das coisas. A boa fortuna consiste nessa liberdade, pois ela possui a tranquila segurança de um coração fortalecido. Essa é a alegria que se cultiva na meditação. A alegria chega de surpresa, mas também pode ser estimulada: ouvir uma música com ritmo forte e pular na ponta dos pés, com braços jogados em todas as direções e para o alto em gestos de glória, durante algum tempo, desvia a tristeza para o outro lado. Se a pessoa já está alegre, essa vibração aumenta. Primeiro é preciso expandir-se ao máximo, através de uma dança, depois sentar-se confortavelmente. Não é preciso ficar sentado sem nunca mudar de posição, mesmo sentindo dores, dormências ou cansaço. Nunca catatônico, mas bem sentado, vivo. É o afeto que dá significado. A emoção precede a explicação. Nada contra a desordem das emoções, ela cria bifurcações, ramos, outras possibilidades criativas. Nada de dizer também que as emoções falsificam os resultados cognitivos da pesquisa. A emoção é inerente à vida, não pode ser separada nem eliminada. A respiração harmoniza a emoção. A vantagem cognitiva de que uma emoção respire amplamente é que ela seja mais aberta, leve e livre. Respirar calmamente, deixar vir o fluxo de pensamentos sem nenhum controle. Há um momento em que entramos no círculo vicioso dos mesmos pensamentos. Esse núcleo é importante, porque é um aeroporto das ideias, uma essência de todo fluxo e um esgotamento provisório. A partir daqui, é possível silenciar a mente. Sentir o corpo, seus ruídos e ritmos, principalmente a respiração. A mente sempre tentará retornar ao papel principal, não há como reprimi-la, mas é possível driblá-la. Inspirar e expirar sons, palavras ou mantras, além de driblar a mente, permite aprofundar ao máximo os dois movimentos da respiração, porque o som fica sem ar para soar. Pouca gente que conheço ainda ouve rádio, mas ele serve de metáfora: o silêncio da mente permite sintonizar as estações micro e macro: corpo-cosmo.

A meditação pode ser feita em qualquer lugar e pelo tempo que for possível. Não é o local ou a duração que importa, mas a disciplina diária. Com tempo, cada um descobre o seu jeito e cria a dinâmica do seu método. Acordo e espreguiço-me, faço alguns contorcionismos, ainda na cama. Tomo banho. Faço a sequência da dança e um contorcionismo no solo acolchoado com um edredom. Massageio o corpo todo, inclusive com meu próprio peso. Com as mãos apoiadas no parapeito da janela e com uma bola de tênis em cada pé, massageio-os por longo tempo, no ritmo da música. Pelas cidades ficamos muito tempo sem pisar a terra com os pés descalços. A massagem dos pés abre os artelhos em leque e os pés relaxados pisam mais inteiramente o chão. Com isso diminuímos a sobrecarga dos joelhos e da coluna vertebral. Essa é a única âncora que temos para evitar um excessivo levitar, afinal nosso estágio não é de anjos. Uma melhor conexão terra-céu ou pés-cabeça torna os movimentos da coluna vertebral e de todas as outras articulações mais leves e espontâneos. Essa massagem longa de mãos e pés é essencial pela projeção dos diversos órgãos em suas superfícies, vistos nos mapas da medicina chinesa. Dessa maneira, massageamos indiretamente os órgãos internos, facilitando os seus fluxos. Por outro lado, as

descobertas da neurologia, na medicina ocidental, mostram que as mãos ocupam a maior parte da área motora cerebral, responsável por todos os nossos movimentos. Não é relevante saber quem veio primeiro na evolução da linguagem humana: a mão ou o cérebro? Vieram em conjunto. Massagear as mãos com elas mesmas, com bolas ou outros objetos é essencial para a calma, o relaxamento e a flexibilidade geral do corpo. É como ninar o cérebro com as próprias mãos.

No mundo da matéria, desde o início, do átomo à encarnação, tudo vem em pares de opostos: negativo-positivo, elétron-próton, óvulo-espermatozóide, fêmea-macho, feminina-masculino, mãe-pai, ida-pingala, yin-yang, água-fogo. Filha de *Vênus* e de *Marte*, do Amor e a da Guerra, eis a Harmonia.

A singularidade é difícil porque precisamos romper os laços e soltar as âncoras: todas as autoridades, deuses e entidades são fantasmas, precisam ser soprados para longe. Em algum momento só resta um único fantasma que ainda nos assombra: aquele que a gente mesmo inventa. Por isso, é preciso respirar calma, coragem, humildade e conforto, para que o ser pessoal não entre em pânico, diante do cósmico. É o momento em que a parte se entrega e se integra ao todo: é a confiança na vida. A nossa consciência pessoal é jovem, mas o corpo biológico é antiquíssimo, fruto de uma longa evolução, desde a explosão das estrelas até o diamante e o carbono, o carvão e a água: a vida. O corpo de ossos, carne e pele, é o animal em nós, o divino e o humano são abstrações. Provavelmente, quanto mais frágil um animal mais ele é feroz. Um animal que tem o sistema nervoso aberto à flor da pele é um animal muito frágil e talvez por isso sejam os mais ferozes. Na embriogênese humana, os ramos que virão a ser o sistema nervoso e a pele são bifurcações do mesmo tronco. Há um momento evolutivo em que a luz vira pele. Quando o Corpo da Deusa se reveste de pele, a Terra fica mais frágil e sensível. É decisivo pacificar o animal em nós. Somos muito domesticados, aguentamos espaços quase irrespiráveis, como os mineiros presos na mina do Chile: sufocante. Quem rege a convivência dos opostos é essa santíssima trindade: animal-humano-divino. A entrega e a confiança ao saber do corpo é uma profunda reverência, do divino e do humano, ao animal. Deixar que todos os bichos que nos habitam se expressem, na especificidade e elegância de seus movimentos. Essa é uma das maneiras de harmonizar o fluxo da nossa trindade e de contribuir para a harmonia de todas as espécies.

Na harmonização geral dos opostos, é preciso recordar que estamos, neste momento da narrativa, no sexto *chakra*, localizado no meio da testa, o chamado terceiro olho. Os olhos físicos vêm o passado e o presente, o terceiro olho se abre para o futuro. Há dois grandes fluxos de energia pelo corpo: o primeiro sobe e desce verticalmente, na sequência dos sete chakras; o segundo fluxo, de ondas em oito tridimensionais, centrípetas e centrífugas por dentro do coração, liga os chakras opostos e complementares: o primeiro ao sétimo; o segundo ao sexto; e o terceiro ao quinto chakra. Esses fluxos são contínuos, mas aqui é o momento de potencializá-los: o primeiro chakra, a terra em nós, garante a segurança, a tranquilidade e a integridade do corpo carnal; o segundo chakra, o sexo, a nossa água, faz a energia localizada nos genitais sublimar-se em excitações eróticas que se espalham por todo

corpo; o terceiro chakra, no plexo solar é o fogo e ferve a água no poder e na coragem do fazer. Os três primeiros chakras são os que compartilhamos, mais nitidamente, com os outros animais. O coração humano, o quarto chakra, é quem faz a intermediação entre os nossos laços animal e divino.

Os avatares somos nós mesmos e é a alegria quem amadurece o fruto do avatar. Essa convivência harmoniosa de opositos é simbolizada pelo andrógino ou o HermAfrodita. Na tradição tântrica, da Índia, é o momento do encontro de *Shiva* e *Shakti*. Esse é o fluxo da energia universal, vital, da serpente *Kundalini*, cuja integração é potencializada, catalisada, pela autoconsciência do caminho. Fazendo dialogar o Ocidente com o Oriente, as duas fisiologias corporais, a neuroquímica e o fluxo de energia sutil, é possível supor que a Iluminação ou Plenitude Vital é também algo físico-químico. A tradição tântrica recomenda que a meditação deva ser feita com a respiração calma, profunda, som e sol: ar, mantra e luz; e que é fundamental que a língua toque, frequentemente, o céu da boca. Dizem que há canais sutis que ligam a glândula hipófise, que coordena todos os fluxos hormonais do corpo, ao céu da boca. O som faz vibrar e ferver a caldeirinha da hipófise, que secreta o *soma*, *amritá*: o néctar da lua, a bebida da imortalidade, da iluminação. É curioso que a palavra *soma*, no Ocidente, signifique corpo. A hipófise é sensível à luz, por isso a recomendação de meditar com olhos semicerrados diante do Sol, focalizado no terceiro olho. Nas imagens tântricas, no lugar da hipófise está uma espécie de *quimera*, um animal com corpo de cavalo, focinho de corvo, asas de cisne, cauda de pavão, chifres e peitos de vaca derramando leite. A existência desses canais sutis pode ser facilmente constatada, com o tempero japonês *wasabi*, que ao tocar o céu da boca imediatamente faz o cérebro ficar dormente e traz lágrimas aos olhos.

São notáveis os resultados obtidos pela pesquisa, sobre as estruturas moleculares das plantas sagradas psicoativas. Quase todas essas plantas contêm o elemento *nitrogênio* e pertencem, portanto, a uma classe de compostos químicos chamados *alcalóides*. A estrutura química das principais plantas sagradas psicoativas está estreitamente relacionada com a estrutura dos hormônios que existem no cérebro, agentes fisiológicos que cumprim um papel muito importante na bioquímica das funções mentais. O princípio ativo do cacto *peyote* é o alcalóide chamado *mescalina*, um composto intimamente relacionado com a *noradrenalina*. A noradrenalina pertence a um grupo de agentes fisiológicos conhecidos como *neurotransmissores*, já que atuam na transmissão química dos impulsos entre os *neurônios*, as células nervosas. A *psilocibina* e a *psilocina*, são os princípios ativos do *teonanácatl*: a *Carne de Deus*, dos cogumelos sagrados dos povos nativos do México, e derivam da *triptamina*, o mesmo composto básico da *serotonina*, que é um hormônio cerebral neurotransmissor e multifuncional, responsável pela modulação geral da atividade psíquica: regularização do estado emocional, do humor, da atividade sexual, do controle motor, dos sonhos e de diversas funções cognitivas. A atividade da *serotonina* está associada ao planejamento e a busca de padrões, a lucidez mental e ao estado de alerta. Além de atuar como *neurotransmissor* tem um papel *neuromodulador*, afetando outros neurotransmissores. No grupo dos *alcalóides* também está a *ayahuasca*, dos rituais

amazônicos, peruanos e brasileiros, e dos cultos de vários centros urbanos. Os principais alcalóides psicoativos, extraídos do cozimento de duas plantas, são a *harmina*, a *tetra-hidroharmina* e a dimetiltriptamina (DMT). Há grande semelhança estrutural entre as moléculas da *serotonin* e da *dimetiltriptamina*. A DMT é encontrada em praticamente todos os mamíferos, incluindo o ser humano, e também em pelo menos duzentas espécies de plantas, fungos, algas, em batrâquios e alguns peixes. Alguns pesquisadores postulam que a DMT é sintetizada na hipófise. Há também uma semelhança estrutural entre essas substâncias e o composto semi-sintético LSD. A relação entre as substâncias secretadas pelo nosso corpo e pelas plantas psicoativas ajuda a explicar a potência dos seus efeitos. Como têm a mesma estrutura básica, esses compostos vegetais provavelmente se acoplam nos mesmos locais do sistema nervoso: são as mesmas chaves que abrem as portas da percepção.

Essas descobertas mostram que há um elo essencial entre os seres vegetais e animais. *Bo* é a árvore embaixo da qual Buda se ilumina. E a Cruz a simboliza a Árvore da Vida. Somos todos nós essa Árvore: a copa, a cabeça, a pele, as folhas, que alimentam o nosso ser de Sol e fazem a fotossíntese, tal como a hipófise; as flores, os frutos e o oxigênio são as nossas dâdivas, que se multiplicam pelo mundo; vinda das entranhas a seiva, que nutre os nossos seres, sobe pelos xilemas, floemas, artérias e veias das nossas raízes e pés plantados na Terra.

Bem-aventurança

Meditação de Hermes

Ar, alar, navegar, mãos, coração, cabeça e pés de vento, Hermes, o mensageiro cosmopolita da Unesco, na ventura, aventura da vida, compartilhando bem-aventurança em cada canto do mundo uma dança. Um pé na África, outro na Índia, o dia na China, à noite na Alemanha. Vive uma cultura na ponta de cada língua. E cada língua é uma maneira única de sentir o mundo. A ONU tem muitas falhas na equidade do poder, mas é vital à consciência humana um concerto entre as nações, para afinar e refinar a harmonia e a melodia planetária. Ser maestro em uma instituição como essa é pensar, antes de tudo, na afinação das diversas escalas, na orquestra da conversa do mundo. Qual a música de cada um? Em que clave essa pessoa ressoa? Toca solo e conjunto? O quanto de intensidade e potência aguenta? A princípio invisível e impalpável, lembram da bomba atômica? Começa com o choque de poucos átomos. E nós que somos uma infinidade deles, qual a nossa potência de destruição e criação? Imaginemos cada pessoa múltipla dessa potência em som e sol no fluxo da amorosa dança. Sou muito subversivo, tenho problema com limites, não aceito fronteiras: atravesso-as. Todavia com o tempo aprendi alguma coisa. O melhor no mundo é o amor recíproco, distribuído e retribuído, mas quanto dar de amor em cada encontro? Tenho dificuldade com as doses. No meio da tristeza dos outros, quanta alegria pode ser expressa, sem parecer insulto? Em nosso tempo há uma hipertrofia do olhar que termina por nada ver. Parece que mais do quevidentes precisamos ser ouvintes. O bem-te-vi, bem-te-vi canta e a gente se encanta também com nosso próprio canto, fala, conversa atenta, ser, todo, ouvidos: bem-te-ouvi. Relembro o que diz o diretor de teatro Peter Brook, que também trabalha com pessoas de várias culturas:

Ouvir é um mistério. Para que um corpo seja capaz de ouvir sem se mover, antes ele precisa ser desenvolvido no movimento. Não é uma coincidência que os maestros vivam tanto, pois eles passam as suas vidas em um constante exercício, tentando harmonizar o corpo, a emoção e o pensamento. Os seus corpos como atletas ou dançarinos, os seus sentimentos como cantores e amantes, as suas mentes como matemáticos e pensadores, no esforço de ensaiar e apresentar-se, exige deles todas essas partes simultaneamente e em proporções iguais. Um corpo desenvolvido dessa maneira pode, por fim, manter-se imóvel e ouvir.

A dimensão do olho é mais masculina; a do ouvido é mais feminina, tanto literal como no sentido figurado. Os pesquisadores Robert May e Anneliese Korner estudaram as diferenças sexuais em recém-nascidos. Os bebês do sexo masculino reagem mais a estímulos visuais, ao passo que as meninhas reagem com maior facilidade a estímulos recebidos através dos

ouvidos. Isso é válido não só para os humanos, mas para macacos e ratos. Visto que os sons são mais importantes para as meninas do que para os meninos, as meninas começam a falar mais cedo. A palavra é música e a mudança de ênfase dos olhos para os ouvidos, coincidem com a necessidade de transmutar valores masculinos em femininos; do *yang* para o *yin*; dos olhos de águia espreitando a presa para a espiral da concha, que recebe e aconchega; da análise para a síntese, da fragmentação para a religação, do conhecimento racional para a sabedoria intuitiva, da agressividade guerreira para a convivência em a paz, aumentando o poder de comunicação intercultural. O método da nossa cosmopolítica tem como base o amor, a música, o mito, a dança e o tato. O movimento, o sentimento, o som e o significado são incorporados à flor da pele. Na maioria das metrópoles as pessoas se recusam a ser tocadas e em muitas culturas o toque do corpo é considerado a invasão máxima. O verbo se faz carne com o toque. Amar é tocar o corpo do outro com as mãos e a música do coração. As mãos dadas, os abraços, o toque leve nos ombros que pacifica a raiva, o encontro das ancas que modula os ritmos e os mais diversos gestos de entrelace. Esse modelo que combina amor, música, mito, dança e contato, é aplicado nas diversas escolas e grupos de educação pelo mundo e a aproximação sutil e gentil é modulada pelo grau de rejeição ou aceitação corporal de cada cultura e de cada pessoa. É um contato de comunhão, paciência e ternura. Em latim, o termo que significa *soar através de algo* é *personare*, uma palavra relacionada à *persona*, que é máscara de teatro e pessoa, que nas mais variadas escalas: soa.

Tudo começou quando fui convidado pelo professor Joachim-Ernest Berendt, que é o representante da República Federal da Alemanha na Federação Internacional de Jazz, junto à Unesco. Ele acabara de publicar o livro *Nada Brahma: Tudo é Som. A música e o universo da consciência*. Queria desenvolver um método de fácil e veloz difusão e precisava de artistas em todas as áreas do conhecimento. Essa concepção de *Nada Brahma* ele foi buscar na Índia. Em sânscrito, *nada* significa som. A palavra também é definida como *ruído, tom estridente, berro, barulho, gritaria*. Do mesmo tronco lingüístico a palavra *nadá* é touro e *nandi* é o Deus *Shiva Nataraaja*, o dançarino cósmico, em sua metamorfose de touro. Outro ramo da palavra é *nádi*, que significa *correnteza, murmúrio dos rios, marulho do mar: som*. Mas as *nádis* são ainda as serpentes *ida* e *pingala*, lunar e solar, *os rios ou correntezas da consciência, a energia cósmica kundalini* em sua expressão corporal e que é o modelo da nossa narrativa tríplice. *Brahma* é o todo da Criação. Mas *Brahma, Vishnu* e *Shiva* são as personificações da trindade inseparável do Hinduísmo: Criação, Preservação e Destruição. *Nada Brahma* significa que tudo é som, do macro ao microcosmo e esse som que contem todos os outros é o *AUM* ou *OM*, um acorde que ressoa *de cor: de coração*. *A essência de todos os seres é a terra; a essência da terra é a água; a essência da água são as plantas; a essência das plantas são os animais; a essência dos animais são os humanos; a essência dos humanos é a fala; a essência da fala é o conhecimento sagrado; a essência do conhecimento sagrado é palavra e som; a essência da palavra e do som é OM*. Os mantras são as palavras sagradas que interconectam tudo. Toda palavra bem sentida e pronunciada é um mantra, é sagrada, é como se amássemos a própria carne dos corpos com sons. A palavra latina *cantare* significa

cantar e também encantar pela magia. A palavra grega *kosmos*, além de cosmo, universo, tem a ver com cuidados cosméticos do corpo: enfeitar, adornar. Por aproximação linguística, o *cosmo* é um salão de belezas. Tal como Fritjof Capra fez antes a relação entre o *Tao* da China e a *Física Moderna*, Joachim-Ernst traça as conexões entre a tradição espiritual da Índia e as descobertas das Cosmologias da Ciência. Há uma *música das esferas*: do átomo, das estrelas, das galáxias, dos sistemas solares, dos planetas, do sol e da lua, da terra, dos seres vivos, das pedras, das águas. Depois de Pitágoras, Kepler foi um dos pioneiros na busca desses sons cósmicos. A partir das concepções de Kepler, alguns cientistas estabeleceram as notas que ressoavam em cada planeta no giro elíptico de suas órbitas. Com isso montaram um dueto entre Vênus, que dança ao redor das três notas *mi*, enquanto a Terra, uma sexta abaixo, brinca entre o *sol* e o *sol maior*. Mercúrio, o inquieto e rápido, *Mensageiro dos Deuses*, tem um som apressado, intenso e estriidente. Agressivo e abusado, Marte sobe e desce através de algumas notas. Júpiter tem um tom majestoso que se assemelha a um órgão e Saturno produz um trovejar profundo e sinistro. Schubert percebeu que o *fá* sustentido era uma nota verde. As descobertas da ciência mostram que essa é a nota do átomo de nitrogênio durante a fotossíntese, quando a luz solar é transformada em clorofila, um verde vivo. Os filamentos do código genético estão estruturados exatamente de acordo com a *tetractis* pitagórica, a subdivisão quâdrupla da oitava, quinta, quarta e segunda maior. Um dos criadores da Física Quântica, Max Planck, muito interessado em música, conhecia o fenômeno de que as notas numa escala maior *saltam* de um número inteiro para o seguinte. Esse é o cerne da teoria quântica ou da *Física Sinfônica*: a partícula de energia num átomo não muda gradualmente, mas *salta*. Em um dos seus escritos Planck declara:

Não existe matéria em si. Não é a matéria visível, efêmera, que é real, verdadeira e concreta, mas sim o espírito invisível e imortal. Contudo, como as entidades espirituais não podem existir a partir de si mesmas, mas precisam ser criadas, não me acho de chamar esse misterioso criador da mesma forma como era chamado pelos povos das antigas culturas da Terra, há milhares de anos: Deus.

Os discípulos do físico Jean Charon, nos Estados Unidos, são chamados de os *Gnósticos de Princeton* e acreditam ter descoberto a fonte de impulsos espirituais e psíquicos na partícula negativa do átomo, o elétron e na partícula da luz, o fóton. Para Charon, os elétrons são os armazéns primitivos da memória. Um elétron que foi sucessivamente parte de uma árvore, de um ser humano, de um tigre e de outro humano, sempre recordará as experiências que colecionou nessas diferentes vidas. Os fótons não só controlam a memória, mas também o processo de cognição. Eles são os mensageiros. O pesquisador Hans Kayser, criador da moderna ciência da harmonia, comenta sobre a sonoridade da Terra:

Um dos fenômenos mais característicos da geologia é a estrutura que se assemelha a uma concha no interior da Terra. A Terra não consiste numa pele fina que envolve uma massa líquida, como chegamos a acreditar no passado, mas é, sobretudo, formada de camadas de variadas densidades que estão nitidamente separadas umas das outras. Descobriu-se isso através da observação do modo como se espalham as ondas dos terremotos. Dentro da Terra,

foram descobertas várias zonas que rompem essas ondas das mais diversas maneiras. Se compararmos as proporções espaciais dessas zonas com a vibração sonora do acorde maior primevo da escala de tons secundários, encontraremos a estrutura da tríade sonora dentro da Terra; e as avaliações das camadas da Terra mostram ter uma estranha correspondência com aquelas dos números do acorde; a rígida crosta exterior corresponde à sétima oitava, podendo entendê-la morfológicamente como condensação. A Terra é um acorde potentíssimo! Trata-se de uma imagem que diz pouco à mente, mas fala muito claramente ao coração.

É uma música com temas inesgotáveis de contraponto e polifonia. Alguns pássaros, como os humanos, por exemplo, o sabiá, o *compositor por excelência entre os pássaros*, canta melodias compiladas que quase chegam a ser *atonais*. Essa constatação do canto do sabiá é uma parte importante da minha pesquisa com a música do *Maracatu Rural*, na Zona da Mata em Pernambuco, que acredito ser inspirada no canto desse pássaro. O som está em toda parte, é ele quem harmoniza, dá beleza e significado ao mundo. A música das partículas de luz, a música das estrelas e dos átomos, a música dos cristais e das moléculas do código genético, a música dos seres vivos, das árvores, dos humanos e dos outros animais; a música do fogo, do carbono, do diamante; a música das formas arquitetônicas e da estrutura geológica no interior da Terra.

As Cosmologias da Ciência têm hoje três cenários principais para explicar a origem do Universo: a teoria do *Big Bang*, a grande explosão, singular, única; a teoria do *Universo Eterno*; e a teoria dos *Multiversos*, universos múltiplos, que se desdobram uns a partir de outros e que evoluem simultaneamente em diferentes dimensões.

Na teoria do *Big Bang*, tudo começou a partir do *vazio quântico*, um nada cheio de potência. Flutuações de nada havia? E antes do tempo, o que existia? Em um dado momento, há 13,7 bilhões de anos atrás, esse nada explodiu e se expandiu criando todo espaço-tempo. O calor era tão grande que ainda não existia nada como elétrons, prótons, nêutrons, átomos, fôtons: luz. Nesse princípio, primeiro foi o som da grande explosão, que ninguém ouviu, depois a temperatura diminuiu, as partículas se agregaram e se fez a luz. A expansão em algum momento cessaria contida pela força da gravidade, o combustível das estrelas se esgotaria e haveria uma grande contração e morte do universo. Contudo, observações mais recentes mostraram que o universo não só continua a se expandir, mas que vem aumentando cada vez mais a velocidade dessa expansão. Por que a gravidade não impede o afastamento das ilhas de galáxias, em meio ao vazio imenso? Os físicos e cosmólogos explicam que toda matéria conhecida, visível e invisível, é apenas 4% da matéria existente. Existe uma *energia e matéria escuras*, misteriosas, que não são formadas de átomos e que permeiam tudo. Delas só se pode dizer algo indiretamente, elas parecem ser o contrário da força de atração da gravidade, por isso o universo continua se expandindo, talvez infinitamente até se extinguir em algo gelado e morto. Ou então, nada disso aconteceria porque a *energia e a matéria escuras* gerariam todo combustível dessa expansão infinita.

Cogitam-se que essas *energia e matéria escuras* podem gerar tudo, inclusive a matéria tal como conhecemos.

Na teoria do *Universo Eterno* estamos vivendo a mais recente expansão, já que o movimento do universo é um pulsar de contrações e expansões eternas, sístole e diástole, tal e qual nossos corações.

Na teoria dos *Multiversos*, se diz que tudo que existe neste e em outros universos são vibrações de cordas musicais: as *Super Cordas*, que em alta vibração transmutam-se em *Membranas*, que estão muito próximas umas das outras, na *décima primeira dimensão*. De repente uma toca na outra: isto é um *Big Bang*. Inúmeros universos explodem quando as membranas se tocam. *M* é o nome da penúltima teoria cosmológica. *M*: mar, mãe, membranas, música, mitos, multiversos. Por essa origem mater, matéria, maya, desde o começo é pele, poro, aconchego. Na teoria dos *Multiversos*, infinitos universos são criados eternamente, simultaneamente ao nosso, em dimensões diferentes, uns a partir dos outros ou independentemente. A pergunta: podemos nos comunicar uns com os outros? Há portais de passagem? Os buracos negros são essas vias?

O mito indiano do Sonho de Vishnu dialoga com essas teorias, que buscam o mistério das origens:

Vishnu dorme com seu par Lakshmi, deitados em Ananta, a serpente de sete cabeças das águas primordiais. Às vezes sonha e o seu sonho é sempre o mesmo: do seu umbigo nasce uma flor de lótus, sobre essa flor em posição de meditação senta-se um Brahma, com quatro faces, uma para cada direção. Cada vez que abre um dos olhos um universo é criado. Quando fecha esse olho, um universo cumpriu seu ciclo evolutivo e é reabsorvido no mar da memória. Assim, sucessivamente, oito olhos são abertos e fechados e universos são criados e reabsorvidos. Cada universo criado é a dança de um Shiva. Encerrado esse imenso ciclo, Vishnu deixa de sonhar por um tempo imenso. Novamente volta a sonhar o e tudo continua.

Somos seres materiais tendo uma experiência espiritual ou seres espirituais tendo uma experiência material? A vida é sonho? O que estaria antes de nós? O que estaria antes do antes do antes? A busca pelas origens é tão inerente aos nossos seres que, até parece paradoxal, mas é o que nos leva adiante. Há um *Universo-Mãe* de todos os universos? Uma *Universa*? O problema mais preocupante da busca das origens é que muitas vezes nos impede de viver o breve durante que nos cabe: o instante vivo.

Nasci em Minas Gerais, perto da Serra da Canastra, à beira das nascentes do Rio São Francisco. Cresci navegando o rio pra lá e pra cá. Ouvindo Luiz Gonzaga pelo rádio:

Riacho do Navio/Corre pro Pajeú/O rio Pajeú/Vai despejar no São Francisco/E o rio São Francisco vai bater no meio do mar/O rio São Francisco vai bater no meio do mar/Ah, se eu fosse um peixe/Ao contrário do rio/Nadava contra as águas/E nesse desafio/Saí lá do mar pro riacho do Navio/Eu ia direitinho pro riacho do Navio/Pra ver o meu brejinho/Fazer

umas caçadas/Ver as pegas de boi/Andar nas vaquejadas/Dormir ao som do chocalho/E acordar com a passarada/Sem rádio e sem notícia, das terras civilizadas/ Sem raiva e sem notícia, das terras civilizadas/Riacho do Navio/Tando lá não sinto frio.

Teve um momento em que não voltei. Fui morar em Belo Horizonte, no final de 1963. O nome do edifício era Levy, e ficava entre a avenida Amazonas e a rua Curitiba. Lá já moravam Milton Nascimento, Wagner Tiso, Márcio e Lô Borges. Esse é o começo do elenco do *Clube da Esquinha*. Minha aproximação maior foi com Wagner Tiso, também por causa do piano. Os arranjos eram sempre coletivos e os ensaios não tinham hora para acabar. Nessas noitadas incorporávamos Drummond, Guimarães Rosa, Fernando Pessoa e Clarice Lispector. *Canção Amiga*, de Drummond, foi musicada por Milton depois, no disco *Clube da Esquina Dois*:

Eu preparo uma canção/Em que minha mãe se reconheça/Todas as mães se reconheçam/E que fale como dois olhos/Caminho por uma rua/Que passa em muitos países/Se não me veem, eu vejo/E saúdo velhos amigos/Eu distribuo um segredo/Como quem ama ou sorri/No jeito mais natural/Dois caminhos se procuram/Minha vida, nossas vidas/Formam um só diamante/Aprendi novas palavras/E tornei outras mais belas/Eu preparo uma canção/Que faça acordar os homens/E adormecer as crianças.

Essa vontade de andar pelo mundo era um dos nossos sonhos coletivos. Quando o grupo decolou, eu já estava em New York, estudando com John Cage, que fazia experiências com *pianos preparados*: a interposição entre as cordas dos mais diversos objetos, para dar um efeito percussivo. E também a criação de música a partir do acaso, jogando o *I Ching*. Cage já falava da coincidência estrutural entre o *I Ching* e o *Código Genético*: a combinação de 4 letras ou números, três a três que dão, para ambos, 64 possibilidades. Mas, em minhas férias frequentemente voltava para Minas. Estávamos sempre juntos, tocava com eles nos shows, passeávamos para todo lado: pelas grutas, cachoeiras, Ouro Preto, Tiradentes, Diamantina. Nessa última cidade, em 1971, fotografei uma parte do grupo: Lô Borges, Fernando Brant, Márcio Borges, Milton Nascimento e no meio de todos Juscelino Kubitschek. Estávamos muito comovidos com esse encontro. O cinema era outra paixão coletiva. Nos cineclubes: o *Cinema Novo*, os Cinemas Americano, Francês, Italiano, Japonês e Russo. Quando éramos meninos pegávamos *fitas de cinema*: restos de películas, para fazer cinema em casa, com lentes, lâmpadas e caixas de papelão. No *Cine Metrópole* tivemos um momento especial: a pré-estreia de *Jules et Jim*, de Truffaut. A leitura do *Cahiers du Cinéma* e as eternas discussões nos bares, sobre o cinema do mundo inteiro. Nesse tempo a gente falava só existe conteúdo revolucionário com forma revolucionária, um mote de Maiakovski, que servia para quase tudo. Na literatura tínhamos também os nossos prediletos. De Guimarães Rosa dizíamos muitas coisas de cor:

A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem. O que Deus quer é ver a gente ser capaz de ficar alegre a mais, no meio da alegria, einda mais alegre ainda no meio da tristeza! Só assim de repente, na horinha

em que se quer, de propósito – por coragem. Será? Era o que eu às vezes achava. Ao clarear do dia.

Porque a cabeça da gente é uma só, e as coisas que há e que estão para haver são demais de muitas, muito maiores diferentes, e a gente tem de necessitar de aumentar a cabeça, para o total. Todos os sucedidos acontecendo, o sentir forte da gente – o que produz os ventos. Só se pode viver perto de outro, e conhecer outra pessoa, sem perigo de ódio, se a gente tem amor. Qualquer amor já um pouquinho de saúde, um descanso na loucura.

Todo mundo já tinha ouvido no rádio, mas o primeiro disco dos Beatles fui eu quem levou, para ouvirmos até a agulha furar o vinil. O contrabaixista pernambucano Novelli, que também fazia parte do Clube da Esquina, foi quem me apresentou à Janaina e Dionísio. O engracado é que eles terminaram fazendo mais parte do grupo mineiro do que eu, tanto que no segundo disco Dionísio canta no coro da música Credo, em 1978. Nesse momento já havia carreiras solos e o grupo começava a se dispersar em novas atitudes criativas. Eu estava na Europa, agora estudando com o maestro Pierre Boulez, que no ano seguinte lançaria o primeiro volume das obras completas do compositor vienense Anton Webern, da qual a minha predileta é o *Quarteto op. 22*, para violino, clarineta, sax-tenor e piano. É como se partículas sonoras saltassem das suas órbitas. A música inquieta porque quebra a linearidade da estrutura narrativa. A concisão formal é máxima e há um diálogo impressionante entre o som e o silêncio. Pela primeira vez o silêncio é audível. Não é mais tratado como pausa, mas como elemento estrutural, em pé de igualdade com os próprios sons. Não me sentia muito distante disso porque vinha das experiências com John Cage, que o tinha como plataforma de lançamento, mas acrescentava ainda Erik Satie, que também é um dos meus prediletos. Dizia-se que Boulez devia o serialismo a Cage e este devia a Boulez o conceito de acaso. Cage dizia que Webern e Satie tinham em comum a brevidade e a simplicidade, e que eles seriam os responsáveis pela única nova ocorrida em matéria de estrutura musical, desde Beethoven. Com Beethoven, as partes de uma composição eram definidas por meio da harmonia; com Satie e Webern, a definição era por meio de extensões de tempo. As trinta e uma obras de Webern têm menos de três horas e as peças mais curtas, de dois a três minutos, com movimentos de até quinze segundos. O seu lema era *non multa sed multum*: pouca quantidade e muita qualidade. Ele também dizia: *entendo a palavra arte como significando a faculdade de apresentar um pensamento da forma a mais clara e a mais simples, isto é, da forma a mais compreensível*. Na linguagem pictórica seria um Mondrian. Foi ele também quem provocou a inesperada conversão de Stravinski à música serial. Stravinski, humildemente, disse que *Webern, a Esfinge, legou todo um fundamento, assim como uma sensibilidade e um estilo contemporâneos. Para mim ele é o justo da música e não vacilo em amparar-me na proteção benéfica de sua arte ainda não canonizada*. Para Boulez, Webern é o limiar. *É um dos maiores músicos de todos os tempos, um homem indelével.*

Quando eu voltava ao Brasil mergulhava em nossas raízes e subia as montanhas com meus amigos do *Clube de Esquina*. O gosto por cinema e pelos textos só fazia aumentar. Lembro-

me de uma vez, perto da minha cidade, na Serra da Canastra, que brincando com o eco, com pausas breves, gritamos Fernando Pessoa, na persona de Álvaro de Campos, no poema *Tabacaria*:

Não sou nada. Nunca serei nada. Não posso querer ser nada. À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo. Vivi, estudei, amei, e até cri, e hoje não há mendigo que eu não inveje só por não ser eu. Fiz de mim o que não soube. E o que podia fazer de mim não o fiz. O dominó que vesti era errado. Conheceram-me logo por quem não era e não desmenti, e perdi-me. Quando quis tirar a máscara, estava pegada à cara. Estou hoje vencido, como se soubesse a verdade. Estou hoje lúcido, como se estivesse para morrer, e não tivesse mais irmandade com as coisas. Estou hoje perplexo, como quem pensou e achou e esqueceu.

E também Clarice Lispector, em *Água Viva*:

Eu te digo: estou tentando captar a quarta dimensão do instante-já que de tão fugidio não é mais porque agora tornou-se um novo instante-já que também não é mais. Cada coisa tem um instante em que ela é. Quero apossar-me do é da coisa.

Esses encontros e contrapontos é o que alimenta os nossos seres. Mas esse eterno retorno à Minas me recorda de que precisamos com frequência estar de pés descalços na terra e de amassar o barro com as mãos. Nas metrópoles do mundo já quase não fazemos esse aterramento, esse gesto tão simples de conexão íntima com a Terra. Fazemos um esforço enorme para nos mantermos erectos a maior parte do dia e esquecemos-nos de ficar, pelo menos por alguns minutos, de cócoras ou sentados no chão. A alegria do artista é compartilhar a expressão da sua arte. Mas é também o encontro ímpar com seus pares. Lembro de uma grande alegria quando toquei com Hermeto Pascoal e Miles Davis em um concerto na sede da ONU, em New York. Puxados por Hermeto saímos tocando pelas ruas e a aquela euforia virou uma romaria.

Desde Minas nós já nos sentíamos cidadãos do mundo e na arte, a música é uma das que mais desconhece fronteiras. A música, a literatura e o cinema são inseparáveis em meu universo criativo. O mundo exige do artista mais do que a mera catarse pessoal. Não quer mais um dos inúmeros diagnósticos. Talvez a exigência máxima seja a coerência entre a vida e a obra. Há um fluxo em que a vida gera a obra que realimenta a vida. Talvez grande parte das obras siga a máxima grega do oráculo de Delfos: Conhece-te a ti mesmo e conhecerás o Cosmo. No decorrer da narrativa pensamos em muitos modelos. A *Divina Comédia*, de Dante, dividida entre *Inferno*, *Purgatório* e *Paraíso* é um poema em tercetos, que percorre as etapas de uma busca iniciática de sublimação da alma, confundida com o feminino, a partir de Beatriz, a mulher ideal do poeta. Tudo é construído em múltiplos do número três. A mais evidente influência é a Santíssima Trindade. Mas, antes de tudo, as várias coincidências na vida do poeta, em seus encontros e desencontros com Beatriz, e que envolve o número nove. Pensamos também o que aproximava e afastava Proust de Joyce. Eles se encontraram uma vez apenas, mas como universos paralelos sem nenhuma comunicação, não se impressionaram um com o outro. O tempo é o grande tema de todo artista. O tempo

pessoal, histórico, cósmico. Proust afirma isso desde o título da sua obra. Picasso dizia que a arte é sempre presente ou de tempo algum. Em Proust e Joyce buscamos o modo de narrar o nosso tempo. Já se disse que a estrutura em Proust é sinfônica, no sentido da diversidade de vozes, ritmos, estilos e timbres. Seu romance começa em um dormitório obscurecido e a narrativa segue como se fosse um sonho. Sua harmonia, desenvolvimento e lógica são as do inconsciente. Nisso se aproxima de Joyce, do *Finnegans Wake*, seu último romance, todo construído em torno da linguagem do sonho, suas associações de imagens e palavras em uma trama não-linear, fractal, hologramática. Ambos explodiram as formas anteriores de narrar. Duas importantes influências de Proust foram Wagner e Bergson, este último um dos antecessores dos modernos antimecanicistas. Os eventos, que podem ser arbitrariamente considerados como infinitamente pequenos ou pouco abrangentes, formam uma estrutura orgânica na qual todos são interdependentes, cada qual envolvendo os demais e o conjunto, numa gigantesca e densa urdidura de complexa e complicada relação. Há um personagem que é compositor, Vinteuil, que parece expressar bem a concepção do autor de que somente na criação artística podemos encontrar compensação para a anarquia, a perversidade, a esterilidade e as frustrações do mundo. O crítico literário Edmund Wilson, no seu livro *Castelo de Axel*, comenta que as personagens de Proust podem mudar de más a boas, de belas a feias, assim Proust constrói um esquema ético a partir de fenômenos cujos valores morais estão sempre mudando. E diz ainda Wilson que, talvez, a avó do narrador possa ser considerada como desempenhando o mesmo papel que a velocidade da luz desempenha no modelo de Einstein: o único valor constante que torna possível o resto do sistema. Em certa época, Proust pensou seu romance dividido em três partes: *A Idade dos Nomes*, *A Idade das Palavras* e *A Idade das Coisas*. Essas três idades são possíveis encontrar também no *Finnegans Wake*, de Joyce, que se baseou no modelo do filósofo Giambattista Vico: as *Eras Teocrática*, *Aristocrática* e *Democrática*. Ou, dito de outro jeito: as *Eras dos Deuses, dos Heróis e dos Humanos*. Nesse seu romance, a última sentença está na primeira página e a primeira sentença na última. Se, como dizia Joyce, a história é um pesadelo do qual precisamos acordar, não só pelos horrores da guerra, mas por todos os horrores do mundo, o que ele propõe em sua obra é sair do tempo linear para o tempo cíclico. Parece quase desumano e insuportável um tempo que nunca retorna. Assim é também o modelo cosmológico do *Big Bang*: a criação única para sempre expandindo. Esse é um dos aspectos do nosso tempo histórico, de boa parte da nossa humanidade, que na pressa de quem vai e nunca volta, é indiferente à Terra que deixa e parece querer chegar ligeiro à morte ou ao nada, deixando para os outros desertos. É possível fazer uma analogia entre a obra desses dois autores e a ciência moderna: Proust, com a teoria da relatividade; e Joyce, com a física quântica, que inclusive fez saltar para si a palavra *quark*, outra partícula, em sua homenagem, reconhecendo as simetrias e impasses similares de linguagem, que afinal quase ultrapassam o ficcional. O *Ulysses*, de Joyce, é um dia na vida de uma cidade. E o *Finnegans Wake*, é uma noite cheia de sonhos. Há uma numerologia e outros elementos que percebemos: são sete as partes de *Em Busca do Tempo Perdido* de Proust, tal como os sete *chakras* do nosso modelo; são dezoito os capítulos do *Ulysses* de Joyce, três vezes os nove capítulos da nossa narrativa. Joyce segue os passos e a navegação da *Odisseia* de Homero e associa cada capítulo a uma

cor, arte, ciência e órgão do corpo humano; em nossa narrativa essas relações existem, mas o campo narrativo é o próprio corpo e os seus níveis de autoconsciência. Parece que esses autores optaram por um tempo cíclico, como o modelo do *universo eterno* da ciência. Além desses autores, nossa inspiração tem uma dúvida com as mais diversas fontes, todavia o nosso modelo narrativo é a espiral, algo quase cíclico: passa por padrões de tempo parecidos, mas há uma mudança de escala: a cada volta outra oitava, em uma relação diversa de eventos.

Na estrutura narrativa imaginada por nós, esse é o momento da iluminação, que traduzo como a grande audição. Meditar é brincar consigo cósmico, ouvir, auscultar, a cada dia desfrutar o prazer de um tempo de silêncio. Sobre iluminação há um ditado: *os que sabem não falam; os que falam não sabem*. É preciso ultrapassar esse impasse do inefável, do incomunicável. A iluminação a princípio é individual, mas os que se supõe com mais consciência, podem e devem indicar pistas, sugerir percursos, técnicas, buscar linguagens e traduções. Buda teve essa dúvida, mas todos os caminhos de ida ou de volta, passam pelo coração: a convivência amorosa, a compaixão, a troca de saberes e informação, a alegria da comunhão. O místico indiano Ramakrishna disse que em sua experiência existem *cinco tipos de iluminação ou êxtase espiritual*:

Nesses êxtases, tem-se a sensação de que a Corrente Espiritual se parece com o movimento de uma formiga, de um peixe, de um macaco, de um pássaro ou de uma serpente. Às vezes, a Corrente Espiritual sobe pela espinha, arrastando-se como uma formiga. Às vezes, em iluminação, a alma nada alegremente no oceano do êxtase divino, como um peixe. Às vezes, quando me deito de lado, sinto a Corrente Espiritual me empurrando como se fosse um macaco, e brincando alegremente comigo. Fico quieto. Aquela Corrente, como um macaco, de um salto repentino atinge o sétimo chakra: Sahasrara, Lótus de Mil Pétalas! É por isso que vocês me veem dando um salto de repente. Outras vezes, a Corrente Espiritual sobe como um pássaro, pulando de galho em galho. O lugar onde pousa parece arder. Às vezes, a Corrente Espiritual se move como uma serpente. Sobe em ziguezague, atinge enfim a cabeça e eu me ilumino! A consciência espiritual humana não desperta a não ser que a sua Kundalini seja estimulada. Pouco antes de alcançar esse estado mental, fora-me revelado como estimular a Kundalini, de que modo os chakras ou lótus de diferentes centros florescem, e como tudo isso culmina em iluminação. Essa é uma experiência muito íntima. Vi um jovem de 22 ou 23 anos, parecido comigo, entrar no nervo central Sushumna e comungar com os lótus, tocando-os com a língua. Ele começou com o primeiro centro no ânus e passou pelos centros no órgão sexual, no umbigo, no coração, na garganta, no terceiro olho na testa e no topo da cabeça. Os lótus diferentes naqueles centros – de quatro, seis, dez, doze, dezenas, duas e mil pétalas – estavam murchos. Ao seu toque, eles aprumaram. Quando ele chegou ao coração – lembro-me muito bem – e comungou o lótus ali, tocando-o com a língua, o lótus de doze pétalas, que estava recurvado, aprumou-se e abriu as pétalas. Ele então chegou ao lótus de dezenas pétalas, na garganta e ao lótus de duas pétalas na testa. E por último, o lótus de mil pétalas na cabeça floresceu. Desde então, estou neste estado.

Dentro e por toda parte a família segue comigo, mas depois de alguns casamentos, entregome mais ao provisório: o amor que se encontra no caminho. Novamente Maiakovski: *que a família se transforme, e o pai seja pelo menos o universo, e a mãe, seja no mínimo a Terra.* Quando chego à Minas, sempre refaço o percurso às nascentes do Rio São Francisco onde nasci. Depois, como agora, pego o barco e me deixo levar. Essa artéria de água verde vai refrescando e fertilizando tudo a sua passagem, recebendo afluentes e devolvendo efluentes, que confluem novamente mais adiante. Nossa tríplice narrativa, que são as correntes sutis de cada corpo, também podem ser de um lado o Rio Amazonas e do outro o Rio São Francisco.

Da América do Sul: os Rios São Francisco, Amazonas, Prata; da América do Norte: os Rios Colorado, Mississipi, Missouri; da África: os Rios Congo, Niger, Nilo; da Ásia: os Rios Amarelo, Tigre, Eufrates, Ganges, Indo, Mekong, Sepik; da Europa: os Rios Danúbio, Douro, Ebro, Guadaluquivir, Havel, Meno, Okã, Pô, Reno, Ródano, Sena, Tâmisa, Tejo, Tibre, Weser, Volga. Esses rios que somos, vão se encontrar no meio do mar, o coração da superfície da Terra.

O Coração da Terra

Meditação de Isadora

Chego ao *Tanztheater Wuppertal*, a escola de dança-teatro de Pina Bausch na Alemanha, poucos dias antes da sua morte. Esse é outro luto. O filme da memória rebobina: vejo-a no Instituto Goethe, em São Paulo, no ano 2000, quando estava pesquisando para a montagem da sua peça brasileira *Água*. Foi lá que nos conhecemos. Ela falou o estritamente necessário, mas a sua voz suave ainda ressoa:

O quê eu faço? Eu olho. Talvez seja isto. Eu sempre observei somente as pessoas. Eu sempre só vi as relações humanas, ou procurei vê-las, para falar sobre elas. Isto é pelo que eu me interesso. Eu não conheço também nada mais importante do que isto.

Essa artista que nasce durante a segunda guerra, em 1940, cresce com a tragédia de uma nação derrotada, arrasada e acusada de genocídio, herdeira de Hitler, o dito anticristo, do qual Chaplin, no *Grande Ditador*, encarna o oposto. Como enfrentar a ironia de outra forma de racismo? Como se libertar de um corpo militarmente disciplinado? Como suportar o orgulho ferido de um povo que se diz continuador da tradição grega? A dança é a sua resposta. A corrente alemã da dança moderna: Kurt Jooss foi aluno de Mary Wigman que, inspirada por Rudolf Laban, também buscou libertar o vocabulário da dança dos padrões rígidos do balé clássico. Kurt Jooss foi seu primeiro mestre e principal proponente da dança-teatro na Alemanha. Mas o que em Jooss era narração contínua sem palavras, em Pina Bausch é narração não-linear com palavras. Em 1960, depois de quatro anos na *Folkwangschule*, a escola de Kurt Jooss na pacata cidade de Essen, recebe uma bolsa de estudos e vai para a *Julliard School of Music*, em New York, onde fica dois anos e meio. Em 1969, recebe o primeiro prêmio de um concurso coreográfico na cidade de Colônia. Em 1973, é convidada para assumir a direção do Teatro de Ópera de Wuppertal, aos 33 anos. Aqui estou ainda sofrida e perplexa com a sua morte e o meu destino. A cidade tem o nome do seu rio, Wuppertal, que significa o vale do Wupper. Wuppertal está a 81 km de Bonn e fica próxima de Essen, Colônia e Düsseldorf. A Arte, que é a expressão mais sensível do nosso ser, foi a mais afetada pela fragmentação dos saberes. Se a maioria dos saberes se especializou em suas áreas mantendo alguma integridade, a arte explodiu junto com a bomba atômica, desde a antecipação visionária de Van Gogh. Com os surrealistas todos poderíamos ser artistas. Com Picasso, esse touro e toureiro: minotauro, a obra e a vida mais nitidamente se encontram e ser artista ganha mais autonomia criativa e econômica, algo desconhecido dos renascentistas. Duchamp explode o objeto artístico e diz, com o seu gesto, que arte é o que o artista toca. Mallarmé através do seu mote fala do risco e do limite da obra: *nada ou quase*

uma arte. A ideia da religação em uma arte total já está em Wagner, mas tem algo de messiânico e autoritário, da exaltação do orgulho alemão, de antes da segunda guerra. Esse esforço de integração existe por toda parte, como em Maurice Béjart e Marcel Cunningham, que ocupou os mais diversos locais para a dança, inclusive uma arena de boxe, e foi parceiro do músico John Cage, na relação da música e da dança com o acaso. Mas é com Pina Bausch que esse esforço de romper as fronteiras entre a vida e a arte, o artista e os demais, é mais nítido: uma abrangente arte da vida.

Meus pais viviam muito ocupados no pós-guerra, o que dava às crianças grande liberdade. Eles eram proprietários de um restaurante e eu via muita gente entrando e saindo e aprendi a observar desde pequena. Quando ainda era bem jovem, eu desenvolvi um profundo e intuitivo senso de observação das pessoas e do que existia dentro de suas cabeças. É a vida, o que sucede à nossa volta, que inevitavelmente constitui uma influência. É isso, não diria que sou influenciada por fatores artísticos propriamente ditos. Tento falar da vida. O que me interessa é a humanidade, as relações entre os seres humanos. Eu não investigo como as pessoas se movem, mas o que as move.

Como a alma humana se move e se expressa através dos corpos e das culturas? Essa é a pergunta de Pina Bausch. Em seu caminho pelo mundo o *Tanztheater* vai absorvendo e incorporando pessoas de toda parte, para que a comunicação entre os corpos e as culturas se dê desde dentro. Se há um método Pina Bausch ele é mais um instrumento de navegação, um conjunto de princípios e sugestões de abordagem da obra. Cada obra é o método realizado naquele momento. Os princípios identificados foram estabelecidos ao longo do tempo: *seja você mesmo*: um mergulho que cada um deve fazer na sua memória ancestral, cultural, individual e coletiva; *não atuar*: não usar máscaras sabidas de atuação, desobrigar-se de representações miméticas, livrar-se dos quadros de referência estáticos e técnicas já descobertas, ser espontâneo, sentir o frescor da primeira vez; *ser justo ao tema, mas não ser óbvio*: adequar-se ao tema, mas transcender as associações imediatas; *não intelectualizar*: deixar a mente o mais vazia possível à espera das ideias, dar vazão ao caminho intuitivo; *ser simples*: está ligada à capacidade de síntese na expressão das ações, a tradução mais criativa com meios mínimos; *não banalizar*: estar atento em não ser óbvio permite fugir do lugar comum; *não querer mostrar o que se quer dizer*: a expectativa de ser aceito e compreendido limitam a criatividade e a liberdade expressiva; *não ser abstrato*: não recorrer ao faz de conta, a simulação de cenas ou objetos que não estejam presentes; *não caricaturar*: nada que humilhe ou desrespeite o outro. Essas são as observações dos que fazem parte do grupo, pois Pina Bausch não fala diretamente de nenhum desses princípios, nem dá qualquer instrução. O método é o que cada um vivencia, não há nenhum jogo secreto, nem nada mais além. Com o tempo, Pina acrescentou uma *pesquisa intensiva de campo*, no sentido antropológico. Em cada local onde a obra era apresentada ou criada, todo grupo se impregnava da vida naquele momento, devolvendo durante o espetáculo essas observações incorporadas, como meio de aproximação, estranhamento e de conscientização das pessoas em relação aos seus comportamentos e hábitos. Há uma tentativa radical de romper as fronteiras entre os dançarinos-atores e o dito público, que é convidado a se incluir nessa

festa. Embora os artistas tenham um preparo técnico refinado, inclusive passando pelo balé clássico, os movimentos não intimidam ninguém e podem ser feitos por todos. Há uma constante inversão de papéis femininos e masculinos, da relação dos humanos com os outros animais, dos humanos com os objetos, testando e subvertendo todos os códigos socialmente estabelecidos. Com o fotógrafo, figurinista e cenógrafo holandês Rolf Borzig, que estudou com ela em Essen e que foi seu marido e parceiro de trabalho, entre 1970-1980, quando ele morreu de leucemia, Pina dá um salto para a inversão de expectativas dos valores sociais. Juntos criam cenários que envolvem materiais orgânicos como terra, na *Sagração da Primavera*, e água, em *Árias*. Flores, bichos, além do figurino em que se destacam roupas masculinas que seriam inadequadas à dança, como paletós e gravatas, e roupas femininas íntimas, como camisolas. Vimos alguns desses elementos no filme *Fale com ela*, de Almodóvar, os fragmentos ou fractais, de *Café Müller* e *Mazurca Fogo*. A quebra de fronteiras também está presente no filme *Asas do desejo*, de Win Wenders, que no momento prepara um filme sobre ela, e em que os anjos atravessam pra lá e pra cá o muro de Berlim, pressentindo sua queda e exaltando a encarnação, pelo desejo dos anjos de experimentar um corpo, com toda a sua vulnerabilidade, fragilidade e sensualidade. Seu diálogo com o cinema é recorrente. Pina trabalha como atriz no filme *E La Nave Va*, de Fellini. A repetição obsessiva dos mesmos gestos é quase uma das suas marcas registradas, como as aparições sutis de Hitchcock, em seus filmes. Como todos os gestos habituais, que fazemos a cada dia, a repetição de um mesmo gesto termina por despertar-nos da ausência de consciência do movimento mecânico, automático, e sentirmos a emoção de cada momento. Tem uma hora que o gesto salta de órbita. Ela parece ter traduzido, nesses gestos repetitivos, uma espécie de ritmo da vida, que com poucos elementos compõe uma enorme diversidade, como as 4 letras do código genético, que combinadas três a três resulta em 64 possibilidades, a partir do acréscimo em um dos lados das espirais. Mas há outro elemento essencial e constante em seus princípios: as palavras, as perguntas. Em 1978, ao montar uma peça baseada em *Macbeth*, de Shakespeare, surge mais claramente a necessidade de buscar os sentimentos dos atores:

Utilizei, além de bailarinos, vários atores, e percebi que não podia criar a partir de evoluções do corpo, mas sim da cabeça, e por isso comecei a fazer perguntas sobre o que o grupo pensava do texto e o vínculo com a vida pessoal de cada um. Percebi que isso funcionou muito bem, e desde então sempre utilizei perguntas.

Suas peças são criadas a partir de umas cem a duzentas perguntas, com uma média de duas a três a cada ensaio. Com esse estímulo da pergunta-tema, Pina Bausch quer que o grupo faça associações com suas histórias pessoais. Quer que o intérprete se desnude, mas não permite que se perca a cabeça, pondo em jogo problemas pessoais. Ela sabe quando parar: *o importante não é que as pessoas vomitem seus sentimentos*. As perguntas podem ser respondidas com palavras, canto, movimentos ou com a junção desses elementos. As pessoas dispõem de tempo para pensar a cena. Algumas perguntas ou temas exemplares: *o que receberam dos seus pais? Um jogo com o próprio corpo. Preconceitos que nos fazem sentir marginalizados. Uma poesia de amor. Atenção, o programa mudou.*

Na década de 1980, depois da morte do marido, Pina Bausch vai para a América Latina: Chile, Argentina e Brasil. Nesse momento sua obra ganha em cores, sensualidade e leveza. A repetição tem menos espaço em suas coreografias. A inspiração nas culturas locais para criar espetáculos começa a partir de *Bandoneon* (1981), a peça argentina. A trilha sonora é o tango e a música, que tinha sido pano de fundo, passa ao primeiro plano. O cenário é um grande salão de baile com imensas fotos de boxeadores argentinos pendurados na parede. No espetáculo, o tango é a inspiração, mas seus movimentos são desconstruídos: em uma cena as mulheres estão sentadas nos ombros dos homens, de frente pra eles e, repentinamente, caem no chão, e saem dançando em duplas ao som de Carlos Gardel. A música do mundo inteiro passa a ser relevante em seus espetáculos, mas a música brasileira é uma das mais presentes, mesmo em peças de outras culturas. Contudo, a peça brasileira, *Água*, só começa a ser pesquisada no ano 2000 e estreia em 2001. O cenário é quase uma tela de cinema, onde são projetadas as imagens da floresta amazônica, das cataratas do Iguaçu, do mar, tudo muito grandioso, o que faz os atores-dançarinos ficarem pequenos e humildes. Todos os sentidos são estimulados pelas frutas comidas pelos artistas. Há uma antologia da música brasileira, desde as marchinhas de carnaval até os compositores mais recentes. As pessoas estão com pouca roupa e toalhas com estampas de nudez são sobrepostas aos corpos, uma ironia da *pop art*, de humor saboroso. A expressão sonora de um brinde: *tim-tim*, atravessa a peça. Pina viu e ouviu um Brasil. Uma dançarina-attriz negra, está vestida de amarelo e tem luzes por todo corpo, explicitando a orixá das águas doces, das cachoeiras: Oxum. A peça brasileira está composta de 7 Águas: *as águas claras*: dos lagos, dos múltiplos reflexos; *as águas que vinculam*: as que acendem os desejos e amplificam as vozes em busca do outro, na tentativa de reduzir distâncias e aumentar a comunicação; *as águas místicas*: as que nos agregam em comunidade; *as águas festivas*: as que ressaltam o jogo, o lúdico, que estão presentes em todas as sociedades; *as águas mornas*: as que nos relaxam e estimulam a cultivar os vínculos e a comunicação; *as águas sensuais*: as do prazer, que aproximam os corpos em um contato íntimo; *as águas energizantes*: as que nos alimentam e que nos constituem.

No dia seguinte a palestra de Pina Bausch e de alguns componentes do elenco, no Instituto Goethe de São Paulo, participei de um ensaio para a seleção de artistas brasileiros que integrariam a montagem da peça *Água*. Esse foi o momento do nosso encontro. Começamos conversando sobre nossas vidas. Eu lhe disse que junto com Dionísio tinha desenvolvido um método para buscar gestos significativos pelas ruas, associando a sua técnica de *pesquisa intensiva de campo* e o acaso, como instrumento de sintonização coletiva. Através do *I Ching*, sorteávamos uma mutação, que era compartilhada por todo grupo. A partir desse padrão, pequenos grupos iam a lugares diferentes e nesse espírito encontravam os gestos que mais ressoavam com a mutação. Esse repertório era trazido, compartilhado e selecionado ao final do dia. Ela ficou vivamente tocada. Perguntou-me sobre meu percurso de vida. Contei-lhe sobre minha tragédia pessoal: a morte do meu pai, fulminado por um raio, em um dia de tempestade, enquanto pescava perto da nossa casa de campo. Comentamos a semelhança com o mito do nascimento de Dionísio, com Sêmele

fulminada pelo raio de Zeus. Ela lembrou-se do livro de George Steiner, *A morte da tragédia*, em que o autor diz que a tragédia requer o peso intolerável da presença divina. Como os deuses estão mortos, o gênero pode não ser mais possível. Ela discordava, achando que mesmo que a perda não fosse nitidamente trágica, como a minha, a tragédia pessoal é inerente aos nossos seres, são as dores que para nós nunca fazem sentido. Nesse momento se comoveu muito e chorou, disse que nunca se conformara com a morte do marido. Quando respirou, mais calma, fez a pergunta: *o que se faz com a tragédia em nossa vida?* Fiquei nua, me deitei na terra, senti o seu cheiro molhado, acariciei o seu corpo lentamente e rastejei, deslizei, me friccionei toda com um amor intenso de múltiplo gozo. Quando me levantei nos abraçamos longamente, entre lágrimas e soluços. Agradecemos uma a outra. Antes de partir para a Alemanha, fez o convite para que eu me incorporasse ao *Tanztheater Wuppertal*, mas só agora vim. O dançarino Dominique Mercy, parceiro de Pina Bausch desde a fundação do *Tanztheater Wuppertal*, aceitou dar continuidade ao seu trabalho. Ele diz que em toda parte há sempre pessoas agradecendo e pedindo que não desistam. *É incrível perceber como ela estava próxima de tanta gente. Isso nos dá bastante força.* A garantia dessa continuidade me faz recordar, uma vez mais, a voz suave de Pina:

Assisto sempre aos espetáculos porque creio que eles nunca estão prontos, sempre há algo a melhorar. Tenho muito medo de que o público perceba que algo ainda é necessário e, por isso, estou sempre presente. Assistir às peças faz parte do meu ciclo de trabalho. Além do mais, eu acho que foi o meu sentimento que organizou as peças e, por isso, tenho que estar lá, fazendo as críticas. Toda companhia trabalha tanto, que tomar conta é muito importante. Tomar conta é sempre necessário, seja numa relação de amizade ou outra qualquer.

Diante da língua alemã, às vezes recordo Dionísio: a humanidade deveria inventar um *chip de línguas* de todas as culturas. Os alemães são paranoicos com o desperdício. Meu namorado alemão se encantou quando peguei o conteúdo da camisinha, fiz uma gororoba com água e reguei as plantinhas domésticas. Essa é outra lembrança risonha que tenho dele. Ai, meu Dionísio, sei que fui tua Ariadne, mas agora estou em meu próprio labirinto. As religiões não inventam sentimentos, elas se apropriam deles e os manipulam. A culpa não é uma invenção judeu-cristã. É uma sensação de que se fez algo grave e irreparável. Com a morte trágica do meu pai, minha família teve uma destruição parcial. Ao destruir a família de Dionísio me vinguei do divino. Essa destruição é a minha culpa. Dói-me a deslealdade com o feminino, com Janaína. Como Pina também minha mãe nunca se conformou com a morte do marido. Seu heroísmo é a nossa criação, mas a sua criatividade ainda não conseguiu a alegria para dar um rumo brilhante a sua própria vida. Nossas vidas ressuscitaram melhores depois dessas mortes? A televisão mostra o resgate dos mineiros chilenos. Trinta e três é o número dos que estavam presos no ventre da Terra: 33 a idade de Cristo. A cápsula de resgate tem o nome de *Fênix*, a ave que das cinzas sempre renasce. No deserto de Atacama tudo floresce. Recebo e aconchego todos os homens da minha vida, mesmo os que mais me doeram. Sou peitos, braços e abraços dessas mulheres mineiras em choro convulso.

A vida é muito maior do que nossos maiores sonhos. O contrário da arrogância é a reverência. Nenhum iluminado é maior do que o ser planetário. Sento-me à beira do rio Wuppertal e ponho os pés n'água. A primavera é tão bonita. Somos pólen, pó, de estrelas: fogo, cinzas, carbono e água. Fecho os olhos e mergulho no túnel, em direção ao núcleo: Coração da Terra. Atravesso camada por camada e agora o tempo é um continuum. Sou meu Coração de fogo, ferro, níquel, carbono e diamante: âmago, magma, amálgama, magnética. Tudo é silêncio. Ouço um enorme estrondo do impacto em meu corpo: divido-me em duas e a outra parte de mim se desloca em alta velocidade no espaço soltando pedaços do meu corpo incandescente. Estabilizamo-nos em nossas órbitas. Envolve-nos um colar de estrelas. Contemplo-me no espelho: estou toda iluminada em minha face visível na noite de Terra Cheia.

A Noosfera de Gaia

São inumeráveis as expressões do meu ser.
Quando meu corpo se cobre de pele fico ainda
mais sensível. Sou terra, água, fogo e ar. Sou
música, canto, conversa e dança. Sou Vida.
Tenho muitos nomes e infinitas máscaras.
Minha voz é humana. Que falem os meus
personagens:

DIONÍSIO

O que fizemos foi teatro, circo ou filme
musical?

ISADORA

Talvez tudo isso junto.

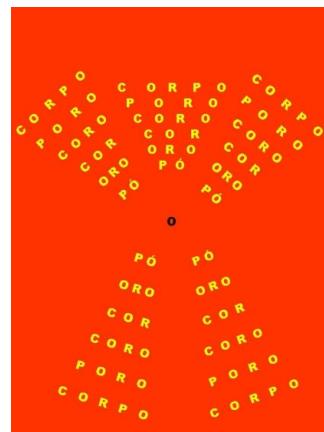
JANAÍNA

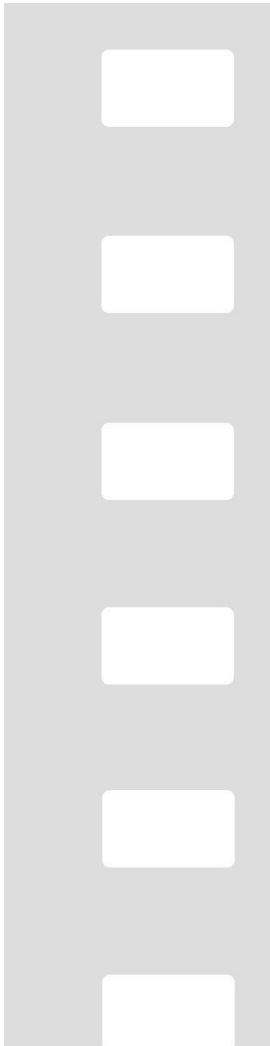
Vamos mergulhar no mar?

HERMES

Já é quarta-feira. Precisamos começar a pensar
qual o enredo para o próximo carnaval.

Tive um sonho que durou três dias/Foi um sonho lindo/ Um sonho encantador/Eu dançando, tu me conduziás/Ao castelo azul onde mora o amor.





BIBLIOGRAFIA

- ALVES PONTES, Carlos Antônio; MENEZES, Abel; COSTA, André Monteiro. *O processo criativo e a tessitura de projetos acadêmicos de pesquisa*. Botucatu: Interface – Comunicação, Saúde, Educação, 2005.
- ARGÜELES, José. *O fator maia*. tradução Mauro de Campos Silva. São Paulo:Cultrix, 2005.
- ARRIEN, Angeles. *O Caminho quâdruplo: trilhando os caminhos do guerreiro, do mestre, do curador e do visionário*. São Paulo: Ed Ágora, 1993.
- BADIOU, Alain. *São Paulo*; tradução de Wanda Caldeira Brant. São Paulo: Ec boitempo, 2009.
- BARTHES, Roland. *Fragments de um discurso amoroso*; tradução de Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Ed Martins Fontes, 2003.
- BÉJART, Maurice. *Um instante na vida do outro, memórias*; tradução de Suzana Martins. Rio de Janeiro: Ed Nova Fronteira, 1981.
- BENJAMIM, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*; tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Ed Brasiliense, 1986.
- BERENDT, Joachim-Ernest. *Nada Brahma A música e o universo da consciência*; Tradução de Zilda Hutchinson Schild e Clemente Raphael Mahl. São Paulo: Ed Cultrix, 1983.
- BLOOM, Harold. *Jesus e Javé: os nomes divinos*; tradução de José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Ed Objetiva, 2006.
- BOORSTIN, Daniel J. *Os criadores: uma história dos heróis da imaginação*; tradução de Ana Isabel Afonso, Fernanda Pinto Rodrigues, Jorge Lima, Maria Carvalho, Maria do Carmo Figueira, Maria Goes, Paula Marques, Rogério de Meneses e Rui Elias. Lisboa: Ed Gráfiva, 1992.
- BORDELOIS, Ivonne. *Etimologia das paixões*; tradução de Luciano Trigo. Rio de Janeiro: Odisséia editorial, 2007.
- BORGES, Jorge Luis. *A história da eternidade*; tradução de Heloisa Jahn. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

BORGES, Mário. *Sonhos não envelhecem: histórias do clube da esquina*. São Paulo: Ed Geração, 2009.

BOURCIER, Paul. *História da dança do ocidente*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRENNAN, Barbara Ann. *Mão de luz: um guia para a cura através do campo de energia humana*; tradução de Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Ed Pensamento, 2006.

BRIGGS, John. & DAVID, Peat. *A sabedoria do Caos*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

BROOK, Peter. *Fios do tempo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

BRUNEL, Pierra. *Dicionário de mitos literários*; tradução de Carlos Sussekind, Jorge Laclette, Maria therza Rezende costa e Vera Whately. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

BURKERT, Walter. *Antigos cultos de mistério*; tradução de Denise Bottman. São Paulo: Ed EDUSP, 1991.

CAMPBELL, Joseph. *A Imagem Mítica*; tradução de Maria Kenney e Gilbert E. Adams. Campinas/SP: Ed Papirus, 1994.

CAMPBELL, Joseph. *As máscaras de Deus – mitologia ocidental*; tradução de Carmem Fischer. São Paulo: Palas Athena, 2004.

CAMPBELL, Joseph. *As transformações do mito através do tempo*; tradução de Helysa de Lima Dantas. São Paulo: Ed Cultrix, 1990.

CAMPBELL, Joseph. *O Poder do Mito*; tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ed Palas Athena, 1990.

CAMPBELL, Joseph. *Reflexões sobre a Arte de Viver*; tradução de Marcelo Borges. São Paulo: Ed Palas Athena, 2003.

CAMPOS, Augusto de. *Coisas e anjos de Rilke*. São Paulo: Ed Perspectiva, 2001.

CAMPOS, Augusto de. *Música de invenção*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CARDIM, Leandro Neves. *Corpo*. São Paulo: Ed Globo, 2009.

CARDOSO (Et al.). *Os sentidos da Paixão*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

- CARRIÈRE, Jean-Claude. *O mahabharata*; tradução de Noêmia Arantes. São Paulo: Ed Brasiliense, 1994.
- CARVALHO, Edgard de Assis. Enigmas da cultura. Cortez Editora. São Paulo: 2003.
- CARVALHO, Edgard de Assis. Virado do avesso. São Paulo: Selecta, 2005.
- CARVALHO, Edgard de Assis. A religação dos saberes. São Paulo: Segmento, s/d.
- CASTANEDA, Carlos. *A roda do tempo: os Xamãs do México antigo, seus pensamentos sobre a Vida e a Morte e o Universo*; tradução de Luiz Carlos Maciel. Rio de Janeiro: Ed Nova Era, 2000.
- CHARDIN, Teilhard. *O fenômeno humano*. São Paulo: Ed Cultrix, 1955.
- CHERNG, Wu Jyh. Tai Chi Chuan A alquimia do Movimento. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT. Dicionário de símbolos; tradução de Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melin e Lúcia Melin. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.
- CHOPRA, Deepak. *Kama Sutra*; tradução de Cláudia Gerpe Duarte. Rio de Janeiro: Ed Rocco, 2006.
- CLOW, Barbara Hand. *A agenda pleiadiana: conhecimento cósmico para a era da luz*; tradução de Ana Gláucia Cecília. São Paulo: Ed Maçãs, 2001.
- CYPRIANO, Fábio. *Pina Bausch*. São Paulo: Ed Cosac Naify, 2005.
- DAVIS, Wade. *A serpente e o arco-íris*; tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Ed Jorge Zahar, 1985.
- DANIÉLOU, Alain. *Shiva e Dioniso*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- DETIENNE, Marcel. *Dionísio a céu aberto*; tradução de Carmem Cavalcanti. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.
- COCZI, György. O poder dos limites; tradução de Maria Helena de Oliveira Tricca e Júlia Bárány Bartolomei. São Paulo: Marcury, 1990.
- DODDS, E. R. *Os gregos e o irracional*; tradução de Paulo Domenech Oneto. São Paulo: Ed Escuta, 2002.
- DE DUVE, Christian. *Poeira vital*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

EISLER, Riane. *O cálice e a espada*; tradução de Tonia Van Acker. São Paulo: Ed Palas Athena, 2007.

ELIADE, Mircea. *Yoga e liberdade*; tradução de Teresa de Barros Velloso. São Paulo: Palas Athena, 1996.

FAUSTINO, Mário. *Poesia – experiência*. São Paulo, Ed perspectiva, 1976.

FERNADES, Ciane. *Pina Bausch e o wuppertal dança-teatro: repetição e transformação*. São Paulo: Ed Hucitec, 2000.

FORTEY, Richard. *Vida: uma biografia não-autorizada*; tradução de Jorge Calife. Rio de Janeiro: Record, 2000.

FURTADO, José Luiz. *Amor*. São Paulo: Ed Globo, 2008.

GARAUDY, Roger. *Dançar a vida*; tradução de Gloria Mariani e Antonio Guimarães Filho. Rio de Janeiro: Ed Nova Fronteira, 1980.

GIL, José. *Metamorfoses do corpo*. Lisboa: Relógio D'Água, 1007.

GIL, José. *Movimento Total. O corpo e a dança*. São Paulo: Iluminuras, 2004.

GIRARD, René; VATTIMO, Gianni. *Cristianismo e Relativismo*; tradução de Antonio Bicarato. Aparecida/SP: Ed Santuário, 2000.

GLEISER, Marcelo. *A dança do universo*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

GRIMALL, Pierre. *Dicionário de mitologia grega e romana*; tradução de Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, sd.

GOSWAMI, Amit. *Evolução criativa das espécies: uma resposta da nova ciência para as limitações da teoria de Darwin*. Tradução de Marcelo Borges. São Paulo: Ed Aleph, 2009.

GRAVES, Robert. *O Grande livro dos mitos Gregos*; tradução Fernando Klabin. São Paulo: Ed Ediouro, 2008.

GROSSO, Michael. *O Mito do Milênio: espiritualidade, amor e morte no fim dos tempos*; Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Ed Rosa dos Tempos, 1999.

HALL, Edward T. *A dança da vida: a outra dimensão do tempo*; tradução de Manuel Alberto. Lisboa: Relógio d'água editores, 1983.

HALL, Edward T. *A dimensão oculta*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

HARNER, Michael. *O caminho do Xamã*; tradução de Nair Lacerda. São Paulo: Ed Cultrix, 1992.

HILLMAN, James. *O pensamento do coração e a alma do mundo*; tradução de Gustavo Barcellos. Campinas/SP: Verus, 2010.

HUANG, Alfred. I Ching; tradução de Cássia Maria Nasser. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

HUXLEY, Aldous. *A Filosofia Perene*; tradução de Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Ed Cultrix, 1945.

HUXLEY, Aldous. *As portas da percepção: céu e Inverno*; tradução de Osvaldo de Araújo Souza. São Paulo: Ed Globo, 1995.

JUNG, C. G. *Memórias, sonhos e reflexões*; tradução de Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Ed Nova Fronteira, 1963.

JUNG, C. G.. *Sobre o amor*; tradução de Inês Antonia Lohbauer. São Paulo: Ed Idéias e Letras, 2005.

KAKU, Michio. *Mundos Paralelos: uma jornada através da criação, das dimensões superiores e do futuro do cosmos*; tradução de Talita M. Rodrigues. São Paulo: Ciência Atual Rocco, 2007.

KERÉNYI, Carl. *Dionisio: imagem arquetípica da vida indestrutível*; tradução de Ordep Trindade Serra. São Paulo: Ed Odysseus, 2002.

KERÉNYI, Karl. *Eleusis: imagen arquetípica de La madre y La hija*; tradução de María Tabuyo e Agustín López. Madrid: Ed Ed Siruela, 2004.

KERÉNYI, Karl. *En El laberinto*; tradução de Brigitte Kiemann e Maria Condor. Madrid: Ed Siruela, 2006.

KURTH, Peter. *Isadora, uma vida sensacional*; tradução de Cristina Cupertino. São Paulo: Ed Globo, 2004.

JELLOUSCHEK, Hans. Sêmele, Zeus e Hera; tradução Merle Scoss. São Paulo: Cultrix, 2000.

LABATE, Betriz Caiuby; GOULART, Sandra Lucia (orgs). *O uso ritual das plantas de poder*. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2005.

LASZIO, Ervin. *A Ciência e o campo akáshico: uma teoria geral de tudo*; tradução de Aleph Teruya Eichemberg e Newton Robervel Eichemberg. São Paulo: Ed Cultrix, 2008.

LEMINSKI, Paulo. *Matsuō Bashō*. São Paulo: Ed Brasiliense, 1983.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O cru e o cozido*; tradução de Betrize Perrone-moisés. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Ed Rocco, 1998.

LYSEBETH, André Van. *Tantra o culto a feminilidade: outra visão da vida e do sexo*; tradução de Sônia Rangel. São Paulo: Ed Summus, 1994.

MARGULIS, Lynn. *O planeta simbólico*; tradução de Laura Neves. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

MARQUEZ, Gabriel García. *Amor nos tempos de cólera*; tradução de Antonio Callado. Rio de Janeiro: Ed Record, 2009.

MC KENNA, Terence. *O retorno à cultura arcaica*; tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Ed Record, 1995.

MENEZES, Abel. *Delírica Dança*. Recife: Ed Pomba Gira Palavra, 1988.

MENEZES, Abel. *A Gargalhada Final*. São Paulo: Ed Hucitec, 1996.

MENEZES, Abel. Os alquimistas continuam chegando. Dissertação de mestrado. Recife: Ufpe, 2001.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *A prosa do mundo*; tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ed Cosac & Naify, 2002.

MORAIS SÁCHEZ, Lícia Maria. A dramaturgia da memória no teatro-dança. São Paulo: Perspectiva, 2010.

MORIN, Edgar. *Amor, poesia e sabedoria*; tradução de Edgard Assis Carvalho. Rio de Janeiro: Ed Bertrand Brasil, 2008.

MORIN, Edgar. *O Homem e a Morte*; tradução de Augusto Rodrigues. Rio de Janeiro: de Imago, 1997.

MORIN, Edgar. *O Método 2 – a vida da vida*; tradução de Marina Lobo. Porto Alegre: Ed Sulina, 2005.

- NOVELLO, Mário. *Do Big Bang ao universo eterno*. São Paulo: Ed Cultrix, 2010.
- OIDA, Yoshi. *O ator invisível*; tradução de Marcelo Gomes. São Paulo: Beca, 2001.
- ONFRAY, Michel. *A potência de existir*; tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Ed Martins Fontes: 2010.
- PAZ, Octavio. *A dupla chama do amor e erotismo*; tradução de Wladyr Dupont. São Paulo: Ed Siciliano, 1994.
- PEAT, David F.; BRIGGS, John. *A sabedoria do Caos: sete lições que vão mudar sua vida*; tradução de Cristiana de Assis Serra. Rio de Janeiro: Ed Campos, 2000.
- PERDIGÃO, Andréa Bomfim (org). *Sobre o tempo*. São José dos Campos/SP: Ed Pulso, 2010.
- PLATÃO. *O banquete*; tradução de Donaldo Schüler. Porto Alegre: Ed L&PM, 2009.
- PLUTARCO. *Isis e Osiris – os mistérios da iniciação*; tradução de Jorge Fallorca. São Paulo: Ed Fim de século, 2001.
- POLLACK, Rachel. *O corpo da deusa no mito, na cultura e nas artes*; tradução de Magda Lopes. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.
- POTKAY, ADAM. *A história da alegria: da bíblia ao romantismo tardio*; tradução de Eduardo Henkik Aubert. São Paulo: Ed Globo, 2010.
- POWELL, James N. *O tao dos símbolos: como transcender os limites do nosso simbolismo*; tradução de Alípio Correia de França Neto. São Paulo: Ed Pensamento, 1982.
- PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- PRIGOGINE, ILYA. *Ciência, razão e paixão*; organização de Edgard Assis Carvalho e Maria da Conceição de Almeida. São Paulo: Ed Livraria da Física, 2009.
- REICH, Wilhelm. *O Assassinato de Cristo*; tradução de Carlos Ralph Lemos Viana. São Paulo: Ed Martins Fontes, 1983.
- RICE, Edward. *Sir Richard Francis Burton: o agente secreto que fez a peregrinação à Meca, descobriu o Kama Sutra e trouxe as Mil e uma noites para o Ocidente*; tradução de Denise Bottman. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

ROSA, João Guimarães. Grande sertão: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSET, Clément. Alegria: a força maior. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

SAGAN, Dorian; MARGULIS, Lynn. *O que é vida?*; tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

SAVARY, Olga (tradução). *Haikais de Bashô*. São Paulo: Ed Hucitec, 1989.

SAVARY, Olga (tradução). *Sendas de Oku – Matsuo Bashô*. São Paulo: Roswitha editores, 1983.

SCHULTES, Richard Evans; HOFMANN, Albert. *Plantas de los Dioses: Orígenes Del uso de los alucinógenos*; tradução de Alberto Blanco. México: Ed Fondo de Cultura Económica, 1993.

SERRES, Michel, *O Incandescente*; tradução de Edgard Assis Carvalho e Marisa Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

SHELDRAKE, Rupert. O renascimento da natureza. São Paulo: Cultrix, 1993.

SILVA, Eliana Rodrigues. *Dança e pós-modernidade*. Bahia: EDUFBA, 2005.

SIMMEL, Georg. *Filosofia do Amor*; Tradução de Luiz Eduardo de Lima Brandão. São Paulo: Ed Martins Fontes, 1993.

SLINGER, Penny; DOUGLAS, Nik. *Segredos sexuais*. Rio de Janeiro: Ed Record, 1979.

SOUSA, Eucloro. *Dionisio em Creta e outros ensaios*. Lisboa: imprensa nacional-casa da moeda, 2004.

SPINOZA. Ética; tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SPONVILLE-COMTE, André. *Pequeno Tratado das grandes virtudes*; tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Ed Martins Fontes, 1995.

STEINER, George. *A morte da tragédia*; tradução de Isa Kopelman. São Paulo: Ed Perspectiva, 2006.

TEDLOCK, Barbara. *A mulher no corpo de xamã: o feminino na religião e na medicina*; tradução de Marisa Motta. Rio de Janeiro: Ed Rocco, 2008.

VERSLUIS, Arthur. *Os mistérios Egípcios*; tradução de Adail Ubirajara Sobral e Aníbal Mari. São Paulo: Ed Cultrix, 1988.

- VIANNA, KLAUSS. *A dança*. São Paulo: Ed Summus, 2005.
- VIEIRA, Trajano. *Edipo rei de Sófocles*. São Paulo: Ed perspectiva, 2006.
- WASSON, Gordon R. . *El Hongo Maravilloso teonana'catl*; tradução de Felipe Garrido. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- WASSON, R. Gordon; HOFMANN, Albert; RUCK, Carl A. P. *El Caminho a Eleusis: na solución as enigma de los mistérios*. México: Ed Fondo de Cultura Económica, 1995
- WHITMAN, WALT. *Folhas de Resva*; tradução de Rodrigo Garcia Lopoes. São Paulo: Ed Iluminuras, 2006.
- WILHELM, Richard. I Ching; tradução de Alayde Mutzenbecher e Gustavo Alberto Pinto. São Paulo: Pensamento, 1983.
- WILSON, Edmund. *O Castelo de Axel: estudo sobre a literatura imaginativa de 1870 a 1930*; Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- ZHOU, Kuijie (compilação). *Aprendendo a viver com Confúcio: com o sábio chinês ajuda a enfrentar os desafios da vida moderna*; tradução de Gilson B. Soares. Rio de Janeiro: Agir, 2009.
- ZIMMER, Heinrich. *Filosofia das Índias*; tradução de Nilton Almeida Silva e Adriana Facchini de Cesare. São Paulo: Ed Palas Athena, 1986.
- ZIMMER, Heinrich. *Mitos e símbolos na arte e civilização da Índia*; tradução de Carmem Fischer. São Paulo: Ed Palas Athena, 1998.

DISCOGRAFIA

ALCEU VALENÇA: Sol e chuva. Som Livre, 1997.

ANTÔNIO JOSÉ MADUREIRA: Opereta do Recife. Ancestral, s/d

ARNALDO ANTUNES: Silêncio. BMG, s/d

ARNALDO ANTUNES: Saiba. BMG, 2004.

BEATLES: Sgt. Pepper's. EMI, 1967.

CAETANO VELOSO: Jôia. Philips, 1975.

CAETANO VELOSO: Cores e nomes. Universal, 1982.

CAETANO VELOSO: Uns. Universal, 1989.

CAROL SABOYA & NELSON FARIA: Músicas Tom Jobim. Lumiár, 1999.

CÁSSIA ELLER: Cássia Eller. Universal, 1999.

CÁSSIA ELLER: Participação especial. Universal, 2002.

CHICO BUARQUE: Paratodos. BMG, 1993.

CHICO CÉSAR: Aos vivos. Velas, 1994.

CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI: Da lama ao caos. Chaos,

CEUMAR: Achou. MCD, 2006.

CÉREBRO ELETRÔNICO: Pareço moderno. Phonobase, 2006

CAZUZA: O poeta não morreu. Universal, 2000.

DONA ZICA: Composição. Trattore, 2003.

DONA ZICA: Filme brasileiro. Music, 2004.

EDU LOBO/CHICO BUARQUER: O grande circo místico. Universal, 2004.

ELIS: Saudade do Brasil. WEA, 1980.

GAL COSTA: Gal a todo vapor. Phillips, 1971

GAL COSTA: Gal canta Caymmi. Universal, 1976.

.GAL COSTA: *Mina d'água do meu canto*. BMG, 1995.

GILBERTO GIL: *Gilberto Gil*. PolyGram, 1971.

GILBERTO GIL: *Refazenda*. WEA, 1994.

GILBERTO GIL: *Diádorim, Noite Neon*. WEA, 1985.

GILBERTO GIL: *Quanta*. WEA, 1996.

ITAMAR ASSUMPÇÃO: *Preto Brás*. SescSP, 2010.

JOSÉ MIGUEL WISNIK: *José Miguel Wisnik*. Camerati, 1992.

JOSÉ MIGUEL WISNIK: *Pérolas aos poucos*. Maianga, 1994.

JORGE MAUTNER: *O ser na tempestade*. Dabliu.

JULIANA KEHL: *Juliana Kehl*. 2009.

KARINA BUHR: *Eu menti pra você*. Vértices.

LENINE: *Na pressão*. BMG, 1999.

LENINE: *Acústico*. MtV, 2006.

LENINE: *Citê*. BMG, 2004.

LULA QUEIROGA: *Aboiando a vaca mecânica*. Luni, 2001.

LEILA PINHEIRO: *Leila Pinheiro*. PolyGram, 1998.

MAURÍCIO CAVALCANTI/ABEL MENEZES: *O tom e o timbre*. Idearia, 2007.

MILTON NASCIMENTO: *Clube da esquina 2*. EMI, 1978.

MILTON NASCIMENTO: *Animá*. Universal, 1982.

MUNDO LIVRE S/A: *Por pouco*. CNFS, 2000.

NÁ IZETTI: *LoveLeeRita*. Dabliu,

PAULINHO DA VIOLA: *Bebê do Samba*. BMG, 1996.

PAULINHO DA VIOLA: *Paulinho da Viola*. EMI, 1971.

PÉRICLES CAVALCANTI: *Baião Metafísico*. Trama, 1999

PÉRICLES CAVALCANTI: *O Rei da Cultura*. Dabliu, 2007

PROJETO CRU: Projeto cru. Mundo Melhor, 2006.

RENATO TEIXEIRA: Ao vivo no Rio. Kuarup, 1997.

THIAGO PETHIT: Berlim, Texas. Classic Master, 2009.

TOM ZÉ: The best of Tom Zé. Warner, 1990.

TULIPA RUIZ: Efêmera. 2010.

VÉIO MANGABA E SUAS PASTORAS ENDIABRADAS: WEA, 1997.